

UFRRJ

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
SOCIAIS**

TESE

**O BARROQUISMO LUDOPÉDICO NA ENCRUZILHADA ENTRE O
VIRTUAL E O REAL: A GAMIFICAÇÃO DO ESPORTE-ESPETÁCULO
E A EUROPEIZAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO**

ROMERO JASKU BASTOS

2025



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**O BARROQUISMO LUDOPÉDICO NA ENCRUZILHADA ENTRE O
VIRTUAL E O REAL: A GAMIFICAÇÃO DO ESPORTE-ESPETÁCULO
E A EUROPEIZAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO**

ROMERO JASKU BASTOS

Sob a Orientação da Professora

Sabrina Marques Parracho Sant'Anna

Tese submetida como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor **em**
Ciências Sociais, no Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais da
Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro.

Seropédica, RJ
Dezembro de 2025

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B327b Bastos, Romero Jasku, 1983-
O barroquismo ludopédico na encruzilhada entre o real e o virtual: A gamificação do esporte-espetáculo e a europeização do futebol brasileiro / Romero Jasku Bastos. - Seropédica, 2025.
254 f.: il.

Orientadora: Sabrina Marques Parracho Sant'Anna.
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2025.

1. Futebol brasileiro. 2. Europeização do futebol. 3. Jogos eletrônicos. 4. Ideologia. 5. Utopia. I. Sant'Anna, Sabrina Marques Parracho, 1980-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ROMERO JASKU BASTOS

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutor**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Ciências Sociais.

TESE APROVADA EM 03/12/2025.

Documento assinado digitalmente
 **SABRINA MARQUES PARRACHO SANT ANNA**
Data: 09/12/2025 09:06:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Sabrina Marques Parracho Sant'Anna. Doutora, UFRRJ (Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 **DARLAN FERREIRA MONTENEGRO**
Data: 09/12/2025 10:43:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Darlan Ferreira Montenegro. Doutor, UFRRJ

Documento assinado digitalmente
 **LUCAS CORREIA CARVALHO**
Data: 10/12/2025 09:06:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Lucas Correia Carvalho. Doutor, UFF

Documento assinado digitalmente
 **MARCELO RIBEIRO VASCONCELOS**
Data: 10/12/2025 21:48:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Marcelo Ribeiro Vasconcelos. Doutor, UFJF

Documento assinado digitalmente
 **MARCO ANTONIO PERRUSO**
Data: 11/12/2025 11:54:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Marco Antonio Perruso. Doutor, UFRRJ

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao professor Carlos Henrique Aguiar Serra (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a toda minha família.

Agradeço também a minha orientadora, professora Dr^a. Sabrina Marques

Parracho Sant'Anna, pela confiança, paciência e generosidade.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todos os que lutaram e lutam em defesa da ciência e da universidade pública.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

BASTOS, Romero Jasku. **O barroquismo ludopédico na encruzilhada entre o virtual e o real: A gamificação do esporte-espetáculo e a europeização do futebol brasileiro**. 2025. 254 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2025.

O presente trabalho tem como principal objetivo refletir sobre a relação entre a “gamificação” do esporte-espetáculo e a “europeização” do futebol brasileiro. No rastro do processo de globalização e espetacularização do futebol, conduzido em benefício e no interesse das equipes europeias, assoma à superfície uma disputa simbólica que coloca frente a frente dois tipos de discursos. Em linhas gerais, são eles: (i) de um lado, debatendo-se diante da impotência em relação à correlação de forças na atual conjuntura, marcada por intensa e ininterrupta comunicação entre culturas de todos os cantos do planeta proporcionada pela revolução tecnológica da informação, encontram-se as narrativas que associam “europeização” com “modernização”, enfatizando os ganhos provenientes da mundialização e liberalização do mercado da bola, relativizando a existência de escolas nacionais de futebol e condescendendo com a formação de comunidades de fãs estruturadas a partir de relações desterritorializadas entre torcedores e clubes; (ii) de outro lado, os relatos que rechaçam a “modernização” e suas consequências como uma ameaça à verdadeira identidade do futebol brasileiro, em que a tônica recai, muitas vezes, sobre as “vantagens do atraso”, perceptível tanto nos argumentos que condenam como “ilegítimos” os laços dos brasileiros com times estrangeiros – relacionando-os com a falta de fibra moral característica de “caçadores de glórias”, para os quais o sucesso em campo e o *glamour* das estrelas e dos campeonatos da Europa são mais importantes e sedutores do que a fidelidade às raízes –, quanto nas alegações que conectam o “futebol-arte” com o “jeitinho brasileiro” – “o peculiar modo nacional de livrar-se de problemas, ou de falsificá-los”, de tal maneira que estes problemas não sejam vistos como obstáculos a serem superados, mas, no limite, como condições fundamentais para manutenção e reprodução das bases culturais e materiais da escola brasileira de futebol. Essas formações discursivas são a matéria-prima da investigação que se busca realizar aqui. Assim, com base no exame crítico desses discursos, intenciona-se discernir nessas visões de mundo o que há de ideológico e o que há de utópico nas representações e soluções que cada uma delas propõe para resolver os desafios colocados pela comunicação excessiva entre sociedades e culturas cada vez mais conectadas. Para levar a cabo esta investigação, propõe-se fazer uma interpretação de caráter dialético dos discursos de diferentes atores e agências sobre os meandros dos processos de formação das identidades culturais do futebol, tendo como interlocutores intelectuais, jornalistas, dirigentes, técnicos,

jogadores e torcedores etc. Ocupando um lugar especial na análise dos discursos sobre o “futebol-espetáculo”, os jogos eletrônicos muitas vezes estão no centro das discussões, ora sendo apresentados como pivôs da “modernização”, ora como promotores da “aculturação”. De qualquer maneira, os jogos eletrônicos são, eles próprios, formações discursivas. Levando isso em consideração, assume-se, aqui, que os jogos eletrônicos são um tipo de texto que possui uma estrutura narrativa e um sentido preferencial, além de um inconsciente. Nessa direção, trata-se de explorar as contradições inerentes às visões de mundo em questão no tocante ao modo como elas interpretam as transformações e as perspectivas do futebol no Brasil e no mundo diante da “gamificação” do “esporte-espetáculo”. Com efeito, tem-se que a tarefa primordial da análise crítica das formações discursivas em tela é, antes e acima de tudo, jogar luz sobre suas dimensões utópicas. A hipótese central deste trabalho é a de que estas dimensões utópicas emergem como sintomas do choque de narrativas “que são ao mesmo tempo distintas, simultâneas e antagônicas”. É, então, sob a forma de sintoma, insinuando-se por entre as lacunas da ordem simbólica, que o “real” se revela. Depreende-se disso que apenas uma “leitura sintomal” do cenário sob escrutínio é capaz de identificar as dimensões utópicas e ideológicas inerentes a ambas as visões de mundo.

Palavras-chave: futebol brasileiro; europeização do futebol; jogos eletrônicos; ideologia; utopia.

ABSTRACT

BASTOS, Romero Jasku. **Ludopedic baroque at the crossroads between the virtual and the real: The gamification of the spectacle-sport and the europeanization of brazilian football.** 2025. 254 p. Dissertation (PhD in Social Sciences). Institute of Human and Social Sciences, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2025.

The present work has as its main objective to reflect on the relationship between the gamification of the spectacle-sport and the Europeanization of Brazilian football. In the wake of the process of globalization and spectacularization of football—driven in benefit of and in the interest of European teams—a symbolic dispute surfaces, placing face to face two types of discourses. Broadly speaking, they are: (i) on one side, struggling with the impotence regarding the balance of power in the current conjuncture—marked by intense and uninterrupted communication between cultures from all corners of the planet, enabled by the technological information revolution—are the narratives that associate Europeanization with modernization, emphasizing the gains brought about by the globalization and liberalization of the football market, relativizing the existence of national football schools, and condoning the formation of fan communities structured around deterritorialized relationships between supporters and clubs; (ii) on the other side, the accounts that reject modernization and its consequences as a threat to the true identity of Brazilian football, in which the emphasis often falls on the “advantages of backwardness,” perceptible both in arguments that condemn as illegitimate the ties of Brazilians with foreign teams—associating them with the lack of moral fiber characteristic of glory hunters, for whom success on the pitch and the glamour of European stars and championships are more important and seductive than loyalty to one’s roots—and in the claims that connect football-as-art with the Brazilian way—“the peculiar national way of getting rid of problems, or falsifying them,” in such a manner that these problems are not seen as obstacles to be overcome but, ultimately, as fundamental conditions for the maintenance and reproduction of the cultural and material foundations of the Brazilian football school. These discursive formations are the raw material of the investigation undertaken here. Thus, based on the critical examination of these discourses, the aim is to discern within these worldviews what is ideological and what is utopian in the representations and solutions each proposes to confront the challenges posed by the excessive communication between increasingly connected societies and cultures. To carry out this investigation, a dialectical interpretation is proposed of the discourses of different actors and agencies regarding the intricacies of the processes of cultural identity formation in football, taking as interlocutors intellectuals, journalists, managers, coaches, players, supporters, etc. Occupying a special place in the analysis of discourses on spectacle-football, electronic games are often at the center of the debates—at times being presented as pivots of

modernization, at other times as promoters of acculturation. In any case, electronic games are, themselves, discursive formations. Taking this into account, it is assumed here that electronic games are a type of text that possesses a narrative structure and a preferential meaning, as well as an unconscious. In this direction, the task is to explore the contradictions inherent to the worldviews in question regarding how they interpret the transformations and prospects of football in Brazil and around the world in the face of the gamification of the spectacle-sport. Indeed, it is held that the primary task of the critical analysis of the discursive formations at hand is, before and above all, to shed light on their utopian dimensions. The central hypothesis of this work is that these utopian dimensions emerge as symptoms of the clash of narratives “which are at once distinct, simultaneous, and antagonistic.” It is, then, in the form of a symptom—insinuating itself through the gaps in the symbolic order—that the real reveals itself. From this, it follows that only a symptomatic reading of the scenario under scrutiny is capable of identifying the utopian and ideological dimensions inherent to both worldviews.

Keywords: brazilian football; europeanization of football; electronic games; ideology; utopia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: Escavando a utopia na fronteira entre realidade e espectro: Considerações em torno de algumas questões teóricas e metodológicas.....	13
Choque de narrativas.....	13
A “europeização” do futebol brasileiro.....	20
Crítica da ideologia a partir da noção de leitura sintomal.....	25
Com o coração na ponta da chuteira.....	27
Homem cordial no <i>holodeck</i>	30
“Ódio eterno ao futebol moderno”.....	34
A “gamificação” do esporte-espetáculo.....	37
A “desaturatização” do “futebol-arte”.....	39
O barroquismo brasileiro entre a dominação e a emancipação.....	41
O lugar da análise crítica da ideologia dos jogos eletrônicos.....	46
Indo a campo para entender a relação entre games e a “europeização” do futebol.....	50
Um exercício de metodologia indiciária.....	52
 CAPÍTULO 1: Colocando as coisas em seu lugar: Algumas notas e apontamentos acerca da mercantilização e espetacularização do futebol.....	58
Como a TV contribuiu para tornar o futebol um grande negócio global.....	58
Capturando a atenção da “geração ansiosa”.....	61
Consequências da globalização sobre a autoimagem do futebol brasileiro.....	63
Oportunidades criadas pela espetacularização do futebol.....	71
Mundialização das imagens e sensação de declínio do “futebol-arte”.....	73
A “comodificação” do “futebol-arte” e as dificuldades de mercado enfrentadas pelo jeito “tipicamente” brasileiro de jogar bola.....	76
 CAPÍTULO 2: “Geração Playstation”: Jovens brasileiros que torcem para times europeus.....	81
Do <i>homo cordialis</i> ao <i>homo economicus</i>	81
Servos sofrendores ou caçadores de glórias?.....	87
Saindo dos videogames para o mundo real.....	96
<i>I’m Looser and I’m Proud</i>	104

CAPÍTULO 3: Jogos eletrônicos são mais divertidos: Os dilemas do futebol-espetáculo na era da economia da atenção.....	107
Um espectro ronda o mundo do futebol.....	107
“Tiktokização” da experiência.....	108
Comunidades de consumidores.....	110
À procura de prazeres rápidos.....	114
Futebol adaptado à era do TikTok.....	120
 CAPÍTULO 4: <i>TV or not TV?</i> Como os videogames estão transformando as transmissões esportivas e redefinindo a percepção da realidade do futebol-espetáculo.....	 129
Simulacros e simulações.....	129
Quebrando a quarta parede.....	140
Ideologia e “gamificação”.....	141
 CAPÍTULO 5: Entre Ariel, Próspero e Calibã: Johan Cruyff, Pep Guardiola, Neymar Jr.....	 147
Uma questão de estilo nacional.....	147
O caráter nacional e o jeito brasileiro de jogar futebol.....	152
Orgulho e preconceito.....	158
“Guardiolização” do esporte mais popular do mundo.....	165
Futebol brasileiro não é um videogame.....	174
O grito de revolta do “bom selvagem”.....	182
 CONCLUSÃO: Ideologia e utopia na era da “gamificação” do esporte-espetáculo.....	 192
O DNA do futebol brasileiro.....	192
Da “Moneyballização” à “gamificação”.....	198
Monumento de cultura, documento de barbárie.....	205
O potencial crítico da “gamificação”.....	208
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 212
 ANEXO.....	 241

INTRODUÇÃO

Escavando a utopia na fronteira entre realidade e espectro: Considerações em torno de algumas questões teóricas e metodológicas

Choque de narrativas

O presente trabalho tem como principal objetivo refletir sobre a relação entre a “gamificação” do “esporte-espetáculo”¹ e a “europeização” do futebol brasileiro.² No rastro do processo de globalização e “espetacularização” do futebol,³ conduzido em benefício e no interesse das equipes europeias,⁴ assoma à superfície uma disputa simbólica que coloca frente a frente dois tipos de discursos. São eles:

(i) de um lado, debatendo-se diante da impotência em relação à correlação de forças na atual conjuntura, marcada por intensa e ininterrupta comunicação entre culturas de todos os cantos do planeta – comunicação esta proporcionada, em grande medida, pela revolução tecnológica da informação –, encontram-se as narrativas que associam “europeização” com “modernização”,

1 CRUZ JÚNIOR, Gilson. Burlando o círculo mágico: o esporte no bojo da gamificação. *Movimento*, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 941–963, 2014. DOI: 10.22456/1982-8918.40539. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/40539>. Acesso em: 4 maio. 2025.

2 “EUROPEIZAÇÃO” do futebol: os brasileiros que torcem para times estrangeiros menos badalados. Disponível em: <https://jornalismorio.espm.br/geral/europeizacao-do-futebol-os-brasileiros-que-torcem-para-times-estrangeiros-menos-badalados/>. Acesso em: 30 set 2023.

3 RIBEIRO, Luiz (Org.). *Futebol e globalização*. Jundiaí: Fontoura, 2007.

4 A hegemonia europeia tem como principal ponto de partida a aprovação da lei Bosman, em 1995, que revolucionou o mercado do futebol e transformou os clubes do velho continente em grandes potências da modalidade. Formalmente conhecida como Acórdão Bosman, trata-se de uma decisão do Tribunal de Justiça da União Europeia que mudou definitivamente o futebol ao permitir que jogadores na União Europeia, ao fim do contrato, pudessem se transferir para outro clube sem que o novo clube tivesse que pagar uma taxa de transferência ao clube anterior. A decisão, que surgiu de um caso envolvendo o jogador belga Jean-Marc Bosman, estabeleceu que as restrições impostas pela UEFA e federações nacionais de futebol, que impediam jogadores de mudar de clube após o término do contrato, eram ilegais. Anteriormente, os clubes detinham os direitos sobre os jogadores mesmo após o fim do contrato, o que impedia a livre circulação e negociação dos atletas. Três anos depois, em dezembro de 1998, o presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou a chamada Lei Pelé, que, entre outras coisas, pôs fim à prática que obrigava times brasileiros que quisessem contratar jogadores juntos à outras equipes a pagar uma espécie de taxa para adquirir os direitos federativos destes atletas, ainda que o tempo de contrato tivesse expirado. (SANTOS, Maria Tereza. O que é a Lei Bosman e como ela ajuda a explicar o abismo entre o futebol europeu e o resto do mundo. Disponível em: <https://peleja.com.br/politica/lei-bosman-o-que-e-futebol-europeu/#:~:text=A%20Lei%20Bosman%20determina%20que,novo%20clube%20que%20o%20contratar>. Acesso em: 20 ago. 2025.) “É importante ressaltar que no período de atividade de Pelé, não existia a superioridade dos tempos atuais dos europeus em relação ao futebol sul-americano. Na década de 60, os grandes craques do Brasil, como Pelé e outros, por exemplo, permaneciam no país na maioria dos casos. Décadas depois, com o fortalecimento da moeda na Europa e a aprovação da Lei Bosman, em 1995, que deu liberdade contratual aos atletas, a disparidade começou”. (PELÉ deveria ter jogado na Europa? Veja histórico do Rei no Velho Continente. Disponível em: <https://ge.globo.com/pele/noticia/2023/01/03/pele-deveria-ter-jogado-na-europa-veja-historico-do-rei-no-velho-continente.ghhtml>. Acesso em: 20 ago. 2025.)

ênfatizando os ganhos provenientes da mundialização e liberalização do mercado da bola, relativizando a existência de escolas nacionais de futebol e condescendendo com a formação de comunidades de fãs estruturadas a partir de relações “desterritorializadas” entre torcedores e clubes;

(ii) de outro lado, os relatos que, grosso modo, rechaçam a “modernização” e suas consequências como uma ameaça à verdadeira identidade do futebol brasileiro. Aqui a tônica recai, muitas vezes, sobre as “vantagens do atraso”, perceptível tanto nos argumentos que condenam como “ilegítimos” os laços dos brasileiros com times estrangeiros – relacionando-os com a falta de fibra moral característica de “caçadores de glórias”, para os quais o sucesso em campo e o *glamour* das estrelas e dos campeonatos da Europa são mais importantes e sedutores do que a fidelidade às raízes –, quanto nas alegações que conectam o “futebol-arte” com o “jeitinho brasileiro” (isto é, “o peculiar modo nacional de livrar-se de problemas, ou de falsificá-los”⁵), de tal maneira que estes problemas não sejam vistos como obstáculos a serem superados, mas, no limite, como condições fundamentais para manutenção e reprodução das bases culturais e materiais da escola brasileira de futebol (os estádios mal conservados; os campos esburacados onde as crianças brasileiras dão os primeiros passos com a bola; as dificuldades de conciliar os estudos com a carreira, sobretudo no início, quando ainda estão nas categorias de base; o déficit educacional dos atletas e técnicos brasileiros; os dirigentes e cartolas patrimonialistas e paternalistas que se opõem à profissionalização e à administração impessoal dos assuntos e negócios do futebol etc.).

Como se verá ao longo desse estudo, as construções narrativas descritas acima encerram perspectivas diferentes sobre o cenário geral do futebol no Brasil e sobre qual deve ser a postura adotada em relação às mudanças provocadas pela globalização. Pois bem, essas formações discursivas são a matéria-prima da investigação que se busca realizar aqui. Assim, com base no exame crítico desses discursos, intenciona-se discernir nessas visões de mundo o que há de ideológico e o que há de utópico⁶ nas representações e soluções que cada uma delas propõe para resolver os desafios colocados pela comunicação excessiva entre sociedades e culturas cada vez mais conectadas. A este respeito, e fazendo referência às categorias elaboradas pelo escritor e filósofo italiano Umberto Eco, optamos por classificar como “integrados” os discursos mais otimistas em relação às consequências da mundialização do esporte – dentre as quais destaca-se a espetacularização, impulsionada pela presença ostensiva das tecnologias de informação e de

5 OLIVEIRA, Francisco de. Jeitinho e jeitão. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/jeitinho-e-jeitao/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

6 JAMESON, Fredric. Reificação e utopia na cultura de massa. In: JAMESON, Fredric. As marcas do visível. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

comunicação de massa na definição da realidade social –, ao passo que os mais pessimistas são agrupados sob o rótulo de “apocalípticos”.⁷

No entanto, o estatuto objetivo da oposição entre essas distintas posições face às transformações globais em curso e suas implicações para o futebol brasileiro também são objetos de ponderação, evidenciando, sempre que necessário, o “caráter inseparável dos dois polos”,⁸ e contornando, assim, os riscos de conceber essa oposição em termos não dialéticos, como se estivessem em jogo “duas imagens especulares, que são essencialmente apresentadas em termos de valor”.⁹ Desse modo, tem-se que “esse antagonismo não deve ser concebido como uma oposição externa, nem como uma relação complementar entre os dois polos, na qual cada polo compensa o excesso de seu oposto”,¹⁰ como bem assinala o filósofo esloveno Slavoj Žižek, “mas no sentido autenticamente hegeliano – cada polo do antagonismo é inerente a seu oposto; tropeçamos no exato momento em que nos esforçamos por apreender o polo oposto em si, por postulá-lo ‘como tal’”.¹¹

Isso considerado, propõe-se fazer uma interpretação de caráter dialético dos discursos de diferentes atores e agências sobre os meandros dos processos de formação das identidades culturais do futebol, tendo como interlocutores intelectuais, jornalistas, dirigentes, técnicos, jogadores e torcedores etc. Nessa direção, trata-se de explorar as contradições inerentes às visões de mundo em questão no tocante ao modo como elas interpretam as transformações e as perspectivas do futebol no Brasil e no mundo diante da chamada “gamificação” do “esporte-espetáculo”. Com efeito, tem-se que a tarefa primordial da análise crítica das formações discursivas em tela é, antes e acima de tudo, jogar luz sobre suas dimensões utópicas.¹² A hipótese central deste trabalho é a de que estas dimensões utópicas emergem como sintomas do choque de narrativas “que são ao mesmo tempo distintas, simultâneas e antagonicas”.¹³ Nesse sentido, a noção crítica de totalidade desempenha uma função inestimável para a análise histórico-dialética.

No marxismo autêntico, a totalidade não é um ideal, mas uma noção crítica – localizar um fenômeno em sua totalidade não significa ver a harmonia oculta do Todo, mas incluir em um sistema todos os seus “sintomas”, antagonismos, inconsistências.
A antiga tese de Benjamin – “toda ascensão do fascismo ergue-se como testemunha de uma revolução falhada” – é talvez mais pertinente do que nunca. Os liberais gostam de apontar

7 ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados. São Paulo: Perspectiva, 2020.

8 ŽIZEK, Slavoj. O espectro da ideologia. In: ŽIZEK, Slavoj. (org.) Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 9.

9 JAMESON, Fredric. Reificação e utopia na cultura de massa. In: JAMESON, Fredric. As marcas do visível. Rio de Janeiro: Graal, 1995, p. 9.

10 ŽIZEK, Slavoj. O espectro da ideologia. In: ŽIZEK, Slavoj. (org.) Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 9.

11 Ibid.

12 LÖWY, Michel. Ideologias e ciências sociais: elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 2010.

13 ŽIZEK, Slavoj. Choque de narrativas. Folha de São Paulo. Guia da Folha, 19 de dezembro de 2008, p. 35.

similaridades entre os “extremismos” de esquerda e de direita: os campos de Hitler imitam o terror bolchevique, o leninismo sobrevive na Al Qaeda. Mas o que isso tudo significa? Também pode ser lido como uma indicação de como o fascismo literalmente toma lugar da revolução esquerdista: sua ascensão é a falha da esquerda, mas simultaneamente prova que havia um potencial revolucionário, uma insatisfação, que a esquerda não foi capaz de mobilizar. E o mesmo não se aplica ao que alguns chamam hoje de “islamo-fascismo”? Não é a ascensão do islamismo radical correspondente ao desaparecimento da esquerda secular nos países muçulmanos? E, como demonstrou Thomas Frank, o mesmo se aplica para o Kansas, o estado que até os anos 70 foi o leito do populismo esquerdista radical é hoje o núcleo do fundamentalismo cristão. Isso não confirma novamente a tese de Benjamin de que todo fascismo é um índice de uma revolução falhada? Nesse sentido, liberalismo e fundamentalismo formam uma “totalidade”: o liberalismo gera seu oposto. Falta algo no edifício liberal; ele é “parasitário”, funda-se numa rede de valores que ruem com sua própria evolução. O fundamentalismo é uma reação – uma reação falsa, mistificadora – a uma falha real do liberalismo, e é por isso que é sempre gerado novamente pelo liberalismo. [...]14

É, portanto, desse ângulo que se pode ver melhor o caráter inseparável das duas formações discursivas, tornando plenamente visíveis seus elementos ideológicos e utópicos. Ora, não se pode dizer algo parecido a respeito dos recorrentes fracassos em remover os obstáculos que supostamente atravancam o caminho que levaria em direção à “modernização” do futebol brasileiro? Em vez de antípodas, não seriam a tradição do “futebol-arte” brasileiro e o “futebol moderno” europeu formações discursivas dialeticamente interdependentes e complementares, cada qual gerando seu oposto? Pep Guardiola, cujo trabalho como treinador há muito tempo é considerado sinônimo de futebol moderno, não esconde a admiração pela Seleção Brasileira de 1982. Em depoimento ao documentário “1982 – Aos nosso campeões”, lançado em 2017 e produzido pelos canais ESPN, Guardiola contou um pouco sobre o impacto que o time de Zico, Sócrates e companhia teve sobre ele e sua visão de futebol.

“Aquela seleção foi a mais maravilhosa que já existiu. No que diz respeito aos seus jogadores maravilhosos: Éder, Zico, Junior, Eu os conheço. Foi uma seleção extraordinária. Se depois de tantos anos, as pessoas ainda se lembram daquele time, é porque era muito bom. Não sei se se lembram de seleções campeãs como aquela. Afinal, um livro é bom, um filme é bom, quando passam 20, 30, 40 anos e ainda falam dele. Se ainda se fala daquela equipe é porque ela gera emoção... Isso é a melhor Champions do mundo. O resto são números e estatísticas” [...]15

Como bom discípulo de Johan Cruyff, Guardiola inspirou-se nas mesmas ideias e modelos de jogo que influenciaram Telê Santana, comandante daquela equipe que encantou o catalão com

14 Ibid., p. 35-36.

15 INFLUÊNCIAS e possibilidades: relembre algumas das declarações de Guardiola sobre a Seleção Brasileira. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/brasil/influencias-e-possibilidades-relembre-algumas-das-declaracoes-de-guardiola-sobre-a-selecao-brasileira,856bdf2aad9aea81ad5698e920e088e24sw3zhai.html>. Acesso em: 29 set. 2025.

seu desempenho nos gramados da Espanha. Portanto, ambos têm em comum os laços com Rinus Michels, técnico que levou a Holanda à final da Copa do Mundo de 1974, na Alemanha.

Porque Guardiola foi jogador de Cruyff no "Dream Team" do Barcelona no início dos 1990. Sempre teve o treinador como mestre. A maioria de suas ideias e de seus conceitos vêm da escola holandesa: pressão, movimentação, busca da superioridade numérica, qualidade na saída de bola e triangulações.

As mesmas que influenciaram Telê Santana em 1982. Pouco antes do início da segunda fase da Copa do Mundo contra Argentina e Itália, o treinador afirmou em entrevista ao Jornal do Brasil: "Temos um toque de bola e deslocamentos que desnorteiam os adversários, como a Holanda fez em 1974. Mas temos, acima de tudo, o que eles não tinham: a malícia, o toque perfeito e principalmente a criatividade".¹⁶

Tida por muitos como a mais bem acabada expressão do jeito “genuinamente” brasileiro de praticar o esporte mais popular do mundo, a Seleção Brasileira de 1982 talvez não tivesse existido sem o trabalho prévio do holandês Rinus Michels, ex-treinador da seleção neerlandesa e principalmente por trás da “Laranja Mecânica” de 1974, equipe sensação da Copa do Mundo realizada no mesmo ano, na então Alemanha Ocidental. Foi nesse país que o mundo assistiu ao surgimento do sistema tático que ficou conhecido como “futebol total”, inventado pelo próprio Michels e posteriormente aperfeiçoado por Cruyff durante o período em que este esteve no comando do Barcelona. Esse sistema, que também foi apelidado de “Carrossel Holandês”, “empregava jogadores sem posições fixas e uma ocupação sufocante dos espaços”.¹⁷

Por isso, ao falar sobre a relação de Guardiola com a Seleção Brasileira de 1982, o jornalista André Rocha não perde a oportunidade de criticar a pretensão dos brasileiros de terem a exclusividade sobre tudo o que se faz de bom na história deste jogo de bola com os pés que é uma verdadeira paixão nacional: “Johan Cruyff, modelo para Guardiola. Treinado por Michels, exemplo para Telê. Eis a interseção, a conexão. Mais que isso, só a arrogância de ter certeza que tudo de bom que se faz no futebol mundial em todos os tempos foi invenção nossa”¹⁸, afirma ele, que completa: “Os alicerces de seu jogo vêm de outros pontos do mundo. Porque não se joga bola só por essas terras. Por mais que o Brasil de 1982 seja uma deliciosa lembrança”.¹⁹

E, por mais surpreendente que possa parecer, o legado de Telê Santana se faz presente até mesmo no trabalho realizado por Carlos Alberto Parreira à frente da Seleção Brasileira que jogou a Copa do Mundo de 1994, nos EUA. Para alguns, isso pode ser algo difícil de acreditar, tendo em

16 ROCHA, André. O ponto em comum entre Pep Guardiola e a seleção brasileira de 1982. Disponível em: <https://andrerocha.blogosfera.uol.com.br/2017/05/16/o-ponto-em-comum-entre-pep-guardiola-e-a-selecao-brasileira-de-1982/>. Acesso em: 29 set. 2025.

17 DE PAULOS, Marcelo. O craque do futebol total. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-craque-do-futebol-total/>. Acesso em: 27 mai. 2025.

18 Ibid.

19 Ibid.

vista que, enquanto a Seleção Brasileira de 1982 é considerada a epítome do “jogo bonito” brasileiro, o sucesso do time dirigido por Parreira representou, na visão de grande parte dos brasileiros, a capitulação definitiva do “futebol bonito” do Brasil diante do “pragmatismo europeu”. “Muitos brasileiros não conseguiam perdoá-lo por vencer a Copa do Mundo com o futebol coletivo no estilo europeu”,²⁰ afirmam Simon Kuper e Stefan Szymanski, autores do best-seller “Soccernomics: Por que a Inglaterra perde, a Alemanha e o Brasil ganham, e os Estados Unidos, o Japão, a Austrália, a Turquia – e até mesmo o Iraque – podem se tornar os reis do esporte mais popular do mundo” (Tinta Negra Bazar Editorial, 2010).

Michel Costa, porém, rechaça a pecha de que Carlos Alberto Parreira haveria “europeizado o Brasil” ao priorizar o “estilo defensivo europeu” em detrimento do “futebol-arte” “tipicamente” brasileiro. Para o autor de “É tetra! A conquista que ajudou a mudar o Brasil” (Via Escrita, 2014), livro que escreveu junto com André Rocha, essa impressão está longe de retratar a realidade da Seleção que conquistou o título de campeão do mundo em 1994.

[...] Michel acredita que o maior engano que ainda perdura é considera que o time de Carlos Alberto Parreira era defensivo. Depois de ter revisto os jogos para o livro, o escritor se convenceu de que se tratava de um time com virtudes ofensivas: conservava a posse de bola, gostava de tê-las nos pés e criava mais chance que os adversários. A presença dos dois volantes de proteção —Mauro Silva e Dunga — mais os dois meias hábeis na recomposição pelo lado — Mazinho e Zinho — é o que às vezes confunde a memória de muitos torcedores, na sua opinião. ²¹

Além disso, ainda segundo Michel Costa, o estilo de jogo adotado pela Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1994 não estaria tão distante assim daquele colocado em prática pela Seleção Brasileira de 1982. O elo comum entre ambas é o técnico Telê Santana. Isso porque, como lembra Costa,

Aquela formação com dois volantes defensivos já era mais um reflexo do que era o futebol brasileiro, não foi aquele time que ditou. O Brasil já vinha de uma tendência de dois volantes mais marcadores. Mesmo os times do Telê Santana no São Paulo começavam a mostrar duplas com volantes totalmente dedicados à marcação, como Pintado e Doriva. ²²

²⁰ KUPER, Simon; SZYMANSKI, Stefan. Soccernomics: Por que a Inglaterra perde, a Alemanha e o Brasil ganham, e os Estados Unidos, o Japão, a Austrália, a Turquia – e até mesmo o Iraque – podem se tornar os reis do esporte mais popular do mundo. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010, p. 37.

²¹ DOS ANJOS, Mávio. 'O tetra foi um ponto de inflexão no pessimismo brasileiro', diz autor de livro sobre a conquista. Disponível em: [https://oglobo.globo.com/esportes/o-tetra-foi-um-ponto-de-inflexao-no-pessimismo-brasileiro-diz-autor-de-livro-sobre-conquista-23814143#:~:text=Em%202014%2C%20o%20analista%20educacional,%22%20\(editora%20Via%20Escrita\).&text=E2%80%94Em%20termos%20de%20conquista%2C%20a,acidente%20em%201o%20de%20maio](https://oglobo.globo.com/esportes/o-tetra-foi-um-ponto-de-inflexao-no-pessimismo-brasileiro-diz-autor-de-livro-sobre-conquista-23814143#:~:text=Em%202014%2C%20o%20analista%20educacional,%22%20(editora%20Via%20Escrita).&text=E2%80%94Em%20termos%20de%20conquista%2C%20a,acidente%20em%201o%20de%20maio). Acesso em: 30 set. 2025.

²² Ibid.

Mas o panorama é diferente de acordo com a definição do que seja “jogo bonito”. Para Marcos Caetano, cronista, especialista em comunicação e comentarista esportivo, o legado da seleção holandesa vice-campeã do mundo em 1974, na Alemanha, deve ser visto mais como uma maldição do que como uma benção. “Estilo encampado por Cruyff acabou com o futebol bonito”,²³ lê-se no subtítulo do artigo assinado por ele, publicado na edição de abril de 2016 da revista “Piauí”. “O que a Holanda fez – e esse é o resumo da minha argumentação – foi reduzir significativamente o brilho individual, a imprevisibilidade e a supremacia do talento numa partida de futebol”,²⁴ escreveu ele, que opõe “a “ditadura do jogo coletivo da Holanda”²⁵ à liberdade individual que, para ele, é a base do “futebol-arte” brasileiro.

O futebol que eu aprendi a amar não era solidário nem socialista. Grandes craques ainda caminhavam sobre os gramados – e, para alguns deles, como Domingos e Ademir da Guia, esse caminhar não era apenas figura de linguagem. Eles podiam decidir uma partida a qualquer instante, o que as tornava sempre imprevisíveis. Entre os anos 50 e 70, nem mesmo equipes como o Santos de Pelé conseguiam passar seis meses sem perder, como o atual Barcelona. E se o Santos venciam muito mais do que perdia, não era por causa desse personagem sem rosto chamado “sistema tático” ou “tiki-taka”. Ganhava porque tinha os maiores craques. Ponto. Tanto é assim que mesmo eu, que sou do ramo, não consigo lembrar os nomes dos técnicos do time da Vila na era Pelé. O futebol da minha juventude era como o cinema de hoje, em que os atores são indiscutivelmente mais importantes do que diretores e produtores.

Antes do tal futebol solidário da Holanda, nunca vimos atletas limitadíssimos – embora com saúde de vaca premiada – disputando copas do mundo com status de craque. A proposta da Holanda era a da pura eficiência, uma espécie de protagonismo coletivo, esse contrassenso em termos. Todos atacavam, todos defendiam, todos corriam como loucos, e aquilo apenas me dava a certeza de que jamais Pelé teria sido Pelé, em toda a sua imensidão, se tivesse que atuar na Laranja Mecânica ou no Barça de Cruyff. Tanto o modelo holandês é limitador do talento, que eu duvido alguém citar um mísero gol de antologia marcado por Cruyff. O mais célebre de seus gols, admitamos, foi aquele na cobrança de pênalti com tabelinha, que Messi imitou muitos anos depois. Eu prefiro a genialidade de um pênalti com paradinha, um gol de bicicleta, chute do meio de campo, a folha-seca. Porque a dura verdade é que, como jogador, Cruyff foi uma espécie de Verón com direção hidráulica e rodas de liga leve. Exceto por sua contribuição tática, que eu procuro criticar aqui, ele não foi nem de perto um cracaço como Pelé, Maradona, Didi, Di Stéfano, Garrincha ou até mesmo Messi.²⁶

Dessa perspectiva, não há uma linha de continuidade entre o “futebol-arte” e o “futebol total”, mas sim uma ruptura – cuja eliminação da Seleção Brasileira para a Itália na Copa do Mundo de 1982, na Espanha, se apresenta como ponto de inflexão para o futebol nacional. “As pessoas ficaram com a impressão de que o time jogou bonito, que era tecnicamente muito bom, mas não

23 CAETANO, Marcos. A maldição da Holanda. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/maldicao-da-holanda/>. Acesso em: 30 set. 2025.

24 Ibid.

25 Ibid.

26 Ibid.

ganhou",²⁷ disse, em entrevista ao documentário de rádio da BBC "The Burden of Beauty", Arthur Antunes Coimbra, o Zico, principal estrela daquele time comandado por Telê Santana. "Então o pensamento depois disso foi de que a filosofia precisava mudar para que o Brasil voltasse a ser campeão",²⁸ emendou ele. Assim, na opinião do ex-craque e maior ídolo da história do Flamengo, "a eliminação do Brasil mudou a filosofia do futebol no Brasil",²⁹ que, depois disso, "passou a adotar o jogo pragmático, de resultados, em detrimento do futebol-arte que até então predominava e encantava o mundo".³⁰

Mas seja lá como for, independentemente de serem consideradas umbilicalmente complementares ou diametralmente opostas, o fato é que ambas as formações discursivas – isto é, o "futebol-arte" (brasileiro) e o "futebol moderno" (europeu) – apoiam-se nas falhas uma da outra a fim de garantir a manutenção de sua própria consistência e funcionalidade. No entanto, procedendo dessa maneira, não apenas desviam a atenção dos problemas e incoerências subjacentes a cada uma delas, mas também acabam eventualmente por deixá-los à mostra. E é exatamente esse momento em que o real emerge por entre as rachaduras provenientes do choque de narrativas que a leitura *sintomal* procura captar.

A "europeização" do futebol brasileiro

Antes de seguir adiante, faz-se necessário esclarecer o significado de algumas expressões-chave – a começar pelo que chamamos de "europeização". Quando se fala em "europeização" do futebol nacional nos principais veículos de comunicação de massa, a maioria dos interlocutores aparentemente pretende designar tanto o crescimento do número de brasileiros que torcem por times do futebol do velho mundo quanto a influência e a recepção de ideias e modelos de jogo importados deste continente. Sobre esta última faceta da "europeização", que traz para o centro da discussão o tema das diferenças entre estilos de jogar futebol, constata-se que quase todos eles admitem a existência de uma escola europeia de futebol,³¹ a qual se contrapõe à escola brasileira.³² No entanto, apesar de serem, elas mesmas, mesclas de diferentes estilos,³³ pode-se afirmar que a escola

27 NIDECKER, Fernanda. Copa de 82 marcou fim do 'jogo bonito' no Brasil, diz Zico. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/06/140606_copa_82_virada_zico_fl. Acesso em: 30 set. 2025.

28 Ibid.

29 Ibid.

30 Ibid.

31 FIELDSEND, Daniel. A Escola Europeia: Os Segredos do Futebol no Velho Continente. Editora Grande Área, 2018.

32 COELHO, Paulo Vinícius. Escola brasileira de futebol. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

33 A título de exemplo, vale lembrar que o *catenaccio* italiano – consagrado pela Seleção *Azzurra* e que deu os dois primeiros títulos mundiais ao país, em 1934 e 1938 – é bem diferente da formação em WM desenvolvido na década de 1920 pelo treinador britânico Herbert Chapman e rapidamente difundido na terra da rainha, transformando-se em sinônimo de futebol inglês.

brasileira de futebol se distingue da escola europeia pela importância que os discursos de seus representantes atribuem a certos aspectos do esporte em detrimento de outros.

Mas, será mesmo possível afirmar a existência dessas entidades únicas e distintas, as quais chamamos de “futebol brasileiro” e de “futebol europeu”? Entre aqueles que acham que não, parece haver certo consenso em torno do reconhecimento de que todas as assertivas coletivas inevitavelmente acabam por simplificar a rica diversidade da vida social e têm o péssimo hábito ignorar as variações singulares. Margareth Thatcher, primeira-ministra do Reino Unido entre 1979 e 1990, certamente endossaria essa tese. Foi ela, afinal, quem disse as célebres palavras: “Mas, o que é a sociedade? Não existe essa coisa. O que existe são homens e mulheres, indivíduos e famílias”.³⁴ Contudo, o problema é que tal nominalismo vulgar negligencia o fato de que não se pode realizar pesquisas científicas sem fazer algum tipo de generalização. Na verdade, trata-se de um dos componentes básicos da construção social da realidade cotidiana.

De qualquer maneira, a identidade não é apenas um tópico de discussões acadêmicas, mas um elemento essencial à manutenção das comunidades humanas. Isso porque, sendo a identidade uma construção que se dá na relação com o outro, “a negação do exterior e do diferente funciona como um mecanismo de sobrevivência inerente a toda a sociedade”.³⁵ Assim, como bem explicou o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss em depoimento ao escritor, tradutor e jornalista Bernardo de Carvalho, a maior dificuldade consiste em encontrar a medida certa para as trocas culturais, evitando que haja um desequilíbrio no fluxo de comunicações de um lado para outro, uma vez que, na visão dele, “quando mais as culturas se comunicam, mais elas tendem a se uniformizar, menos elas têm a comunicar”.³⁶ Em resumo, ainda de acordo com a entrevista concedida por ele ao jornal “Folha de São Paulo”, “o problema para a humanidade é que haja comunicação suficiente entre as culturas, mas não excessiva”.³⁷

Em todo caso, no que diz respeito à presente discussão, é preciso estar consciente de que as comunidades de fãs de equipes esportivas e os estilos nacionais de jogo não são realidades empíricas, mas “ficções simbólicas” que emergem a partir do choque e da articulação de diferentes narrativas discursivas.³⁸ Mas isso não quer dizer, porém, que estas “ficções simbólicas” sejam menos reais do que aquela parte da realidade que pode ser capturada pelas categorias tradicionais do

34 MAGNOLI, Demétrio. ‘Essa coisa de sociedade não existe’. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniaio/essa-coisa-de-sociedade-nao-existe-8080595>. Acesso em: 10 abr. 2025.

35 CULTURA europeia está ameaçada, disse Lévi-Strauss à Folha em 1989. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/12/cultura-europeia-esta-ameacada-disse-levi-strauss-a-folha-em-1989.shtml>. Acesso em: 10 abr. 2025.

36 Ibid.

37 Ibid.

38 ZIZEK, Slavoj. Choque de narrativas. Folha de São Paulo. Guia da Folha, 19 de dezembro de 2008, p. 34-36.

entendimento sociológico. Como tais, essas “ficções simbólicas” possuem “eficácia real própria”,³⁹ razão pela qual o próprio Levi-Strauss optou por utilizar o termo “eficácia simbólica” para aquilatar a sua capacidade de interpelar os sujeitos, fazendo-os reconhecerem-se como pertencentes a um certo ordenamento simbólico. É assim, dessa maneira, que as “ficções simbólicas” abordam os sujeitos e impõem “uma ordem à multiplicidade confusa da realidade”,⁴⁰ que do contrário não seria nada além de “uma história contada por um louco, cheia de som e fúria, significando nada”.⁴¹

As implicações disso são profundas. Ora, concordar com a afirmação de que a “ficção simbólica” possui uma “eficácia real própria”, visto que produz efeitos reais (mesmo que não sejam explicáveis por mecanismos científicos) sem os quais o “mundo da vida” (*Lebenswelt*) da sociedade não passaria de “um fluxo caótico e sem sentido”,⁴² acarreta levar a sério a máxima lacaniana (talvez ainda mais perturbadora para a sensibilidade do senso comum) de que a realidade tem a estrutura de uma ficção.⁴³ Como corolário desses postulados, tem-se que é forçoso repelir “a tentativa particularmente cética de reduzi-la [qual seja, a “ficção simbólica”] a uma mera ilusão, que oculta uma realidade diferente”.⁴⁴

Assim, ao contrário do que alega o jornalista e tradutor Christian Schwartz, para quem é uma “ilusão” estabelecer ligações entre estilos de jogo e o caráter das sociedades, posto que isso não encontraria lastro na realidade concreta, sendo que o mesmo se aplicaria também à “ficção” que se chama de “futebol-arte” (fazendo referência à obra do antropólogo brasileiro Arlei Sander Damo, Schwartz chega, inclusive, a pôr em dúvida a existência factual do “futebol-arte”: “Se o futebol-arte não é apenas uma ficção sem referente empírico, então ele deve ser aprendido e ensinado”, diz um dos trechos citados; do mesmo modo, inversamente, “se nada é aprendido e ensinado em termos de futebol-arte”, isso seria, na opinião do próprio Damo, motivo suficiente para concluir que “essa é uma ficção dos mediadores, especializados ou não, sem correspondência concreta”⁴⁵), a qual, para

39 ZIZEK, Slavoj. Contra os direitos humanos! Artigo de Slavoj Žižek. Disponível em:

<https://blogdaboitempo.com.br/2013/03/14/contra-os-direitos-humanos-artigo-de-slavoj-zizek/>. Acesso em: 13 mai. 2025.

40 BEDÊ, Francisco Julião Marins. Imaginário, subjetividade e hegemonia no pensamento pós-marxista: contribuição para uma renovação teórica da análise política. 2022 (140 páginas) f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022, p. 74.

41 SHAKESPEARE, William. Macbeth (Cena V do Ato Quinto). In: SHAKESPEARE, William. Obra Completa. Vol. 1. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1989.

42 CONARD, Mark. Assim falava Bart: Nietzsche e as virtudes de ser mau. In: IRWING, William; CONARD, Mark; SKOBLE, Aeon. (org.). Os Simpsons e a filosofia. São Paulo: Madras, 2004, p. 71.

43 ZIZEK, Slavoj. A fuga para o real. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0804200105.htm>. Acesso em: 4 jun. 2025.

44 ZIZEK, Slavoj. Contra os direitos humanos! Artigo de Slavoj Žižek. Disponível em:

<https://blogdaboitempo.com.br/2013/03/14/contra-os-direitos-humanos-artigo-de-slavoj-zizek/>. Acesso em: 13 mai. 2025.

45 SCHWARTZ, Christian. Associar estilo de jogo e caráter nacional é ilusão, diz autor. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/07/associar-estilo-de-jogo-e-carater-nacional-e-ilusao-diz-autor.shtml>.

Acesso em: 4 jun. 2025.

Schwartz, é só uma espécie de “fantasma” que a análise deve “exorcizar” (“Talvez tenha passado da hora de exorcizar o que deixou de ser aura para virar fantasma”),⁴⁶ o ponto de partida da presente investigação é o

[...] fato de que não existe realidade sem o espectro, de que o círculo da realidade só pode ser fechado mediante um estranho suplemento espectral. Mas, por que não existe realidade sem espectro? Lacan fornece uma resposta precisa a essa pergunta: (o que vivenciamos como) realidade não é a “própria coisa”, é sempre já simbolizado, constituído e estruturado por mecanismos simbólicos – e o problema reside no fato de que a simbolização, em última instância, sempre fracassa, jamais consegue “abarcá-la” inteiramente o real, sempre implica uma dívida simbólica não quitada, não redimida.⁴⁷

Segue-se, então, que a primeira lição a ser extraída do que foi exposto até aqui passa necessariamente pelo reconhecimento de “que a realidade em si tem a estrutura de uma ficção, por ser simbolicamente (ou, como dizem os sociólogos, ‘socialmente’) construída”.⁴⁸ Dito isso, tem-se que, por definição, a realidade do esporte-espetáculo é, também ela, uma realidade discursivamente constituída. Consequentemente, não faz sentido fundamentar a crítica à associação entre estilos de jogo e caráter das sociedades em uma dicotomia que opõe ficção (simbólica) e realidade em si mesma.

A segunda lição, talvez mais importante do que a primeira, é que sendo ela o resultado de um processo de simbolização invariavelmente fadado ao malogro, “a realidade nunca é diretamente ‘ela mesma’; só se apresenta através de sua simbolização incompleta/falha”.⁴⁹ É precisamente nesse sentido que a referida “noção de ‘futebo-arte’, apanágio e sustentáculo da identidade brasileira”,⁵⁰ não deve ser desprezada, como se fosse apenas um espectro sem corpo, uma ilusão que desvia a atenção daquilo que seria o verdadeiro problema. Muito pelo contrário. “É isso que Lacan tem em mente ao afirmar que a distorção e/ou dissimulação é reveladora em si: o que desponta através das distorções da representação exata da realidade é o real – ou seja, o trauma em torno do qual se estrutura a realidade social”.⁵¹

Ademais, ainda que o “futebol-arte” seja o resultado de um processo de construção ideológica, uma expressão das disputas simbólicas em torno das tentativas de “fixar significados

46 Ibid.

47 ZIZEK, Slavoj. O espectro da ideologia. In: ZIZEK, Slavoj. (org.) Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 26.

48 Ibid.

49 Ibid.

50 SOUZA, Juliano de. A linhagem culturalista da sociologia do futebol brasileiro. *Lua Nova: Revista De Cultura E Política*, (103), 103–134. <https://doi.org/10.1590/0102-103134/103>.

51 ZIZEK, Slavoj. O espectro da ideologia. In: ZIZEK, Slavoj. (org.) Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 31.

através do estabelecimento, por seleção e combinação, de uma certa cadeia de equivalências”,⁵² não há nada que nos autorize considerá-la um “fantasma” – no sentido literal desta palavra, quer dizer, uma espécie de visão alucinatória, mero produto da imaginação. Como nos ensina o cientista político Gisálio Cerqueira Filho, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense (UFF), “a ideologia tem num certo sentido uma existência real, isto é, uma existência material”.⁵³ Para exemplificar essa afirmação, Gisálio Cerqueira Filho sugere que

[...] pensemos num indivíduo que alucina e vê um urso atacando-o e realiza um quadro de temor e fuga diante de um psiquiatra que sabe não existir o referido animal. Evidentemente que ambas as representações ideológicas são reais e materiais, porque inseridas em práticas materiais e reguladas por rituais também materiais. [...] ⁵⁴

Há ainda mais uma boa razão para rejeitar qualquer abordagem ancorada na (falsa) premissa de que existiria uma realidade tal como ela é, a qual, por sua vez, contrastaria com toda sorte de “ficções” – que são entendidas, dentro dessa mesma perspectiva, como investidas mais ou menos eficazes realizadas com vistas a fixar arbitrariamente determinados sentidos para determinados signos; é que “sem algumas ‘fixações’ arbitrárias” – o que o crítico cultural jamaicano Stuart Hall, inspirando-se na influente análise do filósofo marxista franco-argelino Louis Althusser sobre os aparelhos ideológicos de Estado,⁵⁵ denominou “articulação” – “não existiria qualquer sentido ou significado”.⁵⁶ Nesse cenário, não é que as “fixações’ arbitrárias” – isto é, construções discursivas que se impõem às expensas de referentes ou de correspondentes empíricos – se choquem com a realidade tal como ela é; ao contrário, essas “fixações’ arbitrárias” são responsáveis, em última instância, pela consistência daquilo que vivenciamos como sendo a realidade, sempre já estruturada por mecanismos simbólicos.

Portanto, a rigor, *não existe realidade sem ideologia*. Vai daí que é inútil qualquer esforço de análise crítica da ideologia que seja fundamentado na velha noção de ideologia como “falsa consciência”, uma espécie de “ilusão” que “oculta” ou “esconde” aspectos primordiais da realidade.⁵⁷ Nesse sentido, os discursos que sustentam a articulação entre escolas nacionais de futebol e o caráter das sociedades, bem como aqueles que buscam fornecer justificativas à legitimidade dos vínculos entre torcedores brasileiros e clubes europeus, não podem ser tidos como

⁵² HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2013, p. 180.

⁵³ CERQUEIRA FILHO, Gisálio. A “Questão Social” no Brasil: crítica do discurso político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 23.

⁵⁴ Ibid.

⁵⁵ ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

⁵⁶ HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2013, p. 180.

⁵⁷ CERQUEIRA FILHO, Gisálio. Análise Social da Ideologia. São Paulo: E. P. U., 1988.

mais ou menos ideológicas do que quaisquer outras tentativas de fixar significados por meio de estabelecimentos de cadeias de equivalências,⁵⁸ independentemente ou não de terem “correspondência concreta”. Os discursos que elevam o “futebol-arte” ao *status* de um dos símbolos da identidade nacional – colocando-o muitas vezes no mesmo patamar que o samba, por exemplo – e fazem apelos em defesa da verdadeira “essência” do futebol brasileiro contra a “europeização” são “ficções” tanto quanto o são as proposições que procuram negar a existência de escolas nacionais de futebol ou denunciar a inautenticidade dos laços entre brasileiros e equipes estrangeiras com base na alegação de que lhes faltaria “referente empírico” ou “evidências” que lhes corroborassem. Além disso, como bem demonstrou o filósofo francês Michel Pêcheux, “um dos estratagemas fundamentais da ideologia é a referência a alguma evidência”;⁵⁹ por isso, as investigações de Pêcheux sobre “os mecanismos discursivos que geram a ‘evidência’ de Sentido”⁶⁰ vão ao encontro do “lema de Lacan de que *no real não falta nada*: toda percepção de uma falta ou excesso (‘não há o bastante disto’, ‘há demais daquilo’) implica sempre um universo *simbólico*”.⁶¹

Crítica da ideologia a partir da noção de leitura sintomal

Mas, se não existe realidade que não seja simbolicamente construída, que sentido tem fazer uma crítica dos elementos ideológicos contidos em diferentes discursos ou narrativas sobre os dilemas e as disputas em torno dos destinos da questão da identidade cultural do futebol brasileiro em um contexto de “gamificação” do esporte-espetáculo e “europeização” do jogo de bola mais popular do mundo? Aqui, acima de tudo, é preciso não perder de vista as diferenças existentes entre “espectro” e “ficção simbólica”, tomando o cuidado de não confundir isto com aquilo. “As aparições espectrais emergem justamente nessa lacuna que separa perenemente a realidade e o real, e em virtude da qual a realidade tem o caráter de uma ficção (simbólica): o espectro dá corpo àquilo que escapa à realidade (simbolicamente estruturada)”.⁶²

Em termos lacanianos, chama-se de “real” o pedaço da realidade que não pode ser adequadamente simbolizado ou representado pela “linguagem ‘normal’ da comunicação cotidiana”,⁶³ isto é, pela “sintaxe do consciente/pré-consciente”.⁶⁴ “*Esse real (a parte da realidade*

58 HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

59 ZIZEK, Slavoj. O espectro da ideologia. In: ZIZEK, Slavoj. (org.) Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 17.

60 Ibid.

61 Ibid.

62 Ibid., p. 26.

63 ZIZEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma? In: ZIZEK, Slavoj. (org.) Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 299.

64 Ibid.

que permanece não simbolizada) retorna sob a forma de aparições espectrais”.⁶⁵ Com efeito, uma vez “que a própria constituição da realidade social implica o ‘recalcamento primário’ de um antagonismo”,⁶⁶ é somente através da investigação dos mecanismos de condensação e deslocamento, ou seja, da análise das metáforas e metonímias que estão presentes nas formações discursivas⁶⁷ que se pode localizar o “recalcamento originário” (ao qual Freud denominou de *Urverdrangt*), “o *X* irrepresentável em cujo ‘recalcamento’ fundamenta-se a própria realidade”.⁶⁸ As formações discursivas são, portanto, a matéria-prima da crítica da ideologia, cujo sustentáculo primordial, quer dizer, “o ponto de referência extra-ideológico que nos autoriza a denunciar o conteúdo de nossa experiência imediata como ‘ideológico’”,⁶⁹ é a “*aparição espectral que preenche o buraco do real*”.⁷⁰ “Embora, por definição, o Real não possa ser diretamente representado, ainda é possível aludir a ele em certas encarnações figuradas”, explica Glyn Daly, professor associado de relações internacionais e política na Faculdade de Administração e Direito da Universidade de Northampton.⁷¹ É, então, sob a forma de *sintoma*, insinuando-se por entre as lacunas da ordem simbólica, que o *real* se revela. Depreende-se disso, portanto, que apenas uma “leitura sintomal”⁷² do cenário sob escrutínio é capaz de identificar as dimensões utópicas e ideológicas inerentes a ambas as visões de mundo.

Não obstante, embora profundamente tributária da psicanálise de inspiração freudolacanianiana, a estratégia de análise e interpretação do referido material discursivo à luz da noção de sintoma pode ser firmemente ancorada, também, na sociologia de Marx – ou, como prefere o filósofo francês Henri Lefebvre, no materialismo histórico.⁷³ De qualquer forma, como oportunamente lembra Zizek, o próprio Lacan atribui a Marx a invenção do sintoma. “Segundo Lacan, não foi ninguém senão Karl Marx quem inventou a noção de sintoma”.⁷⁴ Isso pode ser evidenciado, entre outras razões, pelo fato de que

65 ZIZEK, Slavoj. O espectro da ideologia. In: ZIZEK, Slavoj. (org.) Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 26.

66 ZIZEK, Slavoj. O espectro da ideologia. In: ZIZEK, Slavoj. (org.) Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 26.

67 NEDER, Gizlene; CERQUEIRA FILHO, Gisálio. Temas e metodologias para os estudos sobre as relações entre História e Direito. Confluências, vol. 13, n. 2 – Niterói: PGSD-UFF, novembro de 2012, páginas 1 a 15.

68 ZIZEK, Slavoj. O espectro da ideologia. In: ZIZEK, Slavoj. (org.) Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 26.

69 Ibid., p. 30.

70 Ibid.,

71 DALY, Glyn; ZIZEK, Slavoj. Arriscar o impossível: conversas com Zizek. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 15.

72 HAMZA, Agon; RUDA, Frank. Os cinquenta anos de “Ler o Capital”. Disponível em: <https://lavrpalavra.com/2015/12/17/os-cinquenta-anos-de-ler-o-capital/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

73 LEFEBVRE, Henri. Marxismo. Porto Alegre: LP&M, 2009.

74 ZIZEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma? In: ZIZEK, Slavoj. (org.) Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 297.

[...] há uma homologia fundamental entre os métodos interpretativos de Marx e de Freud – mais precisamente, entre suas respectivas análises da mercadoria e do sonho. Em ambos os casos, a questão é evitar o fascínio propriamente fetichista do “conteúdo” supostamente oculto por trás da forma: o “segredo” a ser revelado pela análise não é o conteúdo culto pela forma (a forma da mercadoria, a forma do sonho), mas, ao contrário, o “segredo” *dessa própria forma*. O entendimento teórico da forma dos sonhos não consiste em desvendar, a partir do conteúdo manifesto, seu “cerne oculto”, os pensamentos latentes do sonho; consiste na resposta à pergunta: por que os pensamentos latentes do sonho assumiram essa forma, por que foram transpostos para a forma de um sonho? O mesmo acontece com as mercadorias: o verdadeiro problema não é penetrar no “cerne oculto” da mercadoria – na determinação de seu valor pela quantidade de trabalho consumida em sua produção –, mas explicar por que o trabalho assumiu a forma do valor de uma mercadoria, por que ele só consegue afirmar seu caráter social na forma-mercadoria de seu produto.⁷⁵

Todavia, antes mesmo de Zizek, Althusser já havia chamado atenção para a importância da “leitura sintomal” no que diz respeito à crítica da economia política levada a cabo por Marx. De acordo com o ex-professor da École Normale Supérieure, Marx opõe-se radicalmente ao materialismo vulgar típico do pensamento empiricista, sobretudo no que diz respeito à leitura que o autor de “O Capital” faz do discurso da economia clássica, incluindo neste sistema todos os seus antagonismos, inconsistências, falhas etc. Ao fazer isso, Marx consegue desvendar o que ninguém mais tinha conseguido ver: o “segredo” da mercadoria, isto é, o fetichismo subjacente às relações sociais na sociedade capitalista. Nas palavras do próprio Marx: “No valor de troca, o vínculo social entre as pessoas transforma-se em relação social entre coisas; a capacidade pessoal, em uma capacidade das coisas”.⁷⁶

Vários teóricos dedicaram-se ao estudo da transformação do valor em valor de troca, dentro os quais pode-se mencionar Adam Smith, Jean-Baptiste Say, Thomas Malthus, David Ricardo, John Stuart Mill. No entanto, nenhum deles foi capaz de desvendar o problema em toda sua complexidade, “precisamente porque esse problema só é visível enquanto invisível, porque esse problema diz respeito a coisa inteiramente diversa de objetos dados, para os quais bastaria ter vista clara para ver; uma relação invisível necessária entre o campo do visível e o campo do invisível, como um efeito necessário da estrutura do campo visível”.⁷⁷ Para Althusser, é justamente por ter se mantido longe do mundo empírico que Marx teve êxito lá onde outros fracassaram, trazendo à tona o que antes estava oculto ou recalcado.

Com o coração na ponta da chuteira

⁷⁵ Ibid.

⁷⁶ MARX, Karl. Grundrissen der Kritik der politischen Ökonomie. In: MARX, K.; ENGELS, F. Werke (MEGA). Berlin: Dietz, 1983, v. 42, p. 91. Apud: CHAGAS, Eduardo F. O pensamento de Marx sobre a subjetividade. Trans/Form/Ação [Internet]. 2013May;36(2):63–84. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732013000200005>. Acesso em: 20 ago. 2025.

⁷⁷ ALTHUSSER, Louis; RANCIÈRE, Jacques; MACHEREY, Pierre. Ler O Capital. Volume 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 18.

As declarações de Fernando Diniz, ex-técnico da Seleção Brasileira, sintetizam muito bem o que é a escola brasileira de futebol, fornecendo uma boa amostra dos discursos que a sustentam. Campeão da Copa Libertadores da América e da Recopa Sul-Americana à frente do Fluminense, ele se notabilizou por defender uma abordagem centrada, sobretudo, nas relações interpessoais e afetivas. “O que é mais importante: entender de pessoas ou de parte tática?”,⁷⁸ questiona Diniz, que também tem formação em Psicologia. “As relações humanas que se estabelecem em um time de futebol estão muito à frente da parte tática”, advoga ele,⁷⁹ que também rejeita o rótulo de “moderno”, considerando-o mais apropriado para caracterizar os europeus. Contudo, a seu ver, isso não é exatamente uma coisa ruim. Na verdade, ele acredita que a solução para a suposta crise que atinge o futebol brasileiro está justamente no resgate de suas raízes tradicionais. “Essa pseudo-modernidade que está aí eu não acho um grande avanço para o futebol”.⁸⁰ Ainda de acordo com as palavras de Diniz, iludem-se todos aqueles que acreditam “que o modelo europeu vai nos trazer muitas soluções. Acho que a gente pode aprender com todo mundo, mas a gente mais desaprende com o europeu no que tange a essência do futebol brasileiro do que aprende”.⁸¹ Isso porque, na opinião dele, a principal característica do futebol nacional – a criatividade – é melhor promovida quando o jogador brasileiro é tratado com “afeto” e “carinho”, o que faria com que ele se sentisse “seguro”. Todavia, para que tal ocorra, não se deve esquecer que são as pessoas, e não a tática, “o coração do futebol”.⁸²

Ao contrário, salvo algumas exceções, aqueles que se filiam à perspectiva da escola europeia de futebol caracterizam-se por lançar mão de um tratamento mais impessoal. Isso se manifesta de forma evidente na dificuldade que os jogadores não-europeus, especialmente os brasileiros, geralmente encontram para se adaptar ao ambiente e métodos de trabalho dos clubes do velho continente. São comuns reclamações dos atletas estrangeiros sobre “frieza” dos europeus. As queixas partem até mesmo de treinadores brasileiros que já dirigiram equipes do futebol europeu. Quando esteve no comando da comissão técnica do Real Madrid, da Espanha, Vanderlei Luxemburgo sentiu na pele as dificuldades de lidar com as barreiras culturais que separam o Brasil

78 FERNANDO Diniz exalta necessidade de entender jogadores antes da parte tática: 'Futebol é um meio'. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/futebol/fluminense/noticia/2023/12/20/fernando-diniz-exalta-necessidade-de-entender-jogadores-antes-da-parte-tatica-futebol-e-um-meio.ghtml>. Acesso em: 8 mai. 2025.

79 DINIZ rejeita rótulo de moderno: ‘As pessoas são o coração do futebol, não a tática’. Disponível em: <https://www.lance.com.br/sao-paulo/diniz-rejeita-rotulo-moderno-pessoas-sao-coracao-futebol-nao-tatica.html>. Acesso em: 7 mai. 2025.

80 Ibid.

81 Disponível em: <https://www.facebook.com/reel/1295226488565570>. Acesso em: 14 abr. 2025.

82 DINIZ rejeita rótulo de moderno: ‘As pessoas são o coração do futebol, não a tática’. Disponível em: <https://www.lance.com.br/sao-paulo/diniz-rejeita-rotulo-moderno-pessoas-sao-coracao-futebol-nao-tatica.html>. Acesso em: 7 mai. 2025.

da Europa. Em sua curta passagem pelo time *Merengue*, Luxemburgo não se entendeu muito bem com o português Luis Figo, que acabou sendo sacado do time titular pelo técnico brasileiro. Certa ocasião, ao ser perguntado sobre por que o craque lusitano seguia no banco de reservas, Luxemburgo apontou problemas de relacionamento. De acordo com ele, Figo havia deixado de cumprimentá-lo desde que fora preterido pelo brasileiro. O jornal esportivo “Record”, de Portugal, transcreveu assim sua declaração: “Não me dá os bons-dias nem as boas-noites. Agora falamos a um nível estritamente profissional”.⁸³

Campeão do Mundo com a Seleção Brasileira em 2002, Luiz Felipe Scolari é outro típico personagem da escola brasileira de futebol. É bem verdade que o gaúcho de Passo Fundo nunca foi conhecido por ser um dos grandes apreciadores do “futebol-arte”, tendo sempre, ao longo de sua carreira, priorizado a defesa ao ataque, o resultado ao jogo bonito. “Vai escrever, fazer poesia”, teria dito ele aos apoiadores do futebol espetáculo, segundo o jornalista Juca Kfoury.⁸⁴ Apesar disso, no entanto, Felipão, como é carinhosamente apelidado, tem pontos de vista semelhantes aos de Fernando Diniz e de Vanderlei Luxemburgo, a começar pela forma de exercer sua liderança. “Felipão é carismático, espontâneo, vibrante, um ótimo comunicador”, descreve-o Tostão, que fez parte do selecionado brasileiro que conquistou o tricampeonato mundial em 1970, no México.⁸⁵ “Indiferente ao futebol-arte, Luiz Felipe Scolari encarna a figura do líder paternal que cobra e protege seus jogadores em nome da vitória a qualquer preço”.⁸⁶ É assim que o define Daniel Galera, escritor radicado em Porto Alegre e torcedor do Grêmio. Tostão sublinha outro traço da sua personalidade:

É emotivo – alterna momentos carinhosos, de ternura, com outros, agressivos e destemperados. Às vezes é surpreendentemente ousado e ofensivo. Em outras ocasiões é retranqueiro. Ele é estudioso, conhece bem os detalhes técnicos e táticos, mas costuma agir, durante as partidas, por impulso e intuição. É sua maior qualidade e seu principal defeito.⁸⁷

Os alter-egos de Felipão incluem, de acordo com o próprio Tostão, Mano Menezes e Carlos Alberto Parreira. “Mano Menezes é um treinador científico, racional, que sorri pela metade”,

⁸³ VANDERLEI Luxemburgo diz que Figo nem o cumprimenta. Disponível em:

<https://www.record.pt/internacional/detalhe/vanderlei-luxemburgo-diz-que-figo-nem-o-cumprimenta>. Acesso em: 8 mai. 2025.

⁸⁴ GALERA, Daniel. Sem poesia, com afeto. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/sem-poesia-com-afeto/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

⁸⁵ TOSTÃO. Obrigação e retrocesso. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/obrigacao-eretrocesso/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

⁸⁶ GALERA, Daniel. Sem poesia, com afeto. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/sem-poesia-com-afeto/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

⁸⁷ TOSTÃO. Obrigação e retrocesso. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/obrigacao-eretrocesso/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

enquanto Parreira é “sóbrio, previsível, monótono, linear”.⁸⁸ Ainda segundo a opinião do ex-jogador do Cruzeiro e do Vasco, o perfil intuitivo-emocional de Luiz Felipe Scolari explicaria por que o treinador não conseguiu repetir no Chelsea o sucesso conseguido nas seleções brasileira e portuguesa. Parreira, que é o oposto de Felipão, talvez tivesse se saído melhor na Inglaterra.

[...] Teria grandes chances de dar certo, com seu inglês perfeito, sua racionalidade e formalidade. Já Felipão, que tem características opostas às de Parreira e não domina tanto o inglês, não daria certo em nenhum time anglo-saxão, como não deu no Chelsea. Eles nunca entenderiam seus trejeitos e improvisações durante as partidas.⁸⁹

José Miguel Winsik, músico, compositor e ensaísta, também contrapõe o estilo de Carlos Alberto Parreira ao de Luiz Felipe Scolari. Ao contrário do primeiro, o ex-técnico do Grêmio, do Palmeiras e do Atlético-MG estaria mais preocupado com “uma eficiente administração de recursos humanos do que de preparação para uma sequência tática de jogos de xadrez em campo”.⁹⁰ Winsik, que é autor do livro “Veneno remédio: o futebol e o Brasil”, complementa o raciocínio mencionando “a frieza esquemática e teórica de Parreira”,⁹¹ uma abordagem que destoa da cordialidade de Luiz Felipe Scolari. “Felipão parecia não intimidar ou distanciar os jogadores com a frieza esquemática e teórica de um Parreira”, escreveu ele.⁹²

Homem cordial no *holodeck*

Tendo em mente os diferentes tipos de dominação idealizados por Weber, poder-se-ia classificar Fernando Diniz, Vanderlei Luxemburgo e Luis Felipe Scolari como líderes carismáticos, técnicos que apelam para o lado emocional e frequentemente confiam na intuição para extrair o máximo potencial criativo das equipes sob sua gestão. Com incontestável sucesso entre jogadores brasileiros, esse modelo de autoridade parece não se ajustar muito bem ao jeito como as coisas são feitas nos países europeus, supostamente mais inclinados a acreditar em uma administração racional e impessoal, calcada em valores como disciplina, obediência a regras e repetição exaustiva de procedimentos – diferença esta que pode estar na raiz das dificuldades de adaptação de técnicos e jogadores brasileiros ao futebol do velho continente. Outros fatores, como a velocidade e a intensidade com as quais as partidas são disputadas na Europa, além da maior exigência de força

⁸⁸ Ibid.

⁸⁹ Ibid.

⁹⁰ GALERA, Daniel. Sem poesia, com afeto. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/sem-poesia-com-afeto/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

⁹¹ Ibid.

⁹² Ibid.

física, também são obstáculos recorrentes. Não obstante, de acordo com boa parte dos relatos, o entrave mais complicado está na observância de imposições de ordem tática, principal preocupação dos europeus na visão dos brasileiros que estão ou já passaram pelo futebol do velho continente. E, nesse cenário, a julgar por esses depoimentos, tem-se a impressão de que o caminho para o sucesso no futebol europeu passa menos pela criatividade e mais pela disciplina e pelo esforço contínuos. Tendo se adaptado muito bem à cultura do futebol europeu, o jogador brasileiro Casemiro, que atualmente veste a camisa do Manchester United, da Inglaterra, já disse se sentir um jogador europeu. Em entrevista ao jornal espanhol “El País”, ele insinuou que o predicado que melhor define o comportamento da maioria dos jogadores naturais dos países do velho mundo seria a disposição para o “trabalho”, enquanto os jogadores brasileiros se caracterizariam pela “qualidade” e pela “magia”.

“É verdade que não me sinto como um jogador de futebol brasileiro. Alguns têm a qualidade, outros a magia, outros o trabalho. Eu, sem dúvida, tenho este último, a humildade e a vontade de querer ganhar sempre. Aprendi muitas coisas na Europa, me adaptei muito bem ao futebol daqui, talvez por isso pareça mais um jogador europeu do que brasileiro”, disse em entrevista [ao jornal espanhol] El País.⁹³

Força, velocidade, mobilidade, inteligência tática. O que todas essas qualidades têm em comum é o fato de que elas se prestam bem à “datatificação”, pilar fundamental do desenvolvimento de algoritmos e programas de computador, incluindo tanto *softwares* de avaliação de desempenho quanto jogos eletrônicos de futebol – cujas métricas em que se baseiam são, aliás, bastante similares, chegando ao ponto de os *games* serem utilizados pelos departamentos de *scouting* de muitos clubes de futebol como ferramenta de prospecção e recrutamento de jogadores. Por outro lado, as virtudes mais valorizadas pela cultura do futebol brasileiro, como “ginga”, “malícia”, por exemplo, são mais elusivas e, portanto, menos tangíveis. Além do mais, uma vez que os games nos colocam na posição de *managers* de avatares não humanos, o jogador não tem outra escolha senão abraçar o modelo de administração racional e impessoal, marca da cultura do futebol europeu. Assim, diante das evidências de que *games* como “FIFA” (EA Sports) e “Football Manager” (Sega) estão provocando mudanças profundas nas lentes através das quais diferentes gerações de brasileiros enxergam o futebol, impactando direta e indiretamente nas formas como estas se relacionam com o esporte mais popular do mundo e determinam suas preferências clubísticas, a hipótese aqui é a de que o estilo singularmente brasileiro de praticar o futebol está

⁹³ POR QUE jogadores brasileiros tem dificuldade de adaptação ao futebol europeu? Disponível em: <https://www.futebolinterior.com.br/por-que-jogadores-brasileiros-tem-dificuldade-de-adaptacao-ao-futebol-europeu/>. Acesso em: 8 mai. 2025.

hoje mais do que nunca sob pressão da espetacularização, a qual tem nos jogos eletrônicos alguns de seus principais vetores.

Por conseguinte, admite-se, também, que há uma certa correspondência entre forma social e forma subjetiva, isto é, entre estilo nacional de jogo e caráter da sociedade brasileira, respectivamente – com a ressalva, no entanto, de que isso não significa presumir que ambos sejam categorias estanques e imutáveis, mas processos historicamente determinados. “Esse é o problema da correspondência entre formas sociais e formas subjetivas. Que seria a ideia de um vínculo psicanalítico entre o sujeito e o todo da vida social, de caráter dialético. Essas coisas estão em relação – não estão cindidas nem se submetem hierarquicamente uma à outra”,⁹⁴ explica o psicanalista Tales Ab’Saber, professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Isto posto, e considerando-se que estilo de jogo pode ser equiparado a uma forma estética, tem-se que é praticamente inviável “conceber uma forma estética que tem conexão com uma forma social sem pensar o sujeito”.⁹⁵ Nesse sentido, o futebol-arte é encarado como a expressão estética de uma dada formação social, cujo sujeito ideal é o “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda. Como mais uma vez esclarece Ab’Saber, em entrevista ao jornal “Folha de São Paulo”: “O ‘homem cordial’, o ‘herói sem nenhum caráter’, a volubilidade ilustrada. São várias tentativas de nomear a equação história-sujeito do ponto de vista dessa periferia da modernidade, do capital. E todas apontam um ponto não coerente, não íntegro”.⁹⁶ Mas foi Sérgio Buarque de Holanda quem melhor enfrentou a questão. “O seu ‘homem cordial’ – para quem as relações pessoais e de afeto (para o bem ou para o mal) se sobrepõem à impessoalidade da lei e à norma social – é a própria encarnação do jeitinho brasileiro”, sustenta o sociólogo Francisco de Oliveira,⁹⁷ indo ao encontro do que disse Ab’Saber, que já havia chamado atenção para os paradoxos inerentes à cordialidade.

A cordialidade, que parece um dado de civilidade, na verdade é o que opera a supressão do espaço público. Esses são os paradoxos: aquilo que parece ser é acompanhado imediatamente de um não-ser. Isso tudo é matéria social brasileira, é estrutura da sociedade e da economia e é uma forma do sujeito: oscilante constantemente entre não-ser e ser o outro.⁹⁸

A esse respeito, nunca é demais lembrar que originalmente a palavra “cordial” significava aquilo que vem do coração. Ora, acontece que, em inúmeros aspectos, a europeização do futebol

94 CARIELLO, Rafael. Brasil é país de perversos, diz Tales Ab’Saber. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u59001.shtml>. Acesso em: 8 mai. 2025.

95 Ibid.

96 Ibid.

97 OLIVEIRA, Francisco de. Jeitinho e jeitão. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/jeitinho-e-jeitao/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

98 CARIELLO, Rafael. Brasil é país de perversos, diz Tales Ab’Saber. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u59001.shtml>. Acesso em: 8 mai. 2025.

brasileiro pode ser interpretada como representando o avanço da razão sobre o coração. Se, num passado não tão distante, o pensamento dominante no Brasil era muito condizente com a opinião de Nelson Rodrigues, para quem o futebol é um esporte que deve ser jogado “com o coração na ponta das chuteiras”, de uns tempos para cá tem ganhado força por aqui a máxima enunciada pelo holandês Johan Cruyff, lendário jogador do Ajax e do Barcelona, vice-campeão do mundo em 1974 com a camisa laranja da seleção dos Países Baixos: “Futebol é um jogo que se joga com a cabeça. As pernas estão lá apenas para te ajudar”.⁹⁹ O mesmo é observado também no que tange aos processos de construção de pertencimento clubístico. Até recentemente um legado “herdado, salvo raras exceções, da parentela masculina consanguínea (avô, pai, irmão, tio, primo etc.), ou de amigos próximos que, do ponto de vista afetivo, são significados como parte da família”,¹⁰⁰ como bem o define Arlei Sander Damo, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), “razão pela qual os clubes são ‘do coração’, dizem os torcedores, e os dísticos fixados às camisetas na altura do coração, topos corporal das emoções”,¹⁰¹ acrescenta ele, a verdade é que uma situação bem diferente se verifica nos dias de hoje, quando despontam formas de adesão aos clubes de futebol que são quase inteiramente mediadas pelos meios de comunicação e de entretenimento de massa e guiadas pelos imperativos da lógica da economia de mercado. O *homo cordialis*, então, começa a perder terreno para o *homo economicus*, com o cálculo racional se sobrepondo aos laços afetivos e familiares. O *esprit de finesse* é pouco a pouco suplantado pelo *esprit de géométrie*.

Os *games* são peças-chave na configuração do atual estado de coisas. Tendo os jogos eletrônicos se estabelecido no mercado de entretenimento e mídia na esteira do processo de mundialização e de mercantilização das identidades culturais do futebol, também colaboram para a ampla transformação destas em *commodities*, em itens comercializáveis e disponíveis para o consumo, e assim o fazem na medida em que participam em pleno da espetacularização do esporte, substituindo a vivência concreta do dia a dia do futebol por um regime de imagens fetichizadas. A “commodificação” das identidades culturais do futebol se beneficia igualmente do domínio do quantitativo sobre o qualitativo – domínio esse reforçado pelos *games*, algoritmos que operam com base em procedimentos de datatificação e digitalização, convertendo a realidade em dados que podem ser coletados, processados e utilizados. Os sistemas responsáveis pelos gráficos na tela e pela jogabilidade de um jogo eletrônico somente são possíveis graças ao nivelamento de diferentes tipos de atividades e ações sob o denominador comum do quantitativo, separando-os de seus

⁹⁹ MIRANDA, Leonardo. Futebol se joga com a cabeça. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/painel-tatico/post/2020/09/01/futebol-se-joga-com-a-cabeca.ghtml>. Acesso em: 5 mai. 2025.

¹⁰⁰ DAMO, Arlei Sander. O *ethos* capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (org.). Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

¹⁰¹ Ibid.

contextos específicos e tornando-os intercambiáveis entre si. Assim, analiticamente fragmentado e instrumentalmente reorganizado segundo categorias abstratas e uniformizadoras, o jogo de futebol acaba sendo reduzido a um conjunto heteróclito de tópicos como velocidade, chute, passe, drible, defesa e físico etc., aos quais se atribuem pontuações variáveis. Com efeito, tem-se que um jogador muito bem ranqueado terá sempre um bom desempenho, ainda mais porque fatores como força mental, resiliência e capacidade de adaptação – para citar apenas alguns exemplos – são quesitos que ficam de fora desta conta. Daí porque, nos *games*, não há problemas com falta de entrosamento; ninguém perde a cabeça ou fica nervoso com o barulho e a pressão da torcida adversária. Além disso, uma vez que apenas as características individuais dos jogadores são levadas em consideração na formação da escala de valores, aspectos como disciplina coletiva e organização tática aparecem como uma constante nos jogos eletrônicos de futebol. Mudam-se os esquemas de jogo, os jogadores, os adversários e até mesmo os estádios, mas as equipes, cuja performance é decidida, sobretudo, pela soma das notas individuais recebidas pelos jogadores, demonstram um incrível sentido de organicidade – com movimentos coordenados de fazer inveja às legiões romanas. Por tudo isso, embora devam ser guardadas as devidas proporções, a popularização dos jogos eletrônicos tem significado comparável à “difusão universal dos relógios de bolso”, pois tanto a primeira quanto a segunda representam, cada uma à sua maneira, a externalização da tendência à segmentação, à geometrização e à racionalização da experiência.¹⁰²

“Ódio eterno ao futebol moderno”

Se, por um lado, como já vimos, existem, indubitavelmente, aspectos problemáticos inerentes à agenda que opõe duas categorias, quais sejam: o “atraso” e o “moderno” – esta última frequentemente associada à “europeização” –, por outro lado, a bem da verdade, faz-se necessário salientar que os discursos que se traduzem em palavras de ordem que incitam, por exemplo, “ódio eterno ao futebol moderno”, ou que clamam pelo resgate da verdadeira “essência” do futebol brasileiro, não raro acabam por manifestar um viés um tanto quanto conservador, quase sempre desembocando em uma espécie de justificativa ao *status quo*. “Ódio eterno ao futebol moderno é ótima palavra de ordem, mas tem um porém”, afirma o jornalista e sociólogo Juca Kfoury, em

¹⁰² SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, G. (Org.). Fenômeno urbano. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979. p. 11-25.

coluna publicada no portal “UOL”.¹⁰³ “Óbvio romantismo tem seu lado idealista que lembra gramados enlameados e arquibancadas ruins”, completa ele.¹⁰⁴

Em alguns casos, as coisas podem ser ainda piores, chegando às raias da xenofobia. Nesse sentido, chama atenção uma declaração de Galvão Bueno, famoso apresentador de TV e narrador esportivo. Segundo ele, há estrangeiros demais no futebol brasileiro. Em entrevista à “Romário TV”, Galvão Bueno criticou a quantidade de jogadores estrangeiros atuando no Brasil: “Outro dia o Palmeiras jogou com oito estrangeiros contra o Corinthians. Muitas vezes o Flamengo começa o jogo com seis. Eu acho que isso não é legal para o futebol brasileiro. Toma espaço”.¹⁰⁵

Em sintonia com a opinião de Galvão Bueno, com quem divide a bancada do programa “Galvão e Amigos”, na TV Bandeirantes, Vanderlei Luxemburgo, ex-técnico da Seleção Brasileira, sustenta que ideias e modelos importados da Europa colocam em perigo “essência” do futebol brasileiro. Na visão dele, as mudanças mais preocupantes têm ocorrido na formação dos atletas da base, onde a ênfase recai, cada vez mais, na valorização do espírito associativo, na importância da reflexão no processo de tomada de decisão e no mérito da compreensão cerebral do jogo, em contraste com individualismo, a intuição, o improviso e o conhecimento empírico. “Nós não podemos ser jogadores táticos. Nós temos que voltar a ser jogadores empíricos, para a nossa essência. Porque quem ganha é a nossa capacidade de empirismo, nossa qualidade técnica, nossa habilidade, nossa vocação para o jogo ofensivo”.¹⁰⁶

Mas a fala mais emblemática talvez tenha vindo de Fábio Sormani. O jornalista da revista “Placar” ficou furioso com a derrota do Brasil para a Argentina por 4 a 1 em partida válida pelas Eliminatórias da Copa do Mundo de 2026 e, durante a transmissão do canal do periódico no “YouTube”, esbravejou contra aqueles que, segundo ele, estão “acabando com o futebol brasileiro”. “A geração de Enzos está acabando com o futebol brasileiro”.

“Essa geração de ‘Enzos’ está acabando com o futebol brasileiro. Eu falo de você, torcedor, que fica admirando a Premier League e o futebol europeu. Não é possível que o Murillo (que jogou contra a Argentina) jogue mais que o Murillo do Palmeiras. O Lyanco joga mais que o Murillo. Mas os ‘Enzos’, que ficam babando na Premier League são os responsáveis por isso. Ficam colocando nas redes sociais o dia inteiro. Acaba impactando na mídia e na convocação da Seleção Brasileira. A mim vocês não enganam. Nunca me deixei enganar

103 KFOURI, Juca. Ódio eterno ao futebol moderno é ótima palavra de ordem, mas tem um porém. Disponível em: <https://blogdojuca.uol.com.br/2021/08/odio-eterno-ao-futebol-moderno-e-otima-palavra-de-ordem-mas-tem-um-porem/>. Acesso em: 23 set. 2025.

104 Ibid.

105 FILHO, Edison. “Tomam espaço”: Galvão sugere limitar estrangeiros no futebol brasileiro. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/tomam-espaco-galvao-sugere-limitar-estrangeiros-no-futebol-brasileiro/>. Acesso em: 6 mai. 2025.

106 BAHÚTE, Eder. Craque Neto define atacante medíocre no Brasil: “Não faz cinco gols”. Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2025/01/craque-neto-elege-atacante-mediocre-no-brasil-hoje>. Acesso em: 6 mai. 2025.

por Champions League nem Premier League. Eu tenho 67 anos de idade e, na minha época, o bom do futebol estava aqui, e não lá. Temos que valorizar o que é nosso, aqui” [...]107

Ao usar a expressão “geração de ‘Enzos’” para se referir, de forma pejorativa, aos jovens brasileiros fãs de futebol europeu, Sormani faz alusão ao nome que nos últimos anos ocupou as primeiras posições nas listas de registro de nascimento do país. No entanto, por motivos que não são claros, o nome de repente acabou caindo em descrédito, passando a ser “sinônimo de ‘mimizento’, ‘mimado’, ‘filhinho da mamãe’. Mais ou menos o que na infância dos anos 1980 chamávamos de ‘mauricinho’”, como explica Rosimeire de Oliveira Barbosa, titular da Defensoria Pública Especializada no Atendimento de Registros Públicos da Comarca de Manaus (AM) e membro do Comitê Municipal de Erradicação de Subregistro Civil de Nascimento e Implementação do Acesso à Documentação Básica da cidade de Manaus.¹⁰⁸

Adjetivos como esses são utilizados com frequência ao se traçar o perfil da “geração Playstation”. Alcysio Canette, advogado e ex-apresentador do podcast “Lado B do Rio”, já a definiu como uma geração de “voláteis” e “mimados”.¹⁰⁹ “É a primeira ‘geração globalizada’, que já cresceu com internet e TV a cabo em casa e jogando sofisticados games de futebol”, resume o jornalista Rodrigo Borges em artigo para o blog “Esporte Fino”.¹¹⁰ Como sugere o emprego da locução “geração PlayStation”, são jovens e adultos recém-saídos da adolescência que gastam boa parte do seu tempo livre jogando videogames. E tal como os “Enzos”, são grandes admiradores do futebol europeu. De fato, de acordo com o senso comum, a paixão por jogos eletrônicos e o entusiasmo com o futebol europeu estão diretamente interligados. Para o jornalista Felipe Noronha, se alguém defende o futebol europeu como modelo a ser seguido pelo Brasil, acredita que os jogadores tornam-se melhores quando jogam por times do velho continente ou torcem para clubes de lá, então pode ser considerado um legítimo integrante da geração PlayStation.¹¹¹ Noronha não menciona os videogames como um dos quesitos da lista que elaborou com as “10 provas de que

107 FILHO, Edison. “Geração de Enzos está acabando com o futebol brasileiro”, diz jornalista. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/selecao-brasileira/geracao-de-enzos-esta-acabando-com-o-futebol-brasileiro-diz-jornalista/>. Acesso em: 6 mai. 2025.

108 BARBOSA, Rosimeire de Oliveira. Um Enzo incomoda muita gente? Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2024-ago-03/um-enzo-incomoda-muita-gente/>. Acesso em: 7 mai. 2025.

109 CANETTE, Alcysio. Voláteis e mimados - A verdadeira Geração Playstation. Disponível em: <http://espfnfc.espn.uol.com.br/arsenal/arsenalismos/4376-volateis-e-mimados-a-verdadeira-geracao-playstation>. Acesso em: 30 jan. 2016.

110 BORGES, Rodrigo. Um brasileiro de 20 anos fanático pelo futebol romeno: por que ele é a cara da Geração Playstation. Disponível em: <http://esportefinal.cartacapital.com.br/geracao-playstation-brasileiro-blog-futebol-romenia/>. Acesso em: 30 jan. 2016.

111 NORONHA, Felipe. 10 males que os videogames fizeram aos fãs de futebol no Brasil. Disponível em: <https://listagram.wordpress.com/2015/07/06/10-males-que-os-videogames-fizeram-aos-fas-de-futebol-no-brasil/>. Acesso em: 30 jan. 2016.

você faz parte da Geração Playstation”, como ele a intitulou, mas faz uma recomendação: “Menos videogame, mais bola na rua, por favor”.¹¹²

A “gamificação” do esporte-espetáculo

Ouro termo cujo significado merece ser esclarecido é “gamificação”. Aqui, entende-se a gamificação do esporte-espetáculo como parte integrante do “movimento atual de ludificação”, o qual, segundo o historiador e jornalista francês Benoît Bréville, presidente e diretor editorial do “Le Monde Diplomatique”,

[...] se apoia na conjunção de três elementos a multiplicação das telas individuais, a explosão das capacidades de estoque e tratamento dos dados pessoais e a aceitação de uma ideologia que assemelha o humano a uma máquina de calcular seus interesses – e, a partir daí, disposto a só prestar atenção ao que lhe parece divertido ou lucrativo.¹¹³

Grosso modo, “gamificação” significa o uso de elementos e dinâmicas dos *games* em contextos que não são jogos com a intenção de tornar uma experiência mais interativa, motivadora e envolvente. Para ilustrar melhor isso, Bréville lembra das medidas adotadas por uma companhia de águas durante as tradicionais celebrações da Festa da Rainha, realizada todo dia 30 de abril na cidade de Amsterdã, capital da Holanda.

Todo dia 30 de abril, Amsterdã organiza a Festa da Rainha, uma imensa feira de antiguidades ao longo da qual os homens criaram o desagradável hábito de urinar na rua. A polícia bem que tentou, multiplicando as multas, mas nada parecia pôr fim a essa tradição. Até que a companhia de águas Waternet recorreu a uma medida inédita: a instalação em via pública de mictórios eletrônicos ligados a telas. Ao mesmo tempo que se aliviam, os caçadores de pechinchas de Amsterdã veem a imagem de seu avatar associada a uma pontuação. No fim do dia, o vencedor do concurso “Big pipi” ganha o reembolso de sua última conta de água. Uma tela, pontos, uma classificação, uma recompensa: esses elementos tomados emprestados do universo lúdico teriam provocado uma redução considerável das perturbações olfativas.¹¹⁴

Em um mundo cada vez mais desatento, em que a palavra de ordem é “engajamento”, a “gamificação” – isto é, o uso de elementos típicos da linguagem dos jogos eletrônicos na tentativa de motivar e envolver pessoas em contextos que não são de jogos, tornando essas ações e atividades mais atrativas e divertidas – é uma das fórmulas mais elementares de funcionamento da ideologia nos dias de hoje. Não causa surpresa, portanto, que a “ludificação” tenha se transformado em uma

¹¹² Ibid.

¹¹³ BRÉVILLE, Benoît; RIMBERT, Pierre. Para somar pontos, leia este artigo. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/para-somar-pontos-leia-este-artigo/>. Acesso em: 7 abr. 2025.

¹¹⁴ Ibid.

poderosa estratégia de vigilância e controle sob os auspícios do capitalismo da atenção. “Poucos entusiastas da ludificação ressaltam esse paralelo, mas a maneira como a mecânica lúdica colonizou nossa vida reflete estreitamente a expansão da lógica do mercado no cerne de nossas instituições sociais, culturais e políticas”, denuncia o pesquisador e especialista em tecnologia Evgeny Morozov, autor do livro intitulado “Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política” (Ubu, 2018). “Utilizar jogos para que as pessoas tomem seus remédios, parem de fumar ou frequentem a escola não é muito diferente de pagá-las para agirem assim”, sustenta ele.¹¹⁵

Obviamente, o futebol não foge a essa regra, algo que pode ser testemunhado, por exemplo, pelo estrondoso sucesso de *games* como “Cartola FC”. Lançado em 2005 por iniciativa do Grupo Globo, “Cartola FC” é um *fantasy game*, um jogo online onde os jogadores montam equipes virtuais a partir da seleção de atletas profissionais reais que disputam o Campeonato Brasileiro da Série A. Os times de fantasia, então, competem entre si com base no desempenho dos jogadores nos jogos do “Brasileirão”. Esse desempenho, por sua vez, é avaliado por meio das estatísticas dos jogadores nas partidas (passes certos, passes errados, gols anotados, cartões recebidos etc.). Além do retorno financeiro para o caixa do Grupo Globo, o “Cartola FC” também se mostra uma ótima ferramenta para aumentar o engajamento da audiência com os jogos do “Brasileirão”, cuja maior parte dos direitos de transmissão pertence ao Grupo Globo.¹¹⁶ O apelo do *fantasy game* junto ao público é mais um indício da reconfiguração da cultura do futebol no Brasil, seguindo uma tendência mundial em que as estatísticas vão se transformando em entretenimento.¹¹⁷ O futebol em si mesmo não é o bastante; é preciso, assim, dar novos significados ao esporte, tomando emprestados elementos do mundo dos *games*. Assim, a “gamificação” do futebol avança a reboque das demandas que emergem com as disputas pela atenção dos consumidores e à sombra do crescimento da popularidade e influência dos jogos eletrônicos. Porém, a “gamificação” não apenas redefine nossa relação com o esporte que é tido por muitos como o mais querido do mundo, solapando antigos valores e laços de solidariedade nos quais se baseavam a construção das narrativas em torno das identidades culturais do futebol brasileiro, mas também participa em pleno

¹¹⁵ Ibid.

¹¹⁶ CAPELO, Rodrigo. Com venda de direitos para a Globo, LFU chega a R\$ 1,5 bilhão em receita com mídia do Brasileirão. Disponível em: <https://ge.globo.com/negocios-do-esporte/noticia/2025/01/31/com-venda-de-direitos-para-a-globo-lfu-chega-a-r-1-5-bilhao-em-receita-com-midia-do-brasileirao.ghtml>. Acesso em: 8 abr. 2025.

¹¹⁷ MAIA, Bruno. 'Quanto pontos fiz no Cartola?' Como as estatísticas viraram entretenimento no esporte. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/artigo-quantos-pontos-fiz-no-cartola-como-as-estatisticas-derivaram-entretenimento-no-esporte-1-24590492>. Acesso em: 22 mai. 2025.

da “digitalização e datatificação da vida”¹¹⁸ – e, por extensão, da “universalização da irreabilidade” –,
¹¹⁹ movimento decisivo para o triunfo do capitalismo de vigilância sobre o esporte-espetáculo.¹²⁰

A “desaturatização” do “futebol-arte”

Menos óbvios do que os aspectos ideológicos são os elementos utópicos presentes na visão de mundo associada à “gamificação” da realidade. No entanto, por mais difícil que seja encontrá-los, não se pode simplesmente ignorá-los, sob pena de manietar o trabalho da crítica, que não deve se eximir da responsabilidade de lançar luz sobre o impulso na direção de um outro mundo possível, subjacente a qualquer arranjo ideológico. Nesse sentido, talvez seja útil lembrar as palavras de Jane McGonigal, designer de *games* e diretora de pesquisas do *Institute for the Future*, em Palo Alto, Califórnia. “A realidade, comparada com os games, está quebrada. Nós precisamos começar a fazer games para consertá-la”, defende ela, que é autora do livro “A realidade em jogo: Por que os games nos tornam melhor e como eles podem mudar o mundo: Por que os games nos tornam melhor e como eles podem mudar o mundo” (Best Seller, 2012). “A realidade”, reforça McGonigal, “não foi desenhada para nos fazer felizes, e os jogos provêm recompensas que o mundo não nos dá.”¹²¹ Mas, concordando-se ou não com McGonigal, isso não desabona a proposição básica segundo a qual toda e qualquer visão de mundo “contém como impulso subjacente, embora na forma inconsciente amiúde distorcida e recalçada, nosso imaginário mais profundo sobre a natureza da vida social, tanto no modo como a vivemos agora como aquele que – sentimos em nosso íntimo – deveria ser”.¹²² Ainda de acordo com as palavras de Fredric Jameson:

[...] Em meio a uma sociedade privatizada e psicologizada, obcecada pelas mercadorias e bombardeada pelos *slogans* ideológicos dos grandes negócios, trata-se de reacender algum sentido do inerradicável impulso na direção da coletividade, que pode ser detectado, não importa quão vaga e debilmente, nas mais degradadas obras da cultura de massa, tão certo como nos clássicos do modernismo. Eis a indispensável pré-condição de qualquer intervenção marxista significativa na cultura contemporânea.¹²³

¹¹⁸ SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos. (2021). Digitalização e dataficação da vida. *Civitas - Revista De Ciências Sociais*, 21(2), 186–192. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.40987>

¹¹⁹ RODRIGUES, Luciana Azevedo; FARIAS, Márcio Norberto. A desatenção como um eco da paixão pelo real. *Educação Em Revista*, 28(1), 441–458. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982012000100019>

¹²⁰ ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

¹²¹ MUNIZ, Diógenes. *A overdose dos games*. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il2703201107.htm>. Acesso em: 8 ago. 2024.

¹²² JAMESON, Fredric. *Reificação e utopia na cultura de massa*. In: JAMESON, Fredric. *As marcas do visível*. Rio de Janeiro: Graal, 1995, p. 35.

¹²³ Ibid.

Marcos Alvito já disse certa vez que o futebol vendeu sua alma para a indústria do entretenimento. Em artigo publicado na revista “Piauí”, ele lamentou o fato de que os estádios de futebol haviam se transformado em estúdios de televisão.¹²⁴ Atualmente, há quem se queixe de que o espetáculo está mudando para se ajustar às expectativas e aos interesses dos consumidores formados sob o peso da influência das mais recentes inovações nas tecnologias de informação e de comunicação de massa, convertendo a experiência com o futebol em algo próximo a um jogo de videogame. Essa é, por exemplo, a opinião do jornalista esportivo Arnaldo Ribeiro, que chama a atenção para a linha de continuidade entre o fascínio pelos jogos eletrônicos e a importância adquirida pelo “Árbitro Assistente de Vídeo” – ou “Video Assistant Referee” (VAR), em inglês – nas decisões tomadas pelos juízes em campo.

A gente desaprendeu a ver futebol, nós comunicadores estragamos toda uma geração de amantes de futebol com essas porcarias. E o VAR é mais ou menos isso, porque com 380 mil câmeras ele pode identificar mil coisas. [...] nós viciamos o cara que gosta de futebol a ver o jogo só pelo viés da arbitragem, a culpa é nossa. Então, com todos os aparatos, a gente tenta transformar um jogo de futebol em um videogame, é o futebol não real.¹²⁵

Apesar de tudo, porém, como um dos sintomas da “gamificação” do esporte-espetáculo, a “desaturatização” do “futebol-arte” que acompanha o processo de modernização à europeia pode significar a abertura de um flanco importante para revisão crítica dos pressupostos materiais e ideológicos nos quais estão baseadas as identidades culturais do futebol brasileiro – alguns dos quais estão intimamente relacionados com um conjunto de práticas que inclui desde a desconfiança anti-intelectual e irracionalista face ao conhecimento e à inovação, passando também pela valorização de um estilo de liderança paternalista e autoritário, até chegar à máxima de tentar *levar vantagem em tudo*, pensamento este expresso na famosa frase de Gérson, campeão do mundo em 1970, proferida em campanha publicitária da marca de cigarros Vila Rica: “Gosto de levar vantagem em tudo, certo?” A partir de então, a frase passou a ser utilizada para referir-se a “uma regra tácita daqueles que querem levar vantagem sobre os demais, de forma antiética, como que passando os

124 ALVITO, Marcos. O esporte que vendeu a sua alma. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-esporte-que-vendeu-a-sua-alma/>. Acesso em: 27 mar. 2025.

125 GOL de Lucas foi de mão? 'Transformamos futebol em videogame', diz Arnaldo. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/esporte/2023/08/17/gol-de-lucas-foi-de-mao-transformamos-futebol-em-videogame-diz-arnaldo.htm>. Acesso em: 20 ago. 2025.

demais para trás”,¹²⁶ tornando-se sinônimo de dar uma “pernada nos outros”, segundo definição do próprio ex-jogador da Seleção Brasileira.¹²⁷ O *slogan* ficou conhecido como a “Lei de Gérson”.

O barroquismo brasileiro entre a dominação e a emancipação

Jogar com o regulamento debaixo do braço é um conhecido jargão do futebol. Em linhas gerais, resume-se a tirar vantagem da regra, usando-a em benefício próprio para alcançar um objetivo. A rigor, não chega a ser um expediente ilegal, mas quase sempre é considerado uma ação reprovável do ponto de vista moral. Pode-se citar, por exemplo, uma situação de competição de competição em que o arqueiro simula estar machucado a fim de ganhar tempo, aproveitando-se do fato de que apenas os atletas que jogam nessa posição podem receber atendimento médico sem que sejam obrigados a sair do gramado, uma vez que uma partida de futebol não pode começar ou continuar se uma das equipes não tiver goleiro. Todavia, a despeito de estar bem consciente de sua imoralidade, *jogar com o regulamento debaixo do braço* é tido por boa parte dos dirigentes, comissões técnicas, jogadores – e até mesmo pelos próprios torcedores – como algo indispensável para quem quer ser bem-sucedido em qualquer esporte de alto rendimento, especialmente no futebol. Nesse sentido, as declarações de Bruno Vicintin, ex-vice-presidente de futebol do Cruzeiro, são emblemáticas: “Não dá para ser otário”, disse ele, manifestando-se contra a prática do *fair play* após o empate de 1 a 1 da Raposa com o América-MG pela 4ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2016.¹²⁸

Paradoxalmente, aqui a norma de ouro para o sucesso parece ser a capacidade de saber tirar vantagem da regra, torcendo (e distorcendo) a lei e aplicando-a de forma arbitrária. “É sintomático que a fórmula de querer ‘levar vantagem em tudo’ como uma percepção dos brasileiros entre si tenha se convertido na paradoxal expressão ‘lei de Gérson’ (alusão ao famoso jogador de futebol da seleção brasileira)”,¹²⁹ constata Gisálio Cerqueira Filho, que explica o porquê da aparente contradição que está implícita na expressão “Lei de Gérson” para definir quem tenta levar vantagem em tudo e de qualquer maneira, mandando às favas os escrúpulos de consciência: “O

126 SANTIAGO, José Renato; MALVA, Pamela. Lei de Gérson: Como uma campanha publicitária de cigarros herdou o sentido negativo do ‘jeitinho brasileiro’. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/almanaque/lei-de-gerson-como-surgiu-lei-da-vantagem-atribuida-ao-jogador.phtml>. Acesso em: 18 jun. 2025.

127 POMBO, Bernardo; RADEMAKER, Cauê; MARÁ, Márcio. Canhota sem filtro: basta no cigarro, paz com Pelé e ira com Lei de Gerson. Disponível em: <https://ge.globo.com/rj/futebol/noticia/2016/12/canhota-sem-filtro-basta-no-cigarro-paz-com-pele-e-ira-com-lei-de-gerson.html>. Acesso em: 24 ago. 2025.

128 CONTRA o fair play, Bento recebe apoio no Cruzeiro: “Não dá para ser otário”. Disponível em: <https://www.lance.com.br/cruzeiro/contra-fair-play-bento-recebe-apoio-cruzeiro-nao-para-ser-otario.html>. Acesso em: 25 ago.2025.

129 CERQUEIRA FILHO, Gisálio. A ideologia do Favor & A Ignorância Simbólica da Lei. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1993, p. 25.

paradoxo consiste precisamente no fato de que a ausência de limite (‘levar vantagem em tudo’) se auto-nomeie de limite (lei... ainda que de Gérson)”.¹³⁰

No Brasil, a “lei de Gérson” encontra terreno fértil em uma cultura mais preocupada em colher os louros do sucesso do que em “competir com dignidade”, como recomendava o Barão de Coubertin. “O importante não é vencer, mas competir”,¹³¹ disse ele, que é considerado o “pai das Olimpíadas modernas”.¹³² Aqui no calor dos trópicos, porém, as coisas parecem ser diferentes. Como diz o ditado popular, repetido de norte a sul do país: “Brasileiro não gosta de esporte, gosta de ganhar”.¹³³ Exagero ou não, a verdade é que a inclinação para burlar o espírito das regras do jogo é maior onde se valoriza a vitória a qualquer custo, muitas vezes em detrimento do espírito esportivo e da integridade do certame. E, em um cenário como esse, não é incomum que alguns dos principais agentes do futebol-espetáculo às vezes se sintam autorizados a seguir a “Lei de Gérson” para resolver problemas dentro e fora dos gramados. O que se vê, então, é um verdadeiro “self-service normativo” – para usar a expressão empregada por Gisálio Cerqueira Filho, inspirado nas reflexões do historiador do direito e psicanalista francês Pierre Legendre,¹³⁴ a fim de se referir à aplicação casuística da regra (cujo outro lado da moeda é o que ele mesmo denomina de ignorância simbólica da lei, isto é, a “ambígua situação de contradição quase que permanente entre reconhecimento da lei simultaneamente com o seu próprio desconhecimento”).¹³⁵ Nas palavras de Gisálio Cerqueira Filho:

O self-service normativo acentua a arbitrariedade: seja na utilização da norma conforme o poder dos que a ela recorrem, seja na instauração da validade relativa da norma [...]. Este conjunto de ocorrências, que caracteriza a utilização da norma fora dos marcos da equanimidade, distributividade, extensibilidade e igualdade (que estamos chamando de self-service normativo) compromete definitivamente e tragicamente a democracia.¹³⁶

No âmbito do futebol, a relação entre “malandragem” e “violência” é patente nas declarações que endossam a prática do anti-jogo como estratégia para obter vantagem em

¹³⁰ Ibid.

¹³¹ “O IMPORTANTE não é vencer, mas competir”. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/o-importante-nao-e-vencer-mas-competir/>. Acesso em: 25 ago. 2025.

¹³² BARÃO de Coubertin: conheça a história do “pai” dos Jogos Olímpicos modernos. Disponível em: <https://gq.globo.com/GQ-no-podio/noticia/2016/07/barao-de-coubertin-conheca-historia-do-pai-dos-jogos-olimpicos-modernos.html>. Acesso em: 25 ago. 2025.

¹³³ IZIDRO, Marina. Brasileiro gosta de esporte ou de vencer? Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marina-izidro/2025/08/brasileiro-gosta-de-esporte-ou-de-vencer.shtml>. Acesso em: 25 ago. 2025.

¹³⁴ LEGENDRE, Pierre. O amor do censor: ensaio sobre a ordem dogmática. Rio de Janeiro: Forense, 1983.

¹³⁵ CERQUEIRA FILHO, Gisálio. A ideologia do Favor & A Ignorância Simbólica da Lei. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1993, p. 26.

¹³⁶ CERQUEIRA FILHO, Gisálio. Édipo e excesso. Porto alegre: Sérgio Fabris Editor, 2002, p. 30.

determinadas situações em campo (como fazer faltas para impedir contra-ataques), já tendo inclusive sido abordada em coluna do jornalista Fernando Calazans no jornal “O Globo”, publicada em 18 de setembro de 2018. “São constantes as vezes em que um jogador comete uma falta desleal, por trás, até para cortar um contra-ataque do rival, e o árbitro não lhe dá sequer um cartão amarelo”,¹³⁷ protesta ele, que aponta a leniência da arbitragem brasileira como principal responsável pelo cenário. “A não punição dos faltosos e dos recursos ‘táticos’ para parar o jogo de propósito é um dos fatores, talvez o mais grave, para irritar jogadores que são vítimas dessas atitudes e também os seus companheiros de time”.¹³⁸ Porém, Fernando Calazans não isenta de culpa técnicos e jogadores, os quais, na opinião dele, também precisam adotar “um comportamento mais educado, mais civilizado, com mais espírito esportivo, na verdadeira acepção da palavra. Sem o intuito de vencer a disputa no campo à base de malandragem”.¹³⁹

No entanto, como se depreende das reflexões e afirmativas de Gisálio Cerqueira Filho sobre os temas da ignorância simbólica da lei e o *self-service* normativo, as ressonâncias da “Lei de Gérson” vão muito além do campo de futebol, gravando-se no imaginário social brasileiro como uma das metáforas que melhor expressa a “cultura do desrespeito à lei”,¹⁴⁰ uma herança do autoritarismo que remonta ao passado colonial e escravista do país.¹⁴¹ Em suma: “O desrespeito à lei como mecanismo inscrito na cultura da violência”,¹⁴² como sublinha o professor de Teoria Política e membro permanente do Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense na área de pesquisa “teoria política e interpretações do Brasil”, e que se revela de forma clara no enunciado da “lei de Gérson”, sintoma do desmando e do arbítrio que são inerentes à ignorância simbólica da lei – que, por seu turno, “é introjetada a nível profundo pelos sujeitos históricos”.¹⁴³ Em outras palavras, isso equivale a dizer que a ignorância simbólica da lei inscreve-se “na formação social brasileira que configura as subjetividades”,¹⁴⁴ com consequências trágicas e funestas para a civilização e a democracia brasileiras. “O extermínio humano, por exemplo, no Rio de Janeiro, é um aspecto desta tragédia que passamos a nomear de ignorância simbólica da lei”.¹⁴⁵

¹³⁷ CALAZANS, Fernando. Malandragem e violência no jogo. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/esportes/malandragem-violencia-no-jogo-23080761>. Acesso em: 25 ago. 2025.

¹³⁸ Ibid.

¹³⁹ Ibid.

¹⁴⁰ CERQUEIRA FILHO, Gisálio. A ideologia do Favor & A Ignorância Simbólica da Lei. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1993, p. 28.

¹⁴¹ SCHWARZ, Lília Katri Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

¹⁴² CERQUEIRA FILHO, Gisálio. A ideologia do Favor & A Ignorância Simbólica da Lei. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1993, p. 28.

¹⁴³ Ibid., p. 26.

¹⁴⁴ Ibid., p. 28.

¹⁴⁵ Ibid., p. 15.

Além disso, para alguns, o cinismo em relação à lei, cristalizado no *slogan* proferido pelo ex-jogador Gérson para icônica propaganda dos anos 1970 dos cigarros “Vila Rica” (que virou sinônimo do “jeitinho brasileiro”), pode ser interpretado como uma das mais representativas manifestações da vertente mais soturna e problemática do legado barroco e de sua influência não apenas no estilo nacional de jogar futebol, mas também na cultura, na política e na sociedade brasileiras como um todo, configurando-se, desta perspectiva, como um entrave, um obstáculo no combate à “cultura do desrespeito à lei” que grassa por aqui, tanto no que diz respeito às decisões tomadas dentro e fora dos gramados quanto no que tange às ações nas esferas da política. Pode-se afirmar, portanto, que a “lei de Gérson” é uma das faces mais proeminentes da hegemonia do pensamento ibero-americano sobre o futebol e a sociedade brasileira – hegemonia esta que faz com que ideias e modelos importados da Europa pareçam “deslocados” ou “fora de lugar”¹⁴⁶ quando confrontados com a nossa realidade (e isso vale tanto para o futebol em particular como para o plano político-ideológico mais amplo). A este respeito, ainda de acordo com Gisálio Cerqueira Filho:

Os pressupostos políticos do pensamento filosófico burguês apontam na direção do método empírico, de uma racionalidade dessacralizada e utilitária que fazia do conceito de “indivíduo” o eixo central para a construção do corpo político. Bloqueado o fluxo para tal opção a nível ideológico, o pensamento ibero-americano refugiou-se na herança espiritual da Idade Média, assumindo uma postura anti-maquiavélica, anti-Reforma, de caráter acentuadamente reacionário. Estas escolhas feitas por Portugal e Espanha são cruciais para a compreensão de uma sociedade brasileira onde prevalecem as práticas da ideologia do favor, sem prejuízo de um certo acolhimento para as ideias liberais (sobretudo a partir de 1808 com a abertura dos portos, o fim do monopólio comercial metropolitano) e a presença do mais vil autoritarismo (a vida longa da escravidão no Brasil e a brutal exploração do trabalho).¹⁴⁷

Tal domínio ideológico do pensamento ibero-americano na formação da consciência e do caráter nacional também costuma ser chamada de “barroquismo brasileiro”. Pelo menos é assim que alguns dos intelectuais que integram a tradição liberal se referem a esta situação de hegemonia. É o caso, por exemplo, de Merval Pereira, jornalista, comentarista e escritor. “O barroquismo brasileiro é uma metáfora do país que herdou o olhar barroco das artes plásticas desde o século XVI, que se mantém enraizado na nossa cultura até os dias de hoje”,¹⁴⁸ explica ele, que, na condição de

146 SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

147 CERQUEIRA FILHO, Gisálio. A ideologia do Favor & A Ignorância Simbólica da Lei. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1993, p. 20.

148 CICLO da Academia Brasileira de Letras debate o barroquismo. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/ciclo-da-academia-brasileira-de-letras-debate-barroquismo-23200392>. Acesso em: 26 ago. 2025.

presidente da Academia Brasileira de Letras, promoveu recentemente uma série de seminários para discutir o tema.¹⁴⁹

No âmbito das artes plásticas, o barroco pode ser caracterizado pela presença de elementos como distorção de ângulos, ruptura de proporções, deformação escatológica, entre outros, bem como pela reação aos ideais de normatividade (marca esta que, diga-se de passagem, o barroco também compartilha com o maneirismo).¹⁵⁰ Daí se explica, em parte, por que são frequentes as menções à palavras como “distorção” quando se quer fazer referência ao estilo barroco.¹⁵¹ Com efeito, ainda de acordo com o próprio Merval Pereira, o “barroquismo” seria sinônimo de “distorções brasileiras entre a teoria e a prática, o pensar e o agir, entre o código moral e a conduta social, entre a lei e observância da lei no cotidiano de nossa sociedade, onde há leis que simplesmente não pegam”.¹⁵²

Não obstante, vale ressaltar que, diferentemente do que querem fazer crer certos círculos liberais, onde há mais hostilidade ao pensamento ibero-americano, o “barroquismo brasileiro” – como, de resto, toda e qualquer visão de mundo – não se resume apenas aos seus elementos ideológicos, encerrando, também, uma dimensão utópica. Tendo em mente a definição de ideologia segundo a qual encontrar-nos-íamos “dentro do espaço ideológico propriamente dito”¹⁵³ quando determinado conteúdo do discurso “é funcional com respeito a alguma relação de dominação social (‘poder’, ‘exploração’) de maneira intrinsecamente não transparente”¹⁵⁴ (considerando-se que, “para ser eficaz, a lógica de legitimação da relação de dominação tem que permanecer oculta”¹⁵⁵), tem-se que “barroquismo” inerente àquilo que podemos chamar de “futebol brasileiro” pode, eventualmente, em algumas situações, ser “desfuncional” no que toca à ordem sociocultural e ideológica. Ora, na medida em que não encontra equacionamento satisfatório no interior da ordem simbólica que dá consistência à realidade do futebol moderno – cujos pilares fundamentais são, como já foi anteriormente referido, a mercantilização dos vínculos humanos, a elitização dos estádios,¹⁵⁶ a cultura do “resultadismo”¹⁵⁷ e o “produtivismo” taylorista –, o “futebol barroco-

149 Ibid.

150 HAUSER, Arnold. História social da arte e da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

151 MAURANO, Denise. Torções: a psicanálise, o Barroco e o Brasil. Curitiba, Editora CRV, 2011.

152 Ibid.

153 ZIZEK, Slavoj. O espectro da ideologia. In: ZIZEK, Slavoj. (org.) Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 13.

154 Ibid., p. 13-14.

155 Ibid., p. 14.

156 A elitização dos estádios é uma condição praticamente indispensável para o sucesso do atual modelo de negócios do futebol moderno, baseado na ampliação do alcance e do impacto das tecnologias de informação e de comunicação de massa. Isso porque quanto menor o número de pessoas nos estádios, maior a audiência das transmissões esportivas. Como resultado dessa equação, a capacidade dos estádios foi sendo progressivamente reduzida. Paralelamente a isso, a venda de direitos de transmissão de jogos para canais de televisão e plataformas online tornou-se a principal fonte de receitas de clubes e seleções nacionais.

mestiço” (ou “futebol-arte”),¹⁵⁸ quando em contato com ideias e valores hoje dominantes, produz uma espécie de “curto-circuito”¹⁵⁹, o qual pode ser entendido como um indicativo de que existe uma lacuna insuperável entre este que se supõe ser um persistente traço de nosso caráter nacional e os discursos alinhados com a ideologia do esporte-espetáculo, cujo principal pedra de toque é a exaltação da modernização à europeia.

O lugar da análise crítica da ideologia dos jogos eletrônicos

Ocupando um lugar especial na análise dos discursos sobre o futebol-espetáculo, os jogos eletrônicos muitas vezes estão no centro das discussões entre “apocalípticos” e “integrados”, ora sendo apresentados como pivôs da “modernização”, ora como promotores da “aculturação”. De qualquer maneira, os jogos eletrônicos são, eles próprios, formações discursivas. Levando isso em consideração, assume-se, aqui, que os jogos eletrônicos são um tipo de texto¹⁶⁰ que possui uma estrutura narrativa¹⁶¹ e um sentido preferencial,¹⁶² além de um inconsciente.¹⁶³ A esse propósito, cabe salientar que os jogos eletrônicos, mesmo os mais simples, podem ser considerados, em sua maioria, como textos narrativos. Jannet Murray, professora do Instituto de Tecnologia da Geórgia e autora do livro “Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço” (2003), obra que se tornou uma referência importante no campo dos *game studies*, é uma das maiores defensoras dos games como narrativas. Em contribuição para o livro “First Person: New Media as Story, Performance, and Game” (2006), Murray sustenta o argumento de que “games são sempre histórias, mesmo jogos abstratos como damas ou Tetris, que falam sobre ganhar e perder, colocando o jogador na figura de um herói numa batalha contra o computador ou contra outro oponente”.¹⁶⁴ Com isso,

157 Aqui, faz-se uso da expressão “cultura do resultadismo” a fim de designar um sistema de relações simbólicas onde o resultado é considerado mais importante do que outras formas de vínculos e experiências. Um exemplo disso está no artigo do renomado advogado Eduardo Carlezzo, referência na área do Direito Desportivo, que argumenta que “os clubes brasileiros precisam virar empresas se quiserem ganhar o Mundial da Fifa”. In: MARTINS, Fernando Barbalho. Atrelar criação de clubes-empresa no Brasil à volta do título no Mundial reflete resultadismo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/artigo-atrelar-criacao-de-clubes-empresa-no-brasil-volta-do-titulo-no-mundial-reflete-resultadismo-24878849>. Acesso em: 10 jun. 2025.

158 Aqui, vale a pena sublinhar que “futebol barroco-mestiço” e “futebol-arte” são entendidos, acima de tudo, como “visões de mundo”.

159 ZIZEK, Slavoj. Um curto-circuito ideológico. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3110200408.htm>. Acesso em:

160 AARSETH, Espen J. *Cybertext: Perspectives on Ergodic Literature*. Johns Hopkins University Press, 1997.

161 BISSELL, Tom. *Extra Lives: Why Video Games Matter*. Pantheon, 2010.

162 HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

163 EAGLETON, Terry; BEAUMONT, Matthew. *A tarefa do crítico: diálogos com Terry Eagleton*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

164 MURRAY, Janet. “From Game-Story to Cyberdrama”. In: WARDROP-FRUIIN, Noah; HARRIGAN, Pat. *First Person. New Media as Story, Performance, and Game*. Cambridge/Massachusetts, The MIT Press, 2006. Apud: FERREIRA, Emmanoel. *Da arte de contar histórias: games, narrativa e interatividade*. In: III SEMINÁRIO JOGOS ELETRÔNICOS, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, 2007, Campina Grande. *Anais do III Seminário Jogos*

coloca-se imediatamente a obrigação de pensar sobre a natureza própria desse tipo de texto narrativo e sobre como interpretá-lo.

Segundo Espen J. Aarseth, atualmente um dos principais pesquisadores do Centro de Investigação de Jogos de Computador da Universidade de Copenhague, Dinamarca, e editor-chefe da revista eletrônica “Game Studies”, os jogos em ambientes virtuais encaixam-se perfeitamente na definição de “literatura ergódica”, termo cunhado por ele e que aparece pela primeira vez no livro no livro “Cybertext: Perspectives on Ergodic Literature” (Johns Hopkins University Press, 1997) para designar um tipo especial de literatura “em que, por meio de alguma manipulação, a experiência com um determinado texto muda de leitor para leitor”, contrastando com a chamada “literatura tradicional” – que, segundo o próprio Aarseth, é “passiva e linear”. A definição, porém, não se aplica somente aos jogos eletrônicos, sendo possível encontrar outros exemplos desse tipo de literatura antes do advento dos *games*. Aarseth lembra que “a literatura ergódica não é nova”, mas enfatiza que “essas iniciativas foram pontuais e não tiveram impacto na cultura geral ao ponto de influenciar comportamentos e produtos – ao contrário do que aconteceu com os *games*”.¹⁶⁵

Além do mais, sendo os jogos eletrônicos uma espécie de “texto” redigido em códigos por programadores, pode-se, por extensão, admitir possibilidade de existência de “textos” que são “narrativos”. Seguindo os passos de Katie Salen e Eric Zimmerman, Arthur Protasio explica que as narrativas podem ser divididas em duas possibilidades: “narrativa embutida” e “narrativa emergente”. A “narrativa embutida”, diz ele, é algo muito próximo ao roteiro de um filme. Assim como nos filmes, jogos eletrônicos também têm roteiros. Trata-se, portanto, daquilo “que é dado, imutável e pré-definido pela mídia”. Já a “narrativa emergente” pode ser entendida como sendo a “narrativa” ou simplesmente a “história” que vem à tona com a interação dos jogadores com o jogo, algo profundamente dependente da maneira como aqueles que jogam o jogo vivenciam e atribuem sentido esta experiência.¹⁶⁶

Mas, como nos lembra Stuart Hall, uma análise do tipo textual não pode negligenciar a dimensão ideológica dos processos de atribuição de significado. “Uso ideologia como aquilo que recorta a infinita semiose da linguagem. A linguagem é pura textualidade, mas a ideologia quer construir um significado particular”.¹⁶⁷ A ideologia, portanto, nada mais é do que “uma tentativa de

Eletrônicos, Comunicação e Educação: construindo novas trilhas, Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2007, p. 1-13.

¹⁶⁵ GAMES são influencia para a literatura, diz pesquisador. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tec/81515-games-sao-influencia-para-literatura-diz-pesquisador.shtml>. Acesso em: 8 ago. 2024.

¹⁶⁶ JUNIOR, Almany. Narrativas Transmídia. Disponível em: <https://medium.com/@Almany/narrativas-transm%C3%ADdiaec74af3a2e04#.auqif6c1e>. Acesso em: 17 mai 2016.

¹⁶⁷ HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, p. 408.

fixar o significado”.¹⁶⁸ Ora, “sem algumas fixações arbitrárias”, argumenta ele, “não existiria qualquer sentido ou significado. O que é ideologia, senão precisamente a tarefa de fixar significados através do estabelecimento, por seleção e combinação, de uma cadeia de equivalências?”.¹⁶⁹ Dessa maneira, partindo-se o pressuposto de que os jogos de vídeo baseados em futebol podem ser considerados como uma espécie de texto, e admitindo-se que “o texto dá preferência a certos tipos de significado”, procurando “fazer com que cada significado que você quer comunicar seja compreendido pela audiência somente daquela maneira pretendida”,¹⁷⁰ pretende-se desvendar o sentido que foi preferido na construção desses tipos de texto. É por isso que a noção de “leitura preferencial desempenha papel tão importante aqui. Segundo Hall,

Leitura preferencial é simplesmente um modo de dizer que, se você detém o controle dos aparatos de significação do mundo e do controle dos meios de comunicação, então você escreve os textos – até certo ponto, a leitura preferencial tem uma forma determinante. As decodificações que você faz se dão dentro do universo da codificação. Um tenta englobar o outro. A transparência entre o momento da codificação e a decodificação é o que eu chamaria de momento da hegemonia. Ser perfeitamente hegemônico é fazer com que cada significado que você quer comunicar seja compreendido pela audiência somente daquela maneira pretendida.¹⁷¹

Em outro trecho da entrevista concedida a Ian Angus, Jon Cruz, James Der Derian, Sut Jhally, Justin Lewis e Cathy Schwichtenberg na Universidade de Massachusetts, em fevereiro de 1989, o teórico cultural e sociólogo jamaicano por longo tempo radicado na Inglaterra recorre à obra literária de William Shakespeare a fim de tornar mais clara a noção de “leitura preferencial” adotada por ele.

Deixem-me tomar um texto que não provém da mídia, os textos muito complexos de uma peça de Shakespeare. Nós sabemos, hoje, 300 ou 400 anos depois, que uma peça desse autor pode ser produzida e lida da forma que se quiser. Existem centenas de leituras de Rei Lear. Entretanto, Shakespeare não estaria satisfeito com isso. Shakespeare quer que você veja Lear de um modo particular; ele quer fazer com que você não consiga ler essa peça de outra forma; você tem que ver Lear como o pai assediado. Se você escolhe lê-lo como um velho estúpido, que não tolera o fato de suas filhas trazerem muita gente para dentro de casa, essa é uma leitura aberrante. Shakespeare não quer que você o leia desse jeito. Portanto, penso que não somente existe uma vontade de poder na prática de significação, de codificação, mas creio que é possível ver esses elementos alojados no próprio texto.¹⁷²

No entanto, é preciso tomar cuidado para não reduzir a investigação dos elementos da leitura preferencial à intenção das pessoas envolvidas em cada uma das etapas de produção de um

¹⁶⁸ Ibid, p. 409.

¹⁶⁹ Ibid, p. 180.

¹⁷⁰ Ibid, p. 405.

¹⁷¹ Ibid, p. 405.

¹⁷² Ibid, p. 406.

jogo de vídeo. Isso significa dizer que, de certo modo e em alguma medida, o sentido preferido na construção de todo e qualquer jogo eletrônico é produto de decisões inconscientes e de constrangimentos relacionados a pressões institucionais e a cultura política e social mais ampla. Para dar conta desse aspecto importante da construção do significado, pode ser apropriado fazer uso da ideia de inconsciente do texto, sob a condição de que não seja confundida com o próprio inconsciente do autor.

Acho que podemos falar produtivamente de inconsciente do texto desde que estejamos conscientes dos perigos de antropomorfizar a obra dessa maneira. Não acho que o subtexto inconsciente seja o inconsciente do autor. Isso não quer dizer que o autor não tenha intenções inconscientes assim como conscientes. O texto tem um inconsciente porque – como qualquer exemplar de linguagem ou qualquer sujeito humano – ele está, em virtude de suas afirmações performativas, inevitavelmente envolvido em uma rede de significações que excede e às vezes subverte essa performance, e que não pode ser plenamente controlada. E esse inconsciente não é apenas algo-além-do-texto que está fora do alcance da obra; ele é uma falta de controle, uma maneira com a qual o texto evita a si mesmo e é não idêntico a si mesmo, que é inscrito dentro do próprio texto e sem o qual ele não poderia dizer absolutamente nada.¹⁷³

Outro aspecto importante que se deve levar em consideração para encontrar os elementos de leitura preferencial alojados dentro desses tipos de texto é o fato de que os jogos eletrônicos são, afinal, jogos. “Esse aspecto lúdico do ‘jogo de vídeo’” argumenta José Eisenberg, torna o videogame distinto de outras mídias, como o cinema e desenhos animados, por exemplo.¹⁷⁴ “Os games estimulam uma relação muito diferente aos seus consumidores. Ela é baseada em participação, não num consumo ingênuo”, disse Henry Jenkins, fundador e ex-diretor do Programa de Estudos de Mídia Comparada do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), em entrevista ao jornal “Folha de São Paulo”.¹⁷⁵ Mas, como salienta o próprio Jenkins, isso não quer dizer que não há tentativas de fixar significados, traçando os contornos e definindo os limites dentro dos quais os destinatários das mensagens irão decodificá-las. Nesse sentido, vale a pena ressaltar que, ao fim e ao cabo, as “decodificações” eventualmente realizadas pelos destinatários da mensagem “se dão dentro do universo da codificação”. “O verdadeiro poder dos jogos de computador é que eles nos levam a acreditar que fazemos o futuro por meio de nossas ações, enquanto a lógica do programa é predeterminada por seu criador. A ideologia, assim, pode trabalhar de forma invisível”.¹⁷⁶ Conclui-se, então, que não é possível tangenciar o aspecto lúdico e interativo dos jogos eletrônicos quando o que se procura encontrar são os elementos da leitura preferencial alojados no próprio texto. A

173 EAGLETON, Terry; BEAUMONT, Matthew. A tarefa do crítico: diálogos com Terry Eagleton. São Paulo: Editora UNESP, 2010., p. 154-155.

174 EISENBERG, José. A beleza em jogo. O Globo, Rio de Janeiro, 8 jan. 2011. Proza & Verso, p. 6.

175 INTERATIVIDADE dificulta uso político do game. Folha de São Paulo, São Paulo, 14 jul. 2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1407200211.htm>. Acesso em: 16 mai. 2016.

176 Ibid.

interatividade é, portanto, um elemento central na construção da cadeia de equivalências por meio da qual é possível fixar significados e, por consequência, transmitir ideias e valores por meio dos jogos eletrônicos; é também um elemento indispensável ao funcionamento da ideologia que reside nos jogos de computador, atuando sobre o jogador de modo invisível e silencioso através dos elementos “performativos” escondidos nas entrelinhas dos códigos de programação. Ao contrário do que acontece no rádio, no cinema, na televisão e em outros textos que não provêm da mídia, é por meio do processo de interação dos jogadores com as regras e os objetivos estabelecidos de acordo com os conceitos e as ideias que definem os contornos do desenho do jogo que os significados são fixados e os valores são transmitidos. Por conseguinte, ao se debruçar sobre os códigos e processos por meio dos quais os textos são construídos e os significados são fixados e transmitidos, é preciso entender a retórica própria a linguagem dos jogos eletrônicos.

Portanto, a referência ao conceito de ideologia se fundamenta na evidência de que os jogos eletrônicos são parte de uma extensa e complexa estrutura de percepção que, como toda e qualquer ideologia, sustenta o poder de uma classe social sobre as outras. Por conseguinte, todos os jogos eletrônicos, sem exceção, incorporam e expressam valores por meio dos quais homens e mulheres de um determinado tempo vivem e concebem o mundo à sua volta. Nesse sentido, jogos eletrônicos são formas específicas de se ver o mundo e, assim entendidos, devem ter alguma relação com a maneira dominante de enxergar o mundo. Mas que valores são esses? Onde e como encontrá-los? Ora, como já foi dito, a ideologia dos jogos eletrônicos reside, antes e acima de tudo, na interatividade – aspecto-chave na construção de significados no espaço do *gameplay*. Assim, tendo em mente a tarefa de trazer à tona a dimensão utópica dos jogos eletrônicos, coloca-se em perspectiva algumas das afirmações de Jenkins a respeito da relação de relativo distanciamento entre instrumentalização e interatividade. Apesar de não estar alheio à possibilidade de instrumentalização dos jogos eletrônicos, Jenkins talvez tenha se precipitado em sua avaliação sobre até que ponto a interatividade realmente promove o distanciamento crítico dos jogadores em relação aos conteúdos e valores veiculados por esse tipo de mídia digital. De todo modo, ele não deixa de notar que é precisamente por meio da interatividade que a ideologia opera no sentido de assegurar a legitimidade de uma certa visão de mundo.

Indo a campo para entender a relação entre *games* e a “europeização” do futebol

Sem muita dificuldade, percebe-se que há uma correlação bastante significativa entre a “gamificação” do esporte-espetáculo e a tendência de crescimento do número de brasileiros que torcem para times europeus. Mais difícil, no entanto, é entender como a linguagem e a retórica

jogos eletrônicos estão ajudando a definir o sentido da realidade na era do futebol globalizado – transformando-os, assim, em alguns dos principais “gatilhos” de atração para que os jovens se aproximem das equipes da Europa. Para atingir esse objetivo, já se disse anteriormente que a análise dos jogos eletrônicos é fundamental; mas também não se pode deixar de levar em conta os discursos daqueles que dizem ter tomado a decisão de torcer para um time estrangeiro por causa da influência dos *games* de futebol. Não obstante, no que toca a esse aspecto, nota-se que a “europeização” do futebol, impulsionada pela colaboração dos jogos eletrônicos, é ainda mais evidente entre os brasileiros que são fãs de clubes considerados “menos badalados” do velho continente.¹⁷⁷

Por conseguinte, tendo consciência da importância de ir mais a fundo no exame dos discursos desses sujeitos, o primeiro passo consistiu em fazer levantamento bibliográfico e também na internet em busca de mais informações sobre o assunto. Foi, então, com base no referido trabalho de revisão da literatura que se acabou chegando a uma série de reportagens e pesquisas sobre o crescimento da preferência dos brasileiros por clubes estrangeiros. No entanto, poucas foram as que se debruçaram com mais atenção sobre aqueles torcedores nacionais que tinham declarado apoio a times “menos badalados” do cenário internacional. Isso se explica, em boa parte, pelo foco do material, o qual, em linhas gerais, enfatiza tendências mais amplas do mercado e do consumidor, passando ao largo de casos específicos. Com efeito, o problema é que, a partir dessa ampla visão de conjunto, praticamente desaparecem as diferenças nas percepções e motivações entre, por exemplo, brasileiros que torcem por clubes como Barcelona, da Espanha, ou Manchester City, da Inglaterra, e os fãs nacionais de times como Tromsø Idrettslag, da Noruega, ou Legia Warszawa, da Polônia. Além de tudo, na maioria das vezes, com raríssimas exceções, a influência dos jogos eletrônicos de futebol é negligenciada em favor de uma abordagem que procura explicar o comportamento desse tipo de consumidor em termos de cálculo racional de custo e benefício.

Assim, a fim de compreender melhor e com maior profundidade a construção da preferência dos consumidores brasileiros de *games* de futebol por times do exterior considerados “pequenos”, foi-se às redes sociais à procura de informantes. Para encontrá-los, optou-se por concentrar as diligências no *Instagram*, que é uma das redes sociais mais usadas no Brasil atualmente, atrás apenas do *WhatsApp*.¹⁷⁸ Lançando mão do próprio mecanismo de busca do Instagram, encontrou-se inúmeras contas de perfis não oficiais de times estrangeiros criadas e

177 “EUROPEIZAÇÃO” do futebol: os brasileiros que torcem para times estrangeiros menos badalados. Disponível em: <https://jornalismorio.espm.br/geral/europeizacao-do-futebol-os-brasileiros-que-torcem-para-times-estrangeiros-menos-badalados/>. Acesso em: 30 set 2023.

178 SAIBA qual é a rede social mais usada no Brasil. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/tecnologia/noticia/2024/02/saiba-qual-e-a-rede-social-mais-usada-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 3 ago. 2024.

administradas por torcedores e/ou simpatizantes brasileiros. A seleção das contas dos perfis que acabaram por vir a compor a amostra-piloto obedeceu a dois critérios: (1) contas ativas há pelo menos 120 dias, o que foi verificado através do exame das datas das últimas publicações disponíveis no mural do *Instagram*; (2) perfis públicos relacionados a times estrangeiros considerados menos badalados. São considerados “menos badalados” clubes estrangeiros: (i) cujos jogos não são transmitidos para o grande público brasileiro por meio de plataformas de *streaming*, sites na internet e canais de TV aberta e fechada; (ii) que não participam na condição de protagonistas de competições nacionais e continentais de relevante prestígio e significativa audiência; (iii) que não contam em seus elencos com jogadores brasileiros e/ou jogadores estrangeiros de projeção internacional; (iv) que não possuem uma considerável base de fãs brasileiros.

Em seguida, procedeu-se à aplicação de questionários e a realização de entrevistas em profundidade, sempre em diálogo com a bibliografia pertinente ao tema. O questionário foi aplicado utilizando-se a ferramenta “Google formulário”, sendo respondido por 22 voluntários (ver ANEXO). Para complementar as informações obtidas nas entrevistas e no questionário, lançou-se mão também de outros elementos e dados recolhidos em documentos de comunicação de massa, tais como blogs, sites, jornais, revistas, programas de televisão etc.¹⁷⁹ Com base nesse material, procurou-se fazer uma discussão em torno das possíveis motivações dos brasileiros que torcem para times estrangeiros “menos badalados” da Europa, bem como esta tendência tem sido abordada pelos principais veículos de comunicação especializados em cobertura esportiva. O pano de fundo desse debate é o surgimento de uma nova ordem simbólica, à qual as filiações se dão de modo um tanto quanto diferente do que vinha sendo habitual no interior do campo definido por Arlei Sander Damo como “clubismo”.¹⁸⁰ Assim, ao contrário do que acontece no âmbito do “clubismo” – onde a identificação com este ou com aquele clube de futebol constitui-se, sobretudo, a partir de relações sociais tradicionais –, fora dos limites deste campo a mediação parece se dar principalmente pelo consumo.

Um exercício de metodologia indiciária

Na medida em que procura fazer uma “leitura sintomal” da conjuntura em questão – o que implica “detectar consistentemente nessa empreitada do não-dito, suas falhas, suas faltas e tentar

¹⁷⁹ GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008, p. 251.

¹⁸⁰ DAMO, Arlei Sander. O espetáculo das identidades e alteridades: As lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. (org.) Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014.

entender o que elas estão dizendo sem dizer, e isso deve nos levar a pensar além do que é explicitamente dito”¹⁸¹ – na tentativa de jogar luz sobre suas dimensões ideológicas e utópicas, este estudo pode ser situado na linha de investigações que se estabeleceu a partir das pesquisas realizadas pelo historiador italiano Carlo Ginzburg sobre as origens do paradigma indiciário, um modelo epistemológico que, “por volta do final do século XIX, emergiu silenciosamente no âmbito das ciências humanas”, como o próprio Ginzburg demonstra em ensaio intitulado “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário”.¹⁸²

Ginzburg identifica na formação médica, que raciona pelo *sintoma* que dá *pistas* e *indícios* a serem pesquisados pela *intuição*, o surgimento de três procedimentos emblemáticos, em fins do século XIX. No romance policial do médico Conan Doyle, no método (pouco valorizado à época) de classificação/identificação e interpretação psicanalítica do também médico Sigmund Freud, encontramos a proposta de um método heurístico centrado nos *dados marginais*, nos *detalhes* e nos *resíduos*, que manifestados involuntariamente são considerados reveladores precisamente num movimento incessante de reincidência e repetição que, apesar de tudo, se nos escapa foge como na composição polifônica da *fuga*. Evidentemente, o método indiciário, como as Ciências Humanas, de uma forma geral, vive o dilema rigor científico (às vezes com pouca substância histórica) *versus* a assunção de um estatuto científico frágil (mas, em alguns casos, com resultados relevantes). O método indiciário, então, fundar-se num *rigor flexível*, onde as regras não se prestam exclusivamente a ser formalizadas ou ditas.¹⁸³

Na obra “Apologia da história”, o historiador Marc Bloch, como explicam Gizlane Neder e Gisálio Cerqueira Filho, “refere-se a um conjunto de princípios e métodos que, em tudo, enquadram-se no que C. Ginzburg aponta como *método indiciário*”.¹⁸⁴ No livro, também intitulado “O ofício do historiador”, Bloch chama atenção para

[...] um conjunto de procedimentos metodológicos que nada deixam a desejar tanto a S. Freud quanto a Conan Doyle ou G. Morelli. O autor faz, aliás, uso de metáforas que remetem à investigação policial. O conhecimento do passado é um conhecimento por *vestígios*; os documentos históricos não são senão *vestígios* à disposição do pesquisador; este, por sua vez, deve levar em conta os *relatos das testemunhas*... Desse modo, adverte sobre a necessidade de proceder-se a um conjunto de provas (*vestígios*) dos vários *testemunhos*, que, por outro lado, devem ser relativizados quanto à visão de mundo, inserção de quem fala pelo documento. “Até o policial mais ingênuo sabe que não se deve forçosamente acreditar naquilo que as testemunhas dizem”. Acrescenta ainda uma reflexão sobre a intencionalidade do registro testemunhal para concluir que “...a investigação histórica, à medida que progredia, foi levada a confiar mais na segunda categoria de testemunhos, isto é, nas testemunhas que não pretendiam sê-lo; (...) atemo-nos, de

181 HAMZA, Agon; RUDA, Frank. Os cinquenta anos de “Ler o Capital”. Disponível em: <https://lavrpalavra.com/2015/12/17/os-cinquenta-anos-de-ler-o-capital/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

182 GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143.

183 CERQUEIRA FILHO, Gisálio; NEDER, Gizlane. *Emoção e política: (a)ventura e imaginação sociológica para o século XXI*. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 1997, p. 21.

184 Ibid., p. 23.

Ainda segundo Gizlane Neder e Gisálio Cerqueira Filho, “o paradigma indiciário aponta para procedimentos e práticas de conhecimento mais condizentes com a nova subjetividade que está a delinear-se nesta virada de milênio”.¹⁸⁶ Tendo isso em vista, justifica-se a realização de uma análise dialética das formações discursivas em busca de pistas, indícios e evidências. Nesse sentido, os relatos e testemunhos coletados por meio do exame de documentos de comunicação de massa, questionários e entrevistas em profundidade com torcedores brasileiros de clubes estrangeiros, somados aos dados obtidos através da interpretação da linguagem e da retórica dos jogos eletrônicos, constituem-se em fontes de evidências às quais recorreremos a fim de fazer inferências a respeito da influência dos jogos eletrônicos sobre a relação entre “gamificação” do esporte-espetáculo e a “europeização” do futebol brasileiro, sem no entanto perder o foco na identificação das dimensões utópicas inerentes às visões de mundo em jogo.

Sigmund Freud, médico e psicanalista austríaco que revolucionou as ciências humanas ao aplicar o método indiciário à análise do inconsciente, defendeu que os chistes têm uma conexão profunda e significativa com os traumas em torno dos quais se estruturam o que a nossa consciência percebe como sendo a realidade. Na mesma direção, o filósofo marxista brasileiro Leandro Konder já escreveu que o humor – que “costuma explorar as ambiguidades da linguagem”¹⁸⁷ – possui um grande valor heurístico. “O riso quebra as sínteses feitas com excessiva seriedade e presunçosa precipitação; e convida a linguagem a respeitar a infinidade do real”, disse ele em artigo publicado no “Caderno B” do “Jornal do Brasil” em edição de 29 de maio de 2004.¹⁸⁸ “Não por acaso, o filósofo alemão Hegel, campeão da dialética, era um colecionar de anedotas, adorava piadas”, acrescenta o ex-professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF).¹⁸⁹ Portanto, na opinião de Konder, não há necessariamente uma contradição entre humor e a seriedade exigida por uma pesquisa acadêmica. “Paradoxalmente, a construção do conhecimento – coisa séria – pode, de repente, se ver numa situação da qual dependerá de uma certa falta de seriedade”, conclui.¹⁹⁰

185 Ibid., p. 24.

186 CERQUEIRA FILHO, Gisálio; NEDER, Gizlane. *Emoção e política: (a)ventura e imaginação sociológica para o século XXI*. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 1997, p. 22.

187 KONDER, Leandro. Linguagem, humor e Hegel. *Jornal do Brasil*. Caderno B, 29 de maio de 2004, p. B2.

188 Ibid.

189 Ibid.

190 Ibid.

Assim, uma vez que se trata de fazer uma interpretação de cunho dialético da relação entre “gamificação” e “europeização” do futebol, pode ser útil terminar essa introdução com uma referência bem-humorada ao jogador que hoje melhor representa a “alma” barroca do futebol brasileiro: Neymar Jr. Tostão, tricampeão do mundo com a Seleção Brasileira na Copa de 1970, no México, já havia classificado assim o estilo de jogo do brasileiro: “O estilo de Neymar é mais barroco, com mais adornos”.¹⁹¹ O ex-jogador e colunista da “Folha de São Paulo” ainda comparou o estilo de Neymar ao de outro grande craque, o argentino Lionel Messi. “O de Messi é mais clássico, técnico, minimalista”.¹⁹²

Apesar de Tostão não ter em entrado no mérito da questão sobre qual deles é mais eficaz, a seção de humor da revista “Piauí” não perdeu a chance de ironizar a visão do senso comum que costuma opor o “futebol-arte” ao “futebol de resultados”. Imaginando Neymar como protagonista de uma cena inusitada, na qual o jogador aparece no papel de alguém que ministra uma palestra no IPHAN pouco depois de realizar uma visita guiada à Igreja de São Francisco de Assis, na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, o texto brinca com associações entre o “inútil” e o “ornamental”. Vale a pena citá-lo na íntegra:

OURO PRETO – Em douda palestra ao IPHAN, o jogador Neymar afirmou ontem que aprendeu a jogar futebol depois de uma visita guiada à Igreja de São Francisco de Assis, nesta cidade de Ouro Preto. “Não havia um só ângulo reto, e tudo que podia ser simples encontrava uma solução rebuscada. Achei aquilo um deslumbre”, explicou o jogador, que entrará em campo hoje, contra o Equador, com um novo corte de cabelo inspirado nas volutas da portada da Igreja do Carmo.

Neymar declarou que, como uma afirmação categórica da beleza gratuita do gesto estético, seu sonho é perder um gol feito na final da Copa do Mundo de 2014: “Ao invés de dar um chute banal e utilitário em direção à meta vazia da Argentina, produzirei, com meus três dedos, um efeito de lambrequim na trajetória da bola, que girará inutilmente no ar por pelo menos 90 segundos.” A afirmação fez correr um eloquente suspiro de satisfação pela platéia, que, de imediato, entrou com um requerimento junto a UNESCO para que considere as jogadas de Neymar como patrimônio imaterial da humanidade.

Depois de consultar dicionários, jornalistas aprenderam que lambrequins são ornatos que pendem do elmo sobre um escudo de armas. Como continuassem sem entender, Neymar os tranqüilizou: “É algo perfeitamente inútil e ornamental, uma síntese do futebol que admiro”.¹⁹³

Despojado e objetivo, o estilo de Messi parece estar em maior sintonia com o espírito do futebol do velho continente – algo perfeitamente compreensível, uma vez que as circunstâncias levaram o jogador a ir muito cedo para a Europa. Com apenas 13 anos, mudou-se com a família

¹⁹¹ TOSTÃO. Dois craques. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/14258-dois-craques.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹⁹² Ibid.

¹⁹³ NEYMAR cita barroco mineiro como maior influência no seu futebol. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/herald/2011/07/13/neymar-cita-barroco-mineiro-como-maior-influencia-no-seu-futebol/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

para a Catalunha, onde iniciou a carreira nas categorias de base do Barcelona. Isso talvez explique por que ele já foi tão duramente criticado em seu país, onde durante muito tempo teve que conviver com insinuações de que não seria genuinamente argentino. O ápice disso aconteceu em 2009, quando torcedores do Estudiantes, insatisfeitos com a derrota para o Barcelona na final do Mundial de Clubes daquele ano, picharam alguns muros da cidade de La Plata com ofensas a Messi, acusando-o de ser um “estrangeiro”. “Nunca joguei profissionalmente por nenhum clube argentino, talvez por essa razão indaguem sobre minha nacionalidade”, declarou ele na ocasião.¹⁹⁴

Como se isso não fosse o bastante, o fantasma de Diego Armando Maradona, com quem era frequentemente comparado, também o assombrava. Considerado por grande parte da imprensa esportiva e dos torcedores nacionais como a mais bem acabada expressão do futebol portenho, o estilo de jogo de “El Pibe de Oro” pouco ou nada tinha a ver com o de “La Pulga”, o qual assemelhava-se mais ao dos europeus. As diferenças de personalidade entre Maradona e Messi tampouco ajudavam este último, contribuindo para reforçar o estigma de “estrangeiro” que pairava sobre ele. Outrossim, enquanto o primeiro era visto como mais “emotivo” e “passional”, o segundo não raro era questionado por ser “frio” e “distante”, sobretudo quando a serviço da camisa azul e branca.

Com o fim do longo jejum de títulos com a seleção principal, seguido da conquista da Copa do Mundo de 2022, Messi deixou para trás as desconfianças e virou praticamente uma unanimidade em seu país, sendo alçado ao patamar de um dos grandes ídolos do panteão nacional. Nos dias de hoje, há até quem diga ele é o maior de todos – maior, inclusive, do que o próprio Maradona. Evidências dessa mudança podem ser constatadas a partir da observação de algumas das menções elogiosas feitas a Messi, principalmente aquelas que se referem a ele como um alienígena, “um jogador de outro planeta”; para outros, a técnica e a inteligência de Messi são tão excepcionais que fazem com que ele seja por vezes comparado a uma espécie de ciborgue com poderes sobre-humanos. (Aliás, uma campanha publicitária procurou explorar esse imaginário em torno do craque, lançando mão de efeitos especiais para transformar Messi em um robô com velocidade e habilidades fora do comum.)¹⁹⁵ Ninguém foi mais original, porém, do que o francês Arsène Wenger, ex-técnico do Arsenal, da Inglaterra; certa vez, impressionado com mais uma atuação de gala do argentino, Wenger equiparou Messi a um jogador de videogame: “Messi é um jogador de

¹⁹⁴ MESSI reage a torcedores do Estudiantes, que o chamaram de não argentino. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/messi-reage-torcedores-do-estudiantes-que-chamaram-de-nao-argentino-3174075>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹⁹⁵ MESSI vira robô em comercial e faz movimentos incríveis em ‘pelada’. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/messi-vira-robo-em-comercial-faz-movimentos-incriveis-em-pelada-video-18881101>. Acesso em: 10 jun. 2025.

'Playstation'.¹⁹⁶ Nada mais condizente, portanto, com os tempos atuais, onde o futebol vem se tornando cada vez mais parecido com os jogos eletrônicos.

Mas Maradona, *humano, demasiadamente humano*, ainda parece encarnar melhor do que ninguém a verdadeira “alma” do futebol argentino. Para muitos de seus compatriotas, ele é quase um deus – mas um deus com os pés de barro. Dotado de poderes extraordinários com a bola nos pés, sua trágica história de vida escancara o que há de mais frágil na condição humana. Nesse sentido, está muito longe de ser uma máquina. Além disso, seu jeito barroco de jogar bola, com especial gosto pelo lúdico e pelo ornamental, caminhava na direção contrária aos pressupostos do futebol moderno, quase absolutamente centrado na competição e no resultado. Como o estilo de filosofar do alemão Gottfried Wilhelm von Leibniz, o estilo de jogo de Maradona também pode ser descrito como barroco por excelência, uma vez que nele “tudo se dobra, redobra, desdobra”.¹⁹⁷

Embora seja um jogador considerado de um nível inferior ao de Maradona, algo semelhante pode ser dito sobre o estilo de jogo de Neymar. Porém, diferentemente de Messi, não há notícia de que Neymar tenha alguma vez sido exaltado como um jogador de videogame. Isso, todavia, não deve ser atribuído tanto a sua vida pessoal, quase tão atribulada quanto foi a de Maradona; na verdade, como pretendemos demonstrar, o próprio “futebol-arte” tido como tipicamente brasileiro não parece se adequar muito bem às injunções do processo de globalização e de modernização do futebol – para o bem e para o mal.

Essa inadaptação do chamado “futebol-arte” à virtualização e à instrumentalização se manifesta, dentre outras formas, através do mal-estar presente nos discursos desfavoráveis aos brasileiros que torcem por times europeus. Outro sintoma desse desajuste se revela na situação de crise de resultados que vem atravessando a escola brasileira de futebol, cujos clubes e seleção não têm se mostrado capazes de enfrentar de igual para igual as principais forças da Europa. Não obstante, as disputas simbólicas que se dão em meio à “gamificação” do esporte-espetáculo e à “europeização” do esporte mais popular do mundo, colocando em lados opostos apostatas e arautos da tradição do futebol brasileiro, têm a vantagem de trazer à tona as dimensões ideológicas e utópicas de ambas as narrativas.

¹⁹⁶ ROOS, Darius. "Messi é um jogador de 'Playstation'", diz técnico do Arsenal. Disponível em: <https://www.terra.com.br/gameon/messi-e-um-jogador-de-playstation-diz-tecnico-do-arsenal,3288c88fe4a7a310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>. Acesso em: 10 jun. 2025.

¹⁹⁷ DELEUZE, Gilles. A dobra: Leibniz e o barroco. São Paulo: Papirus Editora, 1991.

CAPÍTULO 1

Colocando as coisas em seu lugar: Algumas notas e apontamentos acerca da mercantilização e espetacularização do futebol

Como a TV contribuiu para tornar o futebol um grande negócio global

Quando o tema em discussão é o futebol moderno, a globalização e as tecnologias de comunicação e informação (TICS) são tópicos frequentemente vistos juntos em matérias de jornais, reportagens, programas televisivos e também em postagens nas redes sociais, e isso não acontece sem motivo: a mundialização do mercado da bola como conhecemos hoje – fenômeno que pode ser sumariamente descrito como a integração, em um único espaço global, de toda uma miríade de praças de comércio que raramente ultrapassam os limites delimitados por fronteiras regionais e/ou nacionais¹⁹⁸ – dificilmente teria sido possível sem a inestimável contribuição das TICs. Do mesmo modo, pode-se dizer que a transformação do futebol em um negócio planetário (e um dos principais emblemas do capitalismo na atualidade)¹⁹⁹ é um testemunho da prevalência do poder e dos interesses das empresas multinacionais de comunicação e entretenimento sobre o chamado *beautiful game* (“jogo bonito”, em inglês).

Não que os clubes não tenham se aproveitado das oportunidades oferecidas por essa configuração econômica e cultural. Ainda que, no começo, dirigentes e cartolas brasileiros enxergassem com desconfiança a entrada da televisão na arena de negócios do esporte mais popular do país, considerando-a menos uma aliada e mais uma concorrente,²⁰⁰ logo mudaram de opinião

198 Por causa das dimensões continentais do Brasil, somadas às péssimas condições que eram oferecidas pela infraestrutura viária do país, o mercado nacional de futebol sofreu por décadas com as dificuldades enfrentadas pelas tentativas de integrar suas praças. Como resultado disso, houve uma profunda regionalização. E é daí que provem a tradição e o grande apelo dos campeonatos que reúnem clubes de uma só cidade ou estado da federação. A regionalização do futebol brasileiro também contribuiu e se alimentou de rivalidades locais, que ainda hoje parecem ser mais acentuadas do que as rivalidades nacionais. Após algumas iniciativas frustradas de transformar em realidade certames entre os principais clubes de futebol do país (a Taça Brasil e a Taça Roberto Gomes Pedrosa são exemplos de empreitadas desse tipo), em 1971 a bola rolou para o primeiro campeonato brasileiro de futebol. (Para efeito de comparação, na Inglaterra a primeira competição organizada nacionalmente foi a FA Cup, em 1871.)

199 O crítico cultural Terry Eagleton já afirmou que o futebol é um símbolo perfeito do capitalismo. EAGLETON, Terry. *Football: a dear friend to capitalism*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2010/jun/15/football-socialism-crack-cocaine-people>. Acesso em: 23 jun. 2025.

200 Durante esse período, a negociação de direitos de transmissão no futebol ainda estava se consolidando como uma grande fonte de receita para clubes e emissoras. Isso criava impasses sobre quem tinha direito de transmitir as partidas e como os lucros seriam distribuídos. Não havia um modelo padronizado ou bem definido para a negociação de direitos de imagem dos clubes e dos atletas, o que dificultava as transmissões regulares de clássicos em TV aberta. Os jogos no Maracanã eram uma grande fonte de receita para os clubes, especialmente através da venda de ingressos. A transmissão em TV aberta era vista como um desincentivo para o público comparecer ao estádio, reduzindo a arrecadação com bilheteria. Assim, os clubes e a Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ) frequentemente impunham regras para proteger a rentabilidade dos jogos. Muitos contratos e acordos estabeleciam que partidas de grande apelo,

quando perceberam o volume de dinheiro que estava em jogo.²⁰¹ Para se ter uma ideia do impacto do dinheiro das cotas de TV no orçamento das principais agremiações do futebol do Brasil, basta mencionar o fato de que, em 2023, a maior fonte de suas receitas foi obtida com a venda dos direitos de transmissão de seus jogos para a TV, totalizando algo em torno de R\$ 3,2 bilhões, de acordo com levantamento realizado pela consultoria “Sports Value” e publicado pelo jornal “Lance!”.²⁰² O montante corresponde a 35% de todos os recursos que entraram no caixas dos clubes nacionais. Outra fatia considerável dos recursos provém da transferência de jogadores para outros times, principalmente do exterior. Veja abaixo a lista completa das principais fontes de receita dos clubes brasileiros:

- **Direitos de transmissão:** R\$ 3,2 bilhões (35%)
- **Transferências de atletas:** R\$ 1,9 bilhão (21%)
- **Publicidade e patrocínio:** R\$ 1,4 bilhão (15%)
- **Bilheteria:** R\$ 860 milhões (10%)
- **Sócio-torcedor:** R\$ 615 milhões (8%)
- **Social e Amador:** R\$ 400 milhões (4%)
- **Outras fontes:** R\$ 600 milhões (7%)²⁰³

Mas nada que possa ser comparado às cifras envolvidas nas tratativas entre grupos de mídia e a liga de equipes da primeira divisão do futebol inglês – a *Premier League*. No fim de 2024, a *Premier League* firmou novo acordo televisivo com a “Sky Sports” e a “TNT Sports”. Os novos valores previstos em contrato serão aplicados a partir da temporada 2025/26, e renderá £6,7 bilhões em quatro anos. Trata-se do maior contrato da história no futebol.²⁰⁴ “Esse recorde reforça ainda mais o domínio financeiro dos clubes ingleses. Com uma liga já reconhecida por sua competitividade, o novo contrato tem o potencial de elevar a *Premier League* a novos patamares de

como clássicos regionais, não poderiam ser transmitidas ao vivo em TV aberta, especialmente em horários coincidentes com os jogos.

²⁰¹ Isso não quer dizer, é claro, que não há divergência de interesses entre clubes e canais de TV. Pouco mais de vinte e dois anos atrás, na Itália, o maior campeonato de futebol do país atrasou em 15 dias o pontapé inicial da temporada regular 2002/2003 por desavenças com a *Radiotelevisione Italiana* (RAI). No Brasil, são comuns as demonstrações públicas de insatisfação dos representantes dos clubes com a interferência da Rede Globo de Televisão nos horários e nas datas dos jogos. Na visão deles, esse tipo de ingerência afeta negativamente aspectos importantes da rotina de preparação de atletas profissionais e comissões técnicas, prejudicando o lado esportivo do espetáculo. Além disso, mandatários eleitos e diretores designados argumentam também que certas escolhas e mudanças nos horários das transmissões podem piorar a experiência dos torcedores, sobretudo aqueles que precisam se deslocar para os estádios para assistir partidas disputadas à noite.

²⁰² DE ONDE vem o dinheiro? Veja as principais fontes de receitas dos clubes brasileiros. Disponível em: <https://www.lance.com.br/lancebiz/financas/de-onde-vem-o-dinheiro-veja-as-principais-fontes-de-receitas-dos-clubes-brasileiros.html>. Acesso em: 21 jan. 2025.

²⁰³ Idem.

²⁰⁴ PREMIER League soma 12,25 bi de libras em acordos comerciais e de transmissão para ciclo 2025-2028. Disponível em: <https://exame.com/esporte/premier-league-soma-1225-bi-de-libras-em-acordos-comerciais-e-de-transmissao-para-ciclo-2025-2028/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

audiência, patrocínio e valores comerciais”, afirma Fábio Wolff, sócio-diretor da Wolff Sports e especialista em marketing esportivo, em depoimento à revista “Exame”.²⁰⁵

Oficialmente criada em 1991, a *Premier League* surgiu como uma resposta aos problemas que há muito vinham assolando o “velho e rude esporte bretão” na terra da rainha. Um pouco antes disso, o futebol na Inglaterra se encontrava em um verdadeiro atoleiro de dívidas, estádios sucateados, gramados esburacados e jogadores de baixo nível técnico. Ao longo dos anos, a maioria dos clubes ingleses preservara suas raízes populares e operárias; mas a crise econômica e os custos crescentes para se capitalizarem e se manterem competitivos em um cenário cada vez mais internacional e hostil acabaram aumentando a pressão por mudanças no modelo de gestão das agremiações. A situação era ainda pior nas arquibancadas e nas ruas, onde eclodiam verdadeiras guerras campais entre torcedores de times rivais, deixando um rastro de destruição e morte.²⁰⁶

Após longas discussões que envolveram diferentes atores, com diferentes interesses, a saída escolhida foi a elitização – a começar pelo seleto grupo de clubes que integrariam a primeira edição daquela que, em pouco tempo, se tornaria a liga de futebol mais rica e poderosa do planeta. Acreditava-se, também, que medidas a serem adotadas pelos participantes da *Premier League*, tais como a elevação do preço dos ingressos, afastariam das arquibancadas os *hooligans*, bem como incrementariam o orçamento dos times. Não obstante, a elitização do futebol britânico gerou um efeito colateral indesejado: a alienação dos torcedores tradicionais. Muitos fãs, que antes preenchiam os estádios com suas vozes e paixão, foram forçados a se afastar devido aos preços exorbitantes dos ingressos e à transformação dos estádios em espaços mais voltados para o consumo do que para a vivência da cultura futebolística.²⁰⁷

Nesse contexto, a *Premier League*, ao mesmo tempo que trouxe recursos significativos e incentivou um novo nível de competitividade, acabou por criar um abismo entre os clubes mais ricos e aqueles que lutavam para se manter à tona.²⁰⁸ As disparidades financeiras se tornaram cada vez mais evidentes, causando uma polarização que, em certa medida, desvirtuou o espírito do jogo. (Das 33 edições da liga disputadas desde 1992, 31 troféus ficaram com os 5 clubes mais ricos da Inglaterra;²⁰⁹ isso fez com que a *Premier League* aprovasse o teto salarial, visando manter a

²⁰⁵ Ibid.

²⁰⁶ ROBINSON, Joshua; CLEGG, Jonathan. A Liga: Como a Premier League se tornou o negócio mais rico e revolucionário do esporte mundial. Campinas: Versal Editores, 2023.

²⁰⁷ Ibid.

²⁰⁸ ANDRADE, Caíque. Premier League tem grande crise de competitividade na parte de baixo da tabela; entenda problema. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/2025/05/16/premier-league-tem-grande-crise-de-competitividade-na-parte-de-baixo-da-tabela-entenda-problema.ghtml>. Acesso em: 26 ago. 2025.

²⁰⁹ LIVERPOOL conquista a Premier League; veja lista de campeões. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/2025/04/27/liverpool-conquista-a-premier-league-veja-lista-de-campeoes.ghtml>. Acesso em: 26 ago. 2025.

competitividade).²¹⁰ Por outro lado, a profissionalização do esporte atraiu investidores internacionais, ampliando as percepções sobre o futebol britânico como um produto global. Assim, enquanto a liga se firmava como uma potência mundial, a essência comunitária do futebol que a sustentara por tanto tempo parecia estar se dissipando, deixando em aberto a pergunta sobre qual direção o esporte tomaria nos anos seguintes.²¹¹

Capturando a atenção da “geração ansiosa”

Em dezembro de 2020, a Associação de Clubes Europeus (ECA) divulgou os resultados de um estudo que apontou que o interesse da nova geração de jovens por futebol está em declínio. O levantamento mostrou que “40% dos entrevistados com idades entre 16 e 24 anos afirmaram não ter interesse algum pelo esporte. Além disso, 36% deles demonstraram tendência a torcer por clubes que não sejam de seu próprio país”.²¹² Os resultados confirmaram uma tendência que já havia sido sinalizada por pesquisas anteriores. “Em pesquisa Datafolha realizada de 29 a 30 de janeiro de 2018, 41% dos entrevistados disseram não ter interesse por futebol. O índice é dez pontos percentuais maior que o de pesquisa realizada em abril de 2010, a última que abordou esse tema”.²¹³

Também chamados de nativos digitais,²¹⁴ esses jovens e adultos que cresceram sob a influência de todos os tipos de plataformas e dispositivos tecnológicos e informacionais são parte de uma geração cuja capacidade de manter o foco foi e tem sido prejudicada pelo excesso de estímulos provocado pelo uso exagerado dessas ferramentas, especialmente videogames e redes sociais. No livro intitulado “A geração ansiosa: Como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais” (Companhia das Letras, 2024), o psicólogo norte-americano Jonathan Haidt relaciona o uso de tecnologia, como videogames e redes sociais, à crise de saúde mental, enfatizando o crescimento significativo de diagnósticos de depressão e ansiedade entre 2010 e 2020, sobretudo entre os mais jovens.²¹⁵

210 COCCETRONE, Gabriel. Buscando manter competitividade, Premier League aprova teto salarial. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/lei-em-campo/2024/04/30/buscando-manter-competitividade-premier-league-aprova-teto-salarial.htm>. Acesso em: 26 ago. 2025.

211 ALVITO, Marcos. A Rainha de Chuteiras: um ano de futebol na Inglaterra. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014.

212 NEVES, Marcello. Desinteresse de jovens por futebol faz Flamengo apostar no público infantil para aumentar sua torcida. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/desinteresse-de-jovens-por-futebol-faz-flamengo-apostar-no-publico-infantil-para-aumentar-sua-torcida-24836597>. Acesso em: 03 abr. 2025.

213 CRESCE desinteresse do brasileiro por futebol, aponta Datafolha. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/05/cresce-desinteresse-do-brasileiro-por-futebol-aponta-datafolha.shtml>. Acesso em: 03 abr. 2025.

214 PALFREY, John; GASSER, Urs. Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Grupo A, 2011.

215 HAIDT, Jonathan. A geração ansiosa: Como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

No entanto, apesar dos alertas dos especialistas sobre os riscos à saúde mental envolvidos no uso excessivo de ferramentas tecnológicas, uma parcela considerável de dirigentes e outros profissionais do mercado da bola vê justamente nos jogos eletrônicos uma das soluções para tentar frear a onda crescente de desinteresse da chamada “geração ansiosa” por futebol. Diante disso, não espanta que os conselhos de McGonigal sobre como fazer reparos na realidade usando ferramentas dos jogos eletrônicos encontrem eco tanto eco na atualidade.²¹⁶

Assim, é buscando se aproximar da retórica própria dos videogames que o futebol-espetáculo tenta se manter relevante num cenário de acirrada competição pela atenção dos consumidores, que a cada dia que passa estão mais distraídos e multitelas.²¹⁷ (No entanto, ao contrário do que acontece em outros países, no Brasil o consumo de videogames ainda é menor quando comparado com o da TV ao vivo. “Entre os jovens de 18 a 24 anos, 45,5% consomem pelo menos uma hora por semana de TV ao vivo, em comparação com apenas 40,8% que jogam videogame pelo menos a mesma quantidade de tempo”).²¹⁸

Como consequência desse movimento, não parece exagero dizer que o futebol-espetáculo vem se transformando, pouco a pouco, em videogame. Entrementes, cada vez mais as transmissões de futebol na TV têm adotado expedientes e artifícios próprios da linguagem dos videogames. Os empréstimos justificam-se, provavelmente, pela necessidade que se impõe à televisão de se conectar com determinados segmentos da audiência, especialmente aqueles que se constituem de um público relativamente mais jovem, onde os videogames são muito populares.²¹⁹

Assiste-se, então, a uma inusitada mas interessante inversão de papéis. Como se sabe, há muito tempo que o futebol estabeleceu-se e ganhou força como espetáculo eminentemente televisivo, uma vez que a grande maioria das pessoas acompanha as partidas pela TV. Foi nessa condição, aliás, que o viria a se tornar uma espécie de espelho para a então incipiente indústria dos jogos eletrônicos, cujos primeiros programadores e desenvolvedores, lutando contra inúmeras limitações técnicas e tecnológicas, tentavam criar jogos eletrônicos que emulassem a experiência das transmissões televisivas. Agora, porém, as coisas parecem ir na direção oposta: é a televisão que procura emular os videogames para seduzir a audiência das gerações Z e Millenials.

216 MCGONIGAL, Jane. A realidade em jogo. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

217 ECONOMIA da atenção: como obter sucesso com o consumidor cada vez mais distraído e multitela? Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/patrocinado/oracle/economia-da-atencao-como-obter-sucesso-com-o-consumidor-cada-vez-mais-distraido-e-multitela>. Acesso em: 6 ago. 2024.

218 NO BRASIL, quase metade da população passa em média sete horas jogando videogames. Disponível em: <https://lider.inc/noticias/no-brasil-quase-metade-da-populacao-passa-em-media-sete-horas-jogando-videogames->. Acesso em: 26 ago. 2025.

219 LOPES, André. 74,5% do brasileiros jogam videogames com frequência — e classe C está mais incluída no consumo. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/745-do-brasileiros-jogam-videogames-com-frequencia-classe-c-esta-mais-incluida-no-consumo/>. Acesso em: 26 ago. 2025.

Em um cenário como esse, onde as partidas transmitidas na TV se assemelham cada vez mais a experiência vivenciada no ambiente virtual dos jogos eletrônicos e vice-versa, os *games* despontam no horizonte como principal porta de entrada de crianças e jovens para o futebol de espetáculo. O espelho, afinal de contas, se quebrou (ou talvez não passasse de uma miragem, de uma utopia²²⁰); como num conto do escritor argentino Jorge Luis Borges, o espelho – que antes separava criaturas que habitavam universos diferentes, encarnação material da maldição que havia aprisionado e condenado um deles a imitar o outro por toda a eternidade como reparação de guerra imposta pelos vencedores aos derrotados – acabou se despedaçando com a força das investidas do povo do espelho, que reagrupara seus exércitos e se lançou contra seus algozes para reestabelecer o direito de transitar livremente entre os dois mundos.²²¹

Daí se pode entender melhor por que jogos eletrônicos como “FIFA” (EA Sports) e “Football Manager” (Sega) têm se transformando, nos dias de hoje, em “gatilhos” de atração para que as novas gerações de jovens se aproximem do futebol, mas especialmente dos grandes clubes que disputam os principais campeonatos nacionais e continentais do mundo – onde, não à toa, as coisas mais se parecem com os videogames, seja por seus gramados impecáveis, seja pela ritmo alucinante das partidas ou pela presença de superestrelas do esporte. E tudo isso acontece em meio a multiplicação de referências aos *games* na mídia e nas redes sociais quando o assunto em pauta é futebol, dando provas de como os jogos eletrônicos penetraram definitivamente no imaginário coletivo de torcedores, jornalistas e profissionais do esporte.

Consequências da globalização sobre a autoimagem do futebol brasileiro

Antes de qualquer coisa, vale a pena ressaltar que nada do que foi dito até aqui pode ser entendido de uma forma dissociada da análise das consequências da globalização sobre as identidades culturais do futebol na era da globalização. No caso do universo simbólico do futebol na cultura brasileira, não faltam evidências de que o perfil do torcedor doméstico do país que tem sido profundamente impactado pela influência da televisão, da internet e dos videogames; no rastro da ampliação do alcance e do poder das tecnologias de comunicação e informação (TICs), pavimentase um caminho para novos movimentos identitários, ao mesmo tempo em que se desarticulam outros.²²²

220 FOUCAULT, Michel. (2013). De espaços outros. Estudos Avançados, 27(79), 113–122. disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142013000300008>. Acesso em: 8 ago. 2024.

221 BORGES, Jorge Luis. O livro dos seres imaginários. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. 2007.

222 CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2013.

Isso, contudo, não se restringe somente à relação entre torcedores e clubes – nota-se também uma transformação radical e dramática nos conceitos e valores fundamentais que estruturam a nossa visão acerca do futebol brasileiro, o que por sua vez reverbera em escolhas sobre modelos de jogo, formação de jogadores, metodologias de treinamento, expectativas profissionais etc. “A globalização fez das ideias e modelos de jogo praticados na Europa fórmulas replicadas mundo afora”, explica o jornalista Carlos Eduardo Mansur, em coluna no jornal “O Globo”.²²³

Assim, com a redução das distâncias provocadas pelos *mass media*, aliada a uma percepção de declínio do nível de competitividade do futebol praticado no continente sul-americano em geral e no Brasil em especial (reforçada pela crescente dificuldade dos times da América do Sul em vencer os europeus; nas últimas 30 edições da Copa Intercontinental da FIFA, houve apenas 6 campeões não-europeus),²²⁴ nossos olhos se voltam cada vez mais para os clubes do velho continente, que emergem nesse cenário como principais referências de sucesso.

As causas do suposto aumento do desequilíbrio técnico entre as equipes brasileiras e europeias são aparentemente óbvias: “De uma forma geral, o nível técnico é baixo por uma razão óbvia: o êxodo dos melhores jogadores”,²²⁵ constata Carneiro Neto, jornalista e comentarista esportivo da rádio CBN de Curitiba. Os jogadores, por sua vez, são atraídos para o exterior, sobretudo para os países com as economias mais fortes da Europa (Alemanha, Inglaterra, França, Espanha etc.), seduzidos por propostas financeiras maiores do que os clubes brasileiros podem arcar. Como se pode depreender daí, tal abismo econômico acaba por se refletir diretamente em nossa dificuldade de competir de igual para igual com os grandes clubes europeus. Esse é, aliás, o diagnóstico de Hélio Viana de Freitas, Mestre em Administração pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e autor do livro “Futebol Brasileiro, um Gigante Adormecido” (Life Editora, 2024). Segundo ele,

[...] enquanto o Brasil manteve uma gestão amadora e desorganizada, países europeus, como Espanha, Inglaterra e Alemanha, profissionalizaram suas ligas, resolveram problemas de endividamento e modernizaram suas estruturas, criando campeonatos mundialmente populares. A falta de profissionalização e visão global do Brasil resultou na perda de talentos para o exterior, onde jogadores jovens se adaptam ao estilo europeu. Isso afeta

223 MANSUR, Carlos Eduardo. Fernando Diniz e Pep Guardiola: Diferentes, sim. Opostos, não. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/carlos-eduardo-mansur/coluna/2023/11/fernando-diniz-e-pep-guardiola-diferentes-sim-opostos-nao.ghtml>. Acesso em: 26 ago. 2025.

224 O QUE você precisa saber sobre a Copa Intercontinental da FIFA™. Disponível em: <https://www.fifa.com/pt/tournaments/mens/intercontinentalcup/2024/articles/copa-intercontinental-fifa-informacoes-datas-regras>. Acesso em: 26 ago. 2025.

225 NETO, Carneiro. Semelhanças. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/colunistas/carneiro-neto/semelhancas-bz7fj3fbesoh5qujphnm14z0u/>. Acesso em: 26 ago. 2025.

tanto a identidade do futebol brasileiro quanto a conexão dos torcedores com a seleção, que hoje sofre com desinteresse e frustração pelos maus resultados.²²⁶

Com efeito, ainda de acordo com Hélio Viana de Freitas, a solução para a crise de competitividade que assola o futebol nacional não consiste em tentar imitar o modelo europeu, mas passa pela adoção de “uma governança mais corporativa e uma estrutura globalizada”.²²⁷ Na opinião dele, “sem uma estratégia que promova a liga brasileira internacionalmente e valorize seus talentos, o país continuará isolado e ultrapassado”.²²⁸

Apesar de tudo, porém, mesmo sem ignorar nenhum dos itens da extensa lista de fatores problemas políticos e econômicos por trás do baixo nível técnico do futebol brasileiro, há quem prefira dar ênfase a defasagem de ideias e ao tipo de jogo que predomina por aqui. “É ótimo que se discutam todas essas coisas, que o todo do futebol nacional entre em pauta e em crise, mas acho que não devíamos perder o próprio jogo de vista”,²²⁹ defende Nuno Ramos, referindo-se à partida em que o Brasil foi goleado pela Alemanha por 7 a 1.

Seguindo essa linha de raciocínio, Nuno Ramos argumenta que a crise de competitividade que tem vindo a afetar o futebol brasileiro há pelo menos duas décadas – e que teria atingido seu ponto culminante com a derrota acachapante para o *Die Mannschaft* – pode ser atribuída, acima de tudo, a uma combinação de “clamor ufanista” e “nacionalismo grosseiro”, cujo resultado é uma espécie de “desvario” coletivo. “Esse desvario, obviamente, não estava apenas na cabeça de Felipão. Ele precisa ser compreendido em sua dimensão nacional, como uma energia de fundo que está e sempre esteve lá”.²³⁰ Com efeito, segundo o próprio Ramos, os primeiros sinais mais fortes desse “desvario” já podiam ser notados em 2011, na vitória do Barcelona sobre o Santos por 4 a 0 na final do Mundial de Clubes daquele ano. “A derrota do Santos para o Barcelona na final do Mundial de Clubes de 2011 me pareceu ter o mesmo fundamento – uma sobreavaliação do jogo fluente, brasileiro, que teria no lentíssimo Paulo Henrique Ganso sua expressão maior: 4 x 0 Barcelona – e foi pouco”.²³¹

Marcel Capretz, radialista e jornalista formado pela Universidade Mackenzie e pós-graduado pela Fundação Cásper Líbero, vai numa direção semelhante à de Nuno Ramos, frisando a pobreza de espírito que domina nossa concepção de futebol como a maior dificuldade para superar a

226 JOGO LIMPO. Do Futebol Arte à Crise: O Declínio do Futebol Brasileiro e o Caminho para a Reconquista Mundial. YouTube, 12 nov. 2024. 17min20s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LIELAEczXik>. Acesso em: 24 set. 2025.

227 Ibid.

228 Ibid.

229 RAMOS, Nuno. Depois do 7 x 1. disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/depois-do-7-x-1/>. 26 ago. 2025.

230 Ibid.

231 Ibid.

má fase atual. “Nosso jogo é ruim porque não temos ideias”,²³² diz ele, que atualmente é apresentador do programa “Futebol Esporte Show” do SBT Sorocaba e comentarista da Rádio 105 FM de São Paulo. Mas, concorde-se ou não com Ramos e Capretz, foi certamente com o intuito de arejar e fomentar a nossa cultura futebolística²³³ com novas e boas ideias que se chegou à conclusão de que era preciso promover uma renovação de quadros, sobretudo levando em consideração que os técnicos com mais tempo de estrada então em atividade no Brasil pareciam não estar à altura do desafio que se colocava a frente: superar o atraso tático brasileiro.

A partir dessa mudança de ponto de vista, não demorou muito tempo para que a questão do atraso tático brasileiro ganhasse destaque junto à imprensa esportiva e ao seleto grupo de dirigentes dos principais clubes da Série A do futebol nacional. Para o jornalista Miguel Caballero, hoje editor da primeira página do jornal “O Globo”, isso explica, em boa medida, a aposta em treinadores em início de carreira, os quais, àquela altura, começavam conquistar mais espaço no mercado. “A aposta em técnicos supostamente mais atualizados com a evolução tática do futebol nos últimos anos parece ser uma tônica em vários casos”,²³⁴ afirmou ele, que apontou a goleada do Brasil para a Alemanha pela semifinal da Copa do Mundo de 2014 como um ponto de inflexão nos rumos do debate. “O 7 a 1 da Alemanha parece um ponto de inflexão neste processo. Com os supermedalhões Felipão e Parreira no comando da seleção, o resultado ficou para muitos como símbolo do atraso tático brasileiro”.²³⁵

Rodrigo Mattos, jornalista, repórter e colunista do “UOL”, também considera o desempenho do Brasil diante da Alemanha no estádio do Mineirão como um divisor de águas na conscientização sobre o atraso tático do futebol brasileiro em relação ao resto do mundo, em particular na comparação com a Europa. “Desde o fracasso da Copa-2014, com o 7x1 fatídico, o futebol brasileiro adquirira uma consciência de seu atraso tático em relação ao mundo. Havia os negacionistas, apegados a antigos troféus, fingindo não ver o abismo para a Europa”.²³⁶

Entretanto, o despertar do sono dogmático de alguns setores do futebol nacional veio acompanhado de outras dúvidas. Derrotas nos confrontos entre o futebol brasileiro e o europeu

232 CAPRETZ, Marcel. O problema do futebol brasileiro é não ter ideias de jogo. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/2019/05/09/o-problema-do-futebol-brasileiro-e-nao-ter-ideias-de-jogo/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

233 SANTOS, Marcos. Diferencial do futebol brasileiro – a cultura futebolística. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/2021/05/14/diferencial-do-futebol-brasileiro-a-cultura-futebolistica/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

234 CABALLERO, Miguel. A renovação: experiência dos técnicos de times grandes cai à metade em cinco anos. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/a-renovacao-experiencia-dos-tecnicos-de-times-grandes-cai-metade-em-cinco-anos-20689416>. Acesso em: 27 ago. 2025.

235 Ibid.

236 BURLÁ, Leo. Quando Jesus reinava. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/quando-jorge-jesus-reinava-no-flamengo/#cover>. Acesso em: 27 ago. 2025.

também provocaram questionamentos sobre o uso de treinadores estrangeiros no comando de equipes nacionais. Com isso, a porteira foi aberta. “As opções por estrangeiros pipocavam aqui e ali, o São Paulo apostou em Juan Carlos Osório em 2015, Diego Aguirre girou por três clubes grandes, e Jorge Sampaoli desembarcou no Santos no início de 2019”,²³⁷ lembra Rodrigo Mattos.

Juninho Pernambucano, ex-jogador do Sport e do Vasco, é um dos que defende a importação de técnicos de outros países. Após voltar ao Brasil, depois de passar 10 anos jogando no Lyon, da França, Juninho Pernambucano conta que a experiência no exterior transformou radicalmente sua visão sobre o jogo, levando-o a dar-se conta do atraso do futebol brasileiro. Quanto à opção preferencial por técnicos estrangeiros, Juninho Pernambucano é taxativo: “Os brasileiros não querem aprender”.

Só abri a minha cabeça quando saí do Brasil. Entendi que não podemos mais nos esconder nas cinco estrelas de Pelé, Ronaldo, Rivaldo, Ronaldinho e Romário. A gente parou no tempo. Grande parte da culpa é dos técnicos. Falta autocrítica e há excesso de confiança. Usam a desculpa que trabalham três jogos e são demitidos, que o resultado tem de ser imediato. Assim eles pegam três clubes por ano, se tornam os profissionais mais bem pagos do país e se fecham num grupo restrito. O Felipão treinou o Chelsea com 23 craques e saiu de lá criticando jogadores. Os brasileiros não querem aprender.²³⁸

A suspeita de que técnicos brasileiros não teriam condições de liderar o processo de luta contra a defasagem tática do futebol nacional parece ter sido confirmada pelo desempenho do português Jorge Jesus no comando do Flamengo no ano de 2019. O alto nível de futebol apresentado pelo Flamengo de Jorge Jesus causou grande impacto no cenário doméstico, aprofundando a percepção de que haveria uma enorme distância entre Brasil e Europa. “Foi quase como se o brasileiro descobrisse uma nova forma de jogar futebol que só se acreditava possível na Europa”,²³⁹ diz Rodrigo Mattos. “Todos passaram a aspirar ter em seus elencos algo parecido com aquele momento de catarse. É a busca por esse ideal que move o futebol a empilhar oito técnicos estrangeiros na Série A”.²⁴⁰

À luz desta perspectiva, o atraso do nosso futebol em relação ao europeu é muitas vezes explicado com referência sobretudo à defasagem tática brasileira (a despeito de fatores econômicos e políticos, tais como aqueles mencionados acima por Hélio Viana de Freitas). Diante do panorama traçado, tem-se que a insistência em preservar ou conservar (o que se acreditar ser) esse tipo de

²³⁷ Ibid.

²³⁸ ESTÁ na hora de trazer um técnico estrangeiro para a Seleção? Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/copa-2014/noticia/2014/07/Esta-na-hora-de-trazer-um-tecnico-estrangeiro-para-a-Selecao-4549721.html>. Acesso em: 27 ago. 2025.

²³⁹ BURLÁ, Leo. Quando Jesus reinava. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/quando-jorge-jesus-reinava-no-flamengo/#cover>. Acesso em: 27 ago. 2025.

²⁴⁰ Ibid.

herança cultural que é o estilo de jogo “tipicamente” nacional – despojado de preocupações táticas e que se caracteriza pelo ritmo menos intenso, mais cadenciado, pelo talento individual e pela improvisação – é, por vezes, percebida como um dos maiores empecilhos à modernização do futebol brasileiro. “O ‘verdadeiro futebol brasileiro’ está matando o futebol brasileiro”,²⁴¹ afirma Nuno Ramos, em resposta à pergunta que ele mesmo havia se proposto a responder. “Pois bem, a questão é: por que, em nome de Deus, alteramos tudo, contra o adversário mais difícil e sem nossas principais virtudes? Contra a Colômbia “óóóóó, *James*”, contra a Alemanha “*é tóis*”?”.²⁴² Para o artista plástico, compositor, dramaturgo, escritor e ensaísta, a solução para a crise de competitividade que atravessa a seleção nacional não está no resgate do “verdadeiro futebol brasileiro”, mas em uma autocrítica desapaixonada ou objetiva capaz de incorporar e aprofundar diferentes ideias e modelos de jogo.

Nesse momento de descontentamento, o clamor ufanista – de aparência crítica, mas ufanista – pelo “verdadeiro futebol brasileiro”, em detrimento da compreensão do que efetivamente está acontecendo em campo e das possibilidades reais que tínhamos nos pés, parece unir a direita e a esquerda. Ele está tanto na locução da Globo como nas crônicas de gente “do bem”, como Juca Kfourir (a quem o Brasil deve uma trajetória exemplar de combate aos poderosos) ou de Paulo Vinicius Coelho, o PVC (a quem o Brasil deve um novo patamar de elaboração do jogo de futebol como um todo). No entanto, em ambos, dom Sebastião continua chegando. Há uma espécie de consenso aqui. “O Brasil tem de lembrar a si mesmo e ao adversário quem ele é” (a frase é de PVC, cito de memória) – parece puro sebastianismo. O Brasil não tinha de lembrar nada a ninguém. Tinha de compreender o que era naquele momento – um time pior que a Alemanha, sem Neymar e manco na dupla de zaga. Tinha de jogar a partir desse autoconhecimento, aprofundando as possibilidades que desenvolveu nos cinco primeiros jogos.²⁴³

Não obstante, tendo em vista que é inegável que, na realidade do futebol atual, não é possível para qualquer equipe competir em alto nível se não houver um grande investimento em infraestrutura, comissão técnica, pagamento de salários, formação e contratação de jogadores etc., impõe-se a necessidade de gerar cada vez mais receitas. Mas, como já foi dito anteriormente neste capítulo, hoje em dia boa parte das receitas das seleções nacionais e dos clubes é obtida por meio de acordos sobre direitos de transmissão televisiva e direitos de imagem. Em um cenário como esse, onde os interesses das agremiações esportivas e dos grandes veículos de comunicação parecem convergir, as preocupações não se resumem somente em vencer partidas e conquistar campeonatos, mas proporcionar espetáculos que sejam atrativos para o público que acompanha as transmissões do futebol pela TV. Tudo isso coloca uma dificuldade adicional para o futebol brasileiro: como

241 RAMOS, Nuno. Depois do 7 x 1. disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/depois-do-7-x-1/>. 26 ago. 2025.

242 Ibid.

243 Ibid.

competir nesse quesito com outras ligas que, graças a maior capacidade para gerar dividendos e fazer investimentos, podem contar com jogadores de qualidade técnica superior?

Logo de saída, a situação não parece muito favorável ao futebol brasileiro. Na comparação com o futebol europeu, a impressão geral é a de que as partidas disputadas no Brasil estão bem distantes daquelas que se desenrolam nos campos da Europa. “Quando você vê um jogo do Brasil e logo em seguida assiste a um da Europa, tem a impressão de que é outro jogo”, afirmou Mano Menezes, técnico do Grêmio, em depoimento ao programa “Bem, Amigos”, do canal de TV por assinatura SporTV.²⁴⁴ “Quando técnico da seleção, muitas vezes conversei com o (Carlos Alberto) Parreira, a quem admiro e sempre chegamos à conclusão de falta para a gente intensidade de jogo”,²⁴⁵ disse ele na ocasião. Renê Simões, ex-treinador com passagens por diversos clubes e seleções nacionais e que atualmente exerce o cargo de coordenador técnico do Zinzane Futebol Clube SAF, do Rio de Janeiro, compartilha do mesmo ponto de vista do ex-comandante da Seleção Brasileira. “Muitos dizem que o futebol europeu parece outro jogo, mas é porque lá se trabalha a bola e se dá velocidade quando é preciso”.²⁴⁶

A julgar pelas declarações de Mano Menezes e de Renê Simões, a tipo de jogo que é jogado aqui representa o “calcanhar de Aquiles” do futebol brasileiro. Isso, aliás, explica em grande parte por que ainda estamos atrasados em relação ao futebol europeu. “Essa é a crítica que faço ao futebol brasileiro em geral. A gente só corre, mas tem que controlar a partida, jogar”, justifica Renê Simões.²⁴⁷ Indo da mesma direção de Simões, Mano Menezes acredita que “o grande dilema do futebol brasileiro é conseguir achar um ponto de equilíbrio entre o futebol que se joga internamente e o que se pratica na Europa”.²⁴⁸

A diferença na comparação com a forma como as partidas são disputadas por times e seleções da Europa pode também dar a sensação de que o futebol brasileiro é “chato”. Filipe Luís, quando ainda era jogador de futebol no Flamengo, em 2023, afirmou, em entrevista à “TNT Sports”, que o futebol no Brasil é chato de assistir: “é muito chato ver jogo, eu vejo alguns jogos do

244 MANO afirma que correu riscos e não se arrepende de testes. Disponível em:

https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/mano-afirma-que-correu-riscos-e-nao-se-arrepende-de-testes/?srsltid=AfmBOopvVTMnHOHfp5soUe_mjunYbVF4qiD8aGR9JvX-QdIEjqbb6dVm. Acesso em: 28 ago. 2025.

245 Ibid.

246 ROTSTEIN, Gustavo. Saída de bola e controle: feliz por vitória, René vê progresso no Bota. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2015/05/saida-de-bola-e-controle-feliz-por-vitoria-rene-ve-progresso-no-bota.html>. Acesso em: 28 ago. 2025.

247 Ibid.

248 MANO afirma que correu riscos e não se arrepende de testes. Disponível em:

https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/mano-afirma-que-correu-riscos-e-nao-se-arrepende-de-testes/?srsltid=AfmBOopvVTMnHOHfp5soUe_mjunYbVF4qiD8aGR9JvX-QdIEjqbb6dVm. Acesso em: 28 ago. 2025.

Brasileiro e me dá sono”,²⁴⁹ disse ele, que hoje é técnico do Rubro-Negro da Gávea. “A diferença de lá (Europa) para cá é mais na intensidade, a qualidade, rapidez de decisão, eles estão muito acima”,²⁵⁰ completou.

Diante de tudo isso, não causa espanto constatar que muitos estão de acordo com a afirmação de que, se quisermos voltar a jogar bonito e vencer, é imprescindível reproduzir aqui ideias e modelos de jogo praticados pelos times do velho continente. Mas isso, contudo, não necessariamente deve ser motivo para lamentação. Ao contrário, dizem os “integrados”, a globalização pode oferecer uma oportunidade de superar a crise técnica que o futebol brasileiro vem atravessando, arejando o debate sobre modelos e estratégias de jogo, entre outros temas e assuntos. Além do mais, se a essência do futebol brasileiro é, como se diz por aqui, o jogo ofensivo e plástico, por que não se espelhar no que estão fazendo os europeus? Em defesa dessa posição, pode-se citar as declarações de Tiago Mendes, ex-jogador da seleção de Portugal. Às vésperas da Copa do Mundo de 2010, Tiago Mendes disse ter grande admiração e respeito pela forma de jogar da seleção brasileira, “cada vez mais parecida com o modelo europeu, ‘bem-organizado’ e com ‘saídas rápidas para o ataque’”.²⁵¹ Nas palavras ao “Expresso”: “O Brasil tem cada vez mais um modelo de jogo à europeu, bem-organizado, com saídas rápidas para o ataque. Não é o Brasil que só quer dar espetáculo. Joga com a cabeça, é muito forte taticamente e por isso muito difícil de bater”.²⁵²

Mas para alguns a decisão de copiar ou não os modelos aplicados no âmbito do futebol europeu não é uma ação sem custos – trata-se de um movimento que parece pôr em xeque a própria essência do futebol brasileiro. A verdadeira dimensão do que está em jogo nesse dilema fáustico já foi apontado – entre outros – por Marcos Alvito²⁵³ e Milly Lacombe;²⁵⁴ para Alvito e Lacombe, levando em consideração alguns dos artigos que já escreveram sobre o tema – “O esporte que vendeu sua alma” e “Uma seleção sem alma”, respectivamente – o futebol brasileiro está hipotecando sua alma. (E, sabendo-se que, há algum tempo, a maior fonte de recursos dos clubes provém dos canais de televisão, não é difícil descobrir quem desempenha o papel de Mefistófeles nessa história.)

249 GUEDES, Bruno. Filipe Luís reclama do futebol no Brasil e critica arbitragem. Disponível em: <https://www.mundobola.com/filipe-luis-reclama-do-futebol-no-brasil-e-critica-arbitragem/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

250 Ibid.

251 “BRASIL tem modelo de jogo cada vez mais europeu”. Disponível em: https://expresso.pt/dossies/dossiest_desporto/dossie_mundial_2010/brasil-tem-modelo-de-jogo-cada-vez-mais-europeu=f589854. Acesso em: 1 abr. 2025.

252 Ibid.

253 ALVITO, Marcos. O esporte que vendeu sua alma. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-esporte-que-vendeu-a-sua-alma/>. Acesso em 27 mar. 2025.

254 LACOMBE, Milly. Uma seleção sem alma. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/milly-lacombe/2022/12/02/uma-selecao-sem-alma.htm>. Acesso em: 27 mar. 2025.

De acordo com essa visão um tanto sombria quanto ao futuro da identidade cultural do futebol brasileiro na era da multinacionalização, os sinais parecem indicar que estamos assistindo à continuidade de uma série de modificações profundas que ameaça perigosamente a sobrevivência do que existe de mais singular na identidade cultural do futebol brasileiro. Com efeito, entre os que partilham da opinião de Alvito e Lacombe, a espetacularização deve ser rejeitada porque é uma forma de controle social apoiada na promoção da homogeneização das experiências e, portanto, no apelo à conformidade.

Não que seja exatamente uma novidade, levando em consideração que Walter Benjamin, em meados da década de 1930, já havia alertado para o fato de que a reprodutibilidade técnica destrói a aura das coisas na medida em que promove uma espécie de apagamento da presença.²⁵⁵ Em uma de suas tantas frases célebres, o jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues também manifestou suas ressalvas a respeito da espetacularização do esporte ao afirmar que “o videotape é burro”. Inácio Araújo, crítico de cinema do jornal “Folha de São Paulo”, vai ainda mais além. Para ele, a declaração do autor de “Vestido de Noiva”, “Álbum de Família” e “Anjo Negro” toca em temas mais profundos relacionados ao mundo administrado e à sociedade do controle. “Com a tecnologia moderna, vieram as transmissões diretas, o videotape, a repetição dos gols -o “repeteco”, como dizia um locutor careta. O inesquecível Nelson Rodrigues (1912-1980) era uma voz solitária a pregar que o videotape é burro. Aparentemente, ninguém entendia o que ele pretendia dizer”. E acrescenta: “Burro e perverso, diríamos hoje. Pois o videotape é a matriz de um mundo que controla com intensidade cada vez maior a movimentação das pessoas, nos campos de futebol, nos elevadores, nas firmas”.²⁵⁶

Oportunidades criadas pela espetacularização do futebol

Nos últimos anos, tem-se observado um aumento do peso dos videogames no que concerne à definição da realidade do futebol-espetáculo.²⁵⁷ Como resultado dessa situação, afiguram-se tanto mais interessantes e atrativos os jogos e os campeonatos que melhor se aproximam do que ocorre na experiência proporcionada pelos jogos eletrônicos de futebol, cujo *gameplay* é baseado, acima de tudo, em escolhas sobre opções disponíveis de gerenciamento de estratégias e táticas de jogo e na

255 BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

256 ARAÚJO, Inácio. Videotape controla com intensidade crescente a movimentação das pessoas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0606201011.htm>. Acesso em: 28 mar. 2025.

257 GASTALDO, Édison Luis. “Os campeões do século”: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (org.). Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

cadência acelerada dos acontecimentos que se sucedem na tela. A *Premier League*, por exemplo, é frequentemente elogiada por seu ritmo acelerado, intensidade e competitividade. A variedade tática e a força física dos jogadores refletem bem a experiência de jogo em títulos como “FIFA” (EA Sports), onde há uma ênfase em velocidade e contra-ataques rápidos. É compreensível, então, que a liga de clubes da primeira divisão da Inglaterra ocupe um lugar tão especial no imaginário tanto de torcedores como de atletas profissionais, principalmente os mais jovens que passam boa parte do seu tempo livre jogando videogames. Como sinal desses tempos, uma das maiores joias do Palmeiras decidiu assinar contrato com o Chelsea, da Inglaterra, por causa de sua paixão pelos videogames. A opinião é do jornalista Paulo Vinícius Coelho, o “PVC”, autor do livro “Bola fora: A história do êxodo do futebol brasileiro” (Panda Books, 2009):

As pessoas falam assim: 'ah, o cara quer morar na Europa pelo aspecto cultura'. Não é 100% verdade, embora possa ser verdade no caso do Scarpa, que queria morar na Inglaterra pela questão cultural. Mas tem um ponto, que é o que leva o Estêvão para o Chelsea, que é inacreditável, mas é verdade: o videogame.

O Estêvão quer jogar no Fifa, o Brasil não está no FIFA e precisa entrar no FIFA porque o jogador vê aquilo ali e diz 'eu vou jogar com Palmer'. Ele está jogando no Fifa com o Cole Palmer e agora ele vai jogar ao lado dele. O Chelsea foi sexto colocado do Campeonato Inglês ano passado, está em quarto lugar esse ano, brigando para voltar pra Champions League, não é a melhor escolha, mas ele está encantado que ele vai jogar com o Palmer. Então, tem uma mistura de fatores. Dinheiro muitas vezes está dando empate; cultura muitas vezes o cara prefere ficar aqui fazendo churrasco; e o videogame.²⁵⁸

Pelo menos no caso do futebol, não parece exagero afirmar que a globalização foi impulsionada sobretudo pelo desejo dos maiores e principais conglomerados de mídia de expandir suas redes de negócios e, assim, ampliar suas margens de lucro. E o que poderia ser melhor do que o futebol, uma paixão de milhões de pessoas pelo mundo? A liga nacional italiana, turbinada pelo apoio financeiro do governo (e da máfia), deu o pontapé inicial; no início da década de 1980, o *Calcio* – como é chamado por lá o campeonato nacional da primeira divisão – já figurava como um dos principais produtos de exportação da “Terra da Bota”, sendo transmitido pela televisão, via satélite, para vários países – incluindo, é claro, o Brasil.

A partir de então, é a imagem que se consolida como ativo mais importante do negócio. Nesse cenário, talvez mais do que em nenhum outro, a imagem é uma mercadoria – ou melhor, é a mercadoria, o bem com maior valor de troca e aquele que mais gera dividendos. Ao mesmo tempo, como não poderia deixar de ser, fortalece-se o poder da televisão como principal definidora da realidade do futebol-espetáculo. (Comparando-se, apenas a título de curiosidade, o processo de

258 PVC: Estêvão escolheu jogar com Palmer no Chelsea também pelo videogame. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2024/10/16/estevao-escolheu-jogar-no-chelsea-tambem-pelo-videogame-diz-pvc.htm>. Acesso em: 28 mar. 2025.

globalização do futebol com as expansões marítimas do século XV, pode-se dizer que as imagens são um novo tipo de especiaria, ao passo que a televisão desempenha o papel das caravelas; reatualiza-se, assim, a famosíssima cena do filme “O sentido da vida”, terceiro filme do grupo inglês *Monty Python*, lançado em 1983, onde financistas à bordo de suas naus interceptam embarcações de outros, numa alusão à incorporação de empresas menores por outras maiores.)

De toda maneira, é pouco provável que essa empreitada tivesse sido bem-sucedida se, paralelamente a tudo isso, a maneira como os torcedores se relacionavam com o futebol já não estivesse em mutação. Se em outros tempos a experiência de estar presente em um estádio de futebol e assistir *in loco* as partidas do time do coração era insubstituível, bem como a oportunidade de poder participar em pessoa das trocas jocosas entre torcedores, agora esse cenário começou a se redefinir com a ascensão das tecnologias digitais e das transmissões ao vivo. As redes sociais, em particular, transformaram a forma como os torcedores se conectavam e interagiam com o esporte, permitindo que milhões pudessem acompanhar os jogos em tempo real, mesmo a milhares de quilômetros de distância. A experiência do torcedor começou a ser mediada por telas, e a originalidade do momento no estádio foi gradualmente substituída pela instantaneidade e pela interatividade proporcionadas pela internet. Assim, a comunidade de fãs se expandiu, e os laços de identidades locais se entrelaçaram com um sentimento global, criando, por um lado, uma nova forma de vivenciar a paixão pelo futebol, mas, por outro lado, um certo distanciamento da vivência presencial que antes era tão marcante. O futebol, portanto, passou a ser não só um espetáculo ao vivo, mas também um evento globalizado, onde as fronteiras físicas se tornaram cada vez mais difusas e a experiência coletiva foi submetida à individualização proporcionada pela era digital.

Mundialização das imagens e sensação de declínio do “futebol-arte”

Olhando em retrospectiva, é quase inacreditável que apenas pouco mais de meio século tenha se passado desde que os primeiros aparelhos de televisão começaram a se tornar populares nos lares das classes médias e altas dos Estados Unidos e da Europa. A impressão é de que o mundo onde estes e outros dispositivos tecnológicos similares ainda não haviam sido inventados e a realidade à qual eles se referem se apresentava sem interferência de sua mediação faz parte de um passado distante, quase “pré-histórico”. Atualmente, telas de todo tipo compõem a paisagem do cotidiano e se fundem com ela, de tal maneira que quadro e moldura parecem indissociáveis. A onipresença das imagens em nossas sociedades tornou difícil para a maioria de nós imaginar um modo de vida diferente do que conhecemos e experimentamos, anterior ao presente estado de coisas. Também pudera, vivendo por tanto tempo em uma realidade inundada por imagens, já não

somos capazes de distinguir muito bem a realidade da imagem da realidade. Sob domínio do império das imagens, somos como os peixinhos da anedota de David Foster Wallace, que ignoram completamente o fato de que estão nadando em água.²⁵⁹ Quase um século de predominância praticamente absoluta dos meios de comunicação de massa na existência do dia a dia resultou em um alargamento do fosso entre o real e o virtual. Com efeito, na medida em que nos afastamos da realidade, o referente desaparece da linha do horizonte. O que resta, então, é um mundo atulhado de cópias, réplicas e imitação, onde nem ao menos somos capazes de mencionar a realidade. Para chamar a atenção para a gravidade do que vem acontecendo, Jean Baudrillard afirmou que, nesta conjuntura, marcada pela perda do referente e pelo consequente triunfo do simulacro na definição da realidade, pode-se falar em “assassinato do real”.²⁶⁰

Aqui, é tentador apelar para uma analogia com os fantasmas, já explorada por Walter Benjamin em seu ensaio sobre a fotografia.²⁶¹ Ora, o que são as imagens produzidas por dispositivos tecnológicos e artificiais senão fantasmas, visto que sua existência não mais depende e pode se prolongar para além daquilo que outrora foi seu referente? Não à toa, para algumas tradições religiosas, tirar a foto de alguém significa roubar-lhe a alma. Em razão dessa crença, diferentes povos e culturas transformaram o registro de imagens em verdadeiro tabu. Acreditando-se ou não na existência da alma, a referência ao mito é útil na medida em que evidencia um certo mal-estar diante da tensão incontornável entre fugacidade da presença e a pretensão à imortalidade através da reprodução e exposição *ad infinitum* de imagens geradas artificialmente. Foi esse mesmo mal-estar ante o apagamento da presença que fez da reprodutibilidade técnica da obra de arte na sociedade dos meios de comunicação de massa tópico importante da crítica cultural da Escola de Frankfurt. A esse respeito, é conhecida a polêmica entre Walter Benjamin e Theodor W. Adorno face à perda da aura da obra de arte em consequência do avanço e da consolidação dos *mass media*. Se, para o primeiro, a perda da aura talvez pudesse ser visto como algo libertador, para o segundo isso representa uma marcha inexorável em direção a barbárie.²⁶² (Nesse sentido, tanto Theodor W. Adorno quanto Davi Kopenawa²⁶³ parecem estar na mesma trincheira, ambos levando-se em armas contra os perigos que ameaçam levar à perda da “alma”.)

E, quando assunto é futebol, outros também vêm se juntar às suas fileiras. É o caso, por exemplo, de Marcos Alvito. Para muitos que pensam como Alvito, o futebol brasileiro está

259 ORDINE, Nuccio. A utilidade do inútil: um manifesto. Rio de Janeiro: Zahar, 2016, p. 34.

260 BAUDRILLARD, Jean. A ilusão vital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

261 BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

262 KOTHE, Flávio René. Benjamin & Adorno. São Paulo: Ática, 1978.

263 KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

perdendo a sua identidade. E tal como ele, a maioria, salvas raras exceções, não exita em atribuir a culpa por isso às consequências da globalização. De fato, com o fim da lei do passe e a entrada definitiva do futebol brasileiro no mercado internacional da bola, agremiações nacionais foram jogados aos tubarões, tamanho era o abismo estrutural e financeiro em relação aos clubes estrangeiros. Como corolário disso, acentuou-se ainda mais a tendência de saída de jogadores do país para ir atuar nos gramados dos campos da Europa e da Ásia. É bem verdade que o movimento de importação de jogadores brasileiros por clubes europeus e asiáticos já havia começado anos antes, quando Zico, Júnior, Falcão, Renato Gaúcho, Casagrande, Careca e tantos outros mudaram-se para a Itália, seduzidos por propostas de contrato que envolviam cifras milionárias e pelo alto nível de qualidade daquele que, nos anos 1980 e em grande parte dos anos 1990, foi o principal e mais importante campeonato do mundo: o *Calcio*; mas nada do que se viu durante esse período pode ser comparado ao que viria a seguir.

Os melhores e mais destacados atletas de futebol são os alvos prediletos dos clubes estrangeiros. Quanto aos clubes nacionais, eles pouco ou nada podem fazer para impedir que estes jogadores deixem o país para atuar no exterior, dada a discrepância de poder econômico entre as partes frequentemente envolvidas nesse tipo de negociação. Nesse cenário, com tantos bons jogadores atuando hoje em clubes estrangeiros, é natural que o nível de qualidade dos certames nacionais sofra um declínio. E, muito embora os estádios nunca estiveram tão cheios e o número de gols marcados tenha aumentado na comparação com décadas anteriores, a percepção geral, tanto dos jornalistas especializados quanto dos torcedores e da audiência, é a de que a maneira como o jogo é jogado no Brasil piorou.

Os que enxergam as coisas desse jeito não raro têm a opinião de que o futebol brasileiro chegou até este estado porque acabou, por um motivo ou outro, afastando-se de suas raízes, as quais invariavelmente remontam à ideia de “futebol-arte”. Em outras palavras, o diagnóstico do senso comum de que o futebol brasileiro é mau jogado vem geralmente acompanhado de um juízo moral que deposita a responsabilidade por tudo isso nas escolhas de dirigentes, técnicos e jogadores, os quais, na tentativa de manterem-se competitivos nas circunstâncias atuais, teriam optado por se agarrar a um estilo de jogo calcado num “futebol de resultados” – e afastando-se, assim, da verdadeira “essência” do futebol brasileiro. É desnecessário lembrar que a pressão de resultados sempre existiu; ninguém gosta de perder, afinal – tanto menos em ambientes tão competitivos quanto aqueles dos esportes de alta performance. No entanto, ao longo dos anos, a pressão por resultados foi se tornando cada vez mais sufocante, cujo melhor exemplo talvez seja o aumento do número de casos de fratura por estresse de atletas profissionais.

Ao mesmo tempo, os clubes têm que lidar com exigências que provavelmente não estavam entre aquelas preocupações que tiram o sono de dirigentes e torcedores do passado, quando tudo o que tinham de fazer aparentemente limitava-se a envergar com orgulho a flâmula de seu clube e suar a camisa a fim de honrar suas tradições. Pouco importava o tamanho da torcida, desde que fosse o bastante para lotar estádios em dias de jogos. E, no fim das contas, quase ninguém se importava com o resultado de uma partida. Afinal, ganhar e perder faz parte do jogo. Porém, em algum momento o desempenho passou a ser avaliado com base em critérios de mercado que parecem ser estranhos ao espírito do jogo, e muitas vezes indo de encontro a ele. Tendo sido obrigados a se adaptar às exigências do mundo dos negócios, os clubes de futebol transformaram-se, na prática, em empresas – e, como toda e qualquer empresa capitalista que almeja sucesso, pautam suas ações em termos de produtividade e de eficiência.

A espetacularização é mais um dos desdobramentos do processo de globalização. Com efeito, na medida em que o esporte mais popular do mundo procura cada vez mais se inserir na lógica dos negócios, distanciando-se de suas raízes comunitárias e populares, a conformação do futebol às exigências da indústria cultural do entretenimento torna-se uma condição *sine qua non* para a ampliação e a conquista de novos mercados de consumidores. Hoje, o dinheiro da televisão é o pilar fundamental que sustenta o modelo de negócios do futebol, uma realidade em todo mundo. Soma-se a esse contexto de espetacularização promovida pela televisão a influência dos jogos eletrônicos, que moldaram e continuam a moldar gerações de fãs de futebol,²⁶⁴ transformando não apenas a maneira como são estabelecidos os vínculos entre torcedores e clubes, mas igualmente o jeito como o futebol é pensado²⁶⁵ e jogado.²⁶⁶

A “comodificação” do “futebol-arte” e as dificuldades de mercado enfrentadas pelo jeito “tipicamente” brasileiro de jogar bola

Na era da sociedade do espetáculo,²⁶⁷ o jeito brasileiro de jogar futebol tornou-se uma *commodity* preciosa e item de exportação, sendo hoje um objeto de desejo de grandes clubes do

264 KELLY, James. How video games shaped a generation of modern football fans. Disponível em: <https://thesefootballtimes.co/2018/10/29/how-video-games-shaped-a-generation-of-modern-football-fans/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

265 SHIELDS, Craig. Play on: how video games are changing the way we coach youth football. Disponível em: <https://www.theguardian.com/games/2018/jul/25/how-video-games-are-changing-youth-football-coaching-fifa>. Acesso em: 25 mar. 2025.

266 SMITH, Rory. How Video Games Are Changing the Way Soccer Is Played. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/10/14/sports/soccer/the-scouting-tools-of-the-pros-a-controller-and-a-video.html>. Acesso em: 25 mar. 2025.

267 DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

mundo, que com isso buscam agregar valor às suas marcas. Josep Guardiola, um dos treinadores mais badalados do momento, não esconde sua admiração pela escola brasileira de futebol. Recentemente, ele confessou que a seleção brasileira de 1982, uma dos epítomes do “futebol-arte”, sempre foi uma grande inspiração para seu trabalho à frente dos gigantes Barcelona, Bayer de Munique e Manchester City. “Essa seleção foi uma das melhores que existiram. Todos os jogadores eram maravilhosos: Éder, Zico, Júnior. Foi uma seleção extraordinária”, disse ele em entrevista ao canal “ESPN Brasil”, cinco anos atrás, em 2020. Com tantos elogios ao time comandado pelo brasileiro Telê Santana que encantou o mundo na Copa de 1982, não surpreende a influência das ideias do brasileiro nas equipes que jogam sob a batuta de Guardiola. Com efeito,

[...] a influência de Telê Santana ainda pode ser vista nas equipes de Guardiola. O treinador brasileiro inovou e deu extrema liberdade para os laterais Júnior e Leandro avançarem, muitas vezes atuando praticamente como meias. Mais tarde, no São Paulo, fez a mesma coisa com Cafu.

Guardiola também utilizou a estratégia com Dani Alves, no Barcelona, ou Philipp Lahm e Alaba, no Bayern de Munique. E logo que chegou no Manchester City, gastou milhões para contratar Walker e Mendy, dois dos laterais mais caros do mundo.

Telê também sempre queria que suas equipes ganhassem jogando bem e era contra um jogo pragmático, apenas pelo resultado. Outra filosofia que ecoa em Guardiola, que sempre joga para vencer, mesmo quando o empate é suficiente.²⁶⁸

Anos depois, pouco antes da partida entre Fluminense e Manchester City pela final do Mundial de Clubes da FIFA, Guardiola voltou a enaltecer a escola brasileira de futebol. Na oportunidade, ele lembrou das primeiras lições do assunto que recebeu de seu pai, outro grande fã do futebol brasileiro. “É a escola brasileira. Jogam muito bem com a bola, se juntam muito, têm jogadores de muita qualidade [...]. É o futebol brasileiro de longa data. Sempre lembro do meu pai, me dizia que os brasileiros jogam de forma bem lenta, todos juntos com a bola, passes curtos e de repente, no último momento, arrancam rapidamente. Parece que é a essência.”²⁶⁹ Não obstante, talvez a qualidade da escola brasileira de futebol mais prezada por Guardiola é a vontade de jogar para frente, priorizando sempre o ataque; é uma forma de encarar o jogo onde a preocupação com o resultado é menor do que tocar o coração de todos mirando a beleza do desempenho em campo. De acordo com essa perspectiva, a seleção capitaneada por Telê Santana tem uma essência muito parecida com a da seleção holandesa de Rinus Michels e Johan Cruyff – este último outra grande referência para Guardiola. “A Holanda de Cruyff em 1974 não ganhou o Mundial, mas as pessoas

268 COMO O BRASIL de 1982 inspirou o trabalho de Guardiola. Disponível em:

<https://www.goal.com/br/not%C3%Adcias/como-o-brasil-de-1982-inspirou-o-trabalho-de-guardiola/9p4d0nvxsm414g2k9kiw97m4>. Acesso em: 26 mar. 2025.

269 OS LAÇOS entre Guardiola e o futebol brasileiro: profunda admiração. Disponível em:

<https://www.fifa.com/pt/tournaments/mens/fifa-club-world-cup/saudi-arabia-2023/articles/guardiola-futebol-brasileiro-relacao-mundial-clubes-fluminense>. Acesso em: 26 mar. 2025.

lembram mais do perdedor que do ganhador, porque produziu emoção. Você conseguir isso com um título, é o sumo”,²⁷⁰ comparou o técnico do Manchester City, que foi treinado por Cruyff na época em que foi jogador do Barcelona, quando atuou ao lado de craques do naipe de Michael Laudrup, Hristo Stoichkov, Ronald Koeman e Romário.

Em alta lá fora, em baixa em casa. A saída cada vez mais precoce dos talentos brasileiros para o exterior, somada à pressão por resultados, cria um ambiente onde o pragmatismo parece uma opção melhor do que o futebol arte. Na esteira dos maus resultados em campo, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) tem apostado em nomes como Dunga, Luis Felipe Scolari e Tite, numa tentativa de colocar a seleção brasileira de novo no caminho das vitórias, indicando a preferência dos dirigentes por um estilo de jogo calcado em princípios preceitos que pouco têm a ver com a essência da escola brasileira de futebol.²⁷¹ Sentindo-se incapazes de medir forças com as equipes das principais ligas europeias e debatendo-se com o baixo nível técnico de seus próprios campeonatos nacionais, os times brasileiros também vêm adotando uma abordagem voltada para objetivos supostamente mais práticos e realistas. “Quem quiser espetáculo, tem de ir no Municipal mesmo”, como já sugeriu o ex-técnico e ex-comentarista Muricy Ramalho em coletiva de imprensa após vitória do São Paulo sobre o Cruzeiro pelo Campeonato Brasileiro de 2009.²⁷² No entanto, apesar da opção pelo pragmatismo, até aqui o desfecho não foi o esperado, com clubes e seleções acumulando derrotas atrás de derrotas. O primeiro grande choque de realidade veio quando o Santos de Muricy Ramalho foi goleado por 4 a 0 pelo Barcelona de Guardiola na final do Mundial de Clubes de 2011. Ainda que contasse em seu elenco com jogadores como Ganso e Neymar, o então melhor time da América do Sul não foi páreo para Messi, Xavi, Iniesta, Puyol e companhia. Mas, indiscutivelmente, o maior baque foi a derrota acachapante da seleção brasileira para a Alemanha na Copa do Mundo do Brasil de 2014, ocasião na qual o time do treinador Luiz Felipe Scolari foi goleado por 7 a 1 no estádio do Mineirão, em partida válida pela semifinal da competição.

Admiravelmente, as mesmas forças sociais e culturais que vem levando a uma onda de padronização dos estilos de jogo e das estratégias táticas, colocando em risco a variedade cultural entre equipes e seleções nacionais de diferentes países, também impulsionam a valorização dos jeitos de jogar futebol de cada país. É o que se pode chamar de “commodificação” das identidades

270 GUARDIOLA quer treinar uma seleção e afirma que Brasil seria difícil. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/08/treinar-o-brasil-e-dificil-mas-queiro-uma-selecao-diz-guardiola.shtml>. Acesso em: 26 mar. 2025.

271 COELHO, Paulo Vinícius. Escola brasileira de futebol. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

272 MURICY Ramalho: 'Espetáculo só no Municipal'. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/muricy-ramalho-espetaculo-so-no-municipal-3141875>. Acesso em: 26 mar. 2025.

culturais do futebol globalizado,²⁷³ onde a fragmentação da experiência e a sua reorganização em unidades de signos e de imagens consumíveis ditam as regras do negócio. Desnecessário dizer que os jogos eletrônicos de futebol desempenham papel decisivo nesse processo de “commodificação”, que em muitos aspectos envolve a datatificação²⁷⁴ e a “monetização” da relação das pessoas em geral com o universo simbólico do esporte mais popular do mundo.²⁷⁵ Isso, aliás, pode ser notado na tendência em classificar ações, habilidades e características de jogadores de futebol em categorias preestabelecidas, as quais se atribuem diferentes notas²⁷⁶ – que constitui um elemento indispensável à mecânica e à jogabilidade dos *games* de futebol. Nesse contexto, o “futebol arte” brasileiro desponta como um dos mais cobiçados ativos do mercado da bola. De fato, como veremos mais adiante, o “futebol arte” é frequentemente utilizado como um dos principais símbolos de distinção da cultura brasileira em eventos internacionais, tornando-se componente central na imagem vendida do Brasil no exterior.

Apesar de tudo, no entanto, o futebol brasileiro não tem sido capaz de emplacar sua marca no mercado internacional de *commodities* futebolísticas. Em parte, isso se deve aos obstáculos relacionados às negociações sobre os direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro da Série A para fora do país. A falta de interesse dos grupos de mídia estrangeiros pelos direitos de transmissão das partidas do mais importante certame do futebol nacional pode ser explicada por diferentes razões, entre as quais se destacam o baixo nível técnico dos jogos, a ausência de grandes ídolos e a fragmentação das vendas – o que cria um cenário onde cada um dos clubes têm de negociar individualmente com as empresas que pretendem adquirir os privilégios de exibição das disputas do circuito nacional de futebol; outro fator que merece atenção, embora seja usualmente ignorado por analistas e especialistas, tem a ver com os percalços e contradições subjacentes às tentativas de adaptação de um produto sociocultural para um contexto diferente do qual foi originalmente desenvolvido.

Como se não bastasse tudo isso, clubes nacionais e atletas que atuam no país muitas vezes não figuram entre as opções jogáveis de franquias de *games* de futebol como EA Sports FC (Electronic Arts) e Efootball (Konami). Obviamente, essa ausência não apenas limita a visibilidade do futebol brasileiro para as novas gerações de jogadores e torcedores ao redor do mundo, mas

273 GIGLIO, Sérgio Settani; RUBIO, Kátia. (2013). Futebol profissional: o mercado e as práticas de liberdade. Revista Brasileira De Educação Física E Esporte, 27(3), 387–400. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013000300006>.

274 LEMOS, André. Dataficação da vida. Civitas: Revista De Ciências Sociais, 21(2), 193–202.

<https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39638>.

275 Na verdade, “datatificação” e monetização caminham de mãos dadas, sobretudo na atual conjuntura, profundamente marcada pela digitalização da cultura e da vida cotidiana.

276 Coincidência ou não, o termo mais comum utilizado para se referir a essas notas é “rating”, que nada mais é do que uma palavra que o mercado financeiro lança mão para designar uma nota que uma agência classificadora de risco atribui a um governo, empresa ou emissão de dívida.

também colabora para a percepção de que o que se faz nos campos de futebol do país não é relevante no cenário global – impressão que é reforçada pelo fato de que os jogos eletrônicos de futebol detêm, atualmente, grande poder de definição da realidade do futebol-espetáculo. Mas as coisas ficam ainda mais complicadas quando, hoje em dia, os próprios europeus conseguem reproduzir com alguma fidelidade os traços mais característicos do “futebol arte” brasileiro. Com isso, vai caindo por terra a premissa ideológica de uma visão ufanista que defendia que apenas os jogadores brasileiros poderiam jogar de uma determinada maneira. (Um dos poucos representantes remanescentes dessa antiga tradição de pensamento, Vanderlei Luxemburgo, ex-técnico e comentarista, resumiu bem essa ideia dizendo o seguinte: “O Europeu não tem empirismo, tem aquela coisa robô, de esquema tático. Quem tem o improviso é o brasileiro. O Garrincha não ia jogar na Europa porque era todo torto”).²⁷⁷

Isso, porém, não implica necessariamente decretar o fim da escola brasileira de futebol. Apesar do intenso e ininterrupto fluxo de informações e de trocas culturais proporcionado pela globalização e também da reificação, fetichização e mercantilização do “futebol-arte” promovidas pela indústria dos meios de comunicação de massa, há indícios de que algo ainda se conserva em meio a esse cenário de mudanças e resiste ao avanço da modernização à europeia do futebol brasileiro. Ademais, a tensão aparentemente insuperável entre o “futebol-arte” e o “futebol total” é um sintoma do choque de duas forças opostas, o que coloca em primeiro plano a afinidade negativa entre o *ethos* barroco do futebol brasileiro e o espírito do futebol moderno. Ao mesmo tempo, a colisão entre essas forças traz à tona as dimensões ideológicas e utópicas subjacentes a ambas as visões de futebol e de mundo.

²⁷⁷ LUXEMBURGO critica seleção com "cintura dura" e ataca "futebol moderno". Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/09/05/luxemburgo-critica-selecao-com-cintura-dura-e-ataca-futebol-moderno.htm>. Acesso em: 1 abr. 2025.

CAPÍTULO 2

“Geração Playstation”: Jovens brasileiros que torcem para times europeus

Do homo cordialis ao homo economicus

Em 2014, nove ondas de pesquisas realizadas pela ESPN Sports Poll a pedido da empresa desenvolvedora e distribuidora de jogos eletrônicos Electronic Arts revelaram que os jogos eletrônicos da série “FIFA” se tornaram o maior veículo de popularização do futebol nos Estados Unidos da América. A ESPN Sports Poll, criada por Richard Luker em 1994, “é uma das pesquisas mais abrangentes no cenário esportivo”, defende Fernando A Fleury, ex-blogueiro do ESPN.com.br. “Usando a metodologia de avaliação Q, a pesquisa busca determinar a atração que determinados esportes ou esportistas exercem em relação ao grupo selecionado demograficamente com base em fatores familiares e fatores de probabilidade”, explica ele.²⁷⁸ De acordo com os resultados das pesquisas realizadas pela ESPN Sports Poll, trinta e quatro por cento dos norte-americanos que jogam “FIFA” responderam que já o faziam antes de tornarem-se fãs de futebol, enquanto cinquenta por cento deles disseram que, por causa do jogo eletrônico, estão mais interessados no futebol hoje do que antes, quando ainda não jogavam “FIFA”. Para Andrei S. Markovits, e Adam I. Green, da Universidade de Michigan,

There is no doubt that the rise in popularity of the FIFA video game series in America has coincided with a rise in popularity of pro soccer in the U.S. The percentage of Americans who identify themselves as avid pro soccer fans has grown every year since 2009, per ESPN.com. In this same period, the popularity of the video game series has expanded rapidly: FIFA’s unit sales in the U.S. increased by 35% from 2010 to 2012, reaching 2.6 million in 2012. Each new edition since FIFA „10 has received ratings of at least 9 out of 10 by some rating system on at least one device. FIFA has also become EA Sports’ best-selling entity, accounting for nearly 25% of its revenue in 2014.²⁷⁹

Tal como nos EUA e em boa parte do planeta, aqui no Brasil os jogos eletrônicos de futebol também se apresentam como uma das principais portas de entrada para o mundo dos espetáculos do grande circo do futebol globalizado. No país onde o futebol é um dos esportes preferidos e atrai multidões, não faltam torcedores que afirmam ter escolhido seus clubes com base na experiência com os videogames. Curiosamente, boa parte dos brasileiros que atribuem aos jogos

278 FLEURY, Fernando. ESPN Sports Pool. Disponível em:

http://www.espn.com.br/blogs/fernandofleury/106798_espn-sports-poll. Acesso em: 23 nov. 2018.

279 FIFA, the Video Game: A Major Vehicle for Soccer’s Popularization in the United States. Disponível em:

http://www.huffingtonpost.com/andrei-markovits/fifa-the-video-game-a-maj_b_8085220.html. Acesso em: 23 nov. 2018.

eletrônicos de futebol papel preponderante na escolha do time para que torcem declara preferência e/ou simpatia por clubes estrangeiros.²⁸⁰

Os jovens torcedores de times estrangeiros estão por toda parte, uma rápida pesquisa na internet é suficiente para encontrar comunidades não apenas ligadas a times grandes e famosos, mas também aos pequenos, como o inglês Hull City, escolhido por Matheus Campos, 20 anos. “Comecei a torcer para o Hull no começo de 2007 porque jogava com ele em um game de computador, desde então o sentimento só aumentou e minha relação com o clube também”, diz. “Conheci muita gente ao redor do mundo por causa do time”, afirma o estudante, que admite também torcer pelo Grêmio.²⁸¹

Outrossim, acredita-se que o peso da influência dos jogos eletrônicos de futebol na formação das preferências dos consumidores brasileiros por clubes do exterior pode ser melhor evidenciada a partir da discussão sobre o caso para os brasileiros que torcem para clubes europeus “menos badalados”²⁸². As escolhas desses consumidores levantam questões ainda não resolvidas a respeito de suas motivações, uma vez que não podem ser muito bem explicadas pelos fatores usualmente apontados como sendo os responsáveis pelo crescimento da torcida de clubes estrangeiros em território nacional, o que levanta a suspeita de que os jogos eletrônicos de futebol são os principais fiéis da balança em casos como esses.

Na contramão da tendência mais geral, esses consumidores estão entre uma minoria de brasileiros que se identificam com os times de futebol menos badalados do velho continente. Este número, no entanto, vem crescendo consistentemente nos últimos anos, embalado pelas novas tecnologias da comunicação e informação. Pelo menos é o que indicam alguns dados preliminares obtidos através do monitoramento de redes sociais e de entrevistas com brasileiros que torcem para pequenos times da Europa. A chamada “Europeização do futebol” – isto é, o fenômeno dos “brasileiros que torcem para times estrangeiros menos badalados” – foi tema de debate no Portal de Jornalismo da ESPM há três anos, em outubro de 2020.

[...] um novo fenômeno parece estar surgindo: a criação de páginas brasileiras dedicadas a clubes europeus “pouco badalados”. A fanpage da Atalanta, @AtalantaBrasil, por exemplo, já possui 3.400 seguidores no Twitter. No Instagram, o perfil @PortsmouthBrasil também conta com cerca de 3.000 seguidores, enquanto 2.200 pessoas curtem a página “FC St. Pauli Brasil” no Facebook. Estes são apenas alguns exemplos das milhares de

280 O oposto, no entanto, não é necessariamente verdade: nem todos os brasileiros que torcem para times estrangeiros apontam os jogos eletrônicos de futebol como um fator decisivo para suas escolhas.

281 BORGES, Rodrigo. *Um brasileiro de 20 anos fanático pelo futebol romeno*: por que ele é a cara da Geração Playstation. Disponível em: <<http://esportefinal.cartacapital.com.br/geracao-playstation-brasileiro-blog-futebol-romenia/>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

282 A categoria “times menos badalados” é tomada aqui como categoria formulada pelos próprios torcedores entrevistados e, sobretudo, pela imprensa e designa times de futebol oriundos de países que não disputam os grandes campeonatos mundiais e não são transmitidos pelos canais de televisão de programação internacionalizada.

De fato, há boas evidências de que jogos eletrônicos, como as franquias “Football Manager”, “PES” e “FIFA”, transformaram-se em alguns dos principais gatilhos de atração para que as novas gerações se aproximem do futebol. Não está claro, porém, como e por que isso acontece. Se, por um lado, a causa é conhecida – os brasileiros consumidores de futebol que integram a amostra dessa pesquisa foram selecionados a partir de contatos nas redes sociais e metodologia de bola de neve, tomando-se como objeto de estudo apenas aqueles que apontaram os jogos de videogames como sendo o motivo pelo qual vieram a simpatizar e/ou torcer por um time de menor expressão da Europa –, por outro lado pouco se sabe a respeito do conjunto de circunstâncias em que uma coisa se liga a outra.

Assim, dentro dos limites de uma investigação qualitativa, pretende-se contribuir para o avanço da compreensão sobre as condições nas quais esta conexão ocorre. Para que isso seja possível, chegou-se à conclusão de que era preciso entender melhor o perfil desses torcedores e/ou simpatizantes – ou seja, como eles se dividem em relação a gênero, idade, localização e classe social –, o que foi feito por meio de levantamento bibliográfico nas bases de dados de pesquisas de opinião pública realizadas nas últimas décadas. Ainda no que tange a esta tarefa, outra medida importante, complementar a anterior, consistiu em interrogar os consumidores brasileiros de futebol sobre seus próprios objetivos e crenças através da aplicação de questionários e condução de entrevistas em profundidade.

Paralelamente a tudo isso, procedeu-se também a uma análise dos jogos eletrônicos de futebol, tendo em vista que esses artefatos socioculturais não são “neutros”, mas veiculam valores, eventualmente desempenhando influência na formação das crenças e nas ações dos consumidores brasileiros de futebol. Com efeito, a fim de deslindar os valores presentes nos jogos de videogames de futebol, considerou-se mais apropriado abordá-los como se fossem uma espécie de texto, estratégia metodológica esta que permitiu lançar mão de instrumentos e ferramentas tomados de empréstimo de outras áreas de estudo, particularmente da crítica literária e dos estudos de mídia. Nesse sentido, procurou-se fazer uma análise textual dos jogos eletrônicos de futebol a fim de descobrir o sentido que foi preferido na construção desses tipos de texto.

Todavia, não é a primeira vez que propomos uma discussão sobre problemas relacionados à influência dos jogos eletrônicos de futebol na formação das preferências de consumo dos brasileiros

283 “EUROPEIZAÇÃO” do futebol: os brasileiros que torcem para times estrangeiros menos badalados. Disponível em: <https://jornalismorio.espm.br/geral/europeizacao-do-futebol-os-brasileiros-que-torcem-para-times-estrangeiros-menos-badalados/>. Acesso em: 30 set 2023.

quando o assunto é a escolha do clube para o qual torcer. No curso das investigações que culminaram com dissertação de mestrado defendida em 2017 e intitulada “Geração PlayStation: Jogos de futebol em ambientes virtuais e jovens brasileiros que torcem por clubes estrangeiros”, tivemos como objetivo analisar, em caráter exploratório e a partir de uma abordagem qualitativa, possíveis conexões entre o sucesso de *games* como “FIFA” e “PES” e o aumento do interesse dos brasileiros por clubes do exterior. Naquela oportunidade, concentramo-nos, basicamente, nos aspectos relacionados à produção, voltando nossa atenção para os modos como a estética dos jogos de videogames de futebol poderiam se articular com os parâmetros e critérios que supostamente fundamentavam os juízos dos consumidores brasileiros de futebol a respeito do valor simbólico deste espetáculo esportivo, tornando-os, talvez, mais sensíveis e suscetíveis aos apelos dos clubes estrangeiros. A hipótese era de que havia uma correlação entre a estética dos jogos de videogames de futebol e a preferência de jovens e adolescentes brasileiros por clubes de futebol do exterior. A principal pergunta da pesquisa foi: “qual é o papel desempenhado pelos jogos eletrônicos no que concerne ao processo que transformou os clubes de futebol da Europa significativos a ponto de se tornarem símbolos com os quais alguns torcedores brasileiros podem identificar-se?”.²⁸⁴

Tendo formulado assim a questão, optou-se por dispor de pesquisa bibliográfica e da análise sistemática e formal de um *corpus* de jogos eletrônicos enquadrados na categoria de jogos de videogames de futebol na tentativa de encontrar indícios e pistas que corroborassem ou não a suspeita de que existia uma relação entre a estrutura comum a este gênero de *games* e o gosto por clubes estrangeiros. Tais escolhas metodológicas basearam-se na convicção de que o momento da produção devia ser o alvo central das investigações, dado o seu lugar privilegiado dentro do circuito da comunicação. No entanto, isso acabou deixando de fora das discussões questões importantes no que concerne à recepção da audiência.

Agora, para além dos jogos de videogames de futebol, o foco se dirige também aos consumidores brasileiros de futebol. Como na pesquisa de mestrado, o recorte se restringe àqueles que apontam os jogos eletrônicos de futebol como sendo os principais responsáveis por suas preferências por clubes de outros países. Dessa vez, no entanto, o escopo da investigação foi reduzido, limitando-se tão somente aos brasileiros que torcem e/ou têm alguma simpatia por equipes europeias à margem do grande circuito internacional de clubes de primeira linha. Assim, considerando-se apenas os casos em que a decisão de torcer um time de futebol do exterior é motivada por causa dos *games* de futebol, os próximos capítulos pretendem fornecer respostas a

²⁸⁴ BASTOS, Romero Jasku.. Geração PlayStation: Jogos de futebol em ambientes virtuais e jovens brasileiros que torcem por clubes estrangeiros. 2017. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017, p. 10.

algumas perguntas fundamentais, tais como: Quais são os objetivos, as características e as crenças dos brasileiros que dizem ter tomado a decisão de torcer para um time estrangeiro por causa da influência dos jogos eletrônicos? A preferência de alguns brasileiros por clubes do exterior pode ser considerada produto de uma pressuposição realizada por esses consumidores com base no sentido que foi preferido na construção dos jogos de videogames de futebol? Que mudanças sociais ocorridas no Brasil e no mundo nos últimos anos contribuíram para tornar os *games* de futebol um fator decisivo na escolha do clube de futebol para o qual torcer?

O pano de fundo é o debate em torno da relação da relação entre gamificação do esporte-espetáculo e a europeização do futebol brasileiro. Não obstante, desafortunadamente, o poder dos *games* de futebol para criar laços entre fãs brasileiros de futebol e clubes europeus não tem recebido, a nosso ver, a devida atenção nos estudos acerca dos hábitos e comportamentos desse específico tipo de consumidor, de modo que pouco ou quase nada se sabe a respeito das circunstâncias que transformam os jogos de videogames de futebol no primeiro e, ocasionalmente, mais importante elo entre torcedores nacionais e equipes internacionais. Com uma exceção ou outra, as justificativas e explicações para a preferência de alguns brasileiros por times estrangeiros passam, muitas vezes, ao largo dos videogames de futebol.

Presume-se que uma das principais razões para essa falta de interesse nos jogos eletrônicos de futebol tem a ver com o modelo usualmente adotado para explicar as motivações e o comportamento dos consumidores do futebol europeu. De fato, o problema vai muito além do debate em questão, uma vez que diz respeito a postulados e premissas sobre o comportamento humano a partir dos quais são construídos os modelos que procuram explicar as motivações e razões subjacentes às trocas de mercado e ao comportamento dos consumidores em geral. Como corolário, de acordo com esses modelos, o torcedor de futebol não passa de um consumidor que, como qualquer outro consumidor, caracteriza-se por tomar decisões racionais e orientadas pela busca do próprio interesse de maximização dos benefícios e minimização dos custos. Em termos mais grosseiros, pode-se dizer que as opções disponíveis sobre o balcão desse grande armazém de secos e molhados são as seguintes: de um lado, a bagunça, a desorganização, o amadorismo e a péssima qualidade do futebol brasileiro; do outro lado, a força, a organização, a estrutura, a qualidade e o alto nível de competitividade dos campeonatos do velho continente. O que faria um consumidor racional e autointeressado se tivesse que escolher uma dessas duas opções?

De toda maneira, a maioria das pesquisas sobre hábitos e comportamentos de consumidores orienta-se de acordo com modelos formais baseados em uma concepção quase inteiramente equivocada a respeito do comportamento humano, "um modelo que substitui o *Homo*

sapiens por uma criatura ficcional chamada *Homo eononimicus*", ²⁸⁵ critica o norte-americano Richard H. Thaler, professor de ciências comportamentais e economia na Universidade de Chicago, que ganhou o prêmio Nobel de economia em 2017 por "incorporar pressupostos psicologicamente realistas ao estudo da economia". ²⁸⁶ Daí se pode entender por que o crescimento da preferência dos consumidores brasileiros por clubes europeus é usualmente interpretado como uma espécie de “falha de mercado” do futebol nacional. No fundo, segundo o ponto de vista de muitos analistas, trata-se tão somente de um mero cálculo de custo-benefício. Para os que seguem essa linha de pensamento, os times nacionais estariam perdendo adeptos entre os brasileiros porque oferecem um serviço que deixa muito a desejar, afastando assim os clientes que prefeririam torcer para times estrangeiros. Se as coisas são melhores e mais fáceis para os grandes clubes da Europa, por que perder tempo e dinheiro torcendo por um time brasileiro? Colocando o problema dessa forma, e admitindo que o lema mais importante é seguir o mantra utilitarista de reduzir ao mínimo a dor do sofrimento e aumentar ao máximo o prazer da felicidade, parece bem mais racional fazer a escolha por uma grande equipe estrangeira. Tudo se resume a uma questão uma questão de cálculo racional, que tem pouco, ou mesmo nada a ver, com jogos de videogames de futebol.

Outro problema está no foco das análises dos especialistas e das matérias veiculadas nos meios de comunicação. Via de regra, os alvos escolhidos são os fãs brasileiros de futebol que dizem ser torcedores ou simpatizantes dos times mais ricos e vencedores da Europa, como Barcelona, Real Madrid, Manchester United, Paris Saint-Germain etc. Aliás, é perfeitamente compreensível que seja assim. Afinal, esses torcedores constituem a imensa maioria. São eles, portanto, que ditam as tendências. Acontece, porém, que quando se volta as baterias quase exclusivamente para esse grupo, desprezando outros, é bastante comum chegar à conclusão de que os jogos de videogames de futebol têm apenas um papel marginal e insignificante na formação das preferências dos consumidores brasileiros por equipes estrangeiras. Tome-se como exemplo o caso dos brasileiros que torcem para um time como o Manchester City, da Inglaterra. Para quem quer estar do lado vencedor, há muitos bons motivos para torcer para o clube que pertence grupo de investimento Abu Dhabi United Group, fundo de investimento árabe capitaneado por Khaldoon Al Mubarak, empresário dos Emirados Árabes e CEO da Mubadala Investment Company. Para começo de conversa, o elenco do time é uma verdadeira constelação de craques, contando também com jogadores brasileiros de grande projeção no Brasil e no exterior. Soma-se a isso a posição de protagonista que ocupa tanto na Barclays Premier League quanto na UEFA Champions League, dois

285 THALER, Richard H. *Misbehaving*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019, p. 18

286 O QUE deu a Richard Thaler o Nobel de economia em 2017. Disponível em:

<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/10/09/O-que-deu-a-Richard-Thaler-o-Nobel-de-economia-em-2017>.

Acesso em: 24 set. 2019.

dos maiores palcos do futebol mundial. Nos últimos anos, o clube da cidade portuária de Manchester vem trucidando adversários e empilhando troféus. Na temporada passada, foi campeão da Copa da Inglaterra (FA Cup), do campeonato inglês da primeira divisão (Barclays Premier League) e da Liga dos Campeões da Europa (UEFA Champions League). Seus jogos são transmitidos ao vivo pelos principais canais de TV e de streaming do Brasil. E isso sem mencionar a atenção que recebe da mídia especializada e do imenso volume de conteúdo que é despejado todos os dias nas redes sociais, garantindo a audiência e ao público em geral acesso a uma vasta quantidade de informações. Definitivamente, torcer para o Manchester City significa “estar por dentro”.

Como é de se esperar num cenário assim, é difícil vislumbrar como os jogos de videogames de futebol podem ter peso significativo na decisão de torcer para um time com o tamanho do Manchester City e, quando muito, aparecem nos últimos lugares nas listas de boas razões pelas quais um brasileiro talvez se inclinasse aos azuis de Manchester, time do coração dos irmãos Gallagher, ex-Oasis. E a mesma lógica se aplica aos demais fãs brasileiros de grandes equipes de fora do país: para quem não quer outra coisa senão desfrutar tanto quanto possível do sabor das vitórias e partilhar da glória de estar sempre no topo, não há opção melhor do que torcer para um gigante do futebol europeu. É sem dúvida o caminho mais curto e menos acidentado para a felicidade aqui neste mundo e não em um universo paralelo ou virtual. Ademais, se o futebol é cada vez mais um espetáculo televisivo, por que alguém deveria torcer para o Cruzeiro (MG) ou para o Internacional (RS) e não para o Bayern de Munique, da Alemanha, ou para o Milan, da Itália? Seja como for, independentemente da alternativa escolhida, os jogos de videogames de futebol estão bem distantes do centro dessa disputa pelos corações e pelas mentes dos brasileiros consumidores de futebol.

Servos sofrendores ou caçadores de glórias?

Não é segredo para ninguém que o número de brasileiros que torcem para times estrangeiros cresce a passos largos desde o início da década de 2000, sobretudo entre os mais jovens. Hoje, segundo pesquisa CNN/Itatiaia/Quaest, praticamente a metade dos jovens brasileiros também torce para algum clube de futebol do exterior. O caminho para o sucesso das grandes marcas do futebol internacional entre os consumidores brasileiros também parece ser do conhecimento de todos que se debruçam sobre o fenômeno: boa gestão. Em um mercado a cada dia mais global e competitivo, o clube melhor administrado terá mais chances de se destacar. Venda de pacotes *pay-per-view* e produtos licenciados, engajamento nas redes sociais, grandes comunidades

de consumidores constituídas com base na fidelidade a uma marca, tudo vem a reboque dos títulos obtidos no campo de jogo. E como é muito difícil formar times vencedores sem dinheiro em caixa, quanto maior a receita de um clube, maior a probabilidade de uma equipe ser campeã. É o que mostra um estudo realizado por Guilherme Bonato, Líder Riscos de Mercado da ALM/IRRBB.

Faz sentido. Uma maior receita, associada a uma boa gestão de despesas, significa a possibilidade de reter o lucro para contratação de bons jogadores e investir em infraestrutura, o que aumenta as chances de o time ser campeão.

Se, por um lado, as receitas com TV, vendas de atletas, bilheteria, marketing e patrocínio aumentam a probabilidade de o time levar um título, por outro, o nível de endividamento, não.

O resultado é interessante porque um alto endividamento pode estar relacionado com a contratação esporádica de algum jogador. É comum times recorrerem a dívidas bancárias para contratarem um jogador esperando que o fluxo de caixa gerado pelo atleta mais do que compense os juros a serem pagos, o que não necessariamente ocorre.

Em suma, o artigo confirma estatisticamente o senso comum: uma boa gestão eleva a probabilidade de se ganhar um título. O Flamengo está aí e não nos deixa mentir.²⁸⁷

Dito de outra maneira: tendo em vista que mais *players* surgem e dividem a atenção e o bolso do consumidor, levará vantagem aquele que conseguir apresentar fontes diversificadas de receitas e manter as despesas sob controle. “Num cenário em que a receita dos clubes é cada vez mais diversificada e a venda de produtos representa uma parcela importante do bolo, esses números demonstram que os times brasileiros sofrem, sim, concorrência dentro do seu território, principalmente dos gigantes do futebol europeu”, afirma Felipe Nunes, professor de Ciência Política na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e diretor da Quaest Consultoria e Pesquisa.²⁸⁸ Ainda de acordo com Nunes, a globalização foi uma das grandes responsáveis pela mudança observada nos hábitos e comportamentos dos consumidores brasileiros, redefinindo fronteiras e criando novos mercados e campos de investimento.

Essa é uma clara situação provocada pela globalização. O acesso aos jogos do futebol europeu foi crescendo com o tempo e, hoje, o brasileiro acompanha as principais ligas e as copas continentais por vários canais. A oferta é muito grande e, pelo fato de contarem com os principais jogadores, estádios sempre cheios, isso acaba provocando um encantamento principalmente nos mais jovens. Isso explica quase metade dos brasileiros com 16 anos ou mais até os 30 torcer para um time fora do Brasil [...] ²⁸⁹

287 GHANI, Alan. Estudo prova o óbvio: boa gestão eleva probabilidade de o time ser campeão. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/colunistas/economia-e-politica-direto-ao-ponto/estudo-prova-o-obvio-bo-a-gestao-eleva-probabilidade-de-o-time-ser-campeao/>. Acesso em: 2 out 2023.

288 QUASE a metade dos jovens brasileiros também torce para um time do exterior. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/quase-a-metade-dos-jovens-brasileiros-tambem-torce-para-um-time-do-exterior/>. Acesso em: 2 out 2023.

289 Ibid.

Se mais dinheiro significa mais títulos – como defende a pesquisa de Bonato, que, “por meio de uma análise econométrica”, relacionou “variáveis contábeis e financeiras com a probabilidade de um time ganhar um título” –, o desempenho dos times em campo tem impacto direto sobre as preferências dos consumidores. Não é coincidência, portanto, que os times mais vitoriosos sejam também os mais populares, arregimentando milhões de seguidores e adeptos. Outra explicação para a identificação dos brasileiros com clubes estrangeiros é a influência dos jogadores de futebol. “Claro que o desempenho esportivo conta, mas Real Madrid e Barcelona foram e são casa de muitas estrelas brasileiras. Isso cria uma identidade maior com esses clubes, que têm números significativos na preferência do nosso torcedor quando se trata de um time no exterior”, sustenta Felipe Nunes.²⁹⁰

Em todas essas análises e explicações, o torcedor é encarado basicamente como um consumidor que busca a melhor relação custo-benefício na hora de decidir qual time irá apoiar. Tendo em mente este modelo específico de torcedor, pode-se chegar facilmente à conclusão de que o crescimento da preferência dos consumidores brasileiros por clubes europeus é um reflexo das adversidades do futebol nacional, refém da falta de tino para os negócios dos dirigentes que comandam o esporte. Como se fosse alguém que estivesse indo fazer compras, o torcedor é visto como uma espécie de indivíduo racional e autocentrado, que pondera e escolhe, entre as opções disponíveis num mercado de demanda crescente, qual time vale e qual time não vale o investimento, tanto em dinheiro quanto emocional e afetivo.

No fundo, do ponto de vista dos partidários de concepções que se aproximam de modelos explicativos baseados na maximização dos interesses, trata-se tão somente de um mero cálculo de custo-benefício. Por conseguinte, para os que seguem essa linha de pensamento, os times nacionais estariam perdendo adeptos entre os brasileiros porque o espetáculo que oferecem ao seu público deixa muito a desejar, afastando-se de seus potenciais clientes, que prefeririam torcer para times estrangeiros. Na imprensa, a maior parte das explicações de jornalistas, cronistas e especialistas no assunto segue esse caminho. A Escola Superior de Propaganda e Marketing perguntou a opinião do jornalista e fundador do site “Máquina do Esporte”, Erich Beting, sobre o fenômeno.

Ignorado pelo torcedor brasileiro no passado, o futebol europeu virou sucesso absoluto no país neste século. Atualmente, é extremamente comum ver alguém por aqui dizer-se apaixonado pelo Real Madrid, Barcelona, Liverpool, PSG, Manchester United, dentre muitos outros gigantes oriundos do velho continente. Para se ter noção, uma pesquisa realizada em 2016 pelo IBOPE Repucom apontou que 72% dos nossos jovens torcem para

²⁹⁰ UM EM CADA três brasileiros torce para algum time europeu; Real Madrid lidera. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/um-em-cada-tres-brasileiros-torce-para-algum-time-europeu-real-madrid-lidera/>. Acesso em: 2 out 2023.

algum time estrangeiro, número que representa um aumento de oito pontos percentuais em relação a três anos antes.

Com a decadência do futebol nacional, torcer para os grandes craques que jogam por clubes internacionais tornou-se uma espécie de refúgio aos brasileiros. Seja através da enorme venda de camisas ou da formação de torcidas oficiais nas redes sociais, esta nova geração de torcedores já é facilmente identificável no Brasil.

De acordo com Erich Beting, jornalista, fundador do site “Máquina do Esporte” e consultor de marketing esportivo, o aumento do interesse dos nossos jovens pelos clubes estrangeiros começou há cerca de 20 anos. Para ele, este crescimento é resultado do trabalho dos principais times da Europa de fazerem suas marcas serem conhecidas mundialmente. “O Brasil era um mercado que os europeus sempre deixavam em segundo plano por conta da nossa paixão preexistente pelo futebol e pela força das marcas locais”, afirmou.

Porém, esclarece que com a realização da Copa do Mundo no país em 2014, os clubes europeus decidiram apostar mais no mercado brasileiro. “Isso fez com que campeonatos e times de lá aparecessem cada vez mais aqui, formando uma geração mais ligada às marcas estrangeiras”, explicou.²⁹¹

“É melhor torcer pro Barcelona ou pro Botafogo?” A pergunta, em tom de provocação, dá título à coluna de Alicia Klein publicada no dia 18 de março de 2023 no UOL Esportes. Além de colunista, Alicia Klein é escritora, comentarista do programa Redação Sportv e professora da Escola Nacional de Administração Pública (ENAP) e do IBMEC. O referido questionamento foi suscitado pela preocupação com o número crescente de brasileiros que torcem para times do exterior. Para Klein, a “europeização da torcida brasileira” é o resultado da combinação de fatores que vão desde a cobertura o horário de transmissão dos jogos para o público brasileiro até a beleza do jogo, passando pela semelhança com os jogos eletrônicos.

Além da qualidade dos campeonatos europeus ser, na média, mais alta do que a nossa, os jogos passam aqui de manhã ou à tarde, não às dez da noite. A mídia não cobre tão de perto a vida particular dos atletas, então fica mais fácil acreditar que sejam gente boa. O jogo é mais rápido, mais plástico, mais parecido com o videogame. Até algumas camisas são mais bonitas. O marketing é melhor.²⁹²

O diagnóstico de Klein é acompanhado de uma reação a tudo aquilo que, segundo ela, representa uma ameaça à tradição – tradição essa que deita raízes nas histórias de milhares de famílias como a dela, perpetuando-se graças à herança que é transmitida dos pais para os filhos.

Apesar de tudo e qualquer coisa, a ideia de trocar meu time brasileiro, o time do meu pai e dos meus avós, por um sem nenhuma relação com minha família, meu país, parece até meio bizarra. Uma coisa pragmática demais para combinar com o futebol.

²⁹¹ “EUROPEIZAÇÃO” do futebol: os brasileiros que torcem para times estrangeiros menos badalados. Disponível em: <https://jornalismorio.espm.br/geral/europeizacao-do-futebol-os-brasileiros-que-torcem-para-times-estrangeiros-menos-badalados/>. Acesso em: 30 set 2023.

²⁹² KLEIN, Alicia. É melhor torcer pro Barcelona ou pro Botafogo? Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/alicia-klein/2021/03/18/e-melhor-torcer-pro-barcelona-ou-pro-botafogo.htm>. Acesso em: 3 out 2023.

É um devaneio pensar que deixaremos de perder nossos maiores talentos para ligas mais ricas. A Premier League, muito provavelmente, manterá sua hegemonia e altíssimo nível técnico por décadas. Mas o futebol deles não é o nosso. A casa deles não é a nossa. Como passar para sua filha a paixão por um clube que talvez ela nunca veja jogar pessoalmente? De gente que não fala sua língua? Para quem seus avós não torceram? Cujos adversários nunca zoaram você na porta da escola? Tradição importa. Pertencimento importa. Seria muito triste alienar uma geração de torcedoras e torcedores porque alguns países têm mais dinheiro que o nosso - até porque no quesito talento sempre estaremos bem posicionados. Ainda que, hoje, seja difícil se apaixonar pela Seleção, com titulares sem protagonismo nos próprios clubes. Um dos meus melhores amigos é de Manchester e torcedor do City desde os anos 1960 - quando por aqui nem se sabia que o City existia. Ele mandou um uniforme completo para o meu filho, lindo. Está no armário, guardado, até que o pai dele e eu decidamos qual camisa brasileira o moleque vai vestir primeiro. A história não registrará que seu primeiro manto tenha sido gringo. É o mínimo que posso fazer por ele.²⁹³

O estranhamento da colunista ecoa teses clássicas da Antropologia do Esporte que correlacionam a escolha do time às relações de parentesco. Conforme já chamou a atenção Damo “o pertencimento [ao time] é herdado, salvo raras exceções, da parentela masculina consanguínea (avô, pai, irmão, tio, primo etc.), ou de amigos próximos que, do ponto de vista afetivo, são significados como parte da família”.²⁹⁴ De fato, o que causa perplexidade a Klein é um tipo de filiação que não parece corresponder aos processos de recrutamento tradicional de torcedores e que coloca em xeque explicações que se difundiram tanto nas teorias nativas como nas teorias sociológicas sobre o tema.

Não obstante, malgrado os protestos de Klein, inegavelmente a decisão de torcer para um time de futebol é uma escolha cada vez mais pragmática, acima de tudo quando o que está em jogo é a preferência por algum clube do exterior.²⁹⁵ Digo isso porque, para os brasileiros que torcem para times estrangeiros, aparentemente importa menos estreitar laços com familiares e amigos do que juntar-se às fileiras das maiores potências do futebol mundial. Na maioria das vezes, eles não são mais do que “caçadores de glórias” – para usar uma expressão empregada principalmente pelos londrinos para se referir àqueles torcedores que dão “mais valor aos títulos do que às raízes locais”. A informação é do site “Mapa de Londres”, página na internet dedicada a atrações turísticas, roteiros de viagens, opções de hospedagem, preços de passagens e ingressos com descontos, promoções para estudar, fotos e outras dicas a capital do Reino Unido.

Os moradores da capital que não torcem para os times de Londres, preferindo a dupla mais vitoriosa do norte da Inglaterra (Liverpool e Manchester United), costumam sofrer uma espécie de rejeição por parte dos outros londrinos. Cunhou-se até uma expressão pejorativa

²⁹³ Ibid.

²⁹⁴ DAMO, Arlei Sander. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (org.). Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006, p. 46.

²⁹⁵ Ibid.

para diferenciá-los: são conhecidos como *glory hunters*, ou caçadores de glórias, por darem mais valor aos títulos do que às raízes locais.²⁹⁶

Se, para a maioria esmagadora dos fãs de futebol, torcer para um time já praticamente condenado à derrota e ao fracasso não é lá uma das tarefas mais recompensadoras que existem, qual é afinal a graça de torcer para um time que quase sempre vence? Isso não vai na direção oposta às ideias dos sociólogos Norbert Elias (1897-1990) e Eric Dunning (1936-2019), para quem, grosso modo, a “busca da excitação” é o principal motor a impulsionar a paixão pelo desporto em geral e pelo futebol em particular? Ao tomar a decisão de entrar para o clube de adeptos do seleto grupo de potências mundiais do futebol aos quais estão reservados quase todos os louros possíveis, estes torcedores não estariam abrindo mão de uma poderosa fonte de “produção de excitação prazerosa e socialmente construtiva”, função primordial do esporte, bem como perdendo “oportunidades de sociabilidade e movimento em uma variedade de formas complexas e controladas”, sem mencionar as possibilidades que o esporte oferece de “formar identidades e pô-las à prova”?²⁹⁷

A propósito, antes de prosseguir é preciso fazer aqui um parêntese: as passagens citadas entre aspas no parágrafo anterior foram retiradas da entrevista que Dunning concedeu a Edison Luis Gastaldo, professor adjunto no Centro de Estudos de Pessoal - Forte Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, onde desenvolve atividades de ensino pesquisa e extensão nas áreas de antropologia, comunicação visual e publicidade. Vale a pena situá-las em seu contexto original. Na ocasião, ao ser incitado a explicar o porquê de o livro “Em busca da excitação” continuar sendo uma obra relevante, mesmo decorridos tantos anos de sua publicação, Dunning disse, entre outras coisas,

[...] que os esportes modernos emergem em primeiro lugar como parte de um “processo civilizatório” e que a principal função do esporte é a produção de excitação prazerosa e socialmente construtiva, e que ele serve também para criar oportunidades de sociabilidade e movimento em uma variedade de formas complexas e controladas, como dança e ginástica, por exemplo, além de permitir formar identidades e pô-las à prova.²⁹⁸

Outra prova da relevância do livro é a maneira como a obra se faz presente, direta ou indiretamente, em quase absolutamente tudo que é dito nos veículos de mídia sobre o problema da formação das preferências dos consumidores de futebol. Como não poderia deixar de ser diferente, os debates que têm lugar nos meios de comunicação apenas arranham a superfície. Mas isso não quer dizer que não podem fornecer pistas importantes sobre o tema. Nesse sentido, penso que é

296 CONHEÇA os times de Londres e da Inglaterra. Disponível em: <https://mapadelondres.org/times-de-londres-inglaterra-futebol/>. Acesso em: 3 out 2023.

297 GASTALDO, Edison Luis. Esporte, Violência e Civilização: uma entrevista com Eric Dunning. Horizontes Antropológicos, v. 14, p. 223-231, 2008.

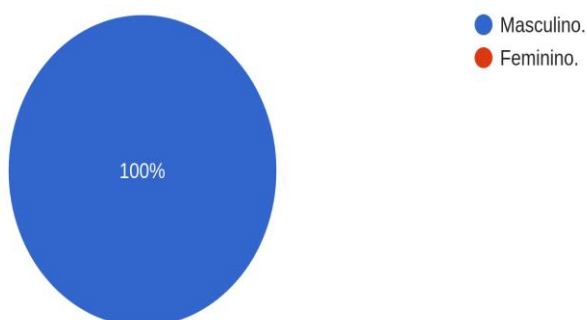
298 Ibid.

possível encontrar, nas discussões desse tipo, *insights* bastante inteligentes e perspicazes sobre inúmeras questões, incluindo no balaio aquelas que, de uma maneira ou de outra, consciente ou inconscientemente, dialogam com as teorias de Elias e Dunning a respeito das condições que fazem do futebol uma fonte possível de prazer e da relação do “processo civilizador” com a dinâmica subjacente ao desporto, onde o triunfo e o fracasso fazem parte das regras de qualquer jogo e é preciso saber ganhar e perder com lisura e elegância.

Mas a coisa muda de figura quando o tópico em questão é a nova tendência que, timidamente, começa a ganhar espaço no mercado: o crescimento do número de brasileiros que torcem para e/ou simpatizam com times estrangeiros menos badalados da Europa. A preferência por tais clubes – tidos como mais “modestos” na comparação com outras grandes marcas do futebol internacional que ficam com a maior fatia dos consumidores –, não se enquadra muito bem no perfil de um “caçador de glórias”. Por outro lado, em entrevistas realizadas com torcedores brasileiros de clubes menos badalados da Europa, não houve surpresas significativas em relação ao perfil socioeconômico desses torcedores. Como outras pesquisas já mostraram, a maioria é constituída por homens brancos com altos níveis de renda e de escolaridade.

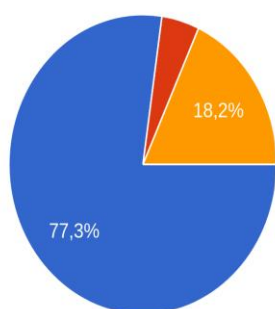
Qual é o seu sexo?

22 respostas



Qual é a sua cor, raça ou etnia?

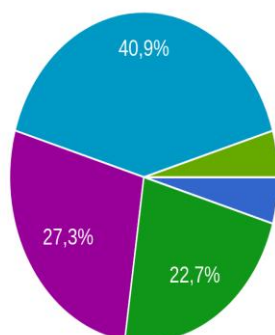
22 respostas



- Branco(a).
- Preto(a).
- Pardo(a).
- Amarelo(a).
- Indígena.

Qual é o seu grau de escolaridade?

22 respostas



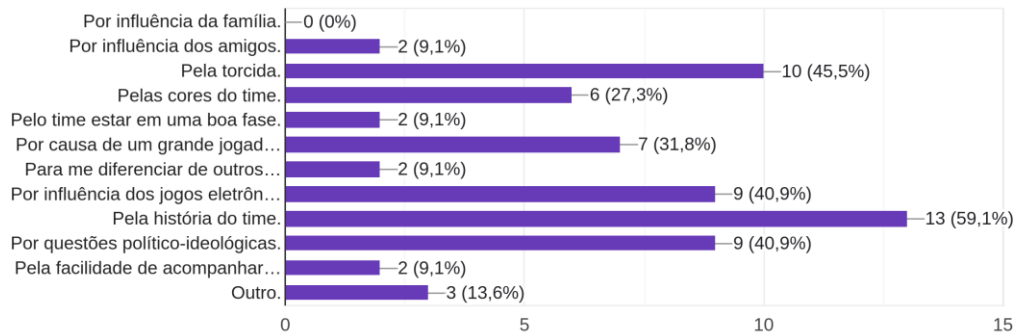
- Ensino fundamental incompleto.
- Ensino fundamental completo.
- Ensino médio incompleto.
- Ensino médio completo.
- Ensino superior incompleto.
- Ensino superior completo.
- Especialização incompleta.
- Especialização completa.

▲ 1/2 ▼

No entanto, chamou a atenção o número de vezes em que os games de futebol foram mencionados pelos respondentes como sendo um dos fatores que os levaram a tomar a decisão de torcer por um time do exterior.

O que o(a) levou a tomar a decisão de torcer por esse time do exterior? (Marque quantas alternativas julgar necessário.)

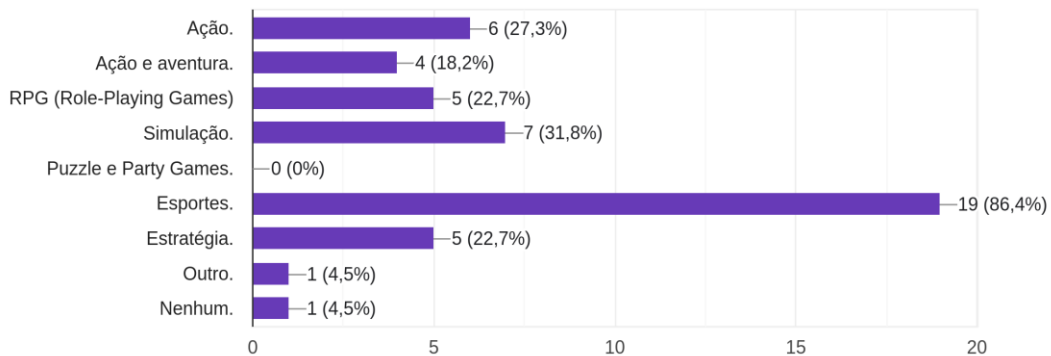
22 respostas



Em que pese o número relativamente baixo de respondentes, vale a pena destacar que 19 dos 22 participantes que retornaram o questionário revelaram que têm o costume de jogar jogos eletrônicos. 27,3% disseram jogar jogos eletrônicos “muito frequentemente”; 18,2% afirmaram jogá-los “frequentemente”. Porém, a maioria (36,4%) joga apenas “às vezes”.

Qual é o seu gênero de jogo favorito? (Marque quantas alternativas julgar necessário.)

22 respostas



Também chamou a atenção as respostas às perguntas sobre seus gêneros e jogos eletrônicos favoritos. 86,4 % disseram gostar do gênero “esportes”. “FIFA” (EA Sports) e “PES” (Konami) destacaram-se como os *games* preferidos dos entrevistados, tendo sido sendo mencionados 14 e 8 vezes, respectivamente.

Logo em seguida, dando continuidade às investigações, foram realizadas conversas e entrevistas mais aprofundadas com alguns dos voluntários que responderam ao questionário estruturado. As observações e informações obtidas através dessas entrevistas se somam a outras conseguidas a partir de levantamento feito em documentos de comunicação de massa (jornais, revistas, blogs, sites etc.) a fim de esboçar um quadro mais vívido do fenômeno dos brasileiros que torcem por clubes europeus de menor prestígio da Europa. Esses resultados serão apresentados nas próximas páginas.

Saindo dos videogames para o mundo real

João Vítor Roberge, natural de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, tornou-se um dos mais entusiasmados apoiadores do Fotbal Club Universitatea Craiova, equipe da cidade homônima do interior da Romênia, após conhecê-lo através do “Football Manager”, franquia de jogos eletrônicos de simulação e gerenciamento de futebol desenvolvidos pela Sports Interactive e publicados pela Sega. O inusitado caso de amor entre um brasileiro e uma equipe da periferia do futebol europeu não passou despercebido pela mídia romena, chamando a atenção do jornal “Editie Speciala”.



FIGURA 1: A paixão do brasileiro João Vitor Roberge pelo Fotbal Club Universitatea Craiova, da Romênia, foi destaque nas páginas do jornal “Editie Speciala”. Já no título da matéria, o veículo de mídia dá ênfase à importância dos jogos eletrônicos na escolha de Roberge.²⁹⁹

Ao contrário do que aconteceu na cidade localizada às margens do rio Jiu, onde a lealdade de Roberge ao FC Universitatea Craiova foi recebida com um misto de surpresa e satisfação, sua escolha gerou reações de ironia e desaprovação no Brasil. Ao declarar sua torcida por um desconhecido e obscuro time da Romênia, Roberge acabou sendo taxado, pejorativamente, como mais um entre outros representantes da famigerada “Geração PlayStation”. “Uma vez chamaram o cara de ‘Geração Playstation’”. Sério, uma puta injustiça! Porque João Vitor pode ser qualquer coisa, menos modinha”, escreveu Rafael Luis Azevedo, jornalista e editor do site “Verminosos por Futebol”, saindo em defesa daquele que talvez seja o mais conhecido e famoso apoiador do FC Universitatea Craiova no país cinco vezes campeão do mundo de seleções.³⁰⁰ O catarinense, no entanto, sempre deu de ombros para as opiniões alheias sobre suas escolhas, transformando seu fervor pelo time romeno em livro e documentário.

299 BRASILEIRO é torcedor de time da Romênia. Disponível em: <https://www.verminosporfutebol.com.br/deu-a-louca/brasileiro-e-torcedor-de-time-da-romenia/>. Acesso em: 28 ago 2023.

300 AZEVEDO, Rafael Luis. Descrição. Disponível em: <https://editoramultifoco.com.br/loja/product/fotbal-aventuras-tristezas-e-alegrias-romenas/>. Acesso em: 29 ago 2023.



FIGURA 2: João Vítor Roberge grava depoimento de Gheorghe Hagi – considerado por muitos como o maior jogador de futebol da história do futebol romeno – para o documentário “Craiova versus Craiova”, que conta a história do time que se dividiu em dois após uma grave crise que envolveu falências, conflitos políticos e disputas judiciais em torno do direito de uso do nome do Universitatea Craiova.³⁰¹

Em conversa com Rafael Luis Azevedo, João Vítor Roberge falou com mais detalhes sobre como teve início sua relação com o Universitatea Craiova.

No Football Manager, o ano eu nunca sei, foi entre 2005 e 2007. Fui na casa de um amigo meu e ele estava jogando no campeonato romeno, aleatoriamente. Um dia ele estava com o Dinamo Bucareste, no outro, com o Universitatea Craiova. Achávamos o nome engraçado, e fomos jogando com ele. Fui procurar sobre a história do time e descobri que ela era muito bonita. Adotei como meu time na Europa, ficava acompanhando as tabelas. Em 2011, quando o time foi desfilado da FRF, a simpatia pelo Universitatea Craiova só aumentou. O interesse cresceu a ponto de eu realmente querer estudar o futebol romeno e este clube.³⁰²

³⁰¹ AZEVEDO, Rafael Luis. Catarinense faz filme sobre time romeno. Disponível em:

<https://www.verminososporfutebol.com.br/dica-cultural/catarinense-faz-filme-sobre-time-romeno/>. Acesso em: 26 set 2023.

³⁰² Ibid.

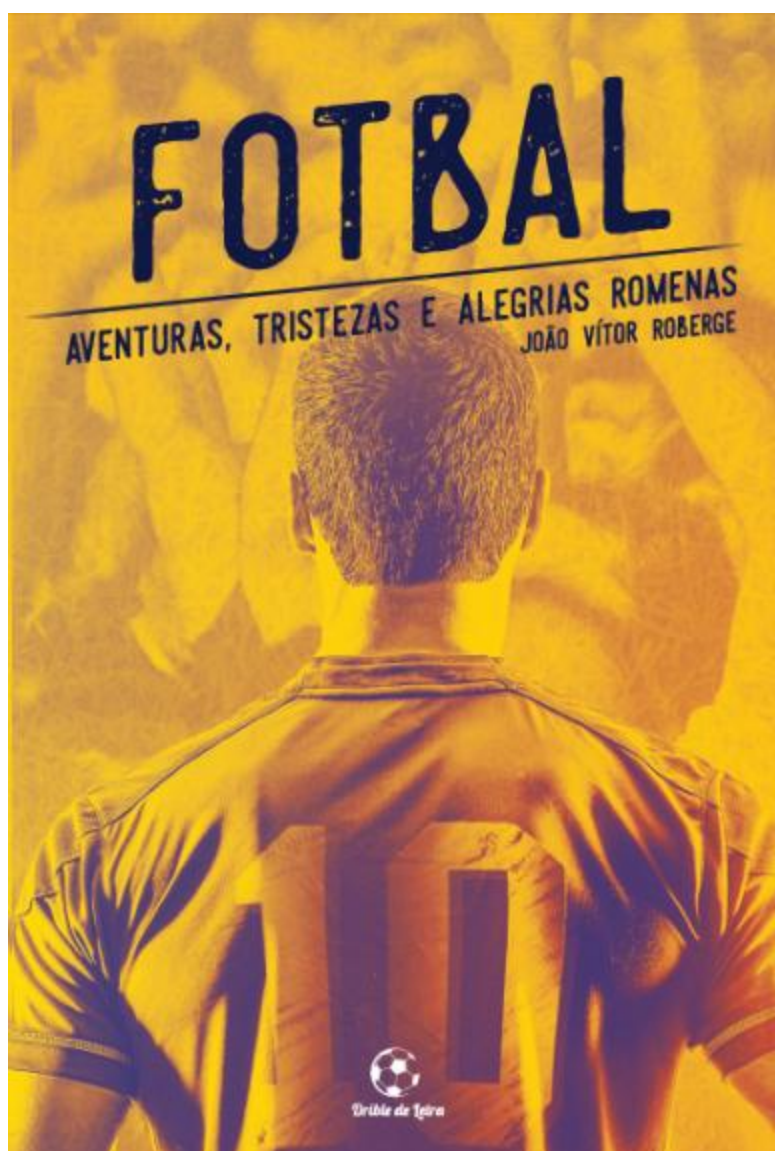


FIGURA 3: Imagem da capa do livro de João Vítor Roberge “Fotbal: Aventuras, tristezas e alegrias romenas”, publicado em 2017 pelo Selo Drible de Letra.³⁰³

Para além das cordilheiras dos Cárpatos, seguindo em direção a porção mais ao norte da Europa Oriental, precisamente na cidade de Varsóvia, capital da Polônia, a história de um brasileiro que se convertera em um entusiasmado apoiador do Klub Piłkarski Legia Warszawa acabou despertando a curiosidade dos portais de notícias do país de maioria católica onde nasceu Karol Józef Wojtyła, que foi Sumo Pontífice da Santa Sé entre os anos de entre 16 de outubro de 1978 e 2 de abril de 2005, data de sua morte. Cássio Kassler, um descendente de poloneses radicados no Paraná, região sul do Brasil, contou em depoimento por *WhatsApp* que sua paixão pelo Legia Varsóvia começou por volta dos 14 anos de idade, quando a equipe se destacou em alguns jogos na

303 ROBERGE, João Vítor. Fotbal – aventuras, tristezas e alegrias romenas. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

fase de grupos da edição 2016/2017 da UEFA Champions League, batendo por 1 a 0 o Sporting, de Portugal, e empatando em 3 a 3 com o poderoso Real Madrid, da Espanha.

Desde então, a relação entre os dois só se fortaleceu. No ano seguinte, em 2017, Kassler resolveu enfrentar o desafio de tentar fazer uma campanha vitoriosa com o time no modo Carreira do jogo de futebol virtual da EA Sports. Na trajetória rumo ao tão sonhado estrelato, Kassler foi se identificando cada vez mais com o Legia Varsóvia, passando a acompanhar as partidas pela internet e a consumir toda sorte de informações sobre o clube. A paixão pelo time chegou a tal ponto que fez Kassler mergulhar de cabeça nos estudos da língua polonesa, tornando-se praticamente fluente no idioma. Tamanha devoção foi logo notada também pelo clube, que dedicou espaço em seu site oficial para exaltar a história de Kassler.

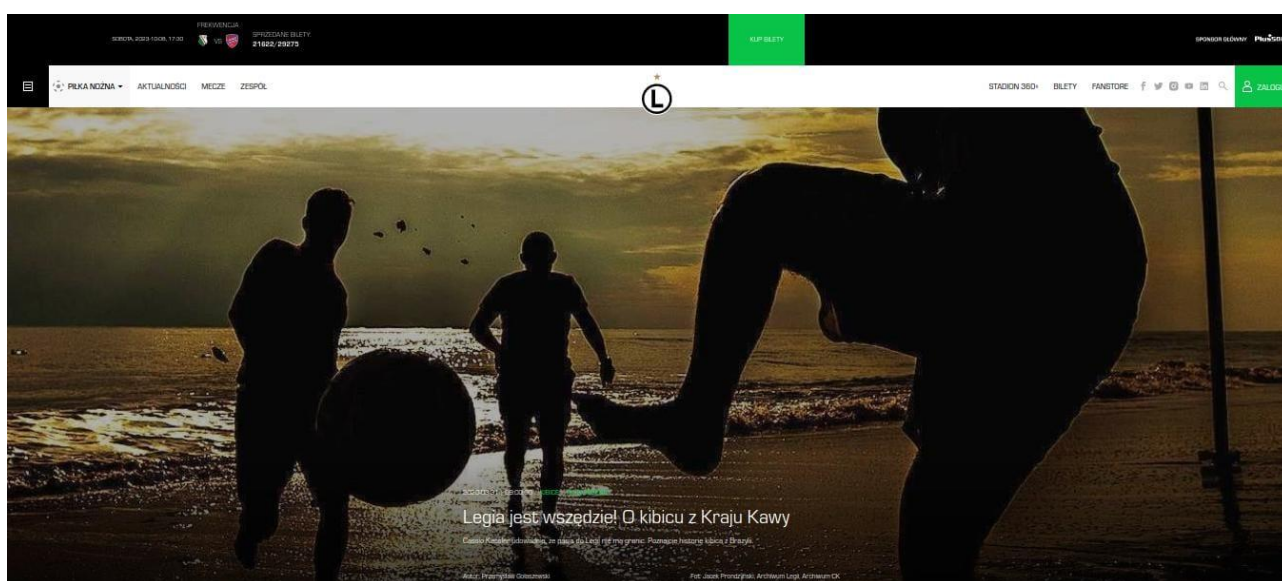


FIGURA 4: Print da matéria publicada no site oficial do Légio Varsóvia. “*Legia jest wszędzie! O kibicu z Kraju Kawy*”, diz o título da reportagem, que se refere ao Brasil como a “Terra do Café”. “*Cassio Kessler udowadnia, że pasja do Legii nie ma granic. Poznajcie historię kibica z Brazylii*”, completa o subtítulo.³⁰⁴

Na cabeça da maior parte dos brasileiros, provavelmente predomina a imagem da Escócia como o país dos castelos medievais, dos homens de saia, da gaita de fole e do uísque. Entre os mais velhos, é possível que também seja lembrada por ser a terra natal de Connor MacLeod, personagem principal da série de filmes Highlander, interpretado pelo ator franco-americano Christopher Lambert. De toda maneira, a verdade é que, hoje em dia, quase ninguém associa a terra de William Wallace com o futebol – embora a Escócia já tenha sido conhecida pelos bons jogadores, disputados

304 “A Legião está em toda parte! Sobre um fã da Terra do Café. Cassio Kessler prova que a paixão pelo Legia não tem limites. Conheça a história de um fã do Brasil”. É isso o que está escrito no título e no subtítulo da matéria, em tradução do Google do polonês para o português. LEGIA jest wszędzie! O kibicu z Kraju Kawy. Disponível em: <https://legia.com/pilka-nozna/legia-jest-wszedzie-o-kibicu-z-kraju-kawy/8761>. Acesso em: 26 set 2023.

a preço de ouro pelos clubes britânicos (que, para o arrepio dos *gentlemen* ingleses que apregoavam os valores do amadorismo no esporte, não mediam esforços nem despesas para contratar seus serviços).

Mas o jornalista Felipe Proença está determinado a combater estereótipos, sobretudo aqueles relacionados ao futebol. Foi com essa intenção que o brasileiro criou o site “Terra do Tartã”, um portal de notícias dedicado exclusivamente à publicação de conteúdo sobre o futebol escocês. Na “Terra do Tartã”, quando o assunto é o país situado na ilha da Grã-Bretanha, nada de monstro do lago Ness ou unicórnios. Ao invés disso, o foco se volta para a prática do jogo de bola mais popular do mundo nas Terras Altas e Baixas da Escócia, salpicado por incontáveis referências históricas e socioculturais. Na primeira semana de agosto de 2024, Felipe Proença publicou, na revista “Trivela”, o que talvez seja o mais amplo guia da *Scottish Premiership* em língua portuguesa para a audiência brasileira.³⁰⁵



FIGURA 5: Print do perfil da conta oficial da “Terra do Tartã” na rede social X, ex-Twitter.³⁰⁶

E, como tantos outros, Felipe Proença também diz ter sido diretamente influenciado por jogos eletrônicos de futebol. Torcedor do Celtic FC, clube que tradicionalmente representa os católicos escoceses, com muitas afinidades históricas e culturais com a Irlanda, Felipe Proença não tem certeza de quando exatamente surgiu o interesse pelo time alviverde de Glasgow, mas

305 PROENÇA, Felipe. Guia do Campeonato Escocês 2023/24. Disponível em: <https://trivela.com.br/europa/guia-do-campeonato-escoces-2023-24/>. Acesso em: 27 set 2023.

306 TERRA do Tartã (@terradotartan). 2019. Trazendo um pouco do que acontece no tradicional futebol escocês para o Brasil. Comandado por @felproenca. X, jun. 2019. Disponível em: https://twitter.com/terradotartan?t=wPr_2EjeuNEyYggl-mwsZw&s=09. Acesso em: 27 set 2023.

reconhece o papel decisivo que desempenharam os jogos eletrônicos de futebol na sua escolha. “Jogava Winning Eleven no PlayStation 1. E tinha o Celtic”, explicou ele, pelo *Instagram*.



FIGURA 6: Felipe Proença (à direita, vestindo a camisa verde e branca do Celtic FC) em foto de 2018 com o jornalista, narrador e apresentador Paulo Andrade, dos canais ESPN e StarPlus. Foto: Acervo pessoal de Felipe Proença.

Vinícius Santana Leão, de 26 anos, também é um desses torcedores. Ele é um dedicado e entusiasmado fã do Rangers FC, principal rival do Celtic FC. O vínculo emocional com o clube mudou para sempre os rumos da vida de Vinícius. Nascido em Salvador, Bahia, e atualmente morando em Quarteira, freguesia do município de Loulé, Portugal, Vinícius travou os primeiros contatos com o Rangers FC em 2005. Dezoito anos depois, ele disse ter se encontrado politicamente e se reconciliado com a religião graças ao estreitamento das relações com o clube do subúrbio de Ibrox, no sudoeste da cidade de Glasgow. Como se espera de todo bom torcedor do Rangers FC, declara-se protestante e unionista, mas rejeita o rótulo de direita ou de esquerda. Em sua conta no *Instagram*, é possível encontrar postagens com elogios à coroa britânica e mensagens de condolências à família real pela morte da rainha Elizabeth II. Mas nada se compara ao número de fotos em que ele aparece ostentando com orgulho as cores do clube, algumas delas em trajes tipicamente escoceses.



FIGURA 7: Vinícius Santana Leão, brasileiro radicado em Portugal e torcedor fanático do Rangers FC, aparece nesta foto vestindo um kilt e envergando uma camisa de mangas longas do clube do subúrbio de Ibrox, sudoeste de Glasgow. Foto: Acervo pessoal de Vinícius Santana Leão.

No entanto, as coisas nem sempre foram assim. Não foi o futebol que primeiro despertou o interesse de Vinícius Santana Leão, mas, sim, os jogos eletrônicos. Apesar de frequentar estádios desde muito cedo, quase sempre na companhia do pai, torcedor do EC Vitória (BA), Vinícius Santana Leão nunca se envolveu para valer com o mundo do futebol até que os seus caminhos se cruzaram com os dos Rangers FC. E também aqui foram os videogames que ergueram as pontes que tornaram esse encontro possível.

Carioca e torcedor do Borussia Dortmund, da Alemanha, Leonardo Platino não esconde os motivos que o levaram a tomar a decisão de torcer para o time mais vitorioso da história do vale do Ruhr. Sem medo de julgamentos e mostrando-se muito à vontade com a escolha que fez, Platino disse ao repórter Rafael Reis que tudo começou lá atrás, quando ele ainda era uma criança, nos gramados virtuais dos games de futebol.

No começo, o Dortmund era apenas aquela equipe que ele gostava de pegar para enfrentar os amigos nas telas. Mas depois, virou uma paixão semelhante a que sente pelo Flamengo, time de infância e para qual torce até hoje.

Quando assinamos tv a cabo e comecei a ver aquela torcida fanática, rolou uma identificação com o Flamengo. Acho que foi por isso que comecei a gostar tanto. Antes, era

uma admiração, agora torço de verdade, fico nervoso. Vejo os jogos, acompanho os placares", conta.

Mesmo estando bem longe da Alemanha e da maior parte dos apoiadores do seu clube europeu, Leonardo vive na pele as angústias de torcedor e até mesmo o peso da rivalidade.

"Na semifinal da Liga dos Campeões [2012/13], parei em um bar aqui no Rio para ver a partida. Estava todo mundo aglomerado e torcendo para o Real Madrid. Quando saiu um gol do Dortmund, dei um grito tão alto e fui tão xingado que tive de ir embora de lá."³⁰⁷

Para quem não quer outra coisa senão desfrutar tanto quanto possível do sabor das vitórias e partilhar da glória de estar sempre no topo, não há opção melhor do que torcer para um gigante do futebol europeu. É sem dúvida o caminho mais curto e menos acidentado para a felicidade aqui neste mundo. Ademais, se o futebol é cada vez mais um espetáculo televisivo, onde a paixão por um clube é mais forte quanto maiores forem a disposição para o consumo e o saldo da conta bancária, por que alguém deveria torcer para o Cruzeiro (MG) ou para o Internacional (RS) e não para o Bayern de Munique, da Alemanha, ou para o Milan, da Itália?

I'm Looser and I'm Proud

Apesar de tudo, é preciso observar que a mesma lógica que governa a identificação de brasileiros com equipes estrangeiras em boa medida se aplica também a maioria dos torcedores nacionais, haja visto que um grande número destes apoiadores está a milhares de quilômetros de distância do endereço das sedes sociais e dos estádios dos clubes de sua preferência. Essa situação faz do Brasil um dos países onde se verifica uma maior presença do tipo chamado por alguns de "teletorcedor".³⁰⁸ Isso fica bem claro quando se constata que 72% dos torcedores do Flamengo estão fora da região Sudeste.³⁰⁹

A indiferença para com o clube que manda seus jogos a apenas algumas quadras de onde vive o torcedor, que por sua vez prefere jurar amor e fidelidade ao time de outra cidade ou até mesmo de outro Estado é para alguns a expressão mais bem acabada da miséria da condição atual do futebol espetacularizado no contexto do capitalismo tardio. É assim que pensa o cineasta

³⁰⁷ REIS, Rafael. Torcedores: O Dortmund dos games virou a paixão de Leonardo. Disponível em:

<https://blogdorafaelreis.blogosfera.uol.com.br/2016/01/17/torcedores-o-dortmund-do-videogame-virou-a-paixao-de-leonardo/>. Acesso em: 7 out. 2025.

³⁰⁸ SANTOS, Irlan Simões. O Clube no século XXI e o fator "supporter": estudos sobre o poder, negócio e comunidade no futebol espetáculo. 2022. 379 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – CEH, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

³⁰⁹ FURTADO, Tatiana; MACHADO, Thales. Pesquisa O GLOBO/Ipsos-Ipec: Flamengo tem mais da metade de sua torcida fora do Sudeste. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/futebol-2025/noticia/2025/08/06/pesquisa-o-globoipsos-ipec-flamengo-tem-mais-da-metade-de-sua-torcida-fora-do-sudeste.ghtml#:~:text=No%20caso%20rubro%20Dnegro%2C%20chama,de%20Janeiro%2C%20sede%20do%20clube.&text=O%20Sudeste%20ainda%20concentra%20a,de%20perto%20por%20outras%20regi%C3%B5es>. Acesso em: 6 out. 2025.

brasileiro Ugo Giorgetti, que dirigiu os filmes “Boleiros: Era uma vez o futebol” (1998) e Boleiros 2: Vencedores e vencidos” (2006). Ele lamenta o fato de que a maioria das pessoas, inclusive aquelas que moram no interior, prefira torcer para um time grande de alguma capital do Brasil – ou, o que é pior, da Europa – do que para um time pequeno com raízes na sua cidade ou no seu bairro. Impressionado com o “enorme desnível entre grandes e pequenos”, não somente dentro do campo de jogo, mas também nas arquibancadas, Giorgetti sugere que o problema tem mais a ver com um certo estado de espírito e menos com o abismo econômico que separa os clubes grandes dos pequenos. A interferência dos meios de comunicação de massa completa o quadro de crise, praticamente eliminando as preocupações com as distâncias.

Talvez um outro fenômeno explique isso e é o mesmo que acomete as classes médias e muitas vezes as baixas deste país que se pretendem cidadãos espirituais de Miami, Nova York e até do Maine. Digo cidadãos espirituais porque a realidade é um pouco áspera nesses casos. Quem realmente se aventura nesses lugares acaba muitas vezes por limpar privadas ou servir em restaurantes latinos. É mais fácil torcer para times daqui mesmo, mas das grandes metrópoles, fazer parte de torcidas gigantescas. Fiquei um pouco chocado ao ver que, nas arquibancadas do Ituano, os torcedores de Itu eram uma minoria esmagada, espremida num cantinho, enquanto o resto do estádio torcia abertamente pelo Palmeiras como se estivessem no Allianz Parque. Nessas condições como fazer um grande time e, principalmente para que fazer um grande time? Para quem? Se os próprios cidadãos locais se sentem mais representados por um Barcelona, que conhecem apenas pela televisão, do que pelo time de suas cidades.³¹⁰

Mas, a despeito da opinião de Giorgetti sobre as preferências dos brasileiros pelos gigantes do futebol nacional, nem sempre é fácil torcer para um time de uma grande metrópole brasileira. Que o digam os torcedores de Botafogo e Vasco. Em coluna para o portal G1, publicada logo após a final do Campeonato Carioca de 2015 entre Vasco e Botafogo, realizada no dia 3 de maio daquele ano, o escritor, professor de Filosofia, jornalista e diretor de cinema Dodô Azevedo resumiu bem o sentimento de quem, assim como ele, resolveu correr na direção oposta à manada para se juntar a outros na torcida por um time que amarga um longo período de crise.

O que faz alguém torcer para o Vasco da Gama? O que faz alguém torcer para o Botafogo? – pensava enquanto admirava a multidão que lotou o Maracanã neste domingo (3), na final do Campeonato Carioca.
Não seria mais fácil torcer para o time que vence mais?
Não seria mais fácil torcer para o time para o qual a maioria torce?
A caminho do estádio, me deslocando da Zona Sul para a Zona Norte, se via, na Zona Sul, uma cidade fria, meio zumbificada, alheia ao jogo.
Aquele Zona Sul que só se olha e só se vê. Aquela Zona Sul onde, por exemplo, se concentra boa parte do policiamento, porque quem distribui o efetivo deve achar que os cidadãos que moram e transitam por ela têm mais valor do que os cidadãos da Zona Norte.

³¹⁰ GIORGETTI, Ugo. Dúvidas: Terão os clubes do interior descido a níveis alarmantes ou seria a força dos grandes que aumentou numa proporção surpreendente? Disponível em: <https://www.estadao.com.br/esportes/ugo-giorgetti/duvidas/>. Acesso em: 29 set 2023.

Os dois times da Zona Sul, Flamengo e Fluminense, estavam fora da partida. Mas o sol e o céu azul de outono não estão nem aí para umbiguismo de classe. Brilhou ontem tanto para o posto 10 em Ipanema quanto para o Maracanã lotado. Mas, repito, por que esse tanto de gente escolheu os times mais desastrosos e perdedores da cidade para torcer? Dá trabalho torcer para time que vence pouco: ainda mais nestes tempos onde uma das palavras da moda é a tal da meritocracia. Mas dá trabalho desde sempre, essa é a verdade. Falo por mim: no colégio, meninas que pouco se interessavam por futebol ou que tinham medo de serem mal vistas por meninos escolhiam um dos dois times mais populares da Zona Sul para torcer e pronto. Os meninos que tinham medo de sofrer perseguição e de não se enturmar, também faziam o mesmo. Mas a garotada que se garantia, ou que não ligava para o que os outros pensavam delas, torcia para o time pelo qual se apaixonava e dane-se: sendo ele, o time, da moda ou cafona, vencedor ou perdedor, Zona Norte ou Zona Sul. É assim até hoje. É preciso ter muitos colhões para ser vascaíno ou botafoguense aos 13 anos de idade. Aturar as provocações, quase não vencer, investir emocional, financeira e fisicamente na paixão pelo time e ter como retorno decepções opacas em vez de brilhosos troféus. Quando Flamengo ou Fluminense ganham um título, as ruas do Leblon ficam lotadas de torcedores. Rola muita paquera, dizem. Quando o Vasco, por exemplo, é campeão, fecha-se o Boulevard 28 de setembro, na Vila Isabel e a praça Varnhagem, na Tijuca. E aí comemora-se a vitória. Ainda que sem a adesão do povo da paquera da Zona Sul. Todo feito heroico só é feito heroico se é o triunfo do perdedor de sempre contra o vencedor de sempre.³¹¹

Todavia, para o consolo de Giorgetti e a satisfação de Azevedo, ainda existe um lugar no coração dos brasileiros para os *losers*. Contrariando o conselho do filósofo marxista italiano Antônio Gramsci, para quem “Também no afeto é preciso ser inteligente”,³¹² esses brasileiros ignoram os problemas e resistem à tentação de sucumbir às facilidades de pertencer a uma entre as tantas comunidades de torcedores de grandes potências do futebol para se entregar à paixão por pequenos clubes... da Europa. (Pensando bem, isso talvez não seja exatamente um bálsamo para a alma inconformada de Giorgetti; mas podemos apostar que Azevedo assentiria com a cabeça e esboçaria um sorriso de aprovação.) Mas, por quê? E o que os games de futebol têm a ver com isso, afinal? Sejam quais forem as respostas, uma coisa é certa: é impossível encontrá-las sem antes entender melhor a situação do mundo contemporâneo – marcado, entre outras coisas, pela midiatização da cultura e da sociedade e pela ascensão e consolidação de hegemonia de um novo modelo de negócios, calcado na economia da atenção.³¹³

311 AZEVEDO, Dodô. Amor e dor. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/blog/dodo-azevedo/post/amor-e-dor.html>. Acesso em: 29 set 2023.

312 NOGUEIRA, Penélope. Antonio Gramsci: biografia, ideias e frases do teórico comunista italiano. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/historia/2025/5/30/antonio-gramsci-biografia-ideias-frases-do-teorico-comunista-italiano-180376.html>. Acesso em: 6 out. 2025.

313 DAVENPORT, Thomas H.; BECK, John C. Economia da atenção. Elsevier, 2001.

CAPÍTULO 3

Jogos eletrônicos são mais divertidos: Os dilemas do futebol-espetáculo na era da economia da atenção

Um espectro ronda o mundo do futebol

“Os jovens de 16 a 24 anos não têm mais interesse pelo futebol”. Quem disse isso foi Florentino Pérez. Há anos ele é presidente do *Real Madrid Club de Fútbol*, clube que encabeça a lista das marcas mais valiosas do mundo, além de ser o maior campeão da Espanha, com 35 títulos, e da Europa, com 14 títulos. Sob sua gestão, a equipe merengue conquistou, entre outros troféus, 6 vezes a taça da Liga dos Campões da Europa e 8 vezes o caneco do campeonato espanhol. O tamanho do sucesso do gigante da capital espanhola também pode ser medido pelo número de apoiadores, que extrapola em muito as fronteiras do reino de Castela. Para se ter uma ideia, só no Brasil os *Los Blancos* têm 13% da simpatia dos torcedores nacionais.³¹⁴

Não é de hoje que Florentino Pérez vem justificando a necessidade de implementar medidas para mudar o quadro atual da estrutura e da organização do futebol. O objetivo, argumenta o cartola, é aprimorá-lo e torná-lo mais divertido e agradável para as gerações mais jovens. Para Pérez, a solução passa pela criação de uma liga que reúna apenas os clubes mais poderosos do continente europeu. Magnata da construção civil e ex-político espanhol, com uma fortuna que outrora já foi avaliada em mais de 2 bilhões de dólares³¹⁵, o CEO do grupo ACS é um dos mais ferrenhos defensores da proposta de criação da Superliga Europeia, uma competição de elite envolvendo os principais clubes de futebol da Europa. Os dirigentes de futebol do seleto grupo dos maiores clubes do velho continente que apoiam a iniciativa argumentam que Superliga Europeia representaria um salto de qualidade em termos esportivos, além de incrementar suas receitas. Por outro lado, o formato fechado da competição e a oposição das organizações de futebol existentes evidenciaram que há uma série de divergências em torno do plano. A ideia, que visava maximizar os lucros e atrair audiência global, acabou esbarrando na resistência de fãs, jogadores e autoridades esportivas, o que levou muitos clubes a abandonarem o projeto em 2021.

Já para o ítalo-suíço Gianni Infantino, homem à frente da entidade máxima do futebol mundial, é preciso interferir nas regras do jogo. O presidente da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) partilha das mesmas preocupações que Pérez, mas parece determinado

³¹⁴ PESQUISA mostra que Real Madrid tem 13% da simpatia dos torcedores do Brasil. Disponível em: <https://ge.globo.com/mg/futebol/noticia/2023/04/11/pesquisa-aponta-que-clube-europeu-tem-13percent-da-simpatia-dos-torcedores-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2023.

³¹⁵ BILIONÁRIOS donos de clubes somam R\$ 1,78 trilhão; veja que está na lista. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2022/04/12/forbes-conheca-os-donos-de-times-esportivos-mais-ricos-do-mundo.htm>. Acesso em: 20 out. 2023.

a ir ainda mais longe do que este último para enfrentar o que ele vê como o principal problema a ser atacado. Movido por essa ambição, ele decidiu levar um conjunto de propostas ousadas de reformas à mesa dos membros da *International Football Association Board*, órgão que regulamenta as regras do futebol desde 1883, quando a associação foi fundada em Manchester, na Inglaterra. Mas a sugestão da FIFA para atrair a atenção da “geração Z” que teve maior repercussão foi reduzir o tempo de duração das partidas de 90 minutos para 60 minutos, interrompendo a contagem do cronômetro sempre que a bola não estiver em jogo.

Concorde ou não com as ideias de Pérez e Infantino, a verdade é que suas preocupações não são completamente infundadas. De fato, com o surgimento e a popularização de novas maneiras de entretenimento, impulsionados pelo desenvolvimento de novas tecnologias da informação e da comunicação, houve uma mudança significativa na forma como os jovens consomem futebol. Todavia, o que realmente incomoda investidores e dirigentes é que, na disputa com outras formas de divertimento pela atenção e pelo bolso dos consumidores, o “*beautiful game*”, o belo jogo, que é como os ingleses definem a sua invenção, tem sofrido um revés atrás do outro (embora ainda esteja longe da ameaça de perder sua posição de esporte mais popular do planeta).

“Tiktokização” da experiência

Hoje, numa época em que predomina a abundância da oferta de informação e entretenimento – somada à sensação de que o tempo passa rápido demais, impedindo-nos de aproveitar plenamente a infinidade de prazeres aos quais somos incessantemente convidados a desfrutar pela indústria cultural –, a atenção transformou-se, ela mesma, em *commodity*. É a lei de ferro do mercado: num cenário em que a disponibilidade de um bem ou serviço é maior do que a demanda pode absorver, o resultado é uma competição cada vez mais acirrada e feroz pelos corações e mentes dos consumidores. E, como ninguém quer perder nada, o único caminho para tentar aproveitar o máximo possível essa verdadeira enxurrada de ofertas de informação e entretenimento é fazer tudo em menos tempo, dividindo-se entre uma tarefa e outra. Isso se reflete, por exemplo, no “comportamento multitelas do consumidor”. Andrea Brandi, gerente de Marketing na Motorola Mobility Brasil, faz um relato de sua própria experiência como consumidora multitelas para as mudanças ocorridas nas últimas décadas.

Antigamente, lembro de fazer encontros ou ligar para os amigos, para falar ou assistir ao último capítulo de um novelão. Agora, tudo pode ser feito em uma tela: fazer contatos com os amigos, assistir a séries por um dos vários streamings que existem, ver notícias, entretenimento e jogar games. Sem falar no tempo que a gente passa nas redes sociais. Quem nunca assistiu a um reality show na televisão enquanto comenta os bafões em grupos

de WhatsApp, ao mesmo tempo em que tuita sua opinião e curte um meme no Instagram? E os famosos reacts? Os gamers jogam numa tela, transmitem na outra e se comunicam em uma terceira.³¹⁶

Na esteira da “hiperconectividade”,³¹⁷ tornada possível graças à ampliação do alcance da internet e à evolução tecnológica dos dispositivos móveis, um novo modelo de negócios ganha força: a atenção como moeda. A impressão generalizada de que está havendo uma redução do período de tempo disponível para o consumo de bens e serviços simbólicos tem relação direta com o incremento na utilização de dispositivos tecnológicos, e diversas empresas capitalizam essa tendência para obter lucros em um sistema em que nossa atenção é valorizada como uma forma de troca. Tempo, mais do que nunca, é dinheiro. Numa era de opções aparentemente infinitas, não se pode mais desperdiçar um segundo sequer. Assim, se quisermos ter alguma chance de desfrutar de todos os tipos de sensações disponíveis para compra e venda no universo do mercado de entretenimento, é preciso aceitar a condição de que é melhor e mais viável que as experiências e as conexões sejam rápidas, instantâneas, descartáveis. Não à toa, o filósofo, arquiteto e urbanista francês Paul Virilio denominou a contemporaneidade como a “sociedade da velocidade”. Porém, segundo interpretação do jornalista Wilson Roberto Vieira Ferreira, que também é professor de Teorias da Comunicação na Universidade Anhembi Morumbi, há aqui um preço a pagar. Para Ferreira, o custo final de tudo isso é que, no tempo presente, a

Velocidade se torna um novo imperativo cultural, disciplina, forma de dependência e submissão. Virilio também vê a velocidade como uma força psicológica e social ou uma pressão que altera a visão de mundo, desorienta-nos, deixa-nos num estado de concussão mental e promove uma profunda crise que afeta nossas relações com o mundo, sociedade e democracia. Para ele, a natureza não é apenas destruída por uma poluição química ou térmica, mas também por uma poluição dromosférica – uma invisível poluição através da velocidade.³¹⁸

O TikTok parece ser o epítome de nossa época, caracterizada, como já foi dito, pela “economia da atenção”. A rede social chinesa, criada em 2016 pela empresa Bytedance, é uma plataforma de mídia que permite aos usuários criar, compartilhar e assistir a vídeos curtos, geralmente com duração de 15 a 60 segundos. Anteriormente intitulada de Musical.ly, o TikTok permite visualizar, curtir, comentar, produzir, compartilhar e republicar vídeos. Adicionalmente, é possível também estabelecer conexões com outros utilizadores por intermédio da troca de mensagens privadas ou colaborando na edição de clipes. O intenso dinamismo e a variedade de

316 BRANDI, Andrea. A transformação do consumidor com as multitelas. Disponível em: <https://canaltech.com.br/colunas/a-transformacao-do-consumidor-com-as-multitelas/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

317 Idem.

318 FERREIRA, Wilson Roberto Vieira. Por que celebramos a velocidade? Disponível em: <http://cinegnose.blogspot.com/2014/03/por-que-celebramos-velocidade.html#more>. Acesso em: 24 out. 2023.

conteúdos criativos – que vão de músicas pop a danças engaçadas, passando por desafios inusitados e toda sorte de brincadeiras – contribuíram para fazer do TikTok uma das redes sociais que mais crescem no mundo, especialmente entre os jovens da “geração Z”. Com uma rapidez impressionante, o TikTok já chegou a marca de mais de 1 bilhão de usuários em todo mundo.

Comunidades de consumidores

Se, como parte da cultura germânica acredita, existe realmente algo como um *Zeitgeist*, nada encarna melhor o espírito de nosso tempo que o TikTok. Sabe-se ainda relativamente pouco sobre a profundidade e a extensão do impacto desta rede social nos hábitos e comportamentos de consumo dos usuários, mas isso não parece ser um problema grande o bastante para impedi-la de receber, sem injustiça, o epíteto de mais novo símbolo da sociedade contemporânea, que o alemão Christoph Türcke, professor de Filosofia da Escola Superior de Arte em Leipzig e membro do corpo docente do Instituto de Filosofia da Universidade de Leipzig, chamou, muito apropriadamente, de “sociedade da sensação”.

E a "sociedade da sensação" é o tempo histórico que tem levado ao limite as novas formas de intensificação dos estímulos, por meio de mecanismos *high tech* que são verdadeiras drogas. Ou seja, os supercelulares, as formas cada vez mais modernas de enunciação imagética etc. são ópios que desviam a consciência dos homens de sua situação concreta. Em tal conjuntura, a ideia marxista tradicional da revolução como resultado da contradição gerada pelo desenvolvimento das forças produtivas dá lugar a uma perspectiva muito diferente, que Türcke vai buscar na concepção benjaminiana da revolução como "freio de emergência". Somente na medida em que o desenrolar desenfreado da sensação seja interrompido (e talvez isso não seja possível, de forma peremptória), será possível a libertação dos homens do estado anestésico ao qual estão condicionados pelo mundo *high-tech*.³¹⁹

Como chegamos até aqui? O que explica como, em pouco mais de dois séculos depois dos primeiros movimentos na direção do que viria a ser conhecido por Revolução Industrial, saímos de um modelo de produção que tinha na cultura do ascetismo uma de suas principais fontes de energia para constituir-se e desenvolver-se para um outro modelo, que extrai sua força através do constante incentivo da busca hedonista de satisfação individual? A resposta para esse estado de coisas – ao qual o próprio Türcke também se refere como “sociedade da excitação” – está, pelo menos em parte, no que o sociólogo alemão e diretor do Instituto Max Planck para o Estudo das Sociedades Wolfgang Streeck descreveu como “comercialização da vida social”, processo este posto em marcha no final dos anos 1960 e início dos anos 1970 com o objetivo de “salvar o capitalismo do espectro

319 SANTOS, Patrícia da Silva. (2012). Resenha. *Trans/formação*, 35(1), 227–230. <https://doi.org/10.1590/S0101-31732012000100015>

da saturação dos mercados”, uma vez que o antigo sistema de produção e consumo dava claros sinais de esgotamento.

Em 1971 havia sinais claros de que o mundo pós-guerra – em retrospecto, um mundo idílico – estava chegando ao fim. À medida que os trabalhadores começaram a se rebelar, exigindo uma participação maior nos lucros depois de décadas de crescimento ininterrupto e pleno emprego, os consumidores também foram ficando mais exigentes. No Ocidente rico, os mercados para bens de consumo duráveis, padronizados, produzidos em massa, davam sinais de saturação. As necessidades básicas haviam sido, de modo geral satisfeitas; se a máquina de lavar roupas continuava lavando, por que comprar uma nova? As compras de reposição não poderiam mais sustentar taxas altas de crescimento econômico.³²⁰

Assim, dada a incapacidade de se continuar sustentando as altas taxas de crescimento econômico verificadas nas décadas anteriores, a produção em larga escala de bens padronizados destinada a atender tão somente as necessidades básicas dos compradores, e onde os fornecedores detinham quase todo o controle, cedeu lugar “a um modelo específico de satisfação do consumidor”.³²¹ Por conseguinte, na esteira do desmantelamento do fordismo, seguiu-se uma economia estruturada para suprir os desejos e as preferências dos clientes, que, ao mesmo tempo, passaram a exigir produtos menos padronizados – e, portanto, mais diversificados. “Esse modelo foi desenvolvido na transição de uma economia de atendimento das necessidades para outra, de atendimento dos desejos; de um mercado centrado no vendedor para um mercado centrado no comprador”.³²²

Paralelamente a isso, ainda de acordo com Streeck, houve, como talvez nunca antes na história da civilização capitalista, um aprofundamento da distensão dos vínculos sociais tradicionais (visíveis no âmbito da família, da política, da religião etc.), que, exatamente por essa razão, “já não são capazes de se apoderar do sujeito em sua compreensão de si mesmo”.³²³ Nesse quadro de crise e ruptura da ordem simbólica, o mercado se apresenta em meio aos escombros da dissolução deste “grande Outro”³²⁴ como o único sobrevivente do desmoronamento capaz de juntar os cacos e dar consistência e significado ao processo de identificação sem o qual é praticamente impossível se conectar a outros indivíduos e, dessa maneira, determinar seu lugar no mundo.

320 STREECK, Wolfgang. O cidadão como consumidor. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-cidadao-como-consumidor/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

321 Ibid.

322 Ibid.

323 Ibid.

324 A socióloga e filósofa eslovena Renata Salecl, pesquisadora sênior do Instituto de Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade de Ljubljana e professora do Birkbeck College, da Universidade de Londres, explica que, nos termos da psicanálise de Jacques Lacan, o Grande Outro é “uma ordem simbólica na qual nascemos e consiste não apenas de instituições, cultura, mas primariamente da linguagem que molda nossa esfera social”. SALECL, Renata. Sobre a felicidade: ansiedade e consumo na era do hipercapitalismo. São Paulo: Alameda, 2005, p. 19-20.

É importante ter em mente o extraordinário alcance da comercialização da vida social destinada a salvar o capitalismo do espectro da saturação dos mercados. Na verdade, nos anos 70 as empresas aprenderam a colocar a individualização, tanto dos consumidores quanto dos produtos, a serviço da expansão comercial. O consumo diversificado trazia oportunidades até então desconhecidas para a expressão individualizada da identidade social. Nos anos 70 e 80, as famílias e comunidades tradicionais também estavam perdendo sua autoridade, oferecendo aos mercados a oportunidade de preencher esse vácuo social – fenômeno que os libertários da época confundiram com a emergência de uma nova era de autonomia e emancipação.³²⁵

Ironicamente, portanto, a identificação por meio do consumo de bens e mercadorias é percebida pelos indivíduos como sinônimo de autonomia e de liberdade – algo bem diferente da sombria premonição do sociólogo alemão Max Weber sobre o futuro que a civilização capitalista burocrática nos reservava.³²⁶ Não que tenha havido uma diminuição da interferência e do controle da parte do Estado e das companhias privadas sobre as ações e interações dos atores sociais no capitalismo tardio; muito pelo contrário, pois, como é patente e notório, multiplicaram-se os tentáculos da burocracia estatal capitalista, bem como aumentou o poder e a influência das corporações, sobretudo as *big techs*.³²⁷ O que mudou foi que hoje em dia a maioria das pessoas se sente mais à vontade e feliz com sua situação de prisioneira em sua própria “jaula de ferro”.

A comercialização criou oportunidades – ao que parece, bastante atraentes – para um novo tipo de socialização, isto é, a maneira de o indivíduo se conectar a outros e, assim, definir seu lugar no mundo. As vastas possibilidades de consumo nos mercados ricos fornecem um mecanismo que permite que as pessoas concebam um ato de compra como um ato de autoidentificação e autoapresentação, que diferencia o indivíduo de certos grupos sociais e o une a outros.

Comparada a modos mais tradicionais de integração social, a socialização por meio de escolhas do consumidor parece mais voluntária, resultando em laços sociais e identidades menos restritivas – de fato, inteiramente livres de obrigações para além daquilo que Marx e Engels chamaram de *bare Zahlung*, ou dinheiro nu. Isso porque, em um mercado rico, comprar algo envolve apenas escolher aquilo de que você mais gosta (e pode pagar), a partir de um menu de opções, em princípio infinito, que aguardam a sua decisão, sem necessidade de negociar ou ceder como era preciso fazer nas relações sociais tradicionais.

Assim, a socialização pelo consumo é monológica e não dialógica, voluntária e não obrigatória, individual e não coletiva. É a partir dessa perspectiva que parece produtivo falar de uma *política do consumo* nas sociedades ricas de hoje. Nelas, é fácil sair das identidades que foram estabelecidas pela compra sem que esse passo precise ser validado pelas “pessoas significativas na sua vida”. É óbvio que essa condição é sentida, de modo geral, como uma libertação, quando ela é comparada não apenas com ter que comprar mercadorias padronizadas, fabricadas em massa, mas também com a natureza restritiva das comunidades tradicionais, como família, bairro ou nação, e das identidades coletivas fornecidas por elas. Na verdade, até mesmo a moda é hoje muito menos restritiva – também se poderia dizer menos opressiva – do que era sob o regime da produção uniforme. Há hoje

325 STREECK, Wolfgang. O cidadão como consumidor. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-cidadao-como-consumidor/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

326 LÖWY, Michael. A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano. São Paulo: Boitempo, 2014.

327 MOROZOV, Evgeny. Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

inúmeras submodas, na música e nas roupas, a maioria durando apenas alguns meses antes de desaparecer, em rápida rotatividade.³²⁸

Como é muito mais fácil abandonar uma comunidade de consumo que uma comunidade “real” tradicional, as identidades sociais passam a ser estruturadas por vínculos mais fracos, permitindo que o indivíduo passe de uma para outra, livre de qualquer pressão para explicar suas escolhas. Os mercados diversificados oferecem alguma coisa para todos, enquanto a internacionalização aumenta a variedade de produtos disponíveis e aguça o contraste entre as comunidades locais do passado e as sociedades sem fronteiras de consumidores, unidos temporariamente por uma aquisição – ou simplesmente por clicar no mesmo botão “curtir”. A socialização por meio das redes sociais – Twitter, Facebook e afins – representa uma extensão dessa tendência, inclusive por oferecer às empresas mais um conjunto de ferramentas para um marketing altamente individualizado. Firms, políticos e celebridades de todo tipo aprenderam a usar as mídias sociais para personalizar comunidades imaginadas de “seguidores”, prontas para receber mensagens pseudopessoais a qualquer momento do dia. Na política, a esperança é utilizar as novas tecnologias para compensar a atrofia crescente dos partidos tradicionais. Ao mesmo tempo, elas provocam uma personalização ainda maior da política; virá o dia em que Angela Merkel vai informar imediatamente aos seus “seguidores” o quanto apreciou a ópera a que acabou de assistir.³²⁹

E, como previu Streeck quando da publicação de seu artigo na revista “New Left Review”, esse dia já chegou. (A ascensão de lideranças autoritárias de extrema direita nas democracias contemporâneas como Bolsonaro e Trump são, aliás, uma prova definitiva disso.) Não obstante, para além do campo da política propriamente dita, também no campo da estética a comercialização da vida social opera mudanças profundas na forma como os consumidores se relacionam e atribuem valor e significado às opções disponíveis nos diferentes e diversificados mercados de bens simbólicos que existem atualmente – entre os quais está, evidentemente, o “mercado de bens futebolísticos”.³³⁰

A transição de uma economia voltada para anteder as necessidades para outra, orientada para satisfação do desejo dos consumidores, agora mais exigentes e empoderados, foi acompanhada por uma mudança correspondente na ideologia. Diferentemente do que acontecia durante o período de acumulação primitiva do capital, quando se exaltava práticas e valores característicos do ascetismo protestante, tais como a abstenção dos prazeres, despojamento, prudência, previdência, comedimento etc., a ideologia que hoje sustenta a sociedade do consumo funciona no sentido diametralmente oposto. Vladimir Safatle, filósofo brasileiro e professor da Universidade de São Paulo (USP), conseguiu captar muito bem o modo de funcionamento da ideologia na era do capitalismo tardio. Partindo de uma análise fundamentada na leitura crítica e original que faz da obra de Slavoj Žižek, Safatle chegou a uma fórmula elementar. Segundo ele,

³²⁸ STREECK, Wolfgang. O cidadão como consumidor. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-cidadao-como-consumidor/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

³²⁹ Ibid.

³³⁰ TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcedores e mercados de bens futebolísticos. In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela. (org.) Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014.

[...] A injunção social diz hoje: "Goze de todas as maneiras!". Goze sua sexualidade, realize seu eu, encontre sua identidade sexual, alcance o sucesso ou, mesmo, goze uma ascese espiritual.

Assim, o que o torna culpado hoje não é o fato de você transgredir alguma proibição sexual, mas, ao contrário, o fato de você não transgredi-la, de você não gozar. Agora, se há uma coisa que a psicanálise pode nos ensinar, não é "como você deve gozar", mas "você não é obrigado a gozar".³³¹

Na “modernidade líquida”, cujo aspecto fundamental e predominante é a socialização pelo consumo,³³² transformamo-nos, todos, em “consumidores de sensações”, como define a condição humana na pós-modernidade o sociólogo polonês Zygmunt Bauman. O imperativo do prazer, aliado à falta de tempo típica da vida nas sociedades pós-modernas, desencadeiam uma corrida frenética e alucinada pela maior quantidade possível de excitações. Ademais, trata-se de um tipo muito particular de consumidor, que não visa exatamente a coisa em si, mas “a excitação de uma sensação nova, ainda não experimentada”, explica Bauman.

Não tanto a avidez de adquirir, de possuir, não o acúmulo de riqueza no seu sentido material, palpável, mas a excitação de uma sensação nova, ainda não experimentada - este é o jogo do consumidor. Os consumidores são, primeiro e acima de tudo, acumuladores de sensações, são colecionadores de coisas apenas num sentido secundário e derivativo.³³³

Em suma: quanto mais, melhor. Isso, porém, impõe a necessidade de administrar o tempo, otimizando-o de modo a maximizar as oportunidades de experimentar sensações, sobretudo diante de uma variedade tão grande de ofertas. Além do mais, para lidar com toda essa quantidade de excitações, os consumidores que desejam obter satisfação empilhando sensações não podem almejar mais do que diversão em matéria de experiência estética. Na “sociedade da excitação”, a experiência de consumo de qualquer produto cultural não apenas tem que ser prazerosa e divertida, como também não pode exigir longos investimentos de tempo e atenção. Fácil, rápido e divertido: essa é, em poucas palavras, a fórmula “mágica” do prazer estético na era da “modernidade líquida”.

À procura de prazeres rápidos

E é justamente pelas dificuldades que encontra para se adequar às exigências próprias desse “modelo específico de satisfação do consumidor”³³⁴ que o futebol de espetáculo vem se

331 SAFATLE, Vladimir. A paixão pelo Real. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3011200304.htm>. Acesso em: 27 out. 2023.

332 STREECK, Wolfgang. O cidadão como consumidor. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-cidadao-como-consumidor/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

333 BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 21.

334 STREECK, Wolfgang. O cidadão como consumidor. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-cidadao-como-consumidor/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

tornando uma experiência cada vez mais chata e entediante, sobretudo para as gerações mais jovens. “Geração TikTok não aguenta ver 90 minutos de futebol”, opina Marcelo Brandão, jornalista do Grupo Padrão. À revista “Consumidor Moderno”, ele relata um caso envolvendo o filho de um amigo próximo para ilustrar seu ponto de vista: “[...] um amigo dia desses convidou seu filho de 10 anos para assistir uma partida futebol no estádio do time que eles torcem. Sabe qual foi a resposta do garoto? ‘Ah, pai, não vou. Jogo de futebol demora muito’”.³³⁵

Como a arte, mas sem, entretanto, se confundir com ela, o futebol imita a vida, mas só encontra sua verdadeira razão de ser quando vai além dela, pois – parafraseando o escritor, poeta e crítico de arte Ferreira Gullar –, “a arte existe porque a vida não basta”.³³⁶ A diferença é que nenhuma outra forma de experiência estética parece conectar tão bem os mundos ordinário e extraordinário como o futebol. Ainda hoje, para a maioria das pessoas, o apelo do futebol reside no fato de ele se prestar, como nenhum outro espetáculo, a ser uma espécie de tela onde projetamos nossos sonhos e desilusões, medos e esperanças, desejos e frustrações. Nesse sentido, ele mostra uma capacidade ímpar de mimetizar a vida.

Porém, ao mesmo tempo em que reflete a existência, o futebol opera uma ruptura com o cotidiano. Ao fazer isso, o espetáculo esportivo mais popular do planeta coloca-se ombro a ombro com o cinema e a literatura, por exemplo. “Nós suspendemos completamente nossas vidas reais e preocupações práticas imediatas tanto assistindo ao *Poderoso Chefão* quanto lendo *The Wing of the Dove* ou ouvindo uma sonata de Beethoven”.³³⁷ E, apesar de esta não ser a única maneira de se conectar emocionalmente com produções estéticas, tampouco com o futebol, somente a partir uma imersão completa no que se está fazendo é possível alcançar o máximo em termos de excitação. Isso, contudo, é completamente diferente da postura que toma o futebol como um mero passatempo, visto que implica, necessariamente, envolvimento e engajamento.

Paulo Vinícius Coelho – ou PVC, como é mais conhecido o comentarista da Paromount+ e do UOL Esportes – leva o futebol a sério. Seja no ambiente de trabalho ou nas horas de lazer, acompanhando os jogos do Palmeiras, seu time de coração, na companhia da esposa, Adriana Teixeira, PVC é um dos que acham que o futebol deve ser assistido como se fosse um filme de cinema. Para a reportagem do jornalista e documentarista João Moreira Salles, que escreveu um perfil dele para a edição de fevereiro de 2008 da revista “Piauí”, PVC revelou alguns aspectos de sua rotina e do modo como vê o espetáculo.

335 BRANDÃO, Marcelo. Geração TikTok não aguenta ver 90 minutos de futebol. Disponível em: <https://consumidormoderno.com.br/2022/06/30/geracao-tiktok-futebol/>. Acesso em: 28 out. 2023.

336 ‘A ARTE existe porque a vida não basta’, diz Ferreira Gullar. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/flip/noticia/2010/08/arte-existe-porque-vida-nao-basta-diz-ferreira-gullar.html>. Acesso em: 27 nov. 2023.

337 JAMESON, Fredric. As marcas do visível. Rio de Janeiro: Graal, 1995, p. 11.

PVC assiste de sete a nove partidas por fim de semana, além dos jogos da Liga dos Campeões às terças e quartas. “São mais ou menos onze partidas das quais eu posso falar, pois compreendi o que aconteceu em campo” Compreender implica não permitir distrações. “A maioria das pessoas vê futebol como a minha mãe: ‘E aí, filho? Como vai a vida?’ Já quando é filme, é aquele silêncio... O problema é que o ‘E aí, filho?’ acaba com o jogo. Tem que assistir que nem filme”, explica.³³⁸

O futebol despertou e continua despertando o interesse de milhões de pessoas de diferentes partes do mundo não apenas por ser um belo jogo, mas também porque tem sido uma das poucas instituições sociais que, a despeito de todas as mudanças ocorridas ao longo de mais ou menos um século e meio, conseguiu conservar sua capacidade de desempenhar a função “cola social”. A façanha é ainda mais impressionante quando se leva em consideração as incertezas e dificuldades que são inerentes às sociedades pós-tradicionais. “Os indivíduos tendem nessas formações sociais a se desencaxar de seus antigos laços, por mais confortáveis que antes pudessem parecer”, explica Antônio Flávio Pierucci, professor do departamento de sociologia da Universidade de São Paulo (USP). “Desencadeia-se nelas um processo de desfiliação em que as pertenças sociais e culturais dos indivíduos, inclusive as religiosas, tornam-se opcionais e, mais que isso, revisáveis; e os vínculos, quase só experimentais”, complementa ele.³³⁹ “Temos um problema real com a religião. A política está perdendo popularidade de uma forma que não poderia ser pior. Além da música, o futebol talvez seja a única cola social que ainda une as massas, independentemente de origem, idade ou classe social”, afirma o alemão Carsten Cramer, CEO do Borussia Dortmund.³⁴⁰

Daí se entende por que Cramer e outros dirigentes e políticos demonstram inquietação com o crescimento da indiferença em relação ao futebol. Conhecendo ou não a obra do escritor, jornalista, dramaturgo e cronista Nelson Rodrigues, são sensíveis o bastante para não ignorar que o futebol é muito mais do que um esporte. “Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola”,³⁴¹ escreveu o autor de “Vestido de Noiva”, que era irmão do também escritor e jornalista Mário Filho, que dá nome ao estádio do Maracanã. Num cenário marcado pelo declínio das filiações tradicionais, o futebol dá às pessoas uma sensação de pertencimento e de comunidade. E é isso que torna esse esporte algo tão atraente para tanta gente, em tantos lugares diferentes. A história do futebol é também uma história sobre raízes, sobre pertencer a algo. A partir da construção de laços profundos

338 SALLES, João Moreira. A alegria são 61 telefonemas. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-alegria-sao-61-telefonemas/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

339 PIERUCCI, Antônio Flávio. A encruzilhada da fé. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1905200204.htm>. Acesso em: 1 dez. 2023.

340 CEO do Borussia Dortmund: “Nosso concorrente não é o Real Madrid. É a Netflix”. Disponível em: <https://trivela.com.br/alemanha/bundesliga/borussia-dortmund-ceo-carsten-cramer/>. Acesso em: 3 dez. 2023.

341 RODRIGUES, Nelson. À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 102.

e duradouros com clubes de futebol, homens e mulheres de todas as gerações, classes, religiões, raças, regiões do mundo inteiro reforçam seus vínculos com seus amigos e familiares, com suas origens sociais e com os territórios de onde vêm ou para onde vão.

De muitas maneiras, o interesse pelo futebol continua a ser guiado por esses objetivos, valores e crenças. E esse cenário parece longe de mudar. Até o presente momento, a maioria dos brasileiros sempre manifestou preferência pelas equipes do próprio país, e a influência da família e dos amigos nunca deixou de ter grande peso na escolha do time do coração. Como ainda é muito comum no Brasil, a decisão sobre para qual time torcer tem nas relações familiares seu principal ponto de inflexão. Em geral, a paixão por um clube de futebol é um tipo bem particular de herança ou de legado, algo passado de pai para filho; em outras situações, pode ser um veículo para afirmação e desenvolvimento da individualidade, que acontece quando se rebela contra as escolhas de seus pais. Há também aqueles que torcem ou simpatizam por um clube devido aos seus vínculos com o local ou a região onde nasceram ou que optaram por viver. Em todo caso, para compreender a formação das preferências dos consumidores brasileiros de futebol, convém tomar cuidado para não incorrer no erro que consiste em ignorar que há uma diferença crucial entre torcedores e simpatizantes.

Torcedor é o sujeito que acompanha o time para o qual torce. Esse acompanhamento varia de intensidade, mas tem um patamar mínimo, que é ver a tabela de classificação, saber quando o time joga, o nome do técnico e de vários jogadores. Um torcedor jamais vai titubear em dizer um punhado de nomes que hoje vestem a camisa de seu clube. Quem tem apenas um "time do coração", escolha influenciada ou mesmo imposta pelos familiares, mas não cultiva uma relação mínima com o clube, não pode ser considerado um torcedor, mas um "simpatizante".³⁴²

Trata-se de uma distinção fundamental, pois, tanto no Brasil quanto em outros lugares do mundo, existe a figura do chamado “torcedor misto”. “Para os poucos que não sabem do que estamos tratando, torcedor misto é o fã de futebol que torce, de verdade, para mais de um time, geralmente um time local e outro de fora de sua cidade, região, ou até mesmo de outro país”,³⁴³ explica José Colagrossi, diretor executivo do IBOPE Repucom, responsável pela realização da pesquisa “DNA Torcedor”, que traçou o perfil dos torcedores brasileiros. Mas Colagrossi salienta que os “dados mostram que mesmo os torcedores mistos acabam tendo um (e apenas um) clube

342 BARROS, Mauricio. Você é mesmo um torcedor ou apenas um "simpatizante"? Disponível em: https://www.espn.com.br/blogs/mauriciobarros/675157_voce-e-mesmo-um-torcedor-ou-apenas-um-simpatizante. Acesso em: 4 dez. 2023.

343 COLAGROSSI, José. Torcedor Misto, sim! Qual o problema? Disponível em: <https://www.iboperepucom.com.br/artigos/torcedor-misto-sim-qual-o-problema/>. Acesso em: 4 dez. 2023.

realmente de coração, e um outro para qual se sentem ‘enorme simpatia’. Assim, o torcedor misto, na realidade, é torcedor do clube ‘A’ e sente enorme simpatia pelo clube ‘B’”.³⁴⁴

Ao contrário do que acredita o senso comum, estudos como os do IBOPE Repucom ajudam a desfazer o mito de que os verdadeiros torcedores de futebol são “monogâmicos”. De fato, um número nada desprezível de fãs de futebol são “polígamos”. O fenômeno, que já podia ser notado nas periferias dos grandes centros do futebol brasileiro, que sempre padeceram da falta de times capazes de competir de igual para igual com as principais equipes do país, alargou-se para abranger clubes do exterior. Os torcedores (ou simpatizantes) de times estrangeiros passam, então, a fazer parte da paisagem. Aqui e ali, começam a aparecer brasileiros que dizem ter afinidade com Real Madrid, Barcelona, Chelsea, Manchester United etc., mas sem, entretanto, deixar de lado os laços mais antigos e estreitos com Flamengo, Vasco, Palmeiras, Corinthians, Grêmio, Internacional etc.

As novas gerações de filhos, netos e bisnetos de brasileiros torcedores de clubes estrangeiros ainda estão por nascer. Quando isso começar a acontecer, estaremos talvez mais próximos de vislumbrar alterações significativas na configuração que se manteve até aqui, perpetuando-se por quase um século. Mas, enquanto esse dia não chega, não se pode fechar os olhos para o fato de que um número cada vez mais relevante de consumidores tem chegado ao mercado globalizado do futebol por caminhos antes tidos como impensáveis. Ainda que com certo atraso, alguns dos principais veículos de comunicação de maior destaque no Brasil descobriram que uma nova porta de entrada para o futebol internacional estava se abrindo. Em maio de 2007, o caderno de esportes do jornal “O Globo” estampou na primeira página a seguinte manchete: “Sem heróis por perto”. No subtítulo, lia-se: “Globalização, êxodo e marketing atraem para o futebol europeu a atenção de torcedores jovens”.³⁴⁵ A certa altura, a matéria afirmava: “Fifa Soccer, Winning Eleven e Championship Manager são títulos que os pais estranham, mas que ‘viciam’ os filhos”. Em depoimento ao periódico da família Marinho, o então adolescente Gabriel Casotti confessou: “O videogame me influenciou a gostar dos clubes de futebol”.³⁴⁶

Quase 10 anos depois e às vésperas da partida final da maior competição de clubes da Europa, a “Gazeta do Povo”, em reportagem assinada por Ana Luzia Mikos, noticiou com algum destaque a expectativa de jovens torcedores brasileiros com o clássico entre Juventus (Itália) e Barcelona (Espanha) que dali a pouco iria decidir o campeão da UEFA Champions League 2014/2015: “‘Geração PlayStation’ vibra com a final da Liga dos Campeões”. Mikos não deixou de

³⁴⁴ Ibid.

³⁴⁵ SEM heróis por perto. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 mai. 2007. Esportes, p. 46.

³⁴⁶ Ibid., p. 45.

falar também sobre o porquê de ter usado a expressão “Geração Playstation” para se referir aos jovens brasileiros que torcem para clubes estrangeiros: “Criados no videogame e alimentados pelas transmissões internacionais de tevê, eles formam uma linhagem de fãs globalizada seduzida pelo mais respeitado futebol do planeta”, explica ela, citando como exemplo Felipe Marques, que, na ocasião, contava apenas com 19 anos de idade e cursava os primeiros períodos de Direito.

O estudante de Direito Felipe Marques, de 19 anos, joga virtualmente desde pequeno e o contato com os craques via joystick o fez, assim como tantos outros jovens, se interessar cada vez mais pelo futebol europeu.

“Lá estão os grandes jogadores e ainda tem toda essa decepção com o futebol brasileiro que a gente acaba preferindo acompanhar tudo que acontece lá”, reforça.

Marques integra um grupo no aplicativo WhatsApp chamado Futebol Espanhol em Perspectiva – FEP é como aparece no alto da tela dos celulares dos 12 participantes e onde partilham notícias, comentários e encontram espaço até para provocar a rivalidade internacional, especialmente entre os que preferem o time da Catalunha e os amantes do Real Madrid.

Eles também jogam juntos. “Jogo desde a época do Play [PlayStation] 2. Para conseguir pegar o Barcelona é aquela briga. Todo mundo quer jogar. Um justifica que é o mais velho, outro que sempre joga. Às vezes tem de sortear mesmo”, conta Marques.³⁴⁷

Em um passado não tão distante assim, era improvável, se não impossível, imaginar que um número significativo de brasileiros pudesse tomar a decisão de torcer para um time da Europa depois de gastar horas de seu tempo livre jogando jogos de simulação de futebol na infância e na adolescência: essa opção simplesmente não estava disponível. Penso aqui no caso do futebol de mesa. Até onde se sabe, não se tem notícia de que este jogo tenha influenciado alguém a ponto de fazê-la ir contra a maré das convenções do campo esportivo e declarar apoio a um obscuro time do sul da Inglaterra apenas porque divertia-se fingindo que pequenas peças de plástico em formato de disco decoradas com as cores do clube e que deslizavam sobre uma superfície plana movidas ao seu comando encarnavam o Torquay United Football Club. (E, diga-se de passagem, se tal cenário era algo extremamente insólito para época, isso tinha pouco ou nada a ver com a tecnologia rudimentar dos botões de galalite e mesas de aglomerado de madeira).

A globalização e a difusão das tecnologias de informação e comunicação, no entanto, estão mudando a forma como o jogo é percebido e experimentado pelas novas gerações que já nasceram inseridas em um mundo digital e de mudanças constantes. A internet, a televisão e os videogames contribuíram para fazer dos clubes estrangeiros uma escolha possível para os torcedores brasileiros – algo que o futebol de mesa, cuja popularidade, tal como acontece no caso dos jogos eletrônicos de futebol, tem a ver com os modos como este consegue emular ou mimetizar algumas das

347 ‘GERAÇÃO PlayStation’ vibra com a final da Liga dos Campeões. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/geracao-playstation-vibra-com-a-final-da-liga-dos-campeoes-af3zvlmq8qgojn0qtq3o4rw4a/>. Acesso em: 4 dez. 2023.

características mais sensíveis e marcantes do futebol de espetáculo, não foi, por diferentes motivos, capaz de realizar. Ironicamente, como que para tornar ainda mais hercúlea o trabalho daqueles que, atualmente, dedicam seus esforços a divulgar e a difundir o futebol de mesa entre os mais jovens, este jogo simulado praticado com botões tem que competir pela atenção da “geração Z” com os *games*. A disputa é desleal e há grande risco de que termine com o desaparecimento completo da base de fãs do futebol de mesa, como mostra a matéria publicada em 2011 pelo site “UOL Esporte”, cuja manchete é: “Futebol de botão tenta sobreviver à ‘era do videogame’ e teme ficar sem nova geração”.

Existe um grupo de fãs de futebol que gerem sua própria entidade, confeccionam tabelas de campeonato como bem entendem e viabilizam contratações de jogadores impensáveis no mundo real. Composto de bolinhas de feltro, jogadores em fórmula de círculo e goleiros retangulares, o jogo de botão que abrigou sonhos malucos de tantos meninos nos estrelões da vida agora luta para sobreviver na desleal batalha contra o detalhista universo dos videogames, na esperança que uma nova geração de adeptos não deixe o esporte acabar. Popular brincadeira de garotos brasileiros até a explosão dos jogos eletrônicos, o futebol de botão hoje sobrevive através da paixão de adeptos saudosistas, boa parte deles ligada a clubes grandes. Em geral, trata-se de uma turma acima da casa dos trinta (ou quarenta), que luta para transmitir o vício das palhetas para seus filhos, geralmente já seduzidos pela quase perfeição das partidas de videogame, que têm nos ídolos dos campos poderosos divulgadores espontâneos.³⁴⁸

Porém, muitos antes dos videogames o futebol já tinha começado a dar passos firmes a caminho da espetacularização, submetendo-se à lógica da indústria cultural. Com isso chegaram os consumidores, muitos dos quais vieram atraídos pelas oportunidades de divertimento. Atualmente não é segredo para ninguém o grande negócio de entretenimento em que o futebol se transformou. Mas, nessa condição, o esporte mais popular do mundo deve brigar pela atenção dos consumidores em um domínio que não é originalmente o seu. Em circunstâncias como essas, o principal adversário do Borussia Dortmund de Cramer não é mais o FC Bayern München, nem mesmo o Schalke 04, que disputa com a equipe aurinegra da Renânia do Norte-Vestfália o clássico do Vale do Ruhr. “Nosso concorrente não é o Real Madrid. É a Netflix”, disse Cramer.³⁴⁹

O futebol adaptado à era do TikTok

Enquanto o futebol luta para se adaptar à nova realidade, outros ramos da indústria cultural – como o cinema, o teatro, a televisão, a música e os videogames –, há muito já se renderam às

348 FUTEBOL de botão tenta sobreviver à ‘era do videogame’ e teme ficar sem nova geração. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2011/12/19/futebol-de-botao-tenta-sobreviver-a-era-do-videogame-e-teme-ficar-sem-nova-geracao.htm>. Acesso em: 3 dez. 2023.

349 CEO do Borussia Dortmund: “Nosso concorrente não é o Real Madrid. É a Netflix”. Disponível em: <https://trivela.com.br/alemanha/bundesliga/borussia-dortmund-ceo-carsten-cramer/>. Acesso em: 3 dez. 2023.

reivindicações típicas dos “nativos digitais” por “entretenimento fácil ou consumo desprovido de atenção”.³⁵⁰ Em 2019, pouco menos de um ano antes que o início da pandemia de Covid-19 impusesse a necessidade de fechamento das casas de espetáculos, o caderno “Ilustrada”, da “Folha de São Paulo”, publicou a seguinte reportagem, assinada por Maria Luísa Barsanelli: “Para driblar impaciência do público, produções cortam espetáculos teatrais”. O subtítulo da matéria é: “Reduções de texto e enxugamentos de intervalos são formas de atrair espectadores temerosos da duração de peças”. Reginados, produtores e diretores de teatro ouvidos por Barsanelli admitiram que, em uma “época de dispersão”, onde “a atenção das pessoas está cada vez mais comprometida, mais compartimentada”, os cortes e as reduções são necessários.

Em tempos de consumo tão disperso, artistas vêm tentando driblar a impaciência do público de teatro com a duração das peças.

Tornou-se prática cada vez mais comum encurtar espetáculos de longa duração que poderiam afugentar espectadores antes mesmo da apresentação —uma boa meta, segundo artistas, seria de até duas horas. Vale até para casos de textos contemporâneos.

O diretor Marco Antônio Pâmio cortou aproximadamente 40 minutos de “Cobra na Geladeira”, do canadense Brad Fraser, deixando sua montagem com cerca de duas horas.

Tirou repetições, enxugou cenas, mas não foi tarefa fácil. A peça, passada no clima consumista dos anos 2000, “já tem por natureza uma linguagem bastante sintética”, diz ele.

Já Eduardo Tolentino de Araújo tirou uma das sete cenas de “Anatol” em sua versão da obra do austríaco Arthur Schnitzler. “Senão ela teria três horas”, explica o diretor do Grupo Tapa, que reduziu cerca de meia hora do original.

Tolentino diz ter se preocupado porque há tempos não fazia uma peça longa. “E vivemos uma época de dispersão.”

Com a rapidez contemporânea, diz Pâmio, “as pessoas vão com preconceito, já tacham de enfadonho. Mas a sensação do tempo é relativa” —um trabalho longo às vezes parece curto, e vice-versa.

Por vezes, diz o encenador, o elogio à peça vem justamente de um alívio sobre a duração, um “nem pareceu tão longo”.

“Eu sinto que a atenção das pessoas está cada vez mais comprometida, mais compartimentada”, afirma a atriz Denise Fraga. “Nós artistas temos que considerar essa captura, essa sedução do público.”

O texto de “A Visita da Velha Senhora”, peça de Friedrich Dürrenmatt que ela estreou no ano passado, foi encurtado em cerca de 40 minutos. Na atual temporada do espetáculo, retiraram-se mais dez minutos, chegando a duas horas.³⁵¹

Dá-se o mesmo no campo da música, que se debate com problemas muito parecidos. Lá, onde as regras do jogo são no momento ditadas por plataformas de *streaming* de músicas como Spotify, Deezer e Amazon Music, o fenômeno da “audição ansiosa” tem obrigado compositores a fazer algumas concessões de modo a se ajustar perfil dos ouvintes e responder aos seus interesses de consumo e comportamento – moldados, em grande medida, pelas transformações provocadas pela

350 POROGER, Felipe Arrojo. Qual é a função de peças e filmes se o público quer que acabem o quanto antes? Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/12/qual-e-a-funcao-de-pecas-e-filmes-se-o-publico-quer-que-acabem-o-quanto-antes.shtml>. Acesso em: 28 nov. 2023.

351 PARA DRIBLAR impaciência do público, produções cortam espetáculos teatrais. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/08/para-driblar-impaciencia-do-publico-producoes-cortam-espetaculos-teatrais.shtml>. Acesso em: 28 nov. 2023.

atividade da indústria digital. Com efeito, estudos recém-publicados mostram “que nova geração não ouve músicas com mais de 3 minutos”.³⁵² É o “efeito Tik-Tok”, que ganhou destaque nas páginas do caderno de cultura do jornal “Estado de Minas” em 15 de novembro de 2021.

Existe uma nova ordem no reino dos hits da música pop, e ela está sendo ditada pelos ouvintes de streaming, os consumidores de faixas disponíveis em plataformas como Spotify, Deezer e Amazon Music. Algo que já começa a ser chamado de “audição ansiosa” tem definido parâmetros do que seria um novo sucesso nas duas ou três pontas do processo. O compositor precisa pensar em canções com menor tempo de duração; o produtor tem de fazer com que tudo seja mais direto e funcional para que o ouvinte não vá embora, e a própria plataforma deve responder rápido à nova demanda do ouvinte que ajudou a criar. Uma boa produção feita em 2021 - e por boa entenda algo capaz de atrair milhares de ouvintes que não abandonem a faixa nos primeiros segundos e que, conquista das conquistas, passem a seguir o artista e a buscar por suas produções antigas - precisa, em resumo, ser objetiva e curta. Isso porque esse ouvinte que cresceu com o streaming não ouve, segundo as estimativas das próprias plataformas, músicas com mais do que dois minutos e 30 segundos de duração. Essa é a média. Se chegar a três, temos uma vitória digna de Grammy.³⁵³

Dani Brasil, DJ e produtor, resume bem o sentimento dos agentes do setor musical diante das mudanças que acompanham a ascensão da “geração Z”. “Antes, podíamos contar uma história, criar uma narrativa. Havia uma introdução, uma melodia crescente, um auge. Mas, hoje, as pessoas não têm mais paciência. As mensagens devem ser diretas, o impacto precisa estar logo no início”. Tiago da Cal Alves, o Papatinho, que também é DJ e produtor, além de beatmaker, complementa: “Além das facilidades do streaming, a geração nova é bombardeada por informações rápidas ao mesmo tempo. Stories são de 15 segundos, músicas para o TikTok têm um minuto, o Twitter aceita pouco texto. Se sua música não for direto ao ponto, você perde esse ouvinte”.³⁵⁴

No olho desse furacão, o futebol vem sendo cada vez mais pressionado a fazer mudanças para se conformar às expectativas e exigências das novas gerações de consumidores. Tendo sido socializados em uma “sociedade de consumidores”, onde a participação é “vaga e incerta, e o pertencimento, fluido e mutável”,³⁵⁵ acreditam que a liberdade é sinônimo de não ter vínculos. Por tudo isso, mas não só, mostram-se mais inclinados do que as gerações anteriores de consumidores a encarar o futebol como mais uma forma de divertimento entre tantas outras opções disponíveis. Mais do que pertencimento, buscam no futebol entretenimento – algo que pode ser percebido no

352 EFEITO TikTok: estudo mostra que nova geração não ouve músicas com mais de 3 minutos. Disponível em: <https://www.mundoconectado.com.br/audio-e-video/efeito-tiktok-estudo-mostra-que-nova-geracao-nao-ouve-musicas-com-mais-de-3-minutos/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

353 FENÔMENO da 'audição ansiosa' abole canções com mais de dois minutos e meio. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/11/15/interna_cultura,1322802/fenomeno-da-audicao-ansiosa-abole-cancoes-com-mais-de-dois-minutos-e-meio.shtml. Acesso em: 28 nov. 2023.

354 Ibid.

355 DI CESARE, Donatella. Bauman, crítico da modernidade, e as existências líquidas sempre em risco. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/585900-bauman-critico-da-modernidade-e-as-existencias-liquidas-sempre-em-risco-artigo-de-donatella-di-cesare>. Acesso em: 1 dez. 2023.

comportamento de consumo de futebol da “geração Z”, que se caracteriza, entre outros elementos, por ser mais pragmático, menos passional. Com base na pesquisa encomendada pelo Grupo SBF e realizada pela Consumoteca, Paula Nader, vice-presidente de produtos e marketing do *pool* de empresas fundado pelo mineiro Sebastião Bonfim Filho, chamou a atenção para a diferença para os hábitos e práticas de consumo dos nativos digitais, nascidos entre as décadas de 1990 e 2010.

“Com o estudo, entendemos que o comportamento da Gen Z carrega um sentimento menos de ‘preciso’ do futebol e mais de ‘escolho’ o futebol. Uma mudança significativa em relação às gerações anteriores, mas repleta de oportunidades de novas conexões, pois estamos falando de uma relação mais aberta e mais contínua, com múltiplas perspectivas e possibilidades de consumo” [...]356

A ascensão das novas tecnologias de informação e de comunicação e o uso das redes sociais está mudando a relação das novas gerações com os esportes, particularmente com o futebol. Diferentemente do que acontecia no passado, quando as decisões dos consumidores se orientavam, quase exclusivamente, pelo desejo de afirmar valores ligados a questões de identidade e pertencimento, a “Geração Z” e os “Millennials” nos dão a impressão de não ficarem muito à vontade em situações que exijam deles alguma atenção. Querem, acima de tudo, que o futebol lhes ofereça oportunidades de desfrutar experiências divertidas. Tal como antes, continuam buscando a excitação, mas desde que isso não implique a demanda de comprometimento. Podem ser classificados de várias maneiras, mas definitivamente não de hedonistas. A bem da verdade, nenhum de nós pode ser considerado propriamente um hedonista. “Estamos distraídos demais para sermos hedonistas”, afirmou o escritor, psicanalista e dramaturgo italiano radicado no Brasil Contardo Calligaris, morto em 2021, durante palestra no “Fronteiras do Pensamento”. “Ninguém é hedonista com um celular na mão”, concluiu ele.

Contrariando a tendência do pensamento contemporâneo de posicionar-se criticamente diante do projeto moderno por considerá-lo demasiadamente hedonista, Calligaris nos alerta que não se deve confundir o programa hedonista com a busca do prazer. No seu entendimento, o hedonismo “é algo que exige extrema atenção ao mundo”, e isso é exatamente o oposto do que vemos atualmente “nas midiacracias e nas economias da atenção”.357 Em coluna no jornal “Folha de São Paulo” Calligaris também já havia denunciado o moralismo religioso que estaria na origem dos argumentos contra o suposto hedonismo das “sociedades líquidas pós-modernas”. O artigo foi

356 GERAÇÃO Z acredita em um futebol mais engajado em pautas sociais. Disponível em:

<https://fastcompanybrasil.com/news/geracao-z-acredita-em-um-futebol-mais-engajado-em-pautas-sociais/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

357 HENDERSON, Hazel. Construindo Um Mundo Onde Todos Ganhem: A Vida Depois da Guerra da Economia Global. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 190.

publicado em 12 de abril de 2007, menos de um mês antes da visita do então Sumo Pontífice Bento XVI ao Brasil.

NO DIA 9 de maio, chega o papa. Provavelmente, em um de seus discursos, ele criticará a busca imoral pelo prazer imediato. Tudo bem, criticar o hedonismo da gente é uma coisa que os papas fazem.

Fato curioso: se, nessa ocasião, Bento 16 precisasse de citações, ele disporia de uma ampla escolha de autores laicos. De Zygmunt Bauman a Colin Campbell, passando por uma coorte de excelentes pensadores contemporâneos, quase todo mundo parece convencido de que nossas vidas sejam regradas pela busca do prazer (aí residiria, aliás, a origem de muitos de nossos males).

É uma trivialidade comum a religiosos e ateus, racionalistas e místicos: o hedonismo nos corrompe, torna-nos pequenos, covardes e, claro, consumistas. Será que é verdade? Uma coisa é óbvia: somos demasiado preocupados com nossa sobrevivência para sermos hedonistas.

Um pé na balança e um olhar inquieto para os números do colesterol na hora de abocanhar chocolate ou queijo, um ou dois preservativos (sobrepostos) no momento de transar (de preferência no sábado, que amanhã dá para descansar), preocupados com nossa reputação na hora de escolher o lugar de um encontro furtivo, apreensivos na hora de gastar, envergonhados, temerosos e arrependidos já antes do ato: esses somos nós, os pretensos "hedonistas" modernos.³⁵⁸

Assim, na melhor das hipóteses, o homem contemporâneo seria, nas palavras de Žižek, não mais do que um “hedonista envergonhado”.

O hedonismo de hoje combina prazer com constrangimento -não se trata mais da antiga noção da "medida certa" entre prazer e constrangimento, mas uma espécie de coincidência imediata pseudo-hegeliana dos opostos: ação e reação devem coincidir, a própria substância nociva já deve ser o remédio. O melhor exemplo disso é manifestamente um "chocolate laxante", disponível nos Estados Unidos, com a paradoxal injunção "Você sofre de constipação? Coma mais deste chocolate!", ou seja, da própria coisa que causa constipação. E não seria uma prova negativa da hegemonia dessa atitude o fato de que o verdadeiro consumo desenfreado (em todas as suas principais formas: drogas, sexo livre, fumo...) está emergindo como o principal perigo?

A luta contra esses perigos é um dos principais investimentos da atual "biopolítica". Aqui se buscam desesperadamente soluções para reproduzir o paradoxo do chocolate laxante. O principal competidor é o "sexo seguro" -um termo que faz com que apreciemos a verdade do velho ditado: "Fazer sexo com camisinha não seria como tomar um banho de chuveiro vestindo uma capa de chuva?". O objetivo final estaria aqui, por entre as linhas do café descafeinado, o fato de inventar o "ópio sem ópio": não é de admirar que a maconha seja tão popular entre os liberais que querem sua legalização -ela já é uma espécie de "ópio sem ópio".³⁵⁹

Isso também vale para a relação do torcedor com seu time. Com efeito, “na era da crença descafeinada”,³⁶⁰ a paixão pelo futebol é tida como aceitável se e somente quando “desprovida de

358 CALLIGARIS, Contardo. O hedonismo em "Roma" e entre nós. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1204200726.htm>. Acesso em: 4 dez. 2023.

359 ŽIZEK, Slavoj. O hedonismo envergonhado. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1910200303.htm>. Acesso em: 5 dez. 2023.

360 ŽIZEK, Slavoj. A paixão na era da crença descafeinada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1403200408.htm>. Acesso em: 5 dez. 2023.

sua essência nociva”.³⁶¹ Em contraste com o comportamento de “todos os que a vivenciam de forma imediata, todos os que não guardam certo distanciamento em relação a ela”,³⁶² o torcedor padrão seria aquele que não leva realmente a sério o futebol, adotando de preferência uma atitude *blasé* diante dos acontecimentos que cercam a situação do clube que apoia.

“É o que o Berlusconi disse: o futebol ideal vai ser o dia em que a torcida receber para estar no estádio e se comportar exatamente como uma claqué de auditório de um programa de tevê”,³⁶³ observou o escritor e ex-professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) Marcos Alvito, referindo-se a Silvio Berlusconi, que foi primeiro-ministro da Itália em 1994-5, 2001-6 e 2008-11. Poderoso figurão da mídia e ex-proprietário do AC Milan, Berlusconi, que faleceu em 2023, colaborou como poucos para transformar o futebol em um espetáculo. “A filosofia implantada por Berlusconi em seus clubes, principalmente durante os 31 anos em que permaneceu no comando dos rossoneri, era baseada em um time-empresa, campanhas faraônicas de aquisições e o ‘bom jogo’ para construir sucessos e vender entretenimento”, disse o obituário do portal “Terra”.³⁶⁴

Mas quem disse que o futebol de espetáculo tem que ser divertido? Para alguns daqueles diretamente envolvidos com o espetáculo – dirigentes, técnicos, jogadores e até mesmo torcedores – importa mais vencer do que regalar os olhos da audiência. Muricy Ramalho, ex-técnico do São Paulo Futebol Clube, chegou a dizer, ao ser questionado sobre o desempenho do time comandado por ele em entrevista coletiva após jogo contra o Clube Náutico Capibaribe, válido pelo Campeonato Brasileiro de 2008, que não se incomodava nem um pouco com o futebol nada vistoso praticado pela equipe em partida no estádio do Morumbi. “Se quiser espetáculo, vá ao teatro”, recomendou ele, sem disfarçar o mau humor.

“Saio satisfeíssimo com o jogo de hoje. O torcedor do São Paulo é inteligente e sabe que o jogo foi duríssimo. Não adianta jogar bonito e perder. Nosso time está de parabéns, mas não tem espetáculo. Se quiser ver espetáculo, vá ao teatro municipal. Os jogos que restam são guerra”, afirmou o treinador [...].³⁶⁵

Nem todo mundo, é claro, concorda com Muricy Ramalho. “Precisamos de algo novo nesse esporte que está ficando cada vez mais chato”, reclama Hugo Giorgetti, cineasta brasileiro que dirigiu os filmes “Boleiros: Era uma vez o futebol” (1998) e Boleiros 2: Vencedores e vencidos”

³⁶¹ Ibid.

³⁶² Ibid.

³⁶³ PINHEIRO, Daniela. A COPA do Cabo ao Rio. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-copa-do-cabo-ao-rio/>. Acesso em: 6 dez. 2023.

³⁶⁴ BERLUSCONI, do amor e títulos no Milan até os acessos no Monza. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/berlusconi-do-amor-e-titulos-no-milan-ate-os-acessos-no-monza,7f60bf23e5a1767e95ac41f9ec50484dene2wvvy.html>. Acesso em: 6 dez. 2023.

³⁶⁵ MURICY avisa: 'Se quiser espetáculo, vá ao teatro'. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/9518_muricy-avisa-se-quiser-espetaculo-va-ao-teatro. Acesso em: 28 out. 2023.

(2006).³⁶⁶ Mas Calligaris chama a atenção para uma importante distinção, que considero relevante para entender por que o futebol, disparado o esporte mais popular do mundo, pode ser algo um tanto quanto aborrecido e maçante de assistir para alguns espectadores. “Existem ao menos duas antíteses de chato: interessante ou divertido. E elas não se equivalem. O divertido nos afasta e nos distrai. O interessante nos envolve e nos engaja”.³⁶⁷ Citando o historiador e linguista holandês Johan Huizinga – cujo livro “Homo Ludens”, publicado originalmente em 1938, é uma das grandes referências nos estudos sobre o jogo e o lúdico –, Calligaris lembrou que a “seriedade” é condição indispensável para que o jogar seja uma experiência interessante.

Em 1938, Huizinga publicou "Homo Ludens", o homem que joga, para mostrar que o jogar é uma dimensão essencial da atividade humana. Estranha premonição, ele previa que, no futuro, uma cultura da puerilidade impediria adultos e crianças de continuar jogando do único jeito interessante, ou seja, com seriedade.³⁶⁸

Desde que se tornou um fenômeno de multidões, o futebol moderno caminha lado a lado com o processo de ampliação do poder e do alcance dos meios de comunicação de massa. De fato, o esporte inventado na Inglaterra em meados do século XIX deve muito à imprensa, ao rádio e à televisão o rápido crescimento de sua popularidade. Por isso, como era de se esperar, a constituição do gosto por futebol nunca deixou de ser influenciada pela cobertura dos *mass media*. Isso é tanto mais verdade quando se constata que, para milhares de consumidores, o espetáculo de futebol é um acontecimento que simplesmente não existe sem a mediação das tecnologias da comunicação e informação. Não admira, portanto, que vez ou outra os torcedores se vejam às voltas com dificuldades em distinguir e separar a ficção do que se usualmente se entende como realidade. E, para tornar as coisas mais interessantes e complicadas, não é incomum observar situações onde este tipo de confusão chega às raias do absurdo, com a ficção sendo alçada à condição de referente daquilo que os consumidores de futebol experimentam como sendo a realidade.

Em 2015, o então jovem e promissor jogador alemão Mario Götze – que marcou o gol que valeu o título da Copa do Mundo de 2014 à seleção da Alemanha, que venceu a Argentina por 1 a 0 em partida realizada no estádio do Maracanã, palco da grande final – protagonizou um episódio no mínimo inusitado. Mario Thissen tinha nas mãos o que lhe parecia a última chance de obter a vitória em partida de futebol disputada em ambiente virtual. Mas, após desperdiçar a cobrança de pênalti pouco antes do fim do certame, Thissen, num momento de cólera, destruiu o acessório que utilizava

³⁶⁶ GIORGETTI, Ugo. Mulheres no futebol. Disponível em: <https://blogdojuca.uol.com.br/2021/09/mulheres-no-futebol/>. Acesso em: 28 out. 2023.

³⁶⁷ CALLIGARIS, Contardo. Vida divertida ou vida interessante? Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1212200221.htm>. Acesso em: 28 out. 2023.

³⁶⁸ Ibid.

para controlar as ações do *avatar* de Götze na tela da televisão conectada ao console Playstation 3. Curiosamente, do ponto de vista de Thissen, foi Mario Götze, e não ele, quem perdera o pênalti e também a última chance de vencer a partida. Culpando o próprio Götze pelo desfecho infeliz no jogo de videogame, Thissen exigiu que o jogador alemão lhe pagasse um novo “joystick”. Contudo, o que mais chamou a atenção não foi o modo como Thissen encarou a derrota no certame de futebol em ambiente virtual, atribuindo a Götze a culpa pela derrota, mas a maneira como o jogador do Bayern de Munique, da Alemanha, reagiu aos protestos de Thissen.

Mario Thissen enviou para a página do Bayern de Munique no Facebook uma imagem de um controle de PlayStation 3 quebrado, e sua mensagem dizia que Mario Götze lhe devia 50 euros pelo controle, já que a versão virtual do meio-campista do time bávaro havia perdido um pênalti aos 45 do segundo tempo. Thissen ainda avisou que em breve enviaria suas informações para que o depósito fosse feito. Para a surpresa do bávaro, o autor do gol do título da Alemanha na última Copa do Mundo o respondeu.

Götze compartilhou a postagem de Thissen, acrescentando que deve ser mesmo ruim perder um pênalti aos 45 do segundo tempo. Comentou que quebrar o controle não ajudaria em nada, perguntou por que Thomas Müller não estava disponível para cobrar o pênalti, garantiu que iria compensá-lo pelo joystick quebrado, enviando um novinho em folha, e garantiu que da próxima vez não o decepcionaria. 369

A questão, no entanto, permanece: por que atualmente há tantos jovens que não se interessam por futebol, considerando-o entediante e chato na comparação com outras formas de entretenimento? Apesar de não ser exatamente o ponto central da investigação, a resposta a esta pergunta pode fornecer pistas importantes para desvendar o caso principal. Minha hipótese é a de que o desinteresse pelo futebol por parte das novas gerações de consumidores pode estar associado a uma série de mudanças e transformações significativas no ordenamento simbólico, o que impactou diretamente na maneira como se constituem os conceitos e os parâmetros que norteiam e dão sustentação às emoções no âmbito do campo esportivo. O futebol é um espetáculo cuja fruição exige atenção focada, algo que se choca frontalmente com as exigências estéticas típicas da era do “entretenimento ágil”.³⁷⁰ Por outro lado, pelos mesmos motivos, cresce no Brasil o número de pessoas interessadas em esportes bastante populares nos EUA, principalmente o futebol americano, o basquete e o beisebol. E o que antes irritava apenas o público estadunidense parece, agora, incomodar também a audiência brasileira.

O que irrita os americanos é um esporte que tenha poucas pausas. No futebol americano, basquete e beisebol é essencial os momentos de vazio, o que filosoficamente se chama "o

369 TORCEDOR quebrou controle após Götze virtual perder pênalti, e verdadeiro Götze lhe deu outro. Disponível em: <http://m.trivela.uol.com.br/torcedor-quebrou-controle-apos-gotze-virtual-perder-penalti-e-verdadeiro-gotze-o-reembolsou/>. Acesso em: 2 abr. 2017.

370 BRANDÃO, Marcelo. Geração TikTok não aguenta ver 90 minutos de futebol. Disponível em: <https://consumidormoderno.com.br/2022/06/30/geracao-tiktok-futebol/>. Acesso em: 28 out. 2023.

nada". Na prática, é a hora de se desconcentrar. Tirando o intervalo entre o primeiro e segundo tempo, o futebol é um esporte de ação contínua que exige concentração permanente. O único esporte por lá que se aproxima dessa característica do futebol é o hóquei sobre gelo.³⁷¹

A entrada em cena de novas tecnologias de comunicação e informação trouxe novos concorrentes. Ao fazer as contas, muitos consumidores podem optar por comprar uma cópia da última edição do *game* EA Sports FC (Electronic Arts) em vez de pagar para ter a camisa oficial do seu time do coração. Mas também é possível que os interesses convirjam. De fato, na queda de braço com outros modos de se divertir e de passar o tempo, os jogos eletrônicos de futebol têm se afigurado como importantes aliados para conseguir fisgar a atenção e o interesse de “geração TikTok”.

Todavia, a aliança circunstancial obviamente não teria sido possível sem que antes não houvesse acontecido uma verdadeira inversão de posições, com os jogos eletrônicos de futebol assumindo muitas vezes o lugar de referente. Se, pelo menos um primeiro momento, os jogos eletrônicos de futebol procuravam assemelhar-se ao espetáculo tal como transmitido pela televisão, emulando-o, atualmente dá-se o contrário, com o futebol na TV parecendo-se cada vez mais com um jogo de videogame. Ademais, sendo a “geração Z” aquela que passa mais tempo jogando videogames, perdendo apenas para os consumidores “Millennials”,³⁷² entende-se por que partidas e campeonatos ganham em significado e importância quando conseguem, de alguma forma, cruzar as fronteiras que separam o futebol nos jogos eletrônicos do futebol enquanto um espetáculo televisionado – que constitui a realidade para a maior parte das pessoas no mundo, que não vai a estádios.

371 GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Estética versus futebol. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk240901.htm>. Acesso em: 28 out. 2023.

372 MILLENNIALS ou Gen Z? Estudo mostra qual geração passa mais tempo jogando videogames. Disponível em: <https://br.ign.com/games/108198/news/millennials-ou-gen-z-estudo-mostra-qual-geracao-passa-mais-tempo-jogando-videogames>. Acesso em: 27 nov. 2023.

CAPÍTULO 4

TV or not TV? Como os videogames estão transformando as transmissões esportivas e redefinindo a percepção da realidade do futebol-espetáculo

Simulacros e simulações

Quando o filósofo e sociólogo francês Jean Baudrillard disse, em tom de provocação, que a Guerra do Golfo nunca existiu, isso causou grande comoção no debate público, extrapolando, em muito, os limites restritos dos círculos intelectuais em que a maioria das questões levantadas por ele geralmente se situavam. Apesar de tudo, no entanto, poucos foram os que entenderam o alcance de seus argumentos contra a mistificação ideológica que é um dos pilares mais importantes de sustentação das configurações institucionais contemporâneas: a digitalização do mundo. “Para ele, teríamos vivenciado tal guerra como uma realidade produzida via mídia, a qual predeterminou as normas da veracidade do conflito”, explica Eduardo Simonini Lopes, professor da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Ele é o autor do ensaio “A realidade do virtual”, publicado na “Psicologia em Revista”, periódico do Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). “Nesse sentido”, continua Simonini,

[...] a Guerra do Golfo não se instituiu como real absoluto, mas, sim, como uma simulação, uma ilusão, que os sistemas midiáticos definiram como a realidade dos fatos. Se aceitamos ou não as definições de tal “realidade”, dependerá apenas do quanto estamos aptos a imergir dentro da simulação. Assim, Baudrillard fala de um mundo como construção não totalizável, produtora de contínuas simulações de realidade.³⁷³

Guardadas as devidas diferenças entre a Guerra do Golfo e o futebol-espetáculo, não é inadequado afirmar que, no tocante àquilo que se define como realidade, tanto uma quanto o outro podem ser entendidos como uma espécie de simulacro – ou, para usar mais uma vez as palavras de Simonini, “uma simulação, uma ilusão, que os sistemas midiáticos definiram como a realidade dos fatos”.³⁷⁴ E há ainda outra coisa em comum entre os dois (não)acontecimentos: desde quando da eclosão do conflito entre o Iraque e uma coalizão internacional de forças liderada pelos EUA, no início da década de 1990, a Guerra do Golfo foi vivenciada pela maioria das pessoas, que

373 LOPES, Eduardo Simonini. A realidade do virtual. *Psicol. rev.* (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 96-112, jun. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682005000100008&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 28 abr. 2024.

374 Ibid.

acompanhava tudo à distância, como um jogo de videogame; pois faz algum tempo que dá-se o mesmo com o futebol.

“Hoje, não há a menor dúvida, o futebol profissional é sobretudo um show televisivo. Há muito mais gente assistindo a partidas pela televisão do que nos estádios”, observa Marcos Alvito. Para Carmen Rial, jornalista e professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), toda e qualquer partida de futebol transmitida pela televisão é uma representação do real, e não uma simples transposição do que se desenrola no campo real de jogo, distinguindo, assim, as experiências dos telespectadores daquelas de torcedores que assistem a uma partida *in loco* num estádio de futebol. Por esses motivos, argumenta Rial, o futebol televisionado pode ser considerado um “tipo especial de documentário”. “Há estratégias discursivas, escolhe-se como contar aquela história, reforçam-se determinados valores”, explica Alvito. Nas palavras da própria Rial:

“A imagem televisiva do jogo (e a origem da palavra o mostra, imagem vem de imitare) representa o real – mais ou menos analogicamente, mas sempre passando por um processo de construção que a afasta deste real representado, seja no documentário, seja na ficção. Isto posto, e evitando aqui toda a discussão em torno dos limites da dicotomia ficção/documentário, faz-se necessário refletir sobre as estratégias discursivas cinematográficas deste tipo especial de documentário que é a partida de futebol, em muitos aspectos próximo ao jornal televisivo ou às reportagens.” 375

No que diz respeito aos *games* de futebol, é preciso ressaltar que estes não se caracterizam por ser uma reprodução do que realmente acontece num campo de jogo, mas uma espécie de simulação de uma partida de futebol tal como é transmitida pela televisão. Martin Lefebvre, co-fundador do site de crítica de videogame “Merlanfrit.net”, explica que

[...] não é a própria realidade que o jogo procura reproduzir, mas uma realidade secundária, filtrada pelo prisma das mídias, principalmente do cinema e da televisão. Assim, simulações esportivas, como o jogo *Fifa*, da Eletronic Arts, ou o *NBA2K*, da Take Two Interactive, não representam o futebol e o basquete, tais como são praticados na vida real, mas sobretudo como são retransmitidos, com as cenas em câmera lenta, as inserções de imagens, a fala dos comentaristas. 376

Assim, na medida em que objetivam “reproduzir uma realidade secundária, filtrada pelo prisma das mídias”, os videogames de futebol lançam mão de estratégias de persuasão empregadas

375 RIAL, Carmen. Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa. *Antropolítica*, Niterói, UFF, n. 14, jan-jul 2003, p. 61-80. Apud: ALVITO, Marcos. *Nada será como antes. Futebol e televisão*. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/nada-sera-como-antes-futebol-e-televisao/>. Acesso em: 3 abr. 2017.

376 LEFEBVRE, Martin. Em busca de realismo, mas virtual. Disponível em: <http://diplomatie.org.br/em-busca-de-realismo-mas-virtual/>. Acesso em: 3 abr. 2017.

pelos veículos de mídia que lhes servem de modelos ou parâmetros, notadamente a televisão. Isso pode ser observado nas figuras abaixo.



FIGURA 8

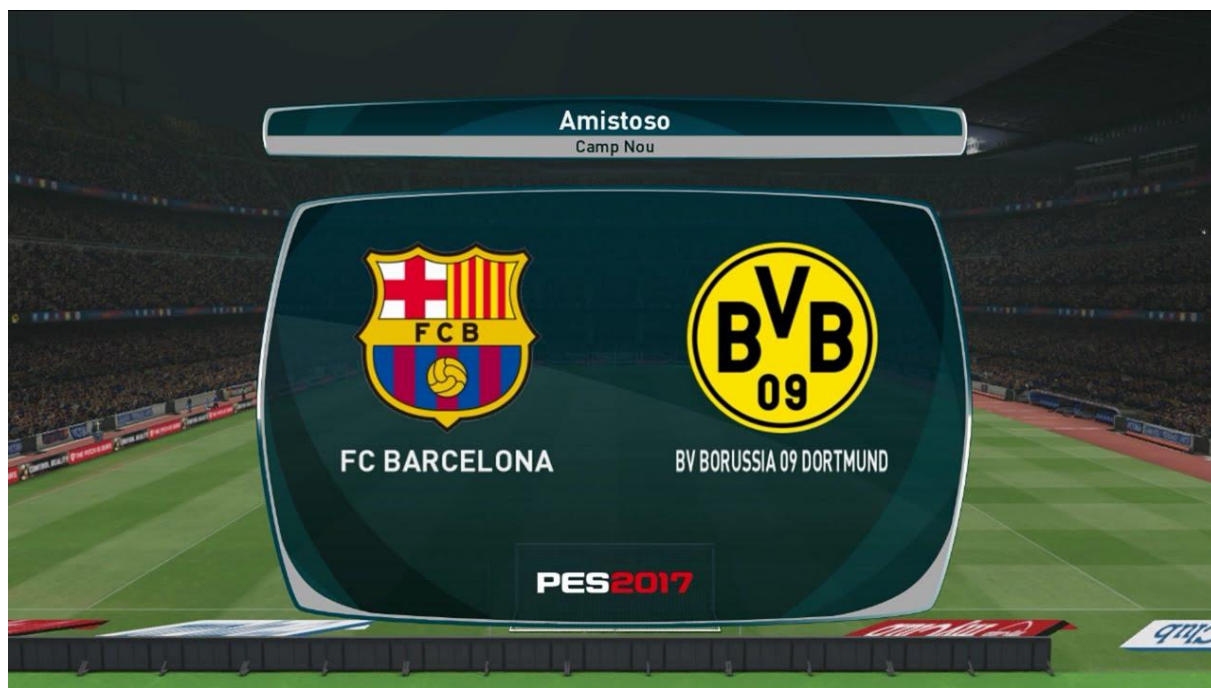


FIGURA 9



FIGURA 10



FIGURA 11



FIGURA 12



FIGURA 13



FIGURA 14



FIGURA 15



FIGURA 16

Nas imagens mostradas acima, pode-se notar que o jogo eletrônico de futebol PES 2017 (Konami) faz uso de alguns dos principais signos da linguagem das transmissões televisivas de espetáculos esportivos. Seguindo à risca o já consolidado *script* das transmissões de espetáculos esportivos na TV, o jogo apresenta, um pouco antes das partidas começarem e dos jogadores assumirem efetivamente o controle do jogo, o estádio visto de uma câmera externa (Figura 8), os escudos ou brasões dos times que se enfrentarão em campo (Figura 9), os jogadores dos dois times lado a lado em fila indiana no túnel de acesso ao campo de jogo (Figuras 10 e 11), os jogadores perfilados em campo (Figuras 12 e 13), uma nova tomada de câmera externa (Figura 14), seguida então da escalação dos times (Figura 15) e da formação tática das equipes. A visão do campo de jogo é isométrica, com a bola e os jogadores mais próximos ocupando o plano principal (Figura 16).

Mas os *games* de futebol não são os únicos que se apropriaram de uma série de procedimentos e recursos discursivos típicos da retórica da televisão. Hoje, inclusive, a situação parece ter se invertido. De todo modo, cada vez mais as transmissões de futebol na TV têm adotado expedientes e artifícios próprios da linguagem dos videogames. Os empréstimos justificam-se, provavelmente, pela necessidade que se impõe à televisão de se conectar com determinados segmentos da audiência, especialmente aqueles que se constituem de um público relativamente mais jovem, onde os videogames são muito populares. (Outro bom motivo é a eficácia simbólica da linguagem dos games, algo que, certamente, não passa desapercibido daqueles que detêm os controles dos aparatos televisivos de produção de significação.)

Trata-se, aliás, de uma tendência que pode ser observada em quase todos os principais espetáculos esportivos transmitidos pela televisão. O futebol americano, é claro, não foge à regra, como constata o jornalista Robinson Meyer. “O futebol televisionado parece mais um videogame”, escreveu ele em matéria para o jornal “The Atlantic”, do qual é ex-redator. “Não é apenas a wire-can.³⁷⁷ Elementos estilísticos mais sutis também surgiram nas transmissões de TV”, enfatiza Meyer.³⁷⁸ Sem negligenciar o peso da televisão, Meyer logo de início afirma: “É impossível considerar o futebol americano sem considerar a televisão”.³⁷⁹ No entanto, o jornalista chama atenção para o fato de que esta não é o único meio a moldar o espetáculo esportivo de maior audiência nos EUA. “É cada vez mais impossível considerar o futebol americano sem considerar também os videogames”, sublinha ele.³⁸⁰

Segundo seu próprio relato, Meyer parece ter ficado ainda mais convencido disso depois de conversar com Mike Young, diretor de criação de “Madden NFL 15”, *game* da franquia “Madden NFL” lançado em agosto de 2014 pela EA Sports, e Brian Murray, diretor de apresentação. Na ocasião, Meyer estava particularmente interessado em saber mais a respeito de técnicas e de ângulos de câmera que Young e Murray teriam visto pela primeira vez em jogos do Madden e que agora estariam sendo apropriados pela TV. O primeiro desses recursos a ser lembrado foi o movimento de câmera conhecido como “câmera voadora”, talvez o mais importante de todos (o que possivelmente justifica sua proeminente posição a lista de Young e Murray.)

The sweeping pans, the ability to follow play down the field from just-above-and-behind, reminds the viewer of what it's like to play a video game. The cable-cam was introduced by most TV networks in the late 2000s. Murray and Young estimated that Madden players had seen the view or something like it since the game first went three-dimensional in the late 1990s.³⁸¹

Isso não deve ter surpreendido Nate Anderson, escritor e editor assistente do “Ars Technica”, uma página na internet especializada na cobertura de notícias sobre tecnologia, ciência, política e sociedade, fundada em 1998 por Ken Fisher e Jon Stokes. Anderson, que também é autor do livro “In Emergency, Break Glass: What Nietzsche Can Teach Us About Joyful Living in a Tech-Saturated World”, publicado pela editora W. W. Norton & Company em 2022, já havia notado a

³⁷⁷ Aqui, Robinson Meyer provavelmente teve a intenção de se referir à tecnologia conhecida como “skycam”, às vezes também chamada de “cablecam” ou “spidercam”. Em todo caso, trata-se de um sistema de câmera suspensa por cabos que se move tridimensionalmente acima de um campo ou arena. É amplamente usado em transmissões esportivas.

³⁷⁸ MEYER, Robinson. TELEVISED Football Is Looking More Like a Video Game—in Subtle Ways. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2015/01/televised-football-is-looking-more-like-a-video-game-in-subtle-ways/385057/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

³⁷⁹ Ibid.

³⁸⁰ Ibid.

³⁸¹ Ibid.

introdução da “cable-cam” nas transmissões televisivas dos jogos da NFL quase 10 anos antes de Meyer, em 2008, quando fez referência a esta inovação em artigo para o “Ars Technica”.

While cameras have been omnipresent at NFL games for decades, the ‘flying’ overhead camera is a recent twist that enables broadcasters to provide views directly from behind the quarterback or from the middle of the defense—a view long-familiar to fans of EA’s Madden and NCAA Football franchises.³⁸²

Além da câmera suspensa por cabos de sustentação, Young e Murray destacam também outros recursos de transmissão tomados de empréstimo dos videogames, como a inserção de ícones abaixo dos jogadores nas partidas exibidas na TV.

While most viewers have long been used to different ways of calling out individual players and directions on the field—telestrator, anyone?—broadcasts have recently turned to putting concentric circles or icons beneath players to highlight them. It seems to borrow from a certain video-game convention: Drawing concentric circles beneath athletes’s feet to convey *you are controlling this character*.

Murray and Young weren’t sure how long *Madden* had been calling out players with icons beneath their feet, but they thought it went back a long time. Such a technique also isn’t limited to *Madden* alone: I know I’ve played role-playing fantasy games where control was indicated with sub-podal icons.

Both men added to that player icons are just one facet of how players are highlighted now. For a couple years, they said, *Madden* has been attaching graphics “on-screen” to players as they move around the field. In replays during half-time shows, or just after commercial breaks, they said, they’re beginning to see broadcasts do something similar.³⁸³

O impacto dos videogames nas transmissões do futebol americano na TV dos EUA se faz sentir também nas escolhas dos produtores e diretores a serviço dos principais veículos de mídia do país.

Working with Murray, he [Young] motion-capture-filmed a cinematographer who could be added to the games. That was important, because the Madden games, by one mode of accounting, have two layers: a play layer, where athlete bodies are simulated and scoring occurs; and a production layer, where the raw facts of the game are made to look like a televised broadcast. Murray and Young consider it crucial that the camera operators should have simulated bodies in that play layer: If someone playing Madden sees a particular camera shot, then a simulated version of the cameraman who took that shot should be running around the field.

“There’s a whole layer of logic to account for certain situations—like third-and-one in a tie-game—about how to shoot that, how to pay it off,” said Young.

And because they’re unconstrained by actual in-game risks, Murray and Young let those simulated camera-operators and directors take more risks than they would in a broadcast.

“We’re trying to look at the future, at what they’d want to do,” said Murray.

382 ANDERSON, Nate. First and 10: the technology behind the Super Bowl broadcast. Disponível em: <https://arstechnica.com/gaming/2008/02/firstand10/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

383 MEYER, Robinson. TELEVISED Football Is Looking More Like a Video Game—in Subtle Ways. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2015/01/televised-football-is-looking-more-like-a-video-game-in-subtle-ways/385057/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

In Madden 15, for instance, a Steadicam operator will often follow a quarterback as he stops talking to the coach, walks on to the field, and enters a huddle. Only as he begins to take his place on the field will the cameraman finally back off.

That was supposed to be something that could only appear in the game. But now, both men have seen Steadicam operators do the same thing on TV.

“I’m not saying there’s any confirmation they did it, but I did it with Mike and now I’m seeing it in the broadcast,” said Murray.

In particular, Murray said, he wonders if CBS is borrowing certain elements of Madden in its broadcast. [...]384



FIGURA 17: Os ícones abaixo dos jogadores são uma das inovações introduzidas há alguns anos nas transmissões de futebol americano na TV dos EUA. De acordo com Mike Young e Brian Murray, trata-se de um recurso diretamente inspirado pela série de *games* “Madden NFL” (EA Sports).385

No Brasil, é difícil encontrar exemplo melhor disso do que no caso do Cartola FC, um popular jogo de fantasia de futebol brasileiro onde os participantes montam seus próprios times virtuais usando jogadores profissionais da vida real que competem no Campeonato Brasileiro. Cada jogador recebe pontos com base em seu desempenho nas partidas reais, como gols marcados, assistências, defesas, entre outros critérios, e os participantes competem entre si para ver quem consegue acumular mais pontos ao longo da temporada. Um jogador recebe pontos quando marca um gol ou fornece uma assistência para um gol. Por exemplo, um atacante que marca um gol recebe uma quantidade específica de pontos, enquanto um meio-campista que fornece uma assistência também acumula pontos. Os goleiros e defensores ganham pontos por ações defensivas, como defesas difíceis, intercepções e desarmes bem-sucedidos. Cada defesa ou intervenção bem-

384 Ibid.

385 Ibid.

sucedida adiciona pontos à pontuação do jogador. Cometer faltas e receber cartões (amarelos ou vermelhos) resulta em perda de pontos para os jogadores.

O Cartola FC é mais do que apenas um jogo de fantasia de futebol; é uma plataforma de engajamento para os fãs do esporte. A integração do Cartola FC com as transmissões da Rede Globo é um exemplo claro disso. Ao fazer referências constantes ao jogo durante as transmissões, a Globo estimula os telespectadores a se envolverem mais com o futebol brasileiro, incentivando-os a participar do Cartola FC para competir com amigos, familiares e outros fãs. Além disso, o Cartola FC promove uma interação mais profunda com o esporte, pois os participantes precisam acompanhar de perto o desempenho dos jogadores reais para tomarem decisões estratégicas em seus times virtuais. Isso mantém os torcedores mais engajados com o campeonato e aumenta o interesse nas partidas, já que as performances individuais dos jogadores também afetam o desempenho dos times no jogo.

As implicações de tudo isso são bem maiores do que se imagina. Para se ter uma ideia melhor do poder que um jogo de fantasia como o Cartola FC pode ter de moldar a forma como o espetáculo do futebol é percebido e vivenciado no dia a dia por diferentes atores, bem como as consequências que acompanham essa nova realidade, vale a pena citar alguns trechos da matéria publicada pelo portal “Terra” em 2 de agosto de 2022 que repercutiu as declarações o treinador Tiago Nunes deu ao *podcast* “Flow Sport Club”. O depoimento do ex-treinador de Ceará, Corinthians e Botafogo, com passagens também por outros grandes clubes do futebol nacional, foi recebido com preocupação, por ter vindo à tona num momento em que os principais veículos de mídia encampavam discussões sobre a influência de casas de apostas nos resultados de jogos oficiais.

O técnico Tiago Nunes fez uma revelação ao podcast Flow Sport Club nesta terça-feira que causou grande polêmica nas redes sociais. O treinador afirmou que há um jogador no Ceará que, durante sua passagem no comando da equipe, se recusava a cometer faltas durante as partidas para não perder pontos no fantasy game 'Cartola FC', da Globo.

"Eu tinha um jogador agora no Ceará, que não vou revelar o nome, que era brincadeira... O cara não fazia falta no jogo porque perdia pontos no Cartola. É brincadeira", revelou o treinador.

A afirmação feita pelo técnico ganha proporções em um momento em que se discute no Brasil a influência de casas de apostas nos resultados de jogos oficiais. Denúncias de manipulação de resultado se tornaram mais comuns. Até mesmo movimentos simples de jogo, como cobranças de lateral, tiros de meta e escanteios são passíveis de aposta nessas casas. Assim, levanta-se mais uma preocupação, agora sobre os fantasy games. O atacante Jô e o lateral-direito Marcos Rocha, por exemplo, já foram cobrados por torcedores por terem ido mal no 'Cartola'. Um era do Corinthians e o outro atua no Palmeiras.

[...]

O fantasy game Cartola tem como objetivo montar times a cada rodada, com jogadores de diferentes equipes. A cada partida, esses atletas somam pontos por gols, assistências e

outras ações positivas da disputa, e perdem pontos se cometem faltas, levam cartões ou fazem gol contra.³⁸⁶

Tal estado de coisas tem afetado apenas as formas como os espectadores dão valor e significado ao futebol. Protagonistas do espetáculo, os jogadores profissionais parecem cada vez mais à vontade com a ideia de pensar em si mesmos e em seus pares como avatares de um jogo de videogame. “Puyol para mim é um dos melhores zagueiros que existe no futebol. Jogava com ele no videogame. Vai ser uma honra enfrentá-lo”, disse o jogador brasileiro Neymar Jr. em dezembro de 2011, dias antes da partida entre o seu time, o Santos, e a equipe de Puyol, o Barcelona, válida pela final da Copa do Mundo de Clubes da FIFA daquele mesmo ano.³⁸⁷ Quando chegou ao clube da Catalunha, em 2014, o brasileiro Neymar Jr. declarou, em entrevista a jornalistas e torcedores, que disputar partidas vestindo a camisa do Barcelona é como estar dentro de um jogo de videogame. “Parece que estou dentro de um jogo virtual”, disse o ex-jogador do Santos sobre a experiência de jogar ao lado dos craques do time azul-grená. “Sempre joguei muito videogame, por isso é muito estranho, principalmente no começo. Você olha para um lado e vê o Iniesta, o Xavi, o Messi, entre outros craques”.³⁸⁸

Quebrando a quarta parede

Se é verdade que os jogos eletrônicos de futebol têm grande influência no modo como os consumidores veem o futebol e se relacionam com o espetáculo, isso apenas se dá porque, em alguma medida, a própria realidade se confunde cada vez mais com a “ficção”. Para o crítico cultural Neal Gabler, professor da Universidade do Sul da Califórnia e autor do livro “Vida, o filme” (Companhia das Letras, 1999), isso acontece porque, depois de décadas de bombardeio constante dos meios de comunicação, a diferença entre “representação” e o que é “representado” perdeu-se quase por completo, cedendo, assim, espaço ao “simulacro”. Neste ponto, vale a pena sublinhar a convergência das opiniões de Gabler e Baudrillard, sobretudo no que diz respeito às definições de “simulacro” e “realidade”. Sobre as diferenças entre elas, as explicações de Marcos Flaminio Peres são bastante oportunas, ajudando a afastar algumas das dúvidas que pairam sobre

386 TIAGO Nunes revela que jogador do Ceará se recusava a fazer falta para não perder ponto no 'Cartola'. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/ceara/tiago-nunes-revela-que-jogador-do-ceara-se-recusava-a-fazer-falta-para-nao-perder-ponto-no-cartola,32046cca7771f1110a1b474875ede33bww4sftuj.html>. Acesso em: 27 nov. 2023.

387 NEYMAR idolatra Puyol: "será uma honra, jogava com ele no videogame". Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/mundialdeclubes/neymar-idolatra-puyol-sera-uma-honra-jogava-com-ele-no-videogame,f8d9fa79ac49a310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>. Acesso em: 3 set. 2023.

388 ATUANDO no Barcelona, Neymar afirma: 'Parece que estou no videogame'. Disponível em: <http://esporte.ig.com.br/futebol/2014-05-13/atuando-no-barcelona-neymar-afirma-parece-que-estou-no-videogame.html>. Acesso em: 2 abr. 2017.

categorias centrais para ambos os pensadores. “Diferentemente da imitação ou do fingimento – casos em que a diferença entre produto e realidade se mantém – o simulacro (a TV, a realidade virtual) confunde realidade e ilusão”.³⁸⁹ No mundo dos simulacros em que as pessoas vivem – onde “realidade” e “ficção” aparentemente se confundem –, “o entretenimento conquistou a realidade”.³⁹⁰ Com efeito, o que de acordo com a percepção comum parece ser verdadeiro ou plausível naquilo que experimentamos imediatamente como sendo a “realidade” propriamente dita é profundamente marcada pela influência das tecnologias de informação e comunicação de massa.

De fato, não é exagero afirmar que os jogos eletrônicos de futebol estão conquistando a realidade, destacando-se atualmente como uma das principais fontes de definição do campo simbólico do futebol-espetáculo. Mais do que meros passatempos ou divertimentos de crianças e adolescentes, games como FIFA e eFootball fornecem, hoje, boa parte das medidas a partir das quais o sucesso ou fracasso de uma partida ou campeonato é julgado por diferentes atores e agentes que compõem o universo do futebol-espetáculo. Nessas condições, quanto maiores forem as semelhanças com a estética dos games, maiores as chances de as transmissões esportivas serem consideradas interessantes e divertidas.

Todavia, em vez de lamentar esse estado de coisas, pode ser mais útil reconhecer que deve ter algo de errado com a própria realidade, tornando-a, digamos assim, mais vulnerável às investidas da indústria do entretenimento. Vendo as coisas dessa perspectiva, o triunfo da “gamificação” sobre a realidade do futebol-espetáculo desponta no horizonte de investigação como um indício de que existe uma falha fundamental e incorrigível bem no âmago daquilo que vivenciamos como a realidade, razão pela qual alguma dose de mistificação ideológica é necessária para encobrir suas contradições e, dessa maneira, manter de pé todo o edifício simbólico do mundo do futebol-espetáculo.

Ideologia e “gamificação”

A propósito, vale acrescentar ainda que, ao nível da ideologia, a “gamificação” ou “ludificação” do espetáculo do futebol – isto é, a crescente influência e pressão de elementos próprios da estrutura dos jogos eletrônicos sobre os critérios e conceitos que definem a realidade dos jogos de futebol – é *necessariamente* acompanhada da constituição de certo tipo de sujeito.

389 PERES, Marcos Flaminio. Entenda os conceitos-chave. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1103200707.htm>. Acesso em: 5 abr. 2017.

390 GABLER, Neal. Vida, um filme. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1999.

Sobre a categoria de sujeito e sua importância para a constituição da ordem simbólica que dá consistência àquilo que chamamos de realidade, Althusser argumenta que:

A categoria do sujeito é constitutiva de toda ideologia, mas ao mesmo tempo e imediatamente acrescentamos que a categoria do sujeito só é constitutiva de toda a ideologia na medida em que toda a ideologia tem por função (que a define) *constituir* os indivíduos concretos em sujeitos. É neste jogo de dupla constituição que consiste o funcionamento de toda a ideologia, pois que a ideologia não é mais que o seu próprio funcionamento nas formas materiais da existência desse funcionamento.³⁹¹

Parafraseando as ideias de Althusser, pode-se afirmar que não há “gamificação” do espetáculo de futebol sem a constituição prévia de determinado tipo de sujeito, que, não obstante, já se encontra articulado na própria estrutura dos jogos eletrônicos de futebol. Em outras palavras, isso significa dizer que é possível encontrar na estrutura dos jogos eletrônicos certo tipo de sujeito. Mas isso, é claro, só faz sentido quando se admite que essas mídias de expressão são, elas mesmas, “formas de percepção, formas específicas de se ver o mundo; e como tais, elas devem ter uma relação com a maneira dominante de ver o mundo, a ‘mentalidade social’ ou ideologia de uma época”.³⁹² Com efeito, a ideologia não se limita apenas ao papel que desempenha no tocante à reprodução de alguma relação de dominação social; ela também produz determinados tipos de sujeito.

Ainda de acordo com Althusser, a ideologia interpela os sujeitos de modo a persuadi-los a desempenhar as funções e os papéis que lhe são destinados pelo conjunto das relações sociais, desviando sua atenção da lógica em que se fundamenta essa repartição das funções, das partes e dos lugares.³⁹³ No entanto, para que isso efetivamente aconteça, é preciso que o sujeito, que é o alvo da interpelação ideológica, “se reconheça nas categorias da subjetividade estruturada no sistema ideológico”.³⁹⁴ Por isso, segundo Žižek, “antes do sujeito ser interpelado, ele já teria sido constituído”.³⁹⁵

A descrição de Althusser do modo pelo qual a ideologia interpela um indivíduo – fissa um sujeito numa posição de modo que ele se reconheça nas categorias da subjetividade estruturada no sistema ideológico – coloca uma questão: o que é que já está ali, como sujeito eficiente, para ser fissado? A resposta de Žižek é: antes do sujeito ser interpelado, ele já teria sido constituído, em seu próprio processo de formação, como um sujeito dividido com relação ao *objeto pequeno a*, este objeto-causa do desejo – que se torna o objeto sublime da ideologia – fissa o sujeito dentro da fantasia. Esta fantasia [...] não é o

391 ALTHUSSER, Louis Apud CERQUEIRA FILHO, Gisálio. A “Questão Social” no Brasil: crítica do discurso político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 34.

392 EAGLETON, Terry. Marxismo e crítica literária. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 19.

393 RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível. Ed. 34, 2005.

394 PARKER, Ian. A política – repetindo Marx. In: DUNKER, Christian; PRADO, José Luiz Aidar (org.). Žižek crítico: política e psicanálise na era do multiculturalismo. São Paulo: Hacker, 2005, p. 146.

395 Ibid, p. 146.

oposto da “realidade”, mas, ao contrário, sutura e molda a própria matéria das relações sociais, simbólicas e imaginárias. A ideologia que nos fissa em servidão ao *objeto pequeno a* não é uma mera ilusão que possa ser afastada com uma boa dose de experimentação da realidade ou de fatos sobre o mundo que nos seriam dados pela análise marxista; longe de nos oferecer um ponto de fuga, a ideologia nos oferece “a mesma realidade social como fuga de algum núcleo real traumático”.³⁹⁶

Sendo eles formas particulares de se ver o mundo, os jogos eletrônicos de futebol não são apenas um importante veículo de reprodução de valores e formas simbólicas de que diferentes agentes e agências se utilizam para criar a “ilusão” ou “fantasia” de que os clubes representam “comunidades de sentimento”, tornando-os uma “coisa” ou um signo de identificação;³⁹⁷ esses jogos de videogame também desempenham papel fundamental na “fabricação” de sujeitos – fazendo deles, não obstante, algo que pode, enfim, ser “fisgado” ou interpelado pela ideologia ou ilusão esportiva. Dessa maneira, e uma vez que os clubes estrangeiros se tornaram hoje objetos de desejo de um grande número de torcedores brasileiros, pode-se comparar os jogos eletrônicos de simulação de futebol aos “objetos pequenos a”: “aquilo que é, no objeto, mais do que o objeto – o objeto-causa do desejo”.³⁹⁸

Para Zizek, o objeto-causa do desejo é aquilo que faz com que desejemos determinada coisa, que então se torna um objeto de desejo.³⁹⁹ Segundo Glyn Daly, o “objeto pequeno a” é aquilo que de alguma maneira confere “autenticidade” ao objeto desejado e/ou a experiência de possuí-lo.⁴⁰⁰ Ora, para tornar clubes de futebol significativos em escala global a ponto de fazer deles um objeto de desejo de torcedores brasileiros é preciso um grande trabalho de investimento simbólico; para que seja bem-sucedido, entretanto, esse trabalho de “sedução” não pode passar ao largo do trabalho anterior de constituição (ou de “fabricação”) de sujeitos. Segundo Althusser, “toda ideologia funciona através da categoria de sujeito e é somente na ideologia e em função desta que o sujeito existe”.⁴⁰¹

Esse “sujeito” não pode ser confundido com o indivíduo historicamente vivido. É uma categoria, a posição em que o sujeito – o eu das afirmativas ideológicas – é constituído. Os próprios discursos ideológicos nos constituem enquanto sujeitos para o discurso. Althusser explica como isso funciona através do conceito de “interpelação”, tomado de empréstimo a Lacan (1966/1977). Este sugere que somos chamados ou convocados pelas ideologias que nos recrutam como seus “autores”, seu sujeito essencial. Somos constituídos pelos processos inconscientes da ideologia, naquela posição de reconhecimento ou fixação entre

396 Ibid, p. 146.

397 DAMO, Arlei Sander. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (org.). Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

398 DALY, Glyn; ZIZEK, Slavoj. Arriscar o impossível: conversas com Zizek. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 10.

399 Ibid.

400 Ibid, p. 10.

401 HALL, Stuart. Significação, representação e ideologia. In: HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Editora UFMG, 2013, p. 195.

A essa altura, a pergunta crucial a fazer é: *afinal, do que os torcedores não sabem?* Ora, evidentemente todos os torcedores *sabem* muito bem como as coisas realmente são (*sabem*, por exemplo, que uma partida de futebol é bem diferente de um jogo de videogame), assim como não ignoram completamente as razões por trás das preferências por este ou aquele clube de futebol. Se isso é verdade, então antes de tudo é preciso responder à questão: *onde está a ilusão, então?* Segundo Žižek,

[...] a ilusão não está do lado do saber, mas já está do lado da própria realidade, daquilo que as pessoas fazem. O que elas não sabem é que sua própria realidade social, sua atividade, é guiada por uma ilusão, por uma inversão fetichista. O que desconsideram, o que desconhecem, não é a realidade, mas a ilusão que estrutura sua realidade, sua atividade social. Eles sabem muito bem como as coisas realmente são, mas continuam a agir como se não soubessem. A ilusão, portanto, é dupla: consiste em passar por cima da ilusão que estrutura nossa relação real e efetiva com a realidade. E essa ilusão desconsiderada e inconsciente é o que se pode chamar de *fantasia ideológica*.⁴⁰³

“A noção de fantasia ideológica não alcança apenas o plano de uma espécie de falsa cobertura do real. A fantasia ideológica não se opõe à realidade”, diz Dunker, “mas estrutura a própria realidade social”,⁴⁰⁴ explica Christian Ingo Lenz Dunker, professor Livre Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), no Departamento de Psicologia Clínica. “O nível fundamental da ideologia”, portanto, “não é de uma ilusão que mascare o verdadeiro estado de coisas, mas de uma fantasia (inconsciente) que estrutura nossa própria realidade social”.⁴⁰⁵

Isto nos leva a mais uma complicação vital: se o que experimentamos como “realidade” é estruturada pela fantasia, e se a fantasia serve como crivo que nos protege, impedindo que sejamos diretamente esmagados pelo real cru, então *a própria realidade pode funcionar como uma fuga de um encontro com o real*. Na oposição entre sonho e realidade, a fantasia está do lado da realidade, e é nos sonhos que nos defrontamos com o real traumático – não é que os sonhos sejam para aqueles que não conseguem suportar a realidade, a própria realidade é para aqueles que não conseguem suportar (o real que se anuncia em) seus sonhos.⁴⁰⁶

⁴⁰² Ibid, p. 195.

⁴⁰³ ZIZEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma? In: ZIZEK, Slavoj (org.). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 316.

⁴⁰⁴ DUNKER, Christian Ingo Lenz. Žižek: um pensador e suas sombras. In: DUNKER, Christian Ingo Lenz.; PRADO, José Luiz Aidar (org.). Žižek crítico: política e psicanálise na era do multiculturalismo. São Paulo: Hacker Editores, 2005, p. 53.

⁴⁰⁵ ZIZEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma? In: ZIZEK, Slavoj (org.). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 316.

⁴⁰⁶ ZIZEK, Slavoj. Como ler Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 73.

Nesse sentido preciso, a “gamificação” do esporte-espetáculo não deve ser interpretada como um sinal de que a realidade está sendo distorcida – ou pior, destruída – em função do impacto causado pela evolução e popularização dos jogos eletrônicos; ao contrário do que pode parecer à primeira vista, a conquista da realidade pelos videogames é, no fundo, o desdobramento da fantasia que sustenta e sempre sustentou o campo simbólico do futebol globalizado, condicionando a maneira como este esporte é experimentado como espetáculo acima de tudo midiático. Portanto, a “gamificação” do futebol apenas põe tudo isso a nu, fazendo com que nos defrontemos com essa incômoda condição. Com efeito, longe de ser uma simples “ilusão” que nos impede de ver e de experimentar a “realidade tal como ela é”, a “gamificação” nos coloca frente a frente com “real traumático” – cuja “foraclusão” é requisito imprescindível para a constituição do “universo do discurso”⁴⁰⁷ ideológico (neste caso, a formação discursiva que chamamos de ideologia do esporte-espetáculo).

Face ao que foi exposto até o momento, espera-se ter ficado claro por que se pode afirmar que há uma espécie de “afinidade eletiva” entre “gamificação” do esporte-espetáculo e “europeização” do futebol mundial, particularmente o brasileiro. O velho mundo praticamente inventou o futebol como espetáculo televisivo; além disso, a posição do continente como principal palco do grande circo midiático em que se transformou o esporte mais popular do planeta não apenas se manteve inalterável ao longo dos anos, mas acabou se fortalecendo. Outrossim, sendo a “ludificação” do futebol, por assim dizer, um estágio superior ou avançado do processo de espetacularização em andamento, é perfeitamente compreensível que os jogos eletrônicos de futebol, enquanto “formas específicas de se ver o mundo”,⁴⁰⁸ relacionam-se “com a maneira dominante de ver o mundo”.⁴⁰⁹ Como consequência, os jogos eletrônicos de futebol são, em certa medida, um reflexo da maneira particular como os europeus veem o jogo – tanto dentro quanto fora de campo.

Por outro lado, apesar de tudo, parece haver algo no futebol brasileiro que resiste e impõe obstáculos à “gamificação” do esporte-espetáculo e à “europeização”. Aqui, porém, não devemos confundir “futebol-arte” com futebol-espetáculo; na verdade, o “futebol-arte” brasileiro parece ser, em muitos aspectos, contrário ao modelo de futebol-espetáculo que os dirigentes e cartolas de confederações, federações e clubes europeus tentam impor ao restante do mundo desde que

407 PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1997, p. 176.

408 EAGLETON, Terry. Marxismo e crítica literária. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 19.

409 Ibid.

descobriram que poderiam ganhar muito dinheiro com a venda de direitos de transmissão para redes e canais de televisão. Em sua maioria, contudo, a visão de mundo dos europeus acabou prevalecendo também no Brasil. Não obstante, é impossível não notar a permanência de alguns elementos tipicamente nacionais que só a muito custo têm sido possíveis incorporar à ordem, dominante, para não mencionar outros que, ao que tudo indica, não podem ser plenamente integrados a mesma. Inevitavelmente hostil ao espírito do futebol moderno, o futebol barroco-mestiço segue sendo uma “pedra no sapato” em relação à europeização do esporte mais popular do mundo. Com efeito, como se verá adiante, essa tensão se revela também no âmbito dos jogos eletrônicos.

CAPÍTULO 5

Entre Ariel, Próspero e Calibã: Johan Cruyff, Pep Guardiola, Neymar Jr.

Uma questão de estilo nacional

Há muto tempo, estabeleceu-se entre jornalistas e intelectuais um consenso de que o futebol é um traço da nossa cultura, tanto quanto qualquer outra manifestação do gênero. Assim, apesar do fato de que o futebol tem sua origem em uma cultura estrangeira, poucos discordam que este esporte é parte importante na formação da identidade do povo brasileiro.

A cultura não diz respeito tanto ao que um grupo faz (já que muitas pessoas fazem a mesma coisa) quanto à maneira específica como o faz. Matar pessoas não é exatamente parte da cultura militar americana, mas fazê-lo usando cabelos curtos e um vocabulário bastante restrito, sim. Cultura é questão de estilo e forma. Assim, não surpreende que ela tenha ganho destaque numa civilização na qual forma e estilo viraram produtos cada vez mais preciosos.⁴¹⁰

Com efeito, se é verdade que a cultura é, como define Terry Eagleton, uma “questão de estilo e forma”, poucas áreas da atividade humana deixam isso tão evidente quanto o futebol. “Não é só a questão de o futebol ser o esporte nacional: é também o fato de ele ser o esporte mais importante do mundo, o mais difundido internacionalmente, o mais praticado, o mais assistido”,⁴¹¹ afirma o historiador e escritor Jaime Pinsky, professor aposentado da Universidade de Campinas (Unicamp). E é talvez por isso que o contraste entre estilos e formas diferentes de jogar bola seja mais perceptível quando equipes e seleções nacionais se enfrentam em campo.

Sabe-se, contudo, que este contraste foi consideravelmente reduzido pelo impacto da globalização. “Os clubes viraram entidades transnacionais, empreendimentos globais. Mas, paradoxalmente, o que faz o futebol popular continua sendo, antes de tudo, a fidelidade local de um grupo de torcedores para com uma equipe”,⁴¹² conforme analisa o historiador inglês Eric Hobsbawn em entrevista ao jornal “Folha de São Paulo”, em 2007. Pouco menos de quatro anos atrás, em passagem por Paraty para participar da primeira edição da Festa Literária Internacional de Paraty, em 2003, o mesmo Hobsbawn já havia falado sobre este assunto com a imprensa brasileira. Na oportunidade, ele lamentou que o futebol tenha tido se tornado um “negócio mundial”, no qual o marketing ditava as regras do jogo: “É só marketing, eles têm jogadores muito melhores, como

410 EAGLETON, Terry. Balzac encontra Beckham. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0512200416.htm>. Acesso em: 4 set. 2025.

411 PINSKY, Jaime. Identidade nacional e futebol. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz23069810.htm>. Acesso em: 4 set. 2025.

412 FUTEBOL de hoje sintetiza globalização. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft3009200708.htm>. Acesso em: 17 jun. 2025.

Figo, Zidane e Ronaldo. Mas querem vender mais. David Beckham vende. O futebol virou um negócio mundial inacreditável",⁴¹³ disse ele, citando o exemplo do Real Madrid, um dos maiores clubes da Europa. "Enquanto isso, clubes de países da África ou da América Latina vão virando centros de recrutamento e perdendo o encanto local de seus encontros, como acontece com os times do Brasil e da Argentina. É um paradoxo interessante para pensar sobre a globalização",⁴¹⁴ conclui.

De qualquer maneira, é inegável que, como bem apontou Hobsbawn, boa parte do fascínio do futebol vem do fato de que este se converteu em um campo de disputa simbólica em torno do que significa ser "brasileiro", "argentino", "britânico" etc. Ora, a nacionalidade é, antes de tudo, uma espécie de construção coletiva. Na definição do historiador e cientista político Benedict Anderson, a nação é uma "comunidade imaginada".⁴¹⁵ De maneira bastante semelhante, o filósofo e antropólogo social Ernest André Gellner afirmou que o sentimento de pertencimento a uma nação implica, necessariamente, o compartilhamento mútuo de imagens e símbolos com base nos quais um determinado grupo de indivíduos pode, dessa forma, construir sua autoimagem.⁴¹⁶ No rastro das tradições inventadas em meadas do século XIX,⁴¹⁷ o futebol logo se estabeleceu como uma das mais importantes fontes de representações positivas na passagem para a modernidade.

[...] Basta pensar em como seria transformada a paisagem social e política britânica se não mais existisse o futebol para fornecer às pessoas a tradição, o ritual, o espetáculo dramático, o senso de existência corporativa, a hierarquia, a lealdade, a agressividade selvagem, o combate gladiatório, o espírito de rivalidade, o panteão de heróis e a apreciação de habilidades estéticas que fazem falta tão grande ao cotidiano capitalista.⁴¹⁸

Se isso vale para uma nação como a Grã-Bretanha, cujos cidadãos, em geral, sempre tiveram uma percepção favorável a respeito de si mesmos, vale ainda mais para o Brasil, onde há muito tempo se vive às voltas com fragilidade da autoimagem da nação. Por essas e outras, entende-se o o motivo pelo qual o antropólogo Roberto DaMatta, tido por muitos como um dos maiores intérpretes da cultura brasileira, sustenta que o futebol "é a construção nacionalista moderna do Brasil".⁴¹⁹ E tudo isso porque, segundo o próprio DaMatta, o futebol teria oferecido uma chance única para os brasileiros provarem seu valor no combate direito com os adversários em campo,

413 ERIC HOBSBAWN fala de Beatles e futebol do Brasil. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0408200313.htm>. Acesso em: 1 set. 2025.

414 FUTEBOL de hoje sintetiza globalização. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft3009200708.htm>. Acesso em: 17 jun. 2025.

415 ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

416 GELLNER, Ernest André. Dos Nacionalismos. Edições 70, 2019.

417 HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. Paz e Terra, 2000.

418 EAGLETON, Terry. Balzac encontra Beckham. Disponível em: Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0512200416.htm>. Acesso em: 4 set. 2025.

419 MIRANDA, André. Roberto DaMatta analisa diferenças entre Brasil de 1950 e 2014: 'Não há ganhador para sempre'. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/roberto-damatta-analisa-diferencas-entre-brasil-de-1950-2014-nao-ha-ganhador-para-sempre-13188426>. Acesso em: 4 set. 2025.

especialmente os europeus, que se consideravam e eram considerados racial e culturalmente superiores aos povos sul-americanos e africanos.⁴²⁰ Na mesma linha vai o escritor e jornalista Joaquim Ferreira dos Santos: [...] “graças ao futebol o Brasil deixou de ser um vira-latas entre as nações e encheu-se de autoestima”,⁴²¹ escreveu ele em coluna no jornal “O Globo”. Roberto DaMatta, no entanto, vai mais fundo ainda, apontando o que ele considera que tenha sido a maior contribuição do futebol para a construção da nação:

[...] O futebol foi inventado pelos ingleses, que eram os caras puros, sérios e brancos, mas nós o roubamos. Esse país de mulatos, de negros, de gente de perna torta, que era considerado um país de analfabetos, foi lá e dominou o futebol. Todos os teóricos racistas do século XIX desacreditavam o Brasil. Gobineau (filósofo e diplomata francês) falou que nós não duraríamos mais de 150 anos. O Agassiz, que era professor de zoologia de Harvard, disse que o Brasil não iria aguentar essa mistura de raças. O Brasil, para eles, estava destinado ao fracasso. Então imagina o que representou para o Brasil chegar à final no maior estádio do mundo. Eu sou do tempo em que se falava das maiores maravilhas do mundo, e para a gente o Maracanã era uma dessas. O futebol, portanto, trouxe ao Brasil um elemento moderno que fez com que nós acreditássemos em nós mesmos. Isso não tem preço.⁴²²

Essa crença não foi abalada nem mesmo com a derrota da Seleção Brasileira para o Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950, em partida realizada em pleno Maracanã – muito pelo contrário. Na verdade, contrariando alguns prognósticos, o revés diante da seleção alvi-celeste acabou servindo de combustível para fortalecer a convicção de que poderíamos ser campeões do mundo jogando do nosso jeito, sem nos afastar de nossas verdadeiras raízes. Assim, citando mais uma vez Roberto DaMatta:

A derrota fortaleceu e ficamos esperando os momentos de vingança. E aí ganhamos cinco vezes o campeonato mundial. A Taça Jules Rimet ficaria com quem ganhasse três vezes a Copa do Mundo, e essa regra deve ter sido inventada por alguém que não acreditava que fosse possível algum país ganhar a taça três vezes. Mas nós ganhamos. Então, o futebol foi o primeiro momento em que acreditamos que era possível fazer a virada da modernidade, da democracia, da igualdade, das obediências às regras, da clareza das regras. Todo mundo no Brasil é capaz de discutir futebol, mas se inibe dependendo do grau de instrução em debater outros assuntos. O futebol é o código comum que nos une como brasileiros.⁴²³

Mas as coisas nem sempre foram assim. Se há algum tempo não existe qualquer dúvida sobre o papel indispensável e determinante do futebol como meio de imaginar uma comunidade de pertencimento – e, portanto, como vetor na criação de laços nacionais –, esse mesmo esporte

⁴²⁰ Ibid.

⁴²¹ SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Passa a bola, Philippe Coutinho! Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/passa-bola-philippe-coutinho-22839970>. Acesso em: 4 set. 2025.

⁴²² MIRANDA, André. Roberto DaMatta analisa diferenças entre Brasil de 1950 e 2014: ‘Não há ganhador para sempre’. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/roberto-damatta-analisa-diferencas-entre-brasil-de-1950-2014-nao-ha-ganhador-para-sempre-13188426>. Acesso em: 4 set. 2025.

⁴²³ Ibid.

também já foi visto, no Brasil, como uma ameaça à identidade nacional. Essa era a opinião, por exemplo, do escritor Lima Barreto. Embora, por um lado, seja provável que boa parte de sua ojeriza ao futebol se devesse ao fato de que, quando publicou alguns dos seus principais textos a respeito do assunto, o esporte ainda era completamente dominado pelas elites, por outro lado é verdade que Lima Barreto nunca deixou de encará-lo como uma forma inadequada e perniciosa de “estrangeirismo”: “o futebol era um esporte importado. Por isso, Lima Barreto não gostava”,⁴²⁴ explicou o escritor e historiador Joel Rufino dos Santos, autor de uma biografia do romancista e cronista nascido no bairro das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, em palestra que ocorreu durante a realização da 16ª Bienal do Livro do Rio. “Lima Barreto detestava o futebol. Tornou-se, com suas crônicas, o mais veemente (e sempre irônico) opositor do esporte que ele chamava de ‘jogo dos pontapés na bola’”,⁴²⁵ lembra o jornalista e escritor João Máximo.

Diferentemente do que a maioria pode pensar, Lima Barreto não estava sozinho em sua cruzada contra o futebol. De fato, o autor de “Triste fim de Policarpo Quaresma” chegou a contar com aliados de peso (ainda que não tenham sido muitos). Em uma crônica publicada no jornal de Palmeira dos Índios, em abril de 1921, sob o pseudônimo de “J. Calisto”, o escritor alagoano Graciliano Ramos vaticinou: “O futebol não pega, tenham a certeza”.⁴²⁶ Mas, em oposição a outros intelectuais que, como o próprio Lima Barreto, combatiam a prática do esporte – qualquer esporte –, culpando-a pela “falência moral e intelectual dos jovens”,⁴²⁷ Graciliano Ramos recomendava o exercício de atividades físicas – com a condição que fossem genuinamente brasileiras; com ironia, sugeriu que a violência seria mais aceitável do que “a introdução de coisas exóticas entre nós”,⁴²⁸ duvidando que o futebol pudesse ser assimilado à cultura brasileira.

[...] Mas por que o futebol?

Não seria, porventura, melhor exercitar-se a mocidade em jogos nacionais, sem mescla de estrangeirismo, o murro, o cacete, a faca de ponta, por exemplo?

Não é que me repugne a introdução de coisas exóticas entre nós. Mas gosto de indagar se elas serão assimiláveis ou não.

No caso afirmativo, seja muito bem-vinda a instituição alheia, fecundemo-la, arranchemos nela um filho híbrido que possa viver cá em casa. De outro modo, resignemo-nos às broncas tradições dos sertanejos e dos matutos. Ora, parece-nos que o futebol não se adapta a estas boas paragens do cangaço. É roupa de empréstimo, que não nos serve.

424 MARINHO, Isabela. Bienal do Rio lembra os ‘inimigos da bola’ Graciliano e Lima Barreto. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/bienal-do-livro/2013/noticia/2013/09/bienal-do-rio-lembra-os-inimigos-da-bola-graciliano-e-lima-barreto.html>. Acesso em: 4 set. 2025.

425 MÁXIMO, João. Lima Barreto foi inimigo feroz do ‘jogo dos pontapés na bola’. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/lima-barreto-foi-inimigo-feroz-do-jogo-dos-pontapes-na-bola-21619869>. Acesso em: 4 set. 2025.

426 RAMOS, Graciliano. Linhas Tortas. 21ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 110.

427 MÁXIMO, João. Lima Barreto foi inimigo feroz do ‘jogo dos pontapés na bola’. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/lima-barreto-foi-inimigo-feroz-do-jogo-dos-pontapes-na-bola-21619869>. Acesso em: 4 set. 2025.

428 RAMOS, Graciliano. Linhas Tortas. 21ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 110.

Para que um costume intruso possa estabelecer-se definitivamente em um país é necessário, não só que se harmonize com a índole do povo que o vai receber, mas que o lugar a ocupar não esteja tomado por outro mais antigo, de cunho indígena. É preciso, pois, que vá preencher uma lacuna, como diz o chavão.

O do futebol não preenche coisa nenhuma, pois já temos a muito conhecida bola de palha de milho, que nossos amadores mambembes jogam com uma perícia que deixaria o mais experimentado sportman britânico de queixo caído.

Os campeões brasileiros não teriam feito a figura triste que fizeram em Antuérpia se a bola figurasse nos programas das Olimpíadas e estivessem a disputá-la quatro sujeitos de pulso. Apenas um representante nosso conseguiu ali distinguir-se, no tiro de revólver, o que é pouco lisonjeiro para a vaidade de um país em que se fala tanto. Aqui seria muito mais fácil o indivíduo salientar-se no tiro de espingarda umbiguda, emboscado atrás de um pau.

Temos esportes em quantidade. Para que metemos o bedelho em coisas estrangeiras?

O futebol não pega, tenham a certeza. Não vale o argumento de que ele tem ganho terreno nas capitais de importância. Não confundamos.

As grandes cidades estão no litoral; isto aqui é diferente, é sertão.

As cidades regurgitam de gente de outras raças ou que pretende ser de outras raças; nós somos mais ou menos botocudos, com laivos de sangue cabinda e galego.

Nas cidades os viciados elegantes absorvem o ópio, a cocaína, a morfina; por aqui há pessoas que ainda fumam liamba.

Nas cidades assiste-se, cochilando, à representação de peças que poucos entendem, mas que todos aplaudem, ao sinal da claqué; entre nós há criaturas que nunca viram um gringo.

Nas cidades há o maxixe, o tango, o foxtrote, o one-step e outras danças de nomes atrapalhados; nós ainda dançamos o samba.

Estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho. O futebol, o boxe, o turfe, nada pega.

Desenvolvam os músculos, rapazes, ganhem força, desempenem a coluna vertebral. Mas não é necessário ir longe, em procura de esquisitices que têm nomes que vocês nem sabem pronunciar.

Reabilitem os esportes regionais que aí estão abandonados: o porrete, o cachação, a queda de braço, a corrida a pé, tão útil a um cidadão que se dedica ao arriscado ofício de furtar galinhas, a pega de bois, o salto, a cavallhada e, melhor que tudo, o camba-pé, a rasteira.

A rasteira! Este, sim, é o esporte nacional por excelência! [...]429

Todavia, a despeito da oposição de Lima Barreto e da desconfiança de Graciliano Ramos, o futebol – inventado na Inglaterra e trazido para o Brasil pelas mãos de imigrantes e descendentes de imigrantes britânicos (como lembra o historiador inglês Peter Burke, “foram empresários britânicos e seus filhos que introduziram o futebol na América do Sul, onde os primeiros clubes de futebol eram associados às escolas inglesas em Buenos Aires e em outros lugares”)⁴³⁰ – cresceu a ponto de se tornar um dos principais critérios, se não o principal, que é acionado pelos brasileiros na tentativa de imaginar a identidade do país. Precisamente nesse sentido, o esporte pode ser equiparado ao Carnaval, outro grande símbolo unificador da nação – inclusive no que diz respeito às origens elitistas de ambos. “Ele [o futebol] se popularizou e hoje é um símbolo brasileiro. Com o carnaval também ocorre um processo semelhante. Ele surgiu na Europa e chegou ao Brasil como algo

429 Ibid.

430 BURKE, Peter. Sobre jogos e dribles. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2509200504.htm>. Acesso em: 9 set. 2025.

elitizado, mas, aos poucos, foi se popularizando e se tornando um elemento nacional”,⁴³¹ explica Ruben Oliven, doutor em antropologia pela Universidade de Londres e autor da obra “A parte e o todo - a diversidade cultural no Brasil-nação” (Vozes, 2006).

O caráter nacional e o jeito brasileiro de jogar futebol

Ao mesmo tempo em que conquista cada vez mais espaço nos meios acadêmicos e intelectuais, o futebol vai sendo rapidamente assimilado à cultura popular. Como consequência de tudo isso, a exemplo do que havia ocorrido em outros campos de práticas sociais e culturais, não demorou muito para que começassem os questionamentos acerca do que seria o “estilo” ou o “jeito” brasileiro de jogar futebol. E, como era de se esperar, o tema foi e tem sido bastante debatido, sobretudo entre historiadores e antropólogos. (“Para um historiador cultural – ou para um antropólogo –, o que fascina nesses três casos é a maneira como o estilo do esporte foi adaptado ao estilo da cultura local”,⁴³² escreveu Burke, citando os exemplos da Argentina, do Uruguai e do Brasil.) Ato contínuo, tais questionamentos levaram às discussões sobre se o “jeito” ou o “estilo” brasileiro de praticar o esporte seria ou não adequado para garantir ao Brasil um lugar de destaque no concerto mundial das nações. Como corolário dessas discussões, impõe-se, ainda, a necessidade de responder a outra pergunta, qual seja: pode o Brasil encarar de igual para igual seus adversários mais poderosos jogando à sua própria maneira?

Talvez ninguém melhor do que Gilberto Freyre tenha abordado com tanta profundidade e perspicácia o problema da relação entre estilo de jogo e caráter nacional. Aproveitando-se da campanha de sucesso da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1938, na França, o sociólogo de Apipucos publicou artigo no “Diário de Pernambuco” que se tornou conhecido por ter sido uma das primeiras tentativas de interpretar o “jeito” brasileiro de jogar futebol fazendo referência ao caráter particular da cultura e da sociedade brasileiras. Além disso, ao introduzir a distinção entre “raça” e “cultura” – distinção esta que ele mesmo havia aprendido com o antropólogo teuto-americano Franz Boas, de quem foi aluno na Universidade de Columbia, nos EUA⁴³³ –, Freyre assumiu a dianteira na defesa do “mulatismo”, enaltecendo a contribuição do legado da cultura africana na formação da identidade nacional do futebol brasileiro. Para não se estender muito, tendo em vista que o artigo,

431 OCTAVIANO, Carolina. As características regionais e a identidade nacional brasileira. Disponível em: https://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000400006&lng=e. Acesso em: 9 set. 2025.

432 BURKE, Peter. Sobre jogos e dribles. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2509200504.htm>. Acesso em: 9 set. 2025.

433 VASCONCELLOS, Gilberto. Um antropólogo bom de ouvido. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1202200612.htm>. Acesso em: 9 set. 2025.

intitulado “Foot-ball mulato”, será discutido novamente na conclusão desta tese, basta, por ora, mencionar, uma vez mais, alguns trechos do já citado texto de Burke, no qual o historiador inglês oferece um ótimo resumo das ideias do intelectual recifense sobre o problema em tela.

Na ocasião da Copa do Mundo de 1938, Gilberto Freyre publicou um artigo, que ficaria famoso, em que descrevia a maneira brasileira de jogar como "um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual". "Nós dançamos com a bola", ele escreveu (e eu me recordo dessa frase vívida cada vez que vejo jogadores brasileiros na televisão). Freyre chamou a atenção para o que descreveu como "nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, em curvas, as técnicas européias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto".

O que ele estava dizendo aqui, com relação ao futebol, era algo que, mais tarde, iria repetir em "Ingleses no Brasil", num contexto muito diferente, quando comentou a imitação de móveis ingleses feita no Brasil por artesãos negros. Resumindo os contrastes entre os dois estilos com dois de seus conceitos prediletos, Freyre descreveu a disciplinada maneira inglesa de jogar como "apolínea", enquanto o estilo brasileiro seria "dionisíaco".⁴³⁴

A ocasião, aliás, não poderia ter sido mais favorável à acolhida das ideias de Gilberto Freyre, que “interpretava o estilo espontâneo como expressão da herança cultural africana”, argumentando em favor do “foot-bal mulato” ao invés de vê-lo como um obstáculo para o sucesso do futebol brasileiro. “Já se disse que foi na terceira Copa do Mundo, em 1938, na França, conquistada pela Itália, que o futebol brasileiro começou a ser descoberto”,⁴³⁵ escreveu o jornalista João Máximo, em artigo no jornal “O Globo”, publicado há poucos dias do início da Copa do Mundo de 2014, no Brasil.

Os europeus ficaram sabendo, surpresos, que nem só no Uruguai e na Argentina, os finalistas de 1930, estava a força sul-americana. Começou a ser descoberto e a se descobrir, pois foi nela que um país de resultados internacionais até então modestos se convenceu de que era bom o bastante para sonhar com o título de campeão – convencimento que o acompanhará enquanto a Copa do Mundo existir. Bom, excepcional, o "melhor do mundo", foi assim que a incipiente crônica esportiva brasileira saudou a seleção de 1938. Bastaram para isso três vitórias, um empate e uma derrota em gramados franceses, prova de que o futebol brasileiro já não precisava de muito para sonhar alto.⁴³⁶

Mas, bem mais do que isso, a trajetória vitoriosa da Seleção Brasileira na França impulsionou a valorização do “mulatismo”. Assim, apesar da derrota do “scratch” nacional para Itália por 2 x 1 – resultado este que teria sido visto por um jornal italiano como “prova da

434 BURKE, Peter. Sobre jogos e dribles. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2509200504.htm>. Acesso em: 9 set. 2025.

435 MÁXIMO, João. Copa de 1938: A descoberta do 'mulatismo' brasileiro. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/copa-de-1938-descoberta-do-mulatismo-brasileiro-12544751>. Acesso em: 9 set. 2025.

436 Ibid.

superioridade branca de sua ‘squadra’ sobre os negros e mestiços brasileiros”⁴³⁷ —, a sensação geral era de que tínhamos uma contribuição a dar à civilização,⁴³⁸ qual seja: estilo brasileiro de jogar — o chamado “futebol-arte”. E foi nesse contexto de otimismo e euforia com a participação do selecionado do país na Copa do Mundo de 1938 que Gilberto Freyre fincou a bandeira do “mulatismo”, nadando contra a corrente das teorias racistas e eugenistas então em voga no mundo ocidental, sobretudo na Europa. “Para ele, a manha, a astúcia, a ligeireza, a espontaneidade individual de nosso “mulatismo”, que... “marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e outros europeus, jogado tão angulosamente”,⁴³⁹ afirma o próprio João Máximo, referindo-se ao sociólogo de Apipucos.

Porém, em que pese todo o avanço neste sentido, o “complexo de vira-latas” associado à percepção de inferioridade ou incapacidade do futebol brasileiro face ao futebol europeu em razão, sobretudo, da influência predominante dos traços culturais herdados dos povos de origem africana sobre a mentalidade e o estilo nacional de jogo só começou a perder força, de fato, a partir da conquista do título, então inédito, de campeão do mundo de seleções, em 1958, na Suécia. Com efeito, antes que um capitão da equipe canarinho erguesse pela primeira vez a Taça Jules Rimet, houve quem considerasse a miscigenação como o principal problema do futebol brasileiro. Uma vez passado o entusiasmo com o desempenho do Brasil na Copa do Mundo de 1938, na França, o clima voltou a ser de pessimismo depois dos dois reveses sofridos pela seleção nacional nas Copas do Mundo de 1950 e 1954, ensejando a criação de uma atmosfera propícia para a circulação e propagação do preconceito racial.

A gota d’água, no entanto, foi fiasco da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1954, quando foi eliminada do torneio depois de perder para a Hungria, equipe que era a sensação da competição. A imagem dos jogadores brasileiros que atuaram nesta partida foi arranhada também pelas cenas lamentáveis de confusão generalizada protagonizadas por eles após o apito final. Isso especialmente na opinião dos dirigentes da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entre os quais se encontrava o advogado e escritor João Lyra Filho, ex-professor e ex-reitor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). “A derrota por 4 a 2 para a Hungria nas quartas de final do torneio de 1954, na Suíça, seguida de uma confusão entre as equipes ao final, levou o chefe da

437 Ibid.

438 HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

439 MÁXIMO, João. Copa de 1938: A descoberta do 'mulatismo' brasileiro. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/copa-de-1938-descoberta-do-mulatismo-brasileiro-12544751>. Acesso em: 9 set. 2025.

delegação, João Lyra Filho (1906-1988), a escrever um relatório sobre a campanha”.⁴⁴⁰ Esse é o cenário apresentado pelos jornalistas Alberto Nogueira e Jair dos Santos Cortecertu em matéria assinada por eles, publicada no jornal “Folha de São Paulo”, em 29 de junho de 2018.⁴⁴¹ Como se nota logo nas primeiras linhas, o personagem central da reportagem é João Lyra Filho. “O advogado e dirigente esportivo escreveu o documento que virou o livro ‘Taça do Mundo, 1954’. Nele, elenca uma série de argumentos para justificar mais um insucesso do país na Copa”, informam Nogueira e Cortecertu.⁴⁴² Neste relatório, João Lyra Filho invoca uma série de teses culturalistas para explicar o fracasso da equipe nacional na Suíça. A visão de João Lyra Filho relativamente à participação do Brasil na Copa do Mundo de 1954 é sumariamente descrita por Nogueira e Cortecertu à luz de algumas passagens selecionadas do documento.

Os brasileiros não tinham a mesma frieza dos europeus em momentos de decisão, além de serem menos instruídos, dizia. O dirigente também traça paralelos entre a equipe e o povo brasileiro e expõe a questão da miscigenação como grande problema para a seleção ser competitiva.

Lyra Filho aponta o que define como valorização do improviso e do “feitiço da exibição”, características que ele credita a negros e mestiços.

“No futebol brasileiro, o rendilhado vistoso confere expressão de arte à prova, em prejuízo do rendimento e do resultado. A exibição compromete a competição. Fácil será confrontar a fisionomia de um selecionado brasileiro, constituído de pretos e mulatos em maior número, com a fisionomia do futebol argentino, alemão, húngaro ou inglês”, escreveu o dirigente.

“O futebol brasileiro extrema-se na superfície vistosa dos efeitos (exibição), quando aquele que mais se caracteriza se desdobra na profundidade rendosa do resultado (competição). Ainda não se dissociou o estudo do futebol brasileiro do conhecimento aplicado na capoeiragem”, conclui o cartola.⁴⁴³

“Taça do Mundo, 1954”, de João Lyra Filho, faz ressurgir velhos fantasmas do passado. O ponto central das teses do ex-presidente do Botafogo Football Club era o problema da mestiçagem, que ele via como um entrave que precisava ser superado para que o Brasil ingressasse na vida civilizada. “Havia a ideia de que a mestiçagem degeneraria”, esclarece Bernardo Buarque de Hollanda, professor adjunto da Escola de Ciências Sociais FGV-CPDOC, em depoimento à matéria assinada pelos jornalistas Nogueira e Cortecertu.⁴⁴⁴ A ideia ecoa um passado que não é tão distante assim do tempo de João Lyra Filho, quando jogadores negros e pardos eram praticamente excluídos das convocações para a equipe nacional. Vale lembrar que, no início da década de 1920, o próprio presidente da República em exercício, Epitácio Pessoa, em encontro a portas fechadas com cartolas

440 NOGUEIRA, Alberto; CORTECERTU, Jair dos Santos. Título de 1958 derrubou tese de preconceito racial na seleção brasileira. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/06/titulo-de-1958-derrubou-tese-de-preconceito-racial-na-selecao-brasileira.shtml>. Acesso em: 9 set. 2025.

441 Ibid.

442 Ibid.

443 Ibid.

444 Ibid.

e diretores da entidade máxima do futebol brasileiro, recomendou expressamente que apenas atletas brancos fossem selecionados para representar o Brasil no Campeonato Sul-Americano de 1921, realizado na Argentina. Os motivos não foram esportivos, mas puramente políticos. “A justificativa era preservar a reputação do país no exterior”, conta Isabela Martel em artigo publicado no portal “Deutsche Welle”.⁴⁴⁵ Aliás, já naquela época João Lyra Filho argumentava pela necessidade de “eliminar a mestiçagem” por meio do “embranquecimento”. “Nos anos 1920, Lyra Filho defendia o embranquecimento, que era para eliminar a mestiçagem. O pior não era o negro, e sim o fruto da mistura entre o branco e o negro”, afirma Bernardo Buarque de Hollanda.⁴⁴⁶

Entretanto, do ponto de vista de João Lyra Filho, a questão ia muito além da preservação da imagem do país aos olhos da comunidade internacional, principal preocupação do presidente Epitácio Pessoa (que, ao que tudo indica, pouco se importava com o destino da Seleção Brasileira no Campeonato Sul-Americano de 1921); para o chefe da delegação brasileira na Copa da Suíça em 1954, o “futebol mulato” – para usar mais uma vez a expressão consagrada por Gilberto Freyre – trazia mais problemas do que soluções para a seleção nacional, sendo pouco provável que este estilo de jogo – frequentemente associado a algumas daquelas que se supõe ser as principais características da mentalidade dos povos africanos – sobreviesse ao embate com as equipes e seleções europeias, consideradas por João Lyra Filho como mais “evoluídas”. “Ele dizia que os brasileiros tinham muito brio, tinham bom físico, mas improvisavam demais e eram espontâneos. Já os europeus tinham autocontrole, uma alta cultura”, reitera Simoni Lahud Guedes, ex-professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), uma das mais importantes especialistas em futebol e autora de um trabalho sobre as teses de Lyra Filho que se tornou uma referência na área.⁴⁴⁷ Segundo Guedes, depois de chegar à conclusão de que a “causa básica” dos problemas de desempenho dos jogadores brasileiros de futebol se relacionava à “*imaturidade da formação do povo brasileiro*”,⁴⁴⁸ Lyra Filho efetuará, então, “vários desdobramentos”⁴⁴⁹ que culminarão com a produção e a utilização de uma série de “categorias de oposição”⁴⁵⁰ acionadas por ele para evidenciar as razões pelas quais os europeus seriam superiores aos brasileiros. Após realizar breve levantamento das “categorias mais utilizadas para caracterizar ou qualificar o comportamento e a atuação dos povos

445 MARTEL, Isabela. Há 100 anos, jogadores negros eram excluídos da Seleção. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-100-anos-jogadores-negros-eram-exclu%C3%Ados-da-sele%C3%A7%C3%A3o/a-56931231>. Acesso em: 9 set. 2025.

446 NOGUEIRA, Alberto; CORTECERTU, Jair dos Santos. Título de 1958 derrubou tese de preconceito racial na seleção brasileira. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/06/titulo-de-1958-derrubou-tese-de-preconceito-racial-na-selecao-brasileira.shtml>. Acesso em: 9 set. 2025.

447 Ibid.

448 GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil no campo de futebol: Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998, p. 27.

449 Ibid.

450 Ibid., p. 28.

em oposição”,⁴⁵¹ Guedes procede à extrapolação do “seguinte quadro comparativo”: de um lado, os jogadores brasileiros, cujos comportamento e ações em campo são descritas por Lyra Filho a partir de categorias como “improvisação”, “denodo”, “impavidez”, “brio”, “físico”, “instintivo”, “natural”, “espontâneo”; de outro lado, os europeus, que têm uma forma de jogar futebol que pode ser delineada com base em categorias como “raciocínio”, “mente”, “espírito”, “maturidade”, “autocontrole”, “cultura”, “experiência”.⁴⁵²

Com efeito, uma vez que o estilo brasileiro de jogar futebol é visto, dentro dessa perspectiva, como sendo algo marcado pela predominância dos “instintos”, ao passo que os europeus recorrem mais à “razão”, tem-se como consequência lógica dessas premissas que os primeiros teriam menos capacidade de autocontrole do que os segundos. “As categorias centrais de análise são o par descontrolo/autocontrole, evidentemente correspondentes ao comportamento dos brasileiros e dos húngaros, enfeixando uma série de expressões avaliativas”.⁴⁵³ Guedes faz acompanhar cada uma dessas categorias de uma lista de “expressões “avaliativas” que, segundo ela mesma, podem ser encontradas no relatório elaborado por Lyra Filho. São elas:

Brasileiros: descontrolo

quebras do sistema nervoso – instabilidade do sistema nervoso – impaciência nervosa – sofreguidão – excitação – poder de imaginação (excessiva) – desequilíbrio nervoso – obsessão nervosa – frouxidão (mental e física) – despreparo orgânico – insegurança – descontrolo emocional – tenuidade – mimetismo – descargas dos instintos – paixões – queda moral

Europeus: autocontrole

*poder espiritual de (...) fleuma – fair-play (humor, ironia) – experiência – provisão de cultura – domínio de si – resistência psíquica – cancha – recursos intelectuais – ânimo desportivo*⁴⁵⁴

Essa visão evolucionista e racionalizante a respeito dos dilemas e das perspectivas do futebol brasileiro só seria de fato abalada com a conquista do bicampeonato mundial pela Seleção Brasileira, em 1958, na Suécia, e em 1962, no Chile. Assim, na contramão das convicções de João Lyra Filho, que não acreditava na força da mestiçagem e que desprezava quase todas as características associadas ao jeito tipicamente brasileiro de jogar futebol, a equipe nacional empilhou uma sequência impressionante de três títulos mundiais em um intervalo de apenas 12 anos (1958, 1962 e 1970). “E o que aconteceu foi que o povo brasileiro, recriando o futebol com a inteligência corporal específica de sua formação etnocultural, devolveu ao mundo um produto novo:

451 Ibid.

452 Ibid.

453 Ibid., p. 30.

454 Ibid.

a escola brasileira de futebol, o futebol barroco-mestiço que maravilhou o planeta por sua originalidade mágica”,⁴⁵⁵ afirma Antônio Risério.

À medida em que os bons resultados em campo iam se acumulando, crescia também a confiança da opinião pública no jeito brasileiro de jogar futebol. Nesse contexto, o chamado “futebol-arte” praticamente foi alçado à condição de patrimônio cultural e imaterial da nação. Com a conquista da terceira Copa do Mundo, em 1970, quase ninguém mais punha em dúvida que o “futebol barroco-mestiço” pudesse nos conduzir rumo ao panteão dos grandes vencedores do esporte. Agora, talvez pela primeira vez na história ainda recente da corrida do país rumo à modernidade, havia a confiança de que poderíamos realizar esse objetivo sem ter que copiar modelos construídos no interior das sociedades ocidentais de matriz anglo-americana, mas fazendo as coisas da nossa própria maneira – sensação essa, aliás, bem diferente da que tradicionalmente se verificava em outros domínios, tais como na política, na literatura, na moda etc. Assim, o futebol passou a oferecer uma das poucas oportunidades de ficarmos ombro a ombro com as principais nações do mundo desenvolvido, sem que para isso fosse necessário abrir mão de nossa identidade e de nossas raízes culturais. Ironicamente, justamente graças a este esporte – que costumava ser chamado com desdém por Lima Barreto de “jogo dos pontapés na bola” – conseguimos nos estabelecer como parte integrante do seletos e ilustre grupo das civilizações ditas “modernas”.

Orgulho e preconceito

É inegável que a imagem positiva que temos de nós mesmos tem muito a ver com o futebol. E isso, em grande medida, porque o desempenho avassalador da Seleção Brasileira nas Copas de 1958, 1962 e 1970 ajudou a transformar para melhor nossa percepção e a dos outros a respeito do potencial modernizante da tradição cultural ibero-americana, ensinando-nos, por meio do futebol, que é perfeitamente possível falar em modernidade usando uma outra linguagem que não as linguagens da razão e do interesse, que é aquela baseada em uma gramática dos afetos.⁴⁵⁶ Com a conquista definitiva da Taça Jules Rimet, o Brasil mostrou ao mundo, de uma vez por todas, que não havia apenas uma forma de ser moderno. Em outras palavras, a lição aqui é que também se pode ser “moderno” e “vencedor” fazendo as coisas de uma maneira *diferente* da dos europeus.

Ademais, segundo a opinião corrente em boa parte dos círculos intelectuais e de poder do Brasil, sobretudo até meados do século XX, estaríamos, de qualquer forma, “condenados a ser nós

455 RISÉRIO, Antônio. Ideia de Civilização, CartaCapital, 4 dez. 2002. Apud: ORICCHIO, Luiz Zanin. Fome de Bola: Cinema e Futebol no Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006, p. 29.

456 BARBOZA FILHO, Rubens. As linguagens da democracia. Revista Brasileira De Ciências Sociais, 23(67), 15–37. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092008000200003>.

mesmos”,⁴⁵⁷ uma vez que nenhum povo pode “fugir a um imperativo que é geográfico, biológico e cultural”⁴⁵⁸ – sina esta que, conforme o General Edmundo de Macedo Soares e Silva, que foi diretor técnico da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), ministro da Viação e Obras Públicas e governador do Estado do Rio de Janeiro, recairia também sobre outros campos, como a “organização política” e a “realidade econômica”.⁴⁵⁹ Nesse sentido, continua o General Edmundo de Macedo Soares e Silva, sempre incorreríamos em erro quando “olhamos para o mundo” e “desejamos comparar-nos, como organização política e realidade econômica, a outros países que consideramos mais adiantados”.⁴⁶⁰ Portanto, de nada adiantaria tentar copiar modelos estrangeiros sem levar em consideração as particularidades do caráter nacional do povo brasileiro e a história da formação cultural do país. Aparentemente seguindo à risca a regra conhecida como a “cerca de Chesterton” – que leva o nome do escritor e filósofo inglês Gilbert Keith Chesterton e “que sugere que você nunca deve destruir algo, mudar uma regra ou alterar uma tradição se não entender por que ela foi criada”⁴⁶¹ –, o General Edmundo de Macedo Soares e Silva enxerga a “cultura” como uma espécie de “dique de contenção” para ações voluntaristas e medidas extremadas. Por esse motivo, elogia Oliveira Viana. Com efeito, de acordo com ele,

Tem razão Oliveira Viana, quando afirma que as “elites” de uma Nação não lhe podem impor uma cultura alienígena, porque o sentido dessa é inerente ao próprio povo e dele inseparável; é a sua maneira de compreender e de proceder é a sua concepção do meio e, portanto, da vida. Uma “cultura” não se muda senão lentamente, pela educação, no seu sentido mais amplo, de instrução e formação moral.⁴⁶²

E, se isso vale para a “organização política” e a “realidade econômica”, não há motivos para não admitir que o General Edmundo de Macedo Soares e Silva não aplicaria o mesmo tipo de raciocínio em relação ao futebol. De todo modo, por ora vale salientar que há aqui um interessante ponto de contato entre o discurso de um militar brasileiro de alta patente e algumas das ideias centrais contidas no “Manifesto Antropófago”, escrito por Oswald de Andrade e publicado na primeira edição da “Revista de Antropofagia”, em 1928.⁴⁶³ Como se sabe, a argumentação de Oswald de Andrade gira em torno da defesa de que – a exemplo do que faziam os Tupinambás, que

⁴⁵⁷ SOARES E SILVA, Edmundo de Macedo. A Indústria Brasileira e a Auto-Suficiência. O Observador Econômico e Financeiro, Rio de Janeiro, p. 52, out. 1949.

⁴⁵⁸ Ibid.

⁴⁵⁹ Ibid.

⁴⁶⁰ Ibid.

⁴⁶¹ A CERCA de Chesterton, o princípio que te obriga a pensar duas vezes antes de mudar algo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c902we095v5o>. Acesso em: 20 set. 2025.

⁴⁶² SOARES E SILVA, Edmundo de Macedo. A Indústria Brasileira e a Auto-Suficiência. O Observador Econômico e Financeiro, Rio de Janeiro, p. 52, out. 1949.

⁴⁶³ ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago e outros textos. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2017.

se tornaram muito conhecidos entre os europeus pela prática ritual do canibalismo, que ocupava a boa parte dos relatos de colonizadores e cronistas que passaram pelas terras próximas à costa do Brasil – era preciso – metaforicamente falando, é claro – “devorar” o que havia de melhor nas influências estrangeiras com vistas a criar uma identidade nacional autêntica e original.⁴⁶⁴

Assim, guardadas as devidas diferenças de ênfase e registro, o tom da conferência proferida pelo General Edmundo de Macedo Soares e Silva na Escola do Estado Maior do Exército em 22 de junho de 1949 e a proposta feita por Oswald de Andrade em seu “Manifesto Antropófago”, lançado 21 anos antes, convergem numa questão: sem rejeitar totalmente as contribuições culturais das civilizações do hemisfério norte, tanto o primeiro quanto o segundo baseiam-se na convicção de que é a partir da observância da máxima que desaconselha a transgressão dos limites estabelecidos pela cultura comum de origem nacional-popular que se deve fazer a seleção do que deve ser aproveitado pelo “corpo” e do que será jogado fora. “Não nos servem as leis que surgiram naturalmente no evoluir dos povos anglo-saxões ou do Continente europeu; é mister ir buscá-las na nossa própria concepção das relações humanas, adaptando todas as conquistas da ciência jurídica ao nosso meio e à nossa gente”,⁴⁶⁵ afirma o General Edmundo de Macedo Soares e Silva acerca do debate sobre o conflito entre “direito” e “cultura”. A obra “Instituições Políticas Brasileiras” (1949), de Oliveira Vianna, é o pano de fundo desta discussão; fazendo, mais uma vez, referência às palavras do sociólogo fluminense, o General Edmundo de Macedo Soares e Silva sustenta que aquele

[...] demonstra com clareza que “há uma divergência aberta entre o direito público elaborado pelo povo-massa. e o direito público elaborado pelas ‘elites’ dirigentes para uso dele, e, no esforço improfícuo das ‘elites’ para obrigar o povo-massa a praticar o direito por elas elaborado jaz toda a dramaticidade da nossa história política”.⁴⁶⁶

Contudo, fazendo jus à fama de ser o mais iconoclasta e revolucionário dos escritores da primeira fase do modernismo brasileiro do início do século 20, Oswald de Andrade foi mais longe ainda do que o General Edmundo de Macedo Soares e Silva, evocando a tradição dos caraíbas tupinambás como eixo central da construção do caráter nacional e da cultura popular do país. Com a repercussão e o alcance do “Manifesto Antropófago”, o autor de “Memórias Sentimentais de João Miramar” (1924) e “Serafim Ponte Grande” (1938) e um dos mais importantes expoentes da Semana da Arte Moderna de 1922 contribuiu enormemente para elevar os canibais à categoria de tipo ideal da nação. Não é à toa que, segundo Alexandre Nodari e Maria Carolina de

⁴⁶⁴ Ibid.

⁴⁶⁵ SOARES E SILVA, Edmundo de Macedo. A Indústria Brasileira e a Auto-Suficiência. O Observador Econômico e Financeiro, Rio de Janeiro, p. 52, out. 1949.

⁴⁶⁶ Ibid.

Almeida Amaral, a famosa declaração de princípios e intenções de 1928 é muito lembrada, sobretudo, por ter levantado a célebre questão: “*Tupi, or not tupi that is the question*”.⁴⁶⁷

Mas, em que pesem suas boas intenções, não é senão por meio do crivo do imaginário legado pelos colonizadores europeus que Oswald de Andrade constrói a visão dos povos Tupinambás como heróis primordiais e lendários. “O contato com o Brasil Caraíba. Oú Villegaignon print terre. Montaigne. O homem natural. Rousseau”,⁴⁶⁸ disse ele em um dos trechos do referido documento. Com efeito, sob o impacto da leitura de textos como os de Michel de Montaigne e Jean-Jacques Rousseau, o romancista, poeta, dramaturgo, ensaísta e jornalista brasileiro não fugiu à regra que vigorava na época, terminando por colaborar para difundir e reforçar o velho mito do “bom selvagem”. Com raízes que se estendem até a antiguidade, o mito do “bom selvagem” ganhou renovado fôlego a partir do período das grandes navegações, em meados do século XVI. A descoberta do Novo Mundo e os primeiros contatos dos exploradores europeus com povos indígenas que habitavam o continente americano trouxeram novamente à tona o fascínio que esta narrativa há muito despertava no ocidente. “Foi sem dúvida Colombo o primeiro a relançar o antigo mito, ao reencontrar o bom selvagem no Novo Mundo”,⁴⁶⁹ afirma Paulo Sérgio Rouanet, que, descrevendo o encontro de Cristóvão Colombo com os nativos americanos, procura transmitir a dimensão da experiência vivenciada pelo comandante genovês ao se defrontar com o cenário encontrado nas terras do além-mar.

[...] Num cenário paradisíaco, com árvores luxuriantes, mel em abundância e revoadas de pássaros canoros, entre os quais ele reconheceu o rouxinol europeu, Colombo encontrou homens naturalmente bons. São simples e honestos, generosos ao extremo, porque dão tudo o que lhes pedem, amam o próximo mais do que eles mesmos; em suma, trata-se de um povo “amável e sem cobiça [...] a melhor gente em toda a terra [...] com sua fala suave, mansa e risonha. Tanto homens e mulheres andam nus”.⁴⁷⁰

A forte impressão causada por essa visão do paraíso fez com que houvesse um resgate do interesse pela figura mítica do “bom selvagem”, que nunca antes tinha se apresentado em contornos tão nítidos e vívidos diante dos olhos dos europeus. Quase imediatamente depois de ter sido trazido de volta à cena âmbito dos debates filosóficos e políticos do século XVI, a ideia foi apropriada e ressignificada por alguns dos mais célebres e importantes pensadores e intelectuais da tradição cultural e filosófica da Europa renascentista e iluminista – entre os quais se destacam aqueles que

467 NORDARI, Alexandre; AMARAL, Maria Carolina de Almeida. A questão (indígena) do Manifesto Antropófago. Revista Direito E Práxis, 9(4), 2461–2502. <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2018/37974>

468 ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/116769-manifesto-antropofago>. Acesso em: 20 set. 2025.

469 ROUANET, Sergio Paulo. O mito do bom selvagem. Disponível em: <https://artepensamento.ims.com.br/item/o-mito-do-bom-selvagem/>. Acesso em: 17 set. 2025.

470 Ibid.

lançaram mão do mito do “bom selvagem” para fundamentar suas críticas às civilizações ocidentais. Em um de seus ensaios mais conhecidos, “Dos Canibais” (1580), o francês Michel de Montaigne, contrariando a opinião dominante no velho continente, preconizou que, por mais estranhos e exóticos (ou até mesmo moralmente questionáveis) que parecessem, à primeira impressão, os hábitos e costumes destes povos – que seus concidadãos, em sua maioria, consideram “bárbaros” –, essencialmente não haveria tanta diferença entre povos “selvagens” e “civilizados”. De fato, ainda de acordo com o próprio Montaigne, quando se olha para as coisas de uma perspectiva mais ampla, qualquer indivíduo de bom senso poderia facilmente chegar à conclusão de que, sob muitos aspectos, os conquistadores ocidentais são os verdadeiros “bárbaros”.⁴⁷¹

Quase dois séculos depois, em 1762, Jean-Jacques Rousseau publicou “O contrato social”,⁴⁷² que já foi chamado pelo sociólogo Jean Ziegler de “a *Bíblia* para a Revolução Francesa”.⁴⁷³ Nesta obra, Rousseau defende o ponto de vista segundo o qual, antes do pacto que teria dado origem à sociedade tal como a conhecemos, os seres humanos viriam ao mundo livres e sozinhos, onde a partir de então viveriam uma existência de relativa paz e harmonia. Esta é, grosso modo, a ideia de “bom selvagem”, tal como elaborada pelo filósofo franco-suíço, a qual desempenha papel central na descrição que este faz do chamado estado de natureza. O quadro pintado por ele sobre as condições em que viviam os seres humanos antes do firmamento do acordo entre indivíduos que estabelece as bases para a formação de uma sociedade organizada fez de Rousseau uma das mais notáveis vozes de sua época, inspirando e ajudando a popularizar o culto à natureza entre diferentes movimentos intelectuais, políticos e artísticos do mundo inteiro, influenciando especialmente o romantismo, em suas mais diversas tendências e filiações ideológicas e nacionais.

No país do “homem cordial”, lugar onde indiscutivelmente o romantismo participou de modo decisivo na construção social da ideia de país,⁴⁷⁴ sendo uma das principais fontes de criação de narrativas de origem, sobretudo no que tange à república,⁴⁷⁵ o mito do “bom selvagem” acabou por se tornar um elemento fundamental da identidade brasileira.⁴⁷⁶ Assim, esta concepção idealizada e estereotipada sobre os povos originários das Américas – cujo resultado é uma representação

471 MONTAIGNE, Michel de. *Dos Canibais*. São Paulo: Alameda, 2009.

472 ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

473 CHADE, Jamil. A esperança está na sociedade civil planetária, segundo Jean Ziegler. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/a-esperanca-esta-na-sociedade-civil-planetaria-segundo-jean-ziegler-23704511>. Acesso em: 20 set. 2025.

474 RICÚPERO, Bernardo. *O romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

475 CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

476 COSTA, Pedro Gabriel Amaral. O mito do bom selvagem como elemento da identidade nacional brasileira. *PARALAXE*, 6(1), 53–69.

profundamente ambígua, enigmática e desconcertante, a qual reúne em torno de si características aparentemente díspares e contraditórias (inocente e perspicaz, expansivo e desconfiado, tenaz e preguiçoso, dócil e incorrigível, afetuoso e violento etc.) – foi incorporada e utilizada “como figura autêntica nacional”.⁴⁷⁷ À luz de tudo isso, e considerando a importância do romantismo na formação do movimento modernista brasileiro, não é difícil entender por que o mito do “bom selvagem” galvanizou o imaginário nacional, transformando-se em uma questão incontornável do debate acerca do que “faz do Brasil, Brasil”.⁴⁷⁸ Seu apelo pode ser medido não só pela maneira como esta ideia sobreviveu à passagem do tempo, mas também pelo impacto no deslocamento semântico do termo “selvagem”. Basta lembrar que, por causa dessa rearticulação de sentido, praticamente caiu por terra a oposição entre “selvagem” e “moderno”. Na verdade, em última instância, graças a um longo trabalho de desconstrução e reconstrução de significados realizado por diversos atores e agentes de diferentes épocas e gerações, hoje em dia é possível até mesmo afirmar que não há nada mais “moderno” do que ser “selvagem”. Veja, por exemplo, o que disse Carlos Augusto Lima, mestre e doutor em Letras pela Universidade Federal do Ceará, em um trecho da apresentação do livro “Leminski, pensador selvagem” (Mórula Editorial, 2025), biografia do poeta e tradutor curitibano Paulo Leminski escrita por Manoel Ricardo de Lima:

Ser selvagem é a coisa mais *chic* que existe. Ao dominar os grãos, o homem sente uma enorme necessidade de inventar a cerca. A fronteira é a marca da posse sobre os vegetais domésticos, os animais domésticos, o corpo da mulher, os deuses domesticados para louvor. Após a cerca, o mundano, o imprevisível, o inclassificável, o incontrolável, o desmedido: a selva. De lobos, bruxas, espíritos malignos, não civilizados, silvícolas, animais assustadores de natureza-monstro. Porém, hoje (ou sempre), findado o projeto funesto de uma vida toda-mercadoria, entre desejo fantasmático de coisas, controle e manutenção permanente da sede de um enorme nada, a floresta é uma chave, última (será?) como possibilidade de uma criatividade, seiva restante a alimentar nossa sede imodesta, artificiosa e destrutiva. E tudo já estava lá.⁴⁷⁹

Outra evidência de que estava em curso uma mudança no *status* da imagem do homem “selvagem” já podia ser percebida nas tentativas que visavam a reabilitação de um personagem até pouco tempo atrás tido por muitos como um dos mais grosseiros e desprezíveis da história da literatura universal: Caliban, figura que marca presença em momentos-chave do enredo da peça “A tempestade”, última obra do poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare.⁴⁸⁰ Nesta história de ficção, Caliban é o filho da bruxa Sycorax e o habitante original da ilha onde se passa a maior parte das cenas. Quando Próspero, o duque de Milão, é exilado e chega à ilha com sua filha Miranda, ele

⁴⁷⁷ Ibid.

⁴⁷⁸ DA MATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil. Rio de Janeiro, Rocco, 2002.

⁴⁷⁹ LIMA, Manoel Ricardo de. Leminski, pensador selvagem. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2025.

⁴⁸⁰ SHAKESPEARE, William. A tempestade. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2022.

subjuga Caliban e o transforma em seu servo. Shakespeare o caracteriza fisicamente de forma animalésca, e ele age de maneira impulsiva em vários momentos; Caliban também é frequentemente descrito por outros personagens como "bruto", "selvagem", "monstro". Mas Caliban também mostra inteligência, consciência do mundo e sensibilidade.⁴⁸¹

Após séculos de lutas anticoloniais, muitos estudiosos passaram a enxergar Caliban como uma representação das populações oprimidas pela dominação europeia do continente americano. Em algumas releituras mais contemporâneas da obra de Shakespeare, ele é interpretado como uma espécie de símbolo da resistência contra a violência e a injustiça relacionada à ocupação estrangeira das Américas. Nascido em Basse-Pointe, Martinica, em 1913, o poeta, dramaturgo, ensaísta e político Aimé Césaire foi um dos que viram em Caliban um epitome da identidade afro-americana e das batalhas travadas pela conquista da liberdade e da independência do Sul Global.⁴⁸² Roberto Fernández Retamar, poeta, ensaísta e crítico literário cubano, considerava Caliban um modelo para o homem latino-americano.⁴⁸³

Em entrevista ao podcast “Podpah”, Neymar Jr. contou que chegou a ser convidado por Pep Guardiola para jogar no Bayern de Munique, da Alemanha.⁴⁸⁴ Presumivelmente, Guardiola procurava em Neymar Jr. as características que quase todos os comandantes europeus esperam encontrar em nossos melhores jogadores: força, criatividade, paixão, jogo de cintura etc. “Aquilo que o atleta brasileiro tem, provavelmente não há em mais nenhuma parte do mundo. Tem a ver com o dom, a magia, a irreverência, a bola fazer parte do corpo, a relação com a bola. Isso não existe em quase parte nenhuma do mundo”,⁴⁸⁵ disse em sua primeira coletiva de imprensa o português Alfredo Almeida, diretor das categorias de base do Flamengo. Todas essas qualidades, somadas à humildade e à cordialidade, fazem dos futebolistas nacionais únicos aos olhos dos dirigentes e treinadores estrangeiros. “O brasileiro tem um bom caráter, na minha opinião. O jogador brasileiro, em geral, tem um nível técnico maior do que os outros. Do aspecto pessoal, o brasileiro é uma pessoa que tem um caráter tranquilo, humilde, a maioria”,⁴⁸⁶ declarou o italiano Carlo Ancelotti, atualmente à frente da Seleção Brasileira.

⁴⁸¹ Ibid.

⁴⁸² CÉSAIRE, Aimé. Uma tempestade. São Paulo: Temporal Editora, 2024.

⁴⁸³ RETAMAR, Roberto Fernández. Caliban e outros ensaios. São Paulo: Busca Vida, 1988.

⁴⁸⁴ NEYMAR revela papo com Guardiola que quase o levou para o Bayern: 'Se não fizer 60 gols, mudo meu nome'. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/mercado-da-bola/artigo/_id/14852652/neymar-revela-papo-guardiola-quase-levou-para-bayern-se-nao-fizer-60-gols-mudo-meu-nome. Acesso em: 6 out. 2025.

⁴⁸⁵ LINCOLN, Ronald. Especialistas criticam frase de diretor da base do Flamengo sobre jogadores africanos; dirigente se desculpa. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2025/07/14/especialistas-criticam-frase-de-diretor-da-base-do-flamengo-sobre-jogadores-africanos-dirigente-se-desculpa.ghtml>. Acesso em: 6 out. 2025.

⁴⁸⁶ GIACOMIN, Rômulo. Ancelotti revela problema com apenas um brasileiro na carreira; saiba quem. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/noticias/ancelotti-revela-problema-com-apenas-um-brasileiro-na-carreira-saiba-quem/>. Acesso em: 6 out. 2025.

Em suma, o que os europeus procuram no sul dos trópicos é uma espécie de “bom selvagem de chuteiras”, o qual deve ser domesticado e disciplinado para servir aos propósitos de seus senhores, que se consideram os exclusivos detentores da capacidade de pensar racionalmente o jogo. Isso também pode ser evidenciado nas palavras do mesmo Alfredo Almeida: “Se quisermos ir para a parte mental, temos que ir a outras zonas da Europa, do globo”.⁴⁸⁷ Mas, tal como ocorre com Caliban, que a certa altura da trama de “A tempestade” irrompe de sua casca de servidão e afabilidade para confrontar a vontade e os planos de Próspero, responsável por subjugá-lo à condição de escravo sob pretexto de civilizá-lo, Neymar Jr. – a exemplo de Garrincha, Ronaldinho Gaúcho e tantos outros “bons selvagens” do futebol brasileiro – se rebela contra aqueles que querem transformá-lo em – para usar a metáfora do jornalista Tim Vickery – “uma foca de circo para entreter o povo”.⁴⁸⁸

“Guardiolização” do esporte mais popular do mundo

Segundo uma conhecida anedota atribuída a Garrincha, mas que bem poderia ter sido proferida pelo craque do Botafogo e da Seleção Brasileira, na preleção antes da partida contra a União Soviética pela fase de grupos da Copa do Mundo de 1958, Vicente Feola, técnico do escote verde e amarelo, engatou uma série interminável de recomendações aos jogadores sobre quem deveria vigiar quem, quem deveria ocupar este ou aquele espaço, nesta ou naquela faixa do campo, quem deveria ter que recuar para que outro pudesse avançar, quem deveria ter a preferência para receber a bola quando estivesse livre de marcação etc. Em algumas versões da narrativa, Vicente Feola aparece mexendo freneticamente nas peças de sua lousa tática enquanto dá instruções a seus comandados. Na prancheta do técnico, tudo parecia sob controle. Nada, absolutamente nada, escapava ao olhar atento e metuculoso de Feola. No vestiário, conta-se que os jogadores se entreolhavam satisfeitos e confiantes, dando mostras de estarem plenamente convencidos com as explicações do técnico. Todos, menos um. A certa altura, Garrincha levanta a mão para pedir a palavra; autorizado a falar por Vicente Feola, o “Anjo das Pernas Tortas” fez a pergunta que pôs em

487 LINCOLN, Ronald. Especialistas criticam frase de diretor da base do Flamengo sobre jogadores africanos; dirigente se desculpa. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2025/07/14/especialistas-criticam-frase-de-diretor-da-base-do-flamengo-sobre-jogadores-africanos-dirigente-se-desculpa.ghtml>. Acesso em: 6 out. 2025.

488 REDAÇÃO SporTV debate movimento por retorno do futebol: "Jogador vira quase foca de circo", diz Tim Vickery. Disponível em: <https://ge.globo.com/sportv/programas/redacao-sportv/noticia/redacao-sportv-debate-movimento-por-retorno-do-futebol-jogador-vira-cobaia-quase-foca-de-circo-diz-tim-vickery.ghtml>. Acesso em: 6 out. 2025.

dúvida as pretensões de soberania do treinador sobre os destinos do jogo: “O senhor combinou com os russos?”⁴⁸⁹

Se ela é verdadeira ou não, pouco importa.⁴⁹⁰ O que importa é o que está nas entrelinhas da mensagem articulada no texto do pequeno chiste que entrou para os anais da história do imaginário popular do futebol brasileiro. “Ficção”, lembra Raimundo Carrero, jornalista e escritor brasileiro, “não é mentira. É ficção”.⁴⁹¹ Indo ao encontro do que disse o psicanalista francês Jacques Lacan, para quem a verdade tem uma estrutura de ficção,⁴⁹² Carrero insiste que a “verdade da ficção” pode ser “mais verdade do que as verdades verdadeiras”.⁴⁹³ Dito isso, o que a historietta em questão nos ensina é que o futebol, sendo uma atividade organizada e praticada por seres humanos, está inescapavelmente sujeita ao imponderável – tanto mais quando se trata de um jogo ou esporte jogado com os pés (menos precisas do que as mãos, o que contribui para aumentar consideravelmente a distância entre a intenção do gesto e o desfecho das jogadas). Sempre haverá, portanto, algo de não previsível, não importa quão grande seja o talento e o esforço, a disciplina e o conhecimento etc. E é precisamente nesse sentido que futebol – talvez mais do que nenhum outro esporte individual ou coletivo – se aproxima da arte.

Isso se revela nos discursos dos perdedores, os quais têm que lidar com o racionalismo cartersiano de jornalistas e repórteres que vão se aboletar nas salas de imprensa dos estádios e arenas, imbuídos pela crença de que podem encontrar as razões que teriam levado esta ou aquela equipe ao sucesso ou ao fracasso. Por trás dos questionamentos que profissionais de comunicação geralmente fazem a técnicos e jogadores nas salas de imprensa, espreita o fantasma do “príncipe perfeito” – a assombração do líder dotado de poderes quase absolutos, capaz de subjugar definitivamente a fortuna graças à força de suas virtudes. Afinal, como é possível que alguns times joguem mal e sofram revezes nas circunstâncias atuais, quando praticamente todos os aspectos do futebol já foram tão pormenorizadamente dissecados e escrutinados? Nesse contexto, quando instados a explicar por que saíram derrotados de campo, em geral os *losers* quase sempre apelam para a mesma palavra mágica: “detalhe”. Recentemente, depois de assistir à beira do campo seu time ser superado pelo Palmeiras em jogo válido pela quarta rodada do Campeonato Brasileiro de

489 CASTRO, Ruy. Sem combinar com os russos. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2021/04/sem-combinar-com-os-russos.shtml>. Acesso em: 17 jun. 2025.

490 “GARRINCHA não disse isso”. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/ladooa/esportes/crusoe-garrincha-nao-disse-isso/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

491 CARRERO, Raimundo. Ficção não é mentira. É ficção. Disponível em: <https://rascunho.com.br/colunistas/palavra-por-palavra/ficcao-nao-e-mentira-e-ficcao/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

492 LACAN, Jacques. O seminário, livro 4: A relação de objeto (1956-57). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 259.

493 CARRERO, Raimundo. Ficção não é mentira. É ficção. Disponível em: <https://rascunho.com.br/colunistas/palavra-por-palavra/ficcao-nao-e-mentira-e-ficcao/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

2025, Róger Machado, técnico do Internacional, foi mais um a entoar um velho e batido mantra: “Foi um jogo equilibrado e que o detalhe decidiu contra a gente”, disse ele.⁴⁹⁴

É como diz o ditado: o diabo mora nos detalhes. De fato, existe algo de perturbadoramente diabólico em toda e qualquer atividade humana – incluindo, é claro, o futebol – que existe apenas para criar ilusões, ficções, simulacros. Tal como acontece no campo da arte, o futebol extrai sua força justamente do prazer que sentimos no momento em que nos deixamos enganar, aceitando suspender temporariamente a descrença para mergulhar de cabeça e sem reservas em um universo inventado segundo regras diferentes daquelas normas que regulam e sustentam a vida cotidiana. No entanto, tanto aqui como lá o acesso ao gozo não se dá desacompanhado de um certo incômodo em relação a essa situação, especialmente quando somos colocados em uma posição que nos obriga a confrontar e reconhecer que é impossível impor uma unidade a um mundo essencialmente fragmentado e caótico. Há sempre uma ponta solta, uma coisa não prevista. Nem tudo pode ser adequadamente simbolizado. Eis aí uma verdade que é mais bem articulada quando enunciada sob a forma de uma ficção, qual seja, “a realidade é ontologicamente incompleta, marcada por uma impossibilidade ou inconsistência fundamental”.⁴⁹⁵

[...] Ora, como nenhuma perspectiva já se mostrou competente para ver ou deter a realidade- toda, vale dizer, tudo o que acontece, aconteceu ou acontecerá em todo e qualquer lugar, o que se pode dizer com alguma segurança é que aquilo a que chamamos “realidade” é, no mínimo, não-todo: a realidade é não-toda.⁴⁹⁶

Essa constatação vai na direção oposta à visão monoteísta do mundo, segundo a qual a realidade, sendo produto da vontade e da criação de Deus, é em si mesma perfeita. Obviamente, o materialismo estrito do racionalismo científico rejeita, de pronto, esse tipo de espiritualismo; porém, irmana-se com as religiões que se baseiam na crença na existência de um único em sua fé na ordem e na unidade de todas as coisas. “O papel da ciência é desvendar a ordem escondida no aparente caos”.⁴⁹⁷ Foi assim que o definiu Paulo César da Costa Gomes, professor titular do departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). De Isaac Newton a Stephen Hawking, muitos foram os cientistas que assumiram como missão descobrir o “Código Oculto da

494 ROGER avalia duelo equilibrado do Inter com Palmeiras e frustração por derrota. Disponível em: <https://ge.globo.com/rs/futebol/times/internacional/noticia/2025/04/16/roger-avalia-duelo-equilibrado-do-inter-com-palmeiras-e-frustacao-com-derrota.ghtml>. Acesso em: 17 jun. 2025.

495 LISTA de Livros: Menos que nada (Parte I), de Slavoj Žižek. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/midia/blogs/blogs-ggn/lista-de-livros-menos-que-nada-parte-i-de-slavoj-zizek/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

496 KRAUSE, Gustavo Bernardo. (2007). O bruxo contra o comunista ou: o incômodo ceticismo de Machado de Assis. *Kriterion: Revista De Filosofia*, 48(115), 235–247. <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2007000100014>.

497 STECCA, Kharen. “O papel da ciência é desvendar a ordem escondida no aparente caos”. Disponível em: <https://jornal.ufg.br/n/159721-o-papel-da-ciencia-e-desvendar-a-ordem-escondida-no-aparente-caos>. Acesso em: 17 jun. 2025.

Natureza” – e, assim, chegar mais perto de “conhecer a mente de Deus”, como disse certa vez o próprio Hawking. “Eu faço uso da palavra ‘Deus’ num sentido impessoal – como Einstein fazia – para me referir às leis da natureza, pelo que conhecer a mente de Deus é conhecer as leis da natureza. Segundo a minha previsão iremos conhecer a mente de Deus até o fim deste século”.⁴⁹⁸ Na opinião de Marcelo Gleiser, físico teórico brasileiro e professor do Dartmouth College, essa noção de unidade de todas as coisas remonta, em suas origens, à fé monoteísta.

A ideia de que por trás da enorme diversidade do mundo existe uma realidade mais simples que a tudo engloba tem suas raízes na fé monoteísta: existe apenas um Deus e esse Deus criou tudo o que existe. Se acreditamos que tudo vem de Deus ou de Sua essência transcendental, tudo, então, é parte dessa realidade divina e única. Uma fonte dá origem a tudo, e para ela tudo deve retornar. Dessa forma, tudo o que existe no mundo é uma manifestação da presença divina.⁴⁹⁹

Antecipando-se às possíveis objeções à sua tese, Gleiser esclarece em uma nota de rodapé que

Até mesmo em religiões politeístas podemos identificar um deus ou princípio divino dominante. Para os gregos da Antiguidade, Zeus era o mestre do monte Olimpo, o deus dos deuses. Para os hindus, Brahma é a essência de todas as coisas, a substância do espaço, do tempo e da matéria, criador e destruidor de toda a existência. Em algumas versões do budismo, uma religião que prescinde de uma divindade, a figura de Buda adquire uma natureza sobre-humana, que transcende a morte física de Sidarta Gautama, seu fundador. Por exemplo, na vertente conhecida como Mahayana, o conceito de Dharmakaya representa o aspecto eterno de todas as coisas, a essência mais fundamental do Universo. [...] 500

Ao contrário do discurso científico, cuja consistência se apoia, em boa medida, em “uma *hybris* relativamente escandalosa, como se alguém se supusesse capaz de ver ou de deter a realidade-toda”⁵⁰¹ – e, nesse sentido, se aproxima do discurso teológico-religioso –, o discurso artístico só adquire sentido na medida em que consegue tocar na ferida e desnudar nossa impotência diante do acaso da existência; não tem a intenção de recalá-la, mas, sim, sublimá-la. Assim, como se pode ver a partir do contraste entre essas duas perspectivas diferentes face à incerteza e à incompletude da realidade, o futebol tem muito mais em comum com a arte do que com a ciência. Ao mesmo tempo, porém, somos seduzidos pela fantasia de poder. Por isso, há poucos papéis tão cobiçados no futebol quanto o de técnico. O fascínio em torno do personagem pode ser explicado pela aura de poder e autoridade que carrega. Na cabeça do público em geral, o bom treinador é

⁴⁹⁸ “DEUS não existe” e as outras respostas de Stephen Hawking. Disponível em: <https://shifter.pt/2019/02/stephen-hawking-livro/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

⁴⁹⁹ GLEISER, Marcelo. Criação imperfeita. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 45.

⁵⁰⁰ Ibid.

⁵⁰¹ KRAUSE, Gustavo Bernardo. (2007). O bruxo contra o comunista ou: o incômodo ceticismo de Machado de Assis. *Kriterion: Revista De Filosofia*, 48(115), 235–247. <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2007000100014>.

alguém dotado de poderes especiais para controlar os aspectos mais recônditos do jogo. Nas entrevistas coletivas, ele dá a impressão de que sabe exatamente o que aconteceu e o que vai acontecer. À beira do campo, comporta-se como se fosse um grande maestro regendo sua orquestra, gesticulando e movendo os braços e as mãos para orientar as ações de seus jogadores. Seu rosto está em todos os lugares. Durante as transmissões televisivas, as câmeras o procuram constantemente, tentando captar algum sinal de aprovação ou de reprovação. Diferentemente dos demais atores do espetáculo, veste-se com ternos italianos bem cortados. E isso para não mencionar os salários vultosos, que representam parte importante do *glamour* que cerca a profissão.⁵⁰²

Mas isso nem sempre foi assim. Por um bom tempo na história do futebol, o personagem não passou de um mero coadjuvante. Nos primórdios do esporte, quando nem sequer havia entrado em cena, cabia ao jogador que carregava a braçadeira de capitão o papel de dar instruções aos demais companheiros de equipe. Foi somente após o declínio do amadorismo e o avanço da profissionalização que as coisas começaram a mudar. Com o aumento dos investimentos e a ampliação das obrigações comerciais, tornou-se cada vez maior a cobrança por produtividade e resultados – o que, por sua vez, acabou gerando uma demanda pela divisão do trabalho e pela especialização. O impulso que faltava veio com a globalização e a liberalização do mercado da bola, que contribuíram ainda mais para a valorização da figura do técnico. O intercâmbio internacional e a alta rotatividade de jogadores, cujos vínculos com os clubes não se prolongam mais do que alguns poucos anos, praticamente puseram fim aos estilos nacionais. Apesar disso, no entanto, não diminuiu a demanda por estilo – muito pelo contrário. Afinal, ter uma identidade bem definida e reconhecível é um dos fatores indispensáveis para o sucesso nos negócios. Stuart Ewen, professor emérito de História e Estudos Americanos do Centro de Graduação CUNY, sublinha a importância do estilo na busca de identidade, não deixando de fora o futebol. Reconhecendo-o como “um componente profundo da subjetividade, entrelaçado com as aspirações e ansiedades das pessoas”,⁵⁰³ Ewen também não perde de vista que “o estilo, cada vez mais, tem se convertido no idioma oficial do mundo mercantil”.⁵⁰⁴

No entanto, com a globalização do esporte, tornou-se ainda mais difícil ter uma identidade, um estilo. Como dar um rosto familiar a times tão multifacetados, que reúnem jogadores de lugares, culturas e classes sociais tão díspares quanto diferentes? Aqui, a palavra-chave é controle. Toda aura de mistificação que se formou em torno da figura do técnico conta a história de um esforço tenaz e

502 Não por acaso, os jogos que simulam futebol parecem fascinar mais quando convidam os jogadores a desempenharem o papel de técnico ou manager.

503 EWEN, Stuart. Todas las imágenes del consumismo: la política del estilo en la cultura contemporánea. México: Grijalbo, 1991, p. 39. Apud: VITELLI, Celso. Adolescências e identidades estéticas no cotidiano. Educação Em Revista, 25(3), 43–74. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982009000300004>.

504 Ibid.

incessante de busca de domínio sobre os aspectos imponderáveis do jogo. E é justamente aí que surge esse personagem com contornos de xamã, visto como uma figura de autoridade e que se apresenta como alguém que demonstra particular capacidade de domar as forças invisíveis do acaso e de manipular pessoas como se fosse um mestre de marionetes. (Tite, ex-técnico da Seleção Brasileira nas Copas de 2018 e 2022, já foi inclusive chamado de “encantador de serpentes” por Diego Lugano, ex-zagueiro do São Paulo e da Celeste Olímpica.)⁵⁰⁵ Nesse contexto, onde os times “viraram entidades transnacionais, empreendimentos globais”⁵⁰⁶ – verdadeiras “torres de Babel” erguidas sob o signo do fluxo de jogadores oriundos de todos os cantos e culturas do planeta –, supõe-se que somente um líder dotado de profunda sabedoria e de um carisma ímpar pode ser capaz de imprimir uma identidade coletiva a grupos tão díspares de pessoas, o único que parece reunir as qualidades necessárias para dar forma a elencos caleidoscópicos. Sua importância e seu lugar no imaginário relacionado ao futebol é perceptível em discursos que se referem aos treinadores como maestros de orquestras. Em outros casos, a comparação é com *frontmen* de bandas de rock.⁵⁰⁷ E há ainda quem veja semelhanças com um grão-mestre de xadrez.⁵⁰⁸ (Ter o controle sobre as ações dos oponentes e também sobre as decisões de suas próprios comandados como se fosse um enxadrista que move as peças em um tabuleiro com a precisão e a confiança de quem é capaz de antecipar as jogadas do adversário parece ser o sonho de todo técnico de futebol.)

Hoje em dia, nenhum outro indivíduo parece se encaixar melhor nesse papel do que Pep Guardiola. É que ninguém personifica mais o modelo de príncipe perfeito do que o técnico do Manchester City.⁵⁰⁹ O jornalista e escritor Mário Magalhães, autor de uma renomada biografia do revolucionário brasileiro Carlos Mariguella, já descreveu o comportamento de Guardiola no comando à frente dos times pelos quais passou ao longo de sua carreira de treinador como “excessivamente obsessivo”.⁵¹⁰ A opinião é compartilhada pelos jogadores que estiveram sob a batuta de Guardiola durante a passagem do treinador catalão pelo Bayern de Munique. “Guardiola é um doente do futebol e pode te ligar às três da manhã para falar de tática”, declarou o holandês

⁵⁰⁵ LUGANO defende Dunga e chama Tite de “encantador de serpentes”. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2016/11/21/lugano-defende-dunga-e-chama-tite-de-encantador-de-serpentes.htm>. Acesso em: 17 jun. 2025.

⁵⁰⁶ FUTEBOL de hoje sintetiza globalização. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft3009200708.htm>. Acesso em: 17 jun. 2025.

⁵⁰⁷ AGUILLAR, Luís. Mourinho Rockstar: As diversas faces do técnico mais polêmico do mundo. Campinas: Editora Grande Área, 20215.

⁵⁰⁸ CHURCH, Ben. Magnus Carlsen e Pep Guardiola discutem semelhanças do futebol e do xadrez. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/magnus-carlsen-e-pep-guardiola-discutem-semelhancas-do-futebol-e-do-xadrez/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

⁵⁰⁹ CERQUEIRA FILHO, Gisálio. O Príncipe Perfeito: Uma Fantasia Sobre o Poder. Conferência de Abertura da XII Semana de Iniciação Científica PIBIC/CNPq In UECE, Anais do Encontro, Fortaleza, 2002.

⁵¹⁰ MAGALHÃES, Mário. A obsessão de Guardiola. Disponível em:

<https://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2017/03/06/a-obsessao-de-guardiola/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

Arjen Robben, ex-atacante do time bávaro.⁵¹¹ Apesar de tudo, no entanto, Magalhães absolve o ex-jogador do Barcelona e da *Furia Roja*; embora reconheça que isso não seja algo necessariamente louvável, essa obsessão com a perfeição é apontada por ele como o segredo por trás do sucesso de Guardiola. “Essa busca pela perfeição utópica contribui para os seus êxitos”.⁵¹² O depoimento de Robben corrobora o veredito de Magalhães: “Melhorou o Bayern e fez dele mais flexível com vários sistemas de jogo para se adaptar durante um mesmo jogo, deixando-nos cada vez mais imprevisíveis”.⁵¹³

Em que pese todos os elogios feitos a ele, Guardiola está longe de ser uma unanimidade no mundo do futebol. Na opinião do italiano Giorgio Chiellini, o “guardiolismo” – como ele e tantos outros se referem à visão de futebol e de mundo de Guardiola – compromete um dos pilares básicos da identidade do futebol italiano: a marcação homem a homem.⁵¹⁴ “O 'Guardiolismo' arruinou um pouco os zagueiros italianos. Agora, todos os zagueiros sabem como se organizar, mas não sabem como marcar um atacante”, disse o ex-zagueiro da Juventus e da *Azzurra*, em entrevista ao jornal “Tuttosport”.⁵¹⁵ Para Chiellini, a “guardiolização” do futebol da Terra da Bota é uma ameaça a sua própria essência e pode levar a um caminho sem volta, uma vez que o estilo de Pep Guardiola – que aposta na organização coletiva, na posse e no toque de bola como estratégias mais eficazes para vencer – vai de encontro com o “DNA” dos *azzurri*. “É uma pena que se perca a essência de uma escola porque precisamos de talentos. Deviam ter sido mantidas algumas coisas. Nós nunca poderemos ser bons no 'tiki-taka', isso não faz parte do nosso DNA”, lamentou ele.⁵¹⁶ Tim Howard, ex-jogador com passagens por Everton e Manchester United, é mais um a criticar a influência da filosofia de jogo de Guardiola sobre o futebol. “Pep Guardiola, em todos os sentidos, arruinou o futebol”, disse ele, sem meias-palavras.⁵¹⁷ Acontece que, segundo Howard, somente alguns

511 ROBBEN: “Guardiola é um doente do futebol e pode te ligar às 3h da manhã”. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-alemao/noticia/2014/11/robben-guardiola-e-um-doente-do-futebol-e-pode-te-ligar-3h-da-manha.html>. Acesso em: 17 jun. 2025.

512 MAGALHÃES, Mário. A obsessão de Guardiola. Disponível em: <https://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2017/03/06/a-obsessao-de-guardiola/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

513 ROBBEN: “Guardiola é um doente do futebol e pode te ligar às 3h da manhã”. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-alemao/noticia/2014/11/robben-guardiola-e-um-doente-do-futebol-e-pode-te-ligar-3h-da-manha.html>. Acesso em: 17 jun. 2025.

514 “Marcação homem a homem, ou marcação individual, é uma estratégia defensiva onde os defensores são designados a um jogador adversário específico para marcar, ao contrário da marcação zonal, onde um determinado jogador marca uma área do campo”. MARCAÇÃO (futebol de associação). In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Marking_\(association_football\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Marking_(association_football)). Acesso em: 18 jun. 2025.

515 CHIELLINI diz que “Guardiolismo” arruinou essência dos zagueiros italianos. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2017/11/09/chiellini-diz-que-guardiolismo-arruinou-essencia-dos-zagueiros-italianos.htm>. Acesso em: 17 jun. 2025.

516 Ibid.

517 TALE, Gabriel. “Guardiola arruinou o futebol”, diz ex-goleiro da Premier League. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/guardiola-arruinou-o-futebol-diz-ex-goleiro-da-premier-league/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

pouquíssimos jogadores e times estão em condições de atingir os parâmetros de excelência exigidos pelo “Jogo de Posição”. “[Guardiola] Ensinou a todo mundo que se pode jogar futebol posicional. E não se pode”,⁵¹⁸ disse Howard, que completa: “Apenas três equipes do mundo podem jogar da forma como ele pensa o futebol. As demais não conseguem fazer muito bem”.⁵¹⁹

Para entender melhor as críticas e as implicações da hegemonia das ideias de Guardiola no contexto do futebol moderno, vale a pena esclarecer o que é jogo posicional. “O Jogo de Posição é uma forma de se organizar com a bola no ataque que foi popularizada através do sucesso de Pep Guardiola. Consiste em ocupar bem o campo e utilizar a posse de bola a partir dessas posições para chegar até a meta do adversário”, explica Higor Santos, ex-assistente do FC Juárez, do México, e atualmente analista de desempenho da equipe profissional do Flamengo, em depoimento ao portal de notícias “ge”.⁵²⁰ Trata-se de um estilo de jogo onde a informação é parte essencial da definição da estratégia adotada, deixando uma margem menor para ações calcadas na intuição e no improviso. Como consequência disso, a liberdade individual para tomar decisões é reduzida, sendo estimulada apenas quando se pode sustentá-las com base nos dados obtidos através de análises pormenorizadas de desempenho e situações de jogo. Para que tudo isso seja posto em prática, os jogadores têm de ser não somente muito bons tecnicamente, mas também inteligentes o suficiente para absorver as orientações do técnico de forma satisfatória.

Além de uma maneira de se comportar em organização ofensiva, é uma cultura de jogo onde o treinador trabalha com a informação para educar o jogador a entender as situações do jogo ao ponto de ele tomar as próprias decisões de forma guiada, descobrindo-se e tendo autonomia e liberdade para se mover pelo campo dentro desses espaços.⁵²¹

Talvez na tentativa de relativizar a falta de liberdade individual dos jogadores para fazer escolhas em campo, Higor Santos refere-se a esse aspecto inerente ao jogo posicional lançando mãos das seguintes palavras: “tomar as próprias decisões de forma guiada, descobrindo-se e tendo autonomia e liberdade para se mover pelo campo dentro desses espaços”.⁵²² Mas Milly Lacombe, uma das poucas vozes na imprensa esportiva brasileira que tem se levantado contra o consenso reinante em torno do jogo posicional que é a marca registrada de Guardiola, não se deixa enganar por eufemismos como esse. Destoando da maioria de seus colegas de profissão, Lacombe classifica o estilo de jogo que Guardiola procura impor ao Manchester City – atual time do treinador – como

⁵¹⁸ Ibid.

⁵¹⁹ Ibid.

⁵²⁰ SANTANA, Sérgio. Jogo de posição: conheça o estilo tático praticado por Renato Paiva, técnico do Botafogo. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2025/03/07/jogo-de-posicao-conheca-o-estilo-tatico-praticado-por-renato-paiva-tecnico-do-botafogo.ghtml>. Acesso em: 18 jun. 2025.

⁵²¹ Ibid.

⁵²² Ibid.

“totalitário”, algo bem distante do “futebol total” que marcou a trajetória do catalão no comando do Barcelona, período durante o qual ele procurou colocar em prática tudo o que havia aprendido na época em que foi jogador de Johan Cruyff, lendário ex-jogador e ex-treinador da equipe *blau-grana*. De acordo com Lacombe,

Guardiola foi se desenvolvendo como treinador e sendo afetado por novas ideias. Buscou um estilo de jogo que pudesse ser impenetrável e invencível, ainda que saibamos que isso não existe. Mas ele tentou. E chegou perto. Seu City passou a jogar num esquema tático rígido e posicional. O que Pep parece querer é que, em campo, os jogadores executem o que ele desenhou. Não vale ousar, não vale ser criativo. Sigam minha cartilha e tudo ficará bem. Seu Barcelona era ofensivamente brilhante, mas também defensiva vulnerável. E essa era uma de suas forças: ele levava gols e saía para fazer gols. Não se entregava. Era capaz de viradas heroicas. Mas Pep quis mais e foi buscar uma forma de ser menos vulnerável, como se a vulnerabilidade fosse um problema e não apenas um dos sintomas da proposta de montar um time leve, ofensivo, rápido e total. Jogar bola, afinal.

O jogo posicional - esse inferno - é aquele que tira do atleta a capacidade de inovar e confere ao treinador o controle absoluto sobre a partida. Uma ilusão, claro. O único resultado certo é o do tédio para quem assiste. No mais, tudo pode acontecer. Mas, evidentemente, esse jogo entediante se mostrou bastante vencedor e o City conquistou tudo o que poderia conquistar. Dane-se a falta de criatividade, dane-se a ausência de manifestações artísticas; queremos taças. E elas vieram.

Guardiola quer ser o regente supremo de uma orquestra que precisa, para soar afinada, obedecer a seus comandos. Mas o futebol é jazz: o próximo acorde acontece sem premeditação, ele nasce do relacionamento entre os músicos e da escuta entre os envolvidos.⁵²³

“Guardiola é a razão aplicada a cada jogo, como se fosse uma máquina de pensar e aplicar estratégias e transformar uma partida num espetáculo sempre surpreendente”.⁵²⁴ É assim que o define o jornalista Moisés Mendes, autor do livro “Todos querem ser Mujica”, lançado em 2016 pela editora Diadorim. Porém, por trás do discurso racional e científico que sustenta as pretensões de Guardiola em ter um controle total e absoluto do jogo, parece haver algo de pensamento mágico na ideia de que ele poderia de fato levar a cabo esse empreendimento. Ora, vale lembrar que, de acordo com Max Weber, a magia é uma crença na qual “qualquer um que possua o carisma para utilizar os meios apropriados é mais forte que um deus e pode submetê-lo a sua vontade”.⁵²⁵ (Isso faz ainda mais sentido quando se leva em consideração que a expressão “deuses do futebol” é um jargão bastante utilizado no meio desse esporte para indicar a importância do acaso nos resultados de cada partida.) O próprio Guardiola dá a impressão de que acredita mesmo que é possível chegar

⁵²³ LACOMBE, Milly. Pep Guardiola: do futebol total ao futebol totalitário. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/milly-lacombe/2024/12/14/pep-guardiola-do-futebol-total-ao-futebol-totalitario.htm>. Acesso em: 7 out. 2025

⁵²⁴ MENDES, Moisés. Guardiola e os homens que não sabem perder. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/opiniaio/2024/11/guardiola-e-os-homens-que-nao-sabem-perder/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

⁵²⁵ WEBER, Max. Économie et société. Paris: Plon, 1971, p.447. Apud: LÖWY, Michael. A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 77.

à perfeição, desde que se pague o preço cobrado a quem quer reunir as qualidades necessárias à tarefa. (Recentemente, Guardiola anunciou que estava se separando da estilista Cristina Serra, com quem vivia junto há 31 anos. Segundo a imprensa espanhola, a decisão de ambos de por fim ao relacionamento teria sido motivada pela insatisfação de Serra em relação à preocupação obsessiva do ex-marido com o trabalho à frente do Manchester City.)⁵²⁶ Milly Lacombe desaprova o que está ocorrendo no lado azul da cidade de Manchester: "O Manchester City, por exemplo, está virando um time em busca da perfeição. Só que a perfeição não existe. Então é cafona ver."⁵²⁷

Não obstante, há ainda outro grande problema que acompanha o processo de “guardiolização” do futebol moderno: é que a hegemonia do “guardiolismo” ajuda a consolidar o desejo – impossível de ser realizado – de ter o poder de controlar de modo total e absoluto os destinos do jogo. Como feiticeiros que liberaram forças incontroláveis, tanto Guardiola quanto seus pupilos e aprendizes têm agora que lidar com o peso das expectativas que acalentaram. Mas não só eles. O fato é que Guardiola aumentou significativamente o patamar de desempenho para equipes de futebol, elevando os padrões a níveis praticamente inalcançáveis. Isso acaba se voltando contra os técnicos em geral, cujo desempenho é muitas vezes avaliado de acordo com parâmetros irreais e inacessíveis. Para responder a esse tipo de cobrança, pode-se seguir o exemplo do próprio Guardiola, que diante dos fracassos recentes do Manchester City tem repetido em declarações públicas que não é bom o suficiente;⁵²⁸ a maioria, porém, prefere adotar uma postura mais defensiva, enfatizando que se deve tomar o cuidado de não confundir o futebol com um jogo de videogame, onde o controle está em nossas mãos.

Futebol brasileiro não é um videogame

No início de abril desse ano, em coletiva de imprensa após o confronto entre Botafogo e Carabobo, da Venezuela, em partida válida pela fase de grupos da Conmebol Libertadores 2025, Renato Paiva, treinador português do time Alvinegro de General Severiano, fez

⁵²⁶ DECISÃO de Guardiola sobre o Manchester City levou esposa pedir divórcio, dizem jornalistas espanhóis: 'Gota d'água'. Disponível em: <https://revistamonet.globo.com/esportes/noticia/2025/01/decisao-de-guardiola-sobre-o-manchester-city-levou-esposa-pedir-divorcio-dizem-jornalistas-espanhois-gota-dagua.ghtml>. Acesso em: 18 jun. 2025.

⁵²⁷ MARINO, Lucas (@soltaram). 2024. “Milly Lacombe critica a ‘guardiolização’ do futebol moderno!”. Facebook, 16 abr. 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=769687145270013&id=100066862022466&set=a.375018091403589>. Acesso em: 18 jun. 2025.

⁵²⁸ CONSOLIN, Beatriz. Pep Guardiola desabafa após mais uma derrota: "Não sou bom o suficiente". Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/pep-guardiola-desabafa-apos-mais-uma-derrota-nao-sou-bom-o-suficiente/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

declarações em que valorizou a iniciativa individual dos jogadores na vitória da equipe por 2 x 0, dando a entender que isso seria mais importante do que a organização e disciplina táticas.

Não jogo Playstation. Não jogo. Não jogo, mesmo. Não gosto. E não quero que meus jogadores joguem Playstation dentro do campo. Eu quero que eles joguem e deixem jogar, dentro do possível e fazendo as correções que possam fazer. A partir daí é muito do jogo deles, o jogo é dos jogadores. O treinador tem que ajudar e não atrapalhar. O jogo é dos jogadores.⁵²⁹

Conterrâneo de Renato Paiva, Pedro Caixinha, ex-comandante do Santos e do Red Bull Bragantino, parece ter uma opinião diferente sobre o assunto. Depois do clássico entre o alvinegro do litoral paulista e o Palmeiras pelo Campeonato Paulista 2025, ele conversou com jornalistas sobre as dificuldades que a equipe da Vila Belmiro enfrentou durante a disputa com o alviverde do Palestra Itália, que joga sob a batuta do também português Abel Ferreira, frequentemente apontando por especialistas como principal responsável pela consistência tática do time. Caixinha atribuiu os problemas de sua equipe a um desequilíbrio no meio de campo gerado por desvantagem numérica de jogadores nessa região do campo. Na ocasião, mencionando o momento mais complicado na partida, o treinador do Peixe elegeu o venezuelano Yeferson Soteldo como o maior culpado por essa situação, acusando-o de ser um jogador indisciplinado taticamente, embora imprescindível por sua habilidade e criatividade.

Naquele momento estávamos desequilibrados no meio de campo. Soteldo é muito bom jogador, mas indisciplinado taticamente. Quando isso acontece, temos que ter soluções no banco para manter os jogadores com criatividade e equilibrar a equipe. Nesse momento era ter um meio com mais presença. Não tem a ver com o Lucas (Braga), mas com tomada de decisão para ajudar a equipe. Conseguimos equilibrar o que tínhamos de desequilíbrio no meio de campo, fruto da criatividade de um jogador e indisciplina tática ao mesmo tempo.⁵³⁰

No dia seguinte, em vídeo compartilhando em sua conta no “Instagram”, Valderlei Luxemburgo se posicionou abertamente contra a forma de pensar de Pedro Caixinha, onde exaltou e defendeu a indisciplina tática de jogadores como Soteldo.

“Ontem, após o jogo Santos x Palmeiras, eu vi a entrevista do treinador do Santos, em que ele faz uma abordagem bem pontual em cima do Soteldo. Que é um jogador de drible, de habilidade, pouca finalização, mas finaliza, mas é um jogador de quebrar linhas. Ele fala

529 MALDONADO, Jéssica. Paiva dedica vitória do Botafogo a Manga e valoriza atuação: "Aos poucos, vamos crescendo". Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2025/04/08/paiva-dedica-vitoria-do-botafogo-a-manga.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2025.

530 GUTIERREZ, Bruno. Por que o "indisciplinado" Soteldo gera problema tático para Pedro Caixinha no Santos. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2025/01/24/por-que-o-indisciplinado-soteldo-gera-problema-tatico-para-pedro-caixinha-no-santos.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2025.

que o Soteldo é um excelente jogador, mas ele não tem responsabilidade tática. Taticamente ele é irresponsável. Aí essa discussão" [...]. 531

De acordo com a opinião do ex-técnico e hoje comentarista do canal de *streaming* “Amazon Prime”, longe de ser um defeito, essa particularidade é justamente o seu ponto forte. O valor que ele atribui a essa característica se relaciona diretamente com sua visão a respeito do que seria a verdadeira identidade do futebol brasileiro. Dentro dessa perspectiva, a indisciplina tática de Soteldo representa, na opinião de Luxemburgo, a mais pura essência do jeito tipicamente nacional de jogar bola. “Eu chamo isso de irresponsabilidade com responsabilidade. Rivaldo, Ronaldo, Romário, Djalminha, Alex, Soteldo e tantos outros”, disse ele.⁵³² O embate entre os dois tem como pano de fundo questões conceituais que, por sua vez, refletem diferenças culturais. Pelo menos é assim como o próprio Luxemburgo percebe a raiz da desavença com Caixinha.

"Existe hoje o europeu, não tenho nada contra europeu... O que está acontecendo no Brasil é a mudança dos nossos conceitos. Nós não podemos ser jogadores táticos. Nós temos que voltar a ser jogador empírico, para a nossa essência. Porque quem ganha é a nossa capacidade de empirismo, nossa qualidade técnica, nossa habilidade, nossa vocação para jogo ofensivo. E de responsabilidade" [...].⁵³³

Em outra oportunidade, quando ainda estava à frente da comissão técnica do Corinthians, Vanderlei Luxemburgo, reagindo à adoção indiscriminada de ideias estrangeiras, defendeu, em entrevista coletiva, o argumento de que a crise do futebol brasileiro é uma crise de identidade. Neste dia, ele direcionou suas críticas à quantidade de técnicos estrangeiros em atuação no país e à maneira com que os clubes nacionais têm formado jogadores nas categorias de base.

Nós estamos muito mal no futebol brasileiro e vocês não estão percebendo. Você estão dando ênfase às coisas que estão prejudicando o futebol brasileiro. Estamos formando jogadores para jogar no futebol europeu, temos mais de 50% de treinadores estrangeiros disputando o Brasileiro, não sou contra europeu, mas será que cabe tantos aqui no Campeonato Brasileiro? Será que não poderíamos ter mais treinadores brasileiros jovens, arriscando e dando ênfase a nossa essência de futebol?⁵³⁴

As declarações de Vanderlei Luxemburgo ecoam a conhecida e já repisada tese de que haveria barreiras culturais insuperáveis entre brasileiros e europeus. Na contramão daqueles que o

531 LUXEMBURGO reprova crítica pública de Caixinha a Soteldo e pede 'resgate do futebol brasileiro': 'Não podemos ser atletas táticos'. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/14703405/luxemburgo-reprova-critica-de-pedro-caixinha-a-soteldo-e-pede-resgate-do-futebol-brasileiro. Acesso em: 13 abr. 2025.

532 Ibid.

533 Ibid.

534 LUXA, do Corinthians, afirma que excesso de técnicos europeus no Brasil é ruim: "Será que cabe?". Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2023/08/06/luxa-do-corinthians-afirma-que-excesso-de-tecnicos-europeus-no-brasil-e-ruim-sera-que-cabe.ghtml>. Acesso em: 14 abr. 2025.

acusam de ser ultrapassado, alguém obstinadamente agarrado a velhos padrões que não funcionariam mais no futebol dito moderno, o ex-técnico do Real Madrid e da Seleção Brasileira sustenta que as causas do atraso do futebol brasileiro remontam, na verdade, a uma implantação à fórceps de modelos historicamente constituídos no bojo da "cultura europeia", em prejuízo da essência nacional. Há, portanto, uma espécie de contradição irreconciliável entre a organização, disciplina e a obediência táticas, por um lado, e a liberdade, capacidade de improvisação e o drible, por outro. Um estilo de jogo centrado em preocupações táticas, onde os jogadores guardam suas posições e realizam movimentos coordenados em campo, apostando na força física, velocidade e toques rápidos, é algo estranho à tradição da escola do futebol brasileiro, profundamente enraizada na capacidade de improviso e na liberdade de movimentação dos jogadores.

Fernando Diniz, que também já foi técnico da Seleção Brasileira, tem uma visão parecida com a de Luxemburgo. Ex-jogador e formado em psicologia pela Universidade São Judas Tadeu, Diniz faz questão de enfatizar em suas declarações públicas outros aspectos do futebol que, para ele, são tão ou mais importantes do que a parte tática. Nessas ocasiões, ele costuma dar maior atenção ao relacionamento interpessoal, valorizando o conhecimento mais aprofundado da personalidade dos atletas e de suas necessidades enquanto seres humanos. Segundo Diniz, esse tipo de abordagem é mais apropriada à essência do futebol brasileiro, na medida em que oferece melhores condições para promover a confiança emocional necessária para o exercício da criatividade, principal característica e pilar fundamental do estilo nacional de jogo. Infelizmente, no entanto, o lado emocional e afetivo da formação dos jogadores tem sido preterido por uma linha de treinamento um tanto quanto burocrática, pautada pela predefinição de processos impessoais e técnicos, que proporcionem previsibilidade e controle das ações dos jogadores em campo. Diniz acredita que existe

[...] uma ilusão de que o modelo europeu vai nos trazer muitas soluções. Acho que a gente pode aprender com todo mundo, mas a gente mais desaprende com o europeu no que tange a essência do futebol brasileiro do que aprende. Eles desenvolveram de maneira correta aquilo que teriam para desenvolver em relação a sistemas táticos, elaboração da parte física para poder ganhar campeonatos, mas não para desenvolver aquilo que precisa ser desenvolvido no Brasil. Aqui acho que o buraco é mais embaixo. Acho que as coisas essenciais do futebol brasileiro... A gente melhorou em muitas coisas, mas na essência eu não acredito que a gente não melhora, não. Eu acho que a gente dá alguns passos atrás; porque na minha época formava-se melhor o jogador do que se forma hoje, mesmo tendo menos estudo formal, menos informações da parte tática, menos treinamentos físicos; mas tinha mais afeto e mais carinho. E o jogador brasileiro, quando ele sente que é seguro, com afeto e carinho, ele consegue promover mais aquilo que é próprio dele, que é a criatividade. [...]

535 TRIVELA (@trivela). 2024. Interessante ponto de vista de Fernando Diniz. Facebook, 28 dez. 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/reel/1295226488565570>. Acesso em: 14 abr. 2025.

Como se pode deduzir das afirmações de Vanderlei Luxemburgo e Fernando Diniz, o descompasso entre o futebol brasileiro e a cultura europeia está longe de ser algo meramente secundário, circunstancial ou acessório; isso porque, do ponto de vista de ambos, o estilo de jogo dos europeus entra em rota de colisão com o próprio caráter nacional, condenando ao fracasso as tentativas de difundir por aqui a maneira como o esporte é praticado por times e seleções dos países do velho continente. Nessas condições, não há ajuste possível, tendo em vista o pressuposto de que há diferenças culturais irredutíveis entre os dois modelos de jogo. Eis aí, então, um bom motivo para rejeitar soluções elaboradas para lidar com cenários e problemas relacionados a contextos sociais e culturais que pouco ou nada tem a ver com a realidade dos jogadores no Brasil.

É impossível não ver semelhança com as ideias do sociólogo Sérgio Buarque de Holanda sobre a influência da cultura colonial ibérica no processo de formação da sociedade nacional brasileira. Ainda que muito provavelmente de maneira inconsciente, o fio condutor das análises de Luxemburgo e Diniz é o conceito de cordialidade, concepção ideal-típica que serve de baliza às discussões promovidas na obra “Raízes do Brasil”, um clássico das ciências sociais brasileiras, e publicado pela primeira vez em 1936.⁵³⁶ Ora, a “cordialidade” brasileira, da qual tratou Sérgio Buarque de Holanda, significa que os vínculos afetivos falam mais alto do que as obrigações coletivas na nossa cultura. (A propósito, vale lembrar que “cordial” quer dizer simplesmente “do coração”).⁵³⁷ Daí porque qualquer estilo de jogo cujo sucesso se baseia fundamentalmente na organização e na disciplina táticas não pode dar certo quando aplicado ao futebol do país.

Há ainda outros paralelos entre as teorias de Sérgio Buarque de Holanda e algumas das crenças mais tradicionais que circulam em meio ao universo do futebol. Uma das mais populares, sem dúvida, é aquela que associa o “futebol-arte” – estilo de jogo tido como “tipicamente” brasileiro, e reconhecido por características como capacidade de improviso, dribles e combinações imprevisíveis e espetaculares – à herança do barroco na cultura brasileira. O excesso de dribles, o gosto pela curva e pelo desvio, conjugado com a dificuldade de percorrer linhas retas na condução da bola em direção à meta do adversário, o desprezo pela objetividade e o desdém pelo resultado, a exaltação das virtudes da “malandragem” e do “jeitinho” – esses são alguns dos atributos da escola brasileira de futebol, que o poeta, ensaísta e antropólogo Antônio Risério define como um misto de

⁵³⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

⁵³⁷ CALLIGARIS, Contado. Laços afetivos falam mais alto que as obrigações coletivas na nossa cultura. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2017/11/1939227-lacos-afetivos-falam-mais-alto-que-as-obrigacoes-coletivas-na-nossa-cultura.shtml>. Acesso em: 15 abr. 2025.

barroco luso-brasileiro e hibridização cultural e racial que resulta do entrecruzamento de diferentes povos. Ele chama isso de “futebol barroco-mestiço”.⁵³⁸

Antônio Francisco Lisboa, cognominado “Aleijadinho”, e Manoel Francisco dos Santos, mais conhecido como “Garrincha”, cada um dentro de seu campo de atuação, são habitualmente considerados como epítomes do barroco-mestiço. Além de tudo, ambos tiveram que conviver com o estigma da deformidade física: Aleijadinho foi acometido por uma grave doença que desfigurou seu corpo e seus membros, especialmente as mãos. A moléstia também o fez perder os dedos do pé, obrigando-o a se locomover de joelhos;⁵³⁹ Garrincha, antes de despontar como craque do Botafogo na década de 1950, foi rejeitado por outros clubes pelos quais passou por conta de uma distrofia física congênita: “suas pernas eram tortas para o mesmo lado, e a perna direita era mais curta do que a esquerda”, explica o jornalista Nivaldo Esperança, em matéria para o jornal “O Globo”.⁵⁴⁰ No início da carreira, a deficiência lhe valeu a pecha de “aleijado”, o que levou técnicos e dirigentes esportivos a considerá-lo incapaz para o futebol. Com o sucesso em campo, no entanto, acabou passando para a história como o “Anjo das Pernas Tortas”, como foi carinhosamente apelidado.

A força ideológica da noção de cordialidade se faz sentir por meio de sua influência no discurso de diferentes segmentos do universo simbólico do futebol, entre os quais técnicos e jogadores, jornalistas esportivos e comunicadores digitais, torcedores e consumidores. Para além de personagens como Garrincha, a figura do “homem cordial” lança sua sombra sobre todo o futebol brasileiro. Isso fica patente nas palavras e expressões que são frequentemente utilizadas para descrever e dar peso material à ideia de futebol-arte – quase todas convergindo para esse caleidoscópio de referências que é o “homem cordial”. Segundo a visão geral, o futebol brasileiro teria se constituído através da aversão à ideia de associação coletiva, preferindo a solução individual; por intermédio da crença de que o jogo ser jogado com o coração, e não com a cabeça, o que significa que é mais importante senti-lo do que pensá-lo; com base na convicção de que a intuição é mais fundamental do que o cálculo racional; sob o primado da obediência à injunção moral (ou imoral?) de que, em nome da vitória, o respeito às regras pode ser colocado de lado

538 RISÉRIO, Antônio. Futebol: barroco mestiço. Brasília: Ministério da Cultura, 2003. Disponível em:

<<http://www.cultura.gov.br/site/2003/06/02/futebol-barroco-mestico-por-antonio-riserio>. Acesso em: 16 mai. 2010.

539 CONHEÇA a história de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/acamara/programas-institucionais/experiencias-presenciais/parlamentojovem/noticias_para_voce/conheca-a-historia-de-antonio-francisco-lisboa-o-aleijadinho#:~:text=Mas%20em%201777%2C%20ele%20foi,o%20artista%20continuou%20a%20trabalhar. Acesso em: 16 abr. 2025.

540 ESPERANÇA, Nivaldo. Gênio das pernas tortas, Garrincha encanta o mundo nas Copas de 58 e 62. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/genio-das-pernas-tortas-garrincha-encanta-mundo-nas-copas-de-58-62-22238206>. Acesso em: 15 abr. 2025.

quando preciso; a partir da indulgência com a “malandragem” e o “jeitinho”, considerados predicados fundamentais para o sucesso em campo.

Em meados da década de 1970, ainda tentando surfar a onda de entusiasmo com o terceiro título em Copas do Mundo, o então ex-jogador Gérson, uma das principais estrelas da Seleção Brasileira que conquistou em definitivo a Taça Jules Rimet ao sagrar-se campeã no México, protagonizou um episódio que marcaria sua vida para sempre. O “Canhotinha de Ouro” aceitou ser o garoto propaganda da marca de cigarros “Vila Rica”, cuja peça publicitária tinha o seguinte slogan: “O importante é levar vantagem em tudo, certo?”⁵⁴¹ Essas palavras, enunciadas pelo ex-meio campista daquela que é considerada por muitos como o melhor selecionado nacional de todos os tempos, viraram rapidamente sinônimo do “jeitinho brasileiro”.

Mas é possível ter sucesso no país do futebol arte sem fazer uso do “jeitinho”? Em abril de 2017, durante a semifinal do Campeonato Paulista entre São Paulo e Corinthians, o zagueiro Rodrigo Caio tomou uma decisão que gerou grande repercussão. Após uma disputa de bola na área defendida pelo São Paulo, Jô, atacante do Corinthians, recebeu o cartão amarelo por ter pisado em Renan Ribeiro, goleiro do tricolor paulista. Outro personagem envolvido diretamente na confusão, Rodrigo Caio foi até o árbitro da partida e admitiu que tinha sido ele verdadeiro o responsável por pisar em Renan Ribeiro. Com a atitude, Rodrigo Caio acabou evitando que Jô ficasse de fora da próxima partida da final, uma vez que o atacante estava pendurado com dois cartões amarelos. Embora elogiado por parte dos adversários e da imprensa, o gesto de *fair play* não foi muito bem recebido pelo técnico Rogério Ceni e por outros companheiros de equipe. Em entrevista coletiva depois do jogo, que terminou em derrota do São Paulo por 2 a 0 para o Corinthians, o técnico do time do Morumbi não disfarçou o tom de ironia ao comentar o episódio: “Foi um *gentleman*, é uma atitude que vocês têm que parabenizar porque ele é um menino bom. Jogou o jogo do *fair play*, assim como todos fazem durante uma partida”.⁵⁴² O zagueiro Maicon foi mais direto em resposta à pergunta sobre a atitude do colega de time: “A gente deveria respeitar a atitude do Rodrigo. Foi o que ele quis fazer na hora. Se foi certo ou não, é da consciência de cada um. Mas eu prefiro a mãe do meu adversário chorando em casa do que a minha”.⁵⁴³

541 SANTIAGO, José Renato; MALVA, Pamela. Lei de Gérson: Como uma campanha publicitária de cigarros herdou o sentido negativo do 'jeitinho brasileiro'. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/almanaque/lei-de-gerson-como-surgiu-lei-da-vantagem-atribuida-ao-jogador.phtml>. Acesso em: 18 jun. 2025.

542 LOZETTI, Alexandre; HAZAN, Marcelo; PRADO, Marcelo. Rogério Ceni deu bronca em Rodrigo Caio por fair play; saiba o que aconteceu no vestiário do São Paulo. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/sao-paulo/noticia/rogerio-ceni-deu-bronca-em-rodrigo-caio-por-fair-play-saiba-o-que-aconteceu-no-vestiario-do-sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2025.

543 MAICON critica fair-play de Rodrigo Caio: “Prefiro a mãe do adversário chorando”. Disponível em: <https://jovempan.com.br/esportes/maicon-critica-fair-play-de-rodrigo-caio-prefiro-mae-do-adversario-chorando.html>. Acesso em: 23 abr. 2025.

No Brasil, a falta de “malandragem” é frequentemente apontada como pecado capital que pode atrapalhar as pretensões de vitória de um time de futebol. Ao avaliar a eliminação da Seleção Brasileira para a Croácia nas quartas de final da Copa do Mundo de 2022, o ex-jogador Ronaldo “Fenômeno”, campeão do mundo em 1994 e em 2002, criticou a “falta de malandragem” no comportamento da equipe em momentos decisivos da partida. “Tivemos erros sim, alguns detalhes em que pecamos, mas a Seleção sai eliminada com um sabor de que poderíamos ter passado com um pouco mais de malandragem”,⁵⁴⁴ disse ele logo após a partida que marcou a despedida do Brasil da Copa do Mundo do Catar, em transmissão no canal “Ronaldo TV”, um canal hospedado na rede social “Twitch” onde o ex-camisa 9 do Real Madrid e do Corinthians costuma fazer aparições ao vivo jogando videogames, comentando futebol, transmitindo eventos e interagindo com os fãs e outros criadores de conteúdo.⁵⁴⁵ Sem dar margem para dúvida, Ronaldo deixou mais claro para a audiência do seu canal o que quis dizer ao lançar mão da expressão “falta de malandragem”: “Faltando cinco minutos, o jogo tem que acabar desse jeito. Fura a bola. Bola pro mato que o jogo é de campeonato. Catimba, malandragem, levar a bola na bandeirinha, fazer falta, cair no chão, fingir morte súbita, qualquer coisa”, explicou ele, rindo.⁵⁴⁶

No entanto, o pequeno manual de antijogo recomendado por Ronaldo não se revela de grande ajuda para aqueles que desejam vencer no ambiente virtual dos *games* de futebol. Afinal, jogar-se no chão e fingir estar contundido não estão entre as opções selecionáveis desse gênero de jogos eletrônicos. Portanto, quando se trata de jogos de simulação de futebol em ambientes virtuais, há pouco (ou mesmo nenhum) espaço para o “jeitinho brasileiro”. No mundo real, contudo, as coisas são bem mais complicadas. Apesar de tudo, porém, existem lugares em que o antijogo parece ser menos tolerado do que em outros. Um exemplo sempre lembrado é o da *Premier League*, liga dos clubes da primeira divisão da Inglaterra, onde as simulações dos jogadores em campo são objeto de protesto e repúdio por parte de torcedores, técnicos, dirigentes e membros da imprensa. Essa mentalidade explica, em boa medida, a rejeição Paul Parker à Neymar na *Premier League*. Em 2023, quando estava de malas prontas para ir embora do Paris Saint-Germain, Neymar era especulado em alguns times da Inglaterra. Então, o ex-zagueiro e lateral direito com passagens pela seleção inglesa, pelo Chelsea e pelo Manchester United demonstrou preocupação com a possibilidade de Neymar jogar na Terra da Rainha. Àquela altura, Parker temia que Neymar

544 RONALDO avalia eliminação da Seleção Brasileira como injusta e vê falta de "malandragem". Disponível em: https://www.terra.com.br/esportes/brasil/ronaldo-avalia-eliminacao-da-selecao-brasileira-como-injusta-e-ve-falta-de-malandragem.e33aef811ef728020df2f9402202a8bcwwh8r6va.html?utm_source=clipboard. Acesso em: 23 abr. 2025.

545 'RONALDO TV' é lançada e Fenômeno comenta projeto nascido na pandemia: 'Fui me interessando mais pelo universo virtual'. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/futebol/ronaldo-tv-lancada-fenomeno-comenta-projeto-nascido-na-pandemia-fui-me-interessando-mais-pelo-universo-virtual-25291151>. Acesso em: 23 abr.2025.

546 "FALTANDO cinco minutos, o jogo tem que acabar desse jeito. Fura a bola" - analisou o ex-jogador. Disponível em: <https://www.futebolinterior.com.br/ronaldo-critica-falta-de-malandragem/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

transformasse a Premier League em um “circo”. “Se Neymar se transferir para qualquer clube da Premier League, será definitivo que essa competição é um circo”.⁵⁴⁷ Parker foi bastante duro nas críticas às atuações do jogador brasileiro com a camisa do clube francês, resumindo a experiência de assisti-lo em campo como um “pesadelo”. “Tentei assisti-lo no clube francês, mas é sempre um pesadelo. Sempre há jogadores melhores do que ele em campo porque ele passa o tempo todo rolando no chão”.⁵⁴⁸

O grito de revolta do “bom selvagem”

Nos dias de hoje, alguns anos depois da aposentaria de Ronaldinho Gaúcho – a quem Romário, campeão da Copa do Mundo de 1994 com a Seleção Brasileira, elogiou como o “último romântico do futebol”⁵⁴⁹ –, talvez o melhor representante do futebol barroco-mestiço seja Neymar da Silva dos Santos Júnior – para o bem e para o mal, como veremos logo a seguir. E não faltam razões para elegê-lo como principal sucessor de outros grandes expoentes do “futebol-arte”, a começar pelo fato de que ninguém mais do que ele é tão refratário ao espírito do jogo coletivo, tornado-o um símbolo por excelência da “cordialidade brasileira” nos campos de futebol. Em suma: um “indivíduo excepcional se eleva para sempre acima do grupo”,⁵⁵⁰ particularidade que pode ter raízes na “incapacidade de livre e duradora associação”.⁵⁵¹

A sua carreira foi impulsionada para a excelência desde que estreou como profissional no Santos, com apenas 17 anos. A bola lhe pertence com exclusividade quase desde o começo. Sem discussão, sem dramalhões. Tanto no Santos como na seleção, este driblador impenitente, hábil e astuto, leve como uma pluma e agudo como uma abelha, foi desde muito jovem o encarregado de acender as luzes e se situar sob os holofotes.⁵⁵²

Olhando de determinado ângulo, a excelência com que Neymar joga bola parece ser uma verdadeira espinha de peixe atravessada na garganta do futebol contemporâneo, uma espécie de incômodo resquício do passado que expõe o abismo e a tensão entre a tradição e a modernidade.

547 EX-JOGADOR da seleção inglesa é contra Neymar na Premier League: 'Seria um circo'. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/noticia/2023/08/09/ex-jogador-da-selecao-inglesa-e-contra-neymar-na-premier-league-seria-um-circo.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2025.

548 Ibid.

549 VÍDEO: Romário rasga elogios a Ronaldinho. Disponível em: https://ge.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Selecao_Brasileira/0,,MUL151759-4482,00.html. Acesso em: 16 abr. 2025.

550 ECHARRI, Miquel. “Egoísta”, “exibicionista” ou “bom demais”: por que Neymar é um dos jogadores mais odiados do mundo? Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2021-05-05/egoista-exibicionista-ou-bom-demais-por-que-neymar-e-um-dos-jogadores-mais-odiados-do-mundo.html>. Acesso em: 16 abr. 2025.

551 Ibid.

552 Ibid.

Numa era futebolística em que a preparação física e a riqueza tática tendem a ofuscar as exibições mais radicais de talento individual, Neymar, jogador contracultural que deve quase tudo à técnica, está há mais de uma década fazendo a diferença e elevando a baliza competitiva nos times onde milita.⁵⁵³

Tomando emprestado o linguajar típico da psicanálise freudolacanianana, pode-se especular que a realidade sócio-discursiva a qual chamamos de “futebol europeu” se constitui a partir da negação e do recalçamento do elemento que é inconscientemente percebido como uma ameaça à imagem que os indivíduos e povos do velho continente têm de si mesmos quando o assunto em pauta é o esporte mais querido do mundo. No entanto, longe de ser um verdadeiro empecilho, essa tensão é justamente o que garante a consistência e a legitimidade dessa ordem simbólica. Mas o problema é que tal contradição nunca pode ser adequadamente simbolizada, eventualmente retornando à superfície sob a forma de aparições e manifestações traumáticas.⁵⁵⁴ Em outras palavras: é o retorno do reprimido, que invariavelmente assume contornos fantasmagóricos. Parafraseando Marx e Engels no “Manifesto Comunista”: um espectro ronda a Europa – o espectro do futebol barroco-mestiço de Neymar, Estevão, Vinícius Jr., etc. Por isso, compreende-se porque, desde muito cedo, os europeus envidaram vários esforços no sentido de bolar esquemas táticos e estratégias de jogo que fossem capazes de impor limites e subjugar os latino-americanos, sobretudo os brasileiros. Em um primeiro momento, ainda sob o impacto da superioridade dos selecionados de países do Cone Sul,⁵⁵⁵ tratava-se de vencê-los; com a globalização do esporte e a diáspora de jogadores sul-americanos para o outro lado do oceano Atlântico, tornou-se necessário agora controlá-los e discipliná-los.

“Daqueles a quem foi confiado muito, muito mais será pedido” (Lucas 12:48). O versículo bíblico resume bem o tipo de moral em que se ampara o julgamento das pessoas em geral (e dos europeus em particular) no tocante à maneira como Neymar dispõe de seus “superpoderes”. Agraciado pelos “deuses da bola” com um dom sem igual para o futebol, o camisa 10 da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 2014, 2018 e 2022 e nos Jogos Olímpicos de 2016 – quando ajudou a ganhar a primeira medalha de ouro do Brasil no futebol masculino –, é frequentemente acusado de usá-los com certa “irresponsabilidade”. Se realmente existe alguma semelhança entre as

⁵⁵³ Ibid.

⁵⁵⁴ ZIZEK, Slavoj. O espectro da ideologia. In: ZIZEK, Slavoj (org.). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

⁵⁵⁵ O Uruguai foi o campeão da primeira edição da Copa do Mundo, em 1930, superando a Argentina na final, realizada no estádio Centenário, em Montevideu; antes, porém, a Celeste já havia conquistado duas medalhas de ouro, nas Olimpíadas de 1924, em Paris, e 1928, em Amsterdã. O feito é digno de nota, acima de tudo porque os Jogos Olímpicos tinham grande peso no circuito internacional de competições na época, quando a FIFA ainda não assumira as rédeas dos certames entre equipes que representavam bandeiras nacionais. Em 1950, o Uruguai sagrou-se bicampeão da Copa do Mundo, batendo o Brasil em pleno Maracanã. Em 1958, 1962 e 1970, venceu o Brasil. (Com três conquistas em doze anos, o período ficou conhecido como a “Era de Ouro” da Seleção Brasileira, e cujo principal legado talvez tenha sido a invenção do futebol-artesão.) Em 1978, foi a vez da Argentina chegar ao topo do mundo do futebol pela primeira vez.

aventuras e infortúnios dos super-heróis das histórias em quadrinhos e dos deuses e heróis do panteão da mitologia greco-romana – como defende Christopher Knowles, que escreveu o livro “Nossos Deuses São Super-heróis: a História Secreta dos Super-heróis das Histórias em Quadrinhos” (Cultrix, 2004) –, um ensinamento em particular pode ser extraído de ambas: toda e qualquer dádiva recebida vem acompanhada de enorme exigência em relação à responsabilidade ética. “Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”, para citar a famosa frase proferida por Ben Parker, que vem a ser tio de ninguém mais, ninguém menos que Peter Parker, alter ego do espetacular Homem-Aranha.⁵⁵⁶ Segundo o jornalista britânico Dave Tickner, redator do portal esportivo “Football365”, é contra esse pano de fundo que se pode compreender explica a rejeição dos europeus a jogadores como Neymar. Nas palavras dele e também de Miquel Echarri, jornalista do periódico espanhol “El País”,

[...] o ódio a Neymar pode esconder uma antipatia enrustida de muitos torcedores europeus em relação à escola brasileira do chamado futebol-arte, um estilo hedonista e bonito de se ver: “Na Europa se entende, sobretudo em países como a Alemanha e o Reino Unido, que a técnica individual não é um fim em si mesma, e sim um meio para obter sucessos coletivos. Por isso, admiram-se e ao mesmo tempo desprezam os lampejos de habilidade que são considerados estéreis, gratuitos”. Daí que se elogie a forma como em geral Leo Messi é “concreto e pragmático”, um jogador que põe seu excepcional repertório técnico a serviço da única coisa que interessa: “Gols e títulos”.⁵⁵⁷

Não obstante, embora o próprio Tickner seja o primeiro a reconhecer que outros brasileiros, com estilos de jogo parecidos com o de Neymar, tenham contado com a condescendência dos europeus, ele sugere que o mesmo pode não ter acontecido com o jogador revelado nas categorias de base do Santos e com passagens pelo Barcelona, da Espanha, e pelo Paris Saint-Germain, da França, em razão da personalidade marcada pelo egoísmo narcisista e pela inclinação para o conflito. Em campo, isso se reflete em diferentes situações, tais como a recusa em deixar seus interesses e objetivos pessoais de lado em benefício do jogo coletivo; a sensação de ser alguém intocável, o que o leva a protestar com energia e veemência incomuns na maioria das vezes em que há algum tipo de contato físico; o fascínio com a própria imagem, algo evidente tanto em suas constantes quedas e simulações dentro dos gramados, quando então as partidas são interrompidas e as câmeras de televisão focalizam o craque contorcendo-os em dores (as sucessivas quedas do jogador nas partidas disputadas pela Seleção Brasileira durante a Copa do Mundo de

556 PORFIRIO, Anita. FRASE da semana: “Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades” – Stan Lee. Disponível em: <https://super.abril.com.br/coluna/superblog/frase-da-semana-8220-com-grandes-poderes-vem-grandes-responsabilidades-8221-8211-stan-lee/>. Acesso em: 17 abr.2025.

557 ECHARRI, Miquel. “Egoísta”, “exibicionista” ou “bom demais”: por que Neymar é um dos jogadores mais odiados do mundo? Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2021-05-05/egoista-exibicionista-ou-bom-demais-por-que-neymar-e-um-dos-jogadores-mais-odiados-do-mundo.html>. Acesso em: 16 abr. 2025.

2018 levantaram suspeitas na opinião pública, levando a imprensa a questionar se o jogador não estaria exagerando nas demonstrações de dores que se seguiam cada vez que sofria uma falta em campo. Um levantamento feito pela equipe de reportagem do jornal “O Globo” mostrou que Neymar passou quase 14 minutos no chão na Copa do Mundo de 2018, realizada na Rússia),⁵⁵⁸ como em suas aparições públicas em eventos recheados de celebridade. Mas, em que pese tudo isso, Tickner acredita que é o talento ímpar de Neymar o principal motivo pelo qual o jogador brasileiro é tão odiado (e invejado), especialmente pelos fãs europeus de futebol.

“[...] outros brasileiros virtuosos e com tendência à firula, como Ronaldo Nazário e Ronaldinho, foram aceitos com naturalidade e inclusive com aberta simpatia, talvez porque suas personalidades se encaixassem melhor no estereótipo do brasileiro cordial, extrovertido e afável, como Pelé, enquanto que em Neymar convivem o estilo de jogo brasileiro e um caráter bravateiro e briguento, que se diria mais próprio de argentinos e uruguaios”. Para Tickner, “os jogadores com recursos técnicos muito acima da média são vistos muito frequentemente com certa desconfiança: têm um dom que gera tanta admiração quanta inveja, e em função de como se comportem em campo, de como administrem esse dom, o pêndulo pode cair para um lado ou outro”.⁵⁵⁹

Na acepção mais corrente de “cordial”, a palavra é tomada como sinônimo de “gentil, cordato”. No entanto, Sérgio Buarque de Holanda empregava o adjetivo em um sentido mais particular, relacionado à origem etimológica do vocábulo. Com efeito, como já foi dito, o termo cordial vem do latim cor (“coração”), e o “homem cordial” é aquele que regula suas relações sociais de acordo com os mandamentos do próprio coração, lugar por excelência de paixões egoístas e caprichos cesaristas. Ao fazer menção ao brasileiro cordial, Tickner o considera equivalente à amável, cortês. Por essa razão, acaba por se precipitar ao excluir Neymar do amplo rol de brasileiros cordiais.

De qualquer perspectiva que se olhe, porém, Neymar parece ser a mais perfeita encarnação do homem cordial. E isso não apenas devido ao grande número de fãs e de seguidores que conseguiu granjear, mas porque ele parece realmente bastante “extrovertido e afável”, como atestam as notícias que vêm dos lugares por onde passou ao longo de sua trajetória, que levam a crer que o jogador é muito querido e estimado pelos colegas de profissão. “Ele sempre foi um cara muito carismático, um cara que todo mundo sempre gostou: clube, jogadores... Sempre se deu muito bem [com todos]”, disse Elano, ex-jogador do Santos e da Seleção Brasileira, que jogou com Neymar no

558 NEYMAR passou quase 14 minutos no chão nesta Copa do Mundo. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/esportes/neymar-passou-quase-14-minutos-no-chao-nesta-copa-do-mundo-22852186>. Acesso em: 23 abr. 2025.

559 ECHARRI, Miquel. “Egoísta”, “exibicionista” ou “bom demais”: por que Neymar é um dos jogadores mais odiados do mundo? Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2021-05-05/egoista-exibicionista-ou-bom-demais-por-que-neymar-e-um-dos-jogadores-mais-odiados-do-mundo.html>. Acesso em: 16 abr. 2025.

time da Vila Belmiro.⁵⁶⁰ Juntos, Elano e Neymar levantaram a taça de campeão da Copa Libertadores da América de 2011. O testemunho de Pedro Lopes, repórter do núcleo de reportagens especiais do “UOL” que se dedica à cobertura da família Neymar desde 2012, vai ao encontro ao que diz Elano sobre o comportamento de Neymar em relação às pessoas do seu entorno. “Nas entrevistas que fiz com ex-companheiros de Neymar, ele é sempre citado como um cara muito bacana e um menino talentoso, acima da média”.⁵⁶¹ Outra prova do quanto Neymar é estimado e bem-quisto pelas pessoas com as quais ele convive mais diretamente é o tamanho da comoção que a lesão que o deixou de fora da semifinal da Copa do Mundo de 2014 provocou em seus companheiros de equipe. Indo muito além das declarações públicas de apoio e solidariedade na imprensa e nas redes sociais, os demais integrantes do escrete canarinho homenagearam Neymar entrando em campo antes da partida contra a Alemanha com empunhando faixas e cartazes em alusão à sua situação; eles também carregaram a camisa 10 como se fosse uma espécie de estandarte.



FIGURA 18: Neymar vai ao chão depois de sofrer falta em partida contra o México na Copa do Mundo de 2018, na Rússia.⁵⁶²

⁵⁶⁰ O Projeto Neymar deu certo? In: Podcast “Neymar”. YouTube, 22 de abril de 2025. 44min15s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NI_8IuGWqw. Acesso em: 23 abr. 2025.

⁵⁶¹ Ibid.

⁵⁶² NEYMAR passou quase 14 minutos no chão nesta Copa do Mundo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/neymar-passou-quase-14-minutos-no-chao-nesta-copa-do-mundo-22852186>. Acesso em: 23 abr. 2025.



FIGURA 19: Com homenagem a Neymar, jogadores da Seleção Brasileira cantam o Hino Nacional. O jogador ficou de fora da partida por causa de uma contusão sofrida durante a partida contra a Colômbia, pelas quartas de final da Copa do Mundo de 2014.⁵⁶³

Mas esse não é, a meu ver, o maior erro de interpretação que Tickner comete no que tange à questão envolvendo Pelé, Neymar e a imagem do homem cordial; quanto a isso, o equívoco mais grave – aliás, muito comum quando o tópico em discussão é o homem cordial do qual falou Sérgio Buarque de Holanda – é supor que alegria em campo e disposição para o conflito são coisas distintas, ignorando o fato de que existe uma dimensão perversa na cordialidade brasileira. Na verdade, a violência é algo inseparável e inerente à noção de cordialidade. O próprio Pelé, citado por Tickner como melhor exemplo do “estereótipo do brasileiro cordial”, deu mostras de que poderia ser tão desleal e violento quanto qualquer uruguaio ou argentino – como ficou claro na cotovelada que desferiu em Dagoberto Fontes, em partida válida pela semifinal de Copa do Mundo de 1970, no México.⁵⁶⁴ O episódio é muitas vezes lembrado por jornalistas brasileiros como um lance decisivo para a arrancada da Seleção Verde-Amarela rumo ao tricampeonato (o Brasil já havia sido campeão do mundo em outras duas oportunidades, em 1958, na Suécia, e em 1962, no Chile). Esse sentimento geral da crônica esportiva em relação à agressão covarde do maior jogador da

⁵⁶³ NEYMAR abandonou o jogo da seleção após sétimo gol da Alemanha e foi jogar pôquer. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/neymar-abandonou-jogo-da-selecao-apos-setimo-gol-da-alemanha-foi-jogar-poquer-13206158>. Acesso em: 23 abr. 2025.

⁵⁶⁴ ZARKO, Raphael. 50 anos do tri: finta de Havelange golpeou mais Uruguai do que cotovelo de Pelé: "Deixou de doer". Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/50-anos-do-tri-finta-de-havelange-golpeou-mais-uruguai-do-que-cotovelo-de-pele-deixou-de-doer.ghml>. Acesso em: 17 abr. 2025.

história do futebol mundial pode ter suas origens na crítica mordaz e virulenta feita por Nelson Rodrigues à “passividade” dos jogadores da seleção brasileira na derrota para o Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950, no Maracanã. Na opinião dele, faltou “agressividade” ao Brasil, que não reagiu à altura às provocações de Obdulio Varela, capitão e principal estrela do escrete Celeste, e isso em um momento considerado por Nelson Rodrigues como capital para o desfecho da disputa.

O uruguaio Obdulio ganhou de nosso escrete no grito e no dedo na cara. Não me venham dizer que o escrete é apenas um time. Não. Se uma equipe entra em campo como nome do Brasil e tendo por fundo musical o hino pátrio — é como se fosse a pátria em calções e chuteiras, a dar botinadas e a receber botinadas. Pois bem. Depois da experiência bíblica de 50, passamos a rosnar, por todas as esquinas e por todos os botecos do continente, o seguinte juízo final sobre nós: — ‘O brasileiro é bom de bola, mas frouxo como homem’. É o que diziam, sim, de nós, com feroz sarcasmo, os craques da Argentina e os craques do Uruguai.⁵⁶⁵

De volta ao debate sobre o futebol-arte, cordialidade brasileira e Neymar, cumpre salientar outro traço de sua personalidade dentro e fora de campo que o aproxima ainda mais do tipo-ideal elaborado por Sérgio Buarque de Holanda, tornando-o uma autêntica encarnação da figura do homem cordial: é que para o jogador do Santos e da Seleção Brasileira, valores como família e afeto estão acima de qualquer coisa, prevalecendo, inclusive, sobre espírito de equipe e obrigações coletivas, por exemplo. Isso se manifesta de diferentes formas, entre as quais se pode mencionar a maneira como Neymar administra sua carreira, marcada por ingerências dele e de sua família nos clubes pelos quais atuou, sempre procurando operar nos bastidores a fim de garantir que sua vontade pessoal se sobreponha aos demais interesses em jogo. Em seu recente retorno ao clube da Vila Belmiro, o craque já deu sinais de sua influência junto à diretoria do Santos, tendo sido prontamente atendido em seu pedido pela contratação do amigo e jogador argentino Leandro Paredes. (Mas, apesar do *lobby* de Neymar, a proposta do Santos não foi aceita pela Roma, clube em que atua no momento.)⁵⁶⁶

Ainda com relação à gestão da carreira de Neymar, também não deve passar despercebidas a presença e a atuação de seu pai, empresário que decide os rumos tanto de sua vida pessoal quanto profissional com a mãos de ferro – um verdadeiro “pater famílias”. Pedro Lopes, que já teve acesso ao círculo íntimo da família Neymar, descreve o pai do jogador como alguém “obstinado”, disposto a qualquer coisa para impedir que a família retorne à situação anterior de pobreza. “Para mim, sempre foi muito claro que o seu Neymar é um cara que toma decisões em prol de si mesmo e de

565 MOTA, Urariano. Nelson Rodrigues e a Copa. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2014/06/10/nelson-rodrigues-e-a-copa/>. Acesso em: 17 abr. 2025.

566 NEYMAR pede, e Santos faz proposta a Paredes, ex-PSG e atualmente na Roma. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/mercado-da-bola/artigo/_/id/14723257/neymar-pede-santos-faz-proposta-paredes-ex-psg-atualmente-roma. Acesso em: 17 abr. 2025.

sua família a qualquer custo”, disse ele em depoimento para o primeiro episódio do podcast “Projeto Neymar”, uma produção do “UOL Prime”.⁵⁶⁷ Aqui, convenientemente, interesses pessoais e familiares misturam-se e confundem-se com os negócios públicos e as demandas coletivas – visando, sobretudo, à ampliação de seu patrimônio privado. Em sua passagem pelo Al-Hilal, da Arábia Saudita, que durou apenas 17 meses, Neymar esteve em campo 7 vezes, tendo anotado um único gol. No entanto, do ponto de vista financeiro, o acordo de Neymar com a equipe de Riad foi uma jogada de mestre que rendeu ao jogador algo em torno de 149,4 milhões de euros em luvas e salários.⁵⁶⁸ No retorno ao Brasil para jogar no Santos, clube que o revelou, Neymar foi poucas vezes visto em campo – o que contrasta com sua presença assídua em eventos festivos e espetáculos badalados. Diante de tudo isso, há quem duvide do amor de Neymar pelo futebol – particularmente os europeus, como assinala Tickner. O português Jorge Jesus, atualmente técnico do Al-Hilal, foi direto ao ponto quando abordou a paixão do jogador brasileiro pelo *beautiful game*: “Tem mais paixão pelas coisas que a vida privada oferece”, disse ele, em resposta às comparações de Neymar com Cristiano Ronaldo, que, no momento, veste a camisa de outro clube da Arábia Saudita, o Al-Nassr.⁵⁶⁹

Ao contrário do que pensa Tickner, parece pouco provável que os europeus não gostem de Neymar simplesmente porque ele não seja, aos olhos destes povos e culturas do hemisfério norte, tão cordial quanto outros jogadores brasileiros; de fato, Neymar é uma das mais perfeitas encarnações do homem cordial – e é exatamente por isso que os europeus (especialmente os ingleses) torcem o nariz para ele. No auge de sua carreira, quando dividia o estrelado com jogadores como o uruguaio Luís Suarez e o argentino Lionel Messi no Barcelona, a imprensa da Catalunha deu diversos apelidos generosos a Neymar: “Reimar”, “Aladim”, “Bruxo”.⁵⁷⁰ As alcunhas ora faziam alusão à majestade com que o jogador brasileiro desfilava com seu talento nos gramados da Europa (“Reimar”), ora faziam referência às suas habilidades quase mágicas com a bola nos pés.⁵⁷¹ Na época, esperava-se que em pouco tempo ele herdasse o trono de Messi, um dos maiores jogadores da história. “Chamo de Rei para brincar com o nome, pois assim ele será em pouco

567 O Projeto Neymar deu certo? In: Podcast “Neymar”. YouTube, 22 de abril de 2025. 44min15s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Nl_8IuGWqw. Acesso em: 23 abr. 2025.

568 NEYMAR ‘custou’ R\$ 4,1 milhões por minuto ao Al Hilal; veja mais valores. Disponível em: https://www.terra.com.br/esportes/craques/neymar/neymar-custou-r-41-milhoes-por-minuto-ao-al-hilal-veja-mais-valores,6f0091ea9011446d39f6226ef068fc6bdyyeciov.html?utm_source=clipboard. Acesso em: 17 abr. 2025.

569 JORGE Jesus diz que Neymar não gosta do futebol como Cristiano Ronaldo: 'Tem mais paixão pelas coisas que a vida privada oferece'. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/13098484/jorge-jesus-neymar-nao-gosta-futebol-como-cristiano-ronaldo-tem-mais-paixao-pelas-coisas-que-vida-privada-oferece. Acesso em: 17 abr. 2025.

570 MARQUES, João Henrique. Conheça a voz do Barça que apelida jogadores e chama Neymar de "Aladim". Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/liga-dos-campeoes/ultimas-noticias/2015/11/05/conheca-a-voz-do-barca-que-apelida-jogadores-e-chama-neymar-de-aladim.htm>. Acesso em: 18 jun. 2025.

571 Ibid.

tempo. Vai chegar o momento que o Messi vai perceber isso e jogar de maneira diferente, dar mais espaço para o Neymar no time”, justifica Alfredo Martinez, locutor que ganhou fama inventando epítetos engraçados e espirituosos para jogadores que passaram pelo time azul-grená.⁵⁷² “Aladim é um menino que consegue ascensão. O Neymar é isso. Ele joga com magia, truques. Também o chamo de bruxo, pois assim chamava o Ronaldinho aqui no Barcelona: o bruxo de Porto Alegre”, explica ele, em relação aos outros cognomes que criou para Neymar.⁵⁷³

Mas, de todas as denominações conhecidas, não se tem notícia de que o brasileiro já tenha sido descrito como um “jogador de videogame”. O fato é digno de nota, sobretudo porque outros fora de série do esporte como Messi e Cristiano Ronaldo já receberam elogios como esse. “Cristiano Ronaldo é um jogador de videogame”, disse Wendell Lira, vencedor do Prêmio Puskas de 2015, em entrevista ao jornal espanhol “Marca”. Ex-atleta de futebol que abandonou a carreira para se tornar jogador profissional de videogame, Lira explica o motivo pelo qual, para ele, o português é “o jogador perfeito”. “Sou muito fã de Cristiano [Ronaldo], tanto por seu profissionalismo como de sua pessoa, porque sempre demonstrou muita força e amor pela carreira. Não importa o que faça, ele sempre se dedica e é o maior exemplo de superação”.⁵⁷⁴ Diferentemente de Cristiano Ronaldo, Neymar está longe de parecer um atleta perfeito. Apesar de carreira profissional ter sido desde o início estruturada a partir da projeção de uma imagem de “ídolo perfeito”, o “Menino da Vila” rapidamente revelou-se um “santo do pau oco”. As brigas e desavenças dentro e fora de campo, a falta de dedicação nos treinos e nos jogos, a dificuldade em manter a forma física, as frequentes lesões, a tendência de tomar decisões tendo como prioridade o bem-estar de amigos e familiares, o apetite insaciável pelos prazeres da vida mundana – que contrasta com o franco desinteresse pela sorte de seus próprios companheiros de equipe e pelo futebol de modo geral – transformaram Neymar em um personagem tão ambíguo quanto costuma ser um monstro: por um lado, uma coisa gigantesca e colossal, admirável e venerável sob muitos aspectos; mas também uma figura cruel, implacável, perversa. Destinado à realeza (“Reimar”), abençoado com superpoderes mágicos e divinos (“Mago”, “Bruxo”), às vezes comparado com um espírito do ar, com uma espécie de gênio que sai da lâmpada para atender aos desejos dos amantes do esporte mais popular do mundo (“Aladim”), Neymar oscilava, no início de sua trajetória, em torno de Próspero e Ariel; hoje, quando ele parece mais à vontade entre os parceiros de pôquer do que no campo de futebol, onde não pisa com regularidade desde a Copa do Mundo de 2022 (segundo reportagem de Murillo César Alves

⁵⁷² Ibid.

⁵⁷³ Ibid.

⁵⁷⁴ “CRISTIANO Ronaldo é um jogador de videogame”, diz Wendell Lira. Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%Adcias/cristiano-ronaldo-e-um-jogador-de-videogame-diz-wendell-lira/o227upjpy4wp11jyvbzdtq2oo>. Acesso em: 23 abr. 2025.

para o portal “Terra”, Neymar disputou apenas 28 jogos desde a Copa do Catar; são mais de 634 dias fora dos gramados),⁵⁷⁵ colecionando polêmicas que vão da sonegação de impostos até casos extraconjugais, Neymar assume cada vez mais a forma de Caliban.

⁵⁷⁵ ALVES, Murillo César. Neymar disputou 28 jogos desde Copa do Catar, soma cinco lesões e 634 dias fora dos gramados. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/neymar-disputou-28-jogos-desde-copa-do-catar-soma-cinco-lesoes-e-634-dias-fora-dos-gramados,3d1f68a13d1c63b4805dde49da11997b5jy9w1dx.html>. Acesso em: 18 jun. 2025.

CONCLUSÃO: Ideologia e utopia na era da “gamificação” do esporte-espetáculo

O DNA do futebol brasileiro

Para Jonathan Wilson, que escreveu uma obra de referência sobre a história da tática,⁵⁷⁶ o jeito de jogar futebol diz alguma coisa sobre os valores da cultura dos países nos quais é praticado e assistido com mais paixão e entusiasmo. Isso porque, segundo ele, o esporte é uma espécie de “fato social total”. “O futebol talvez seja a única empreitada cultural universal, a única atividade pela qual o mundo todo se interessa e em que todos jogam pelas mesmas regras”,⁵⁷⁷ explica o jornalista britânico, que é autor de livros sobre o futebol argentino⁵⁷⁸ e o futebol do leste europeu,⁵⁷⁹ entre outros. “A maneira pela qual cada país aborda o esporte, portanto, diz algo sobre a nação, sobre como ela se vê e sobre os valores aos quais confere importância”, completa ele.⁵⁸⁰

Escritores como Eduardo Galeano e Albert Camus observaram que o esporte tem a capacidade de revelar a verdade do indivíduo. Podemos conversar e desenvolver hipóteses sobre certo e errado, sobre os limites da moralidade, mas é em campo, onde não há tempo para pensar, onde as ações são instintivas, que a realidade de nossas teorias é testada. Sob pressão, com o defensor se aproximando, nós nos jogamos ao chão? Pedimos escanteio mesmo que tenhamos sido os últimos a tocar na bola? Agarramos a camisa do atacante, pelas costas do juiz, quando ele está escapando da marcação? O exame que o futebol oferece, porém, não é apenas de moralidade; é sobre quem somos. Quando precisamos de um gol desesperadamente, continuamos trocando passes ou lançamos a bola na área e contamos com a sorte de um rebote? Temos fé em nossa habilidade ou nos deixamos atrair por algo mais primitivo? Confiamos em nossos colegas de time ou tentamos resolver o problema sozinhos? Aceitamos a responsabilidade ou nos escondemos?⁵⁸¹

No Brasil, parece haver uma verdadeira obsessão por jogar futebol de determinada forma. Esse apego exagerado a uma ideia particular de jogo é reforçado pela convicção de que o futebol barroco-mestiço se liga indissociavelmente ao caráter nacional do povo brasileiro – este último sendo considerado pelo senso comum como algo que, quando não completamente imutável, pelo menos improvável de ser modificado da noite para dia. O resultado dessa crença é que é praticamente impossível para o Brasil jogar de outra maneira. Essa forma de pensar e experimentar

⁵⁷⁶ WILSON, Jonathan. A pirâmide invertida: a história da tática no futebol. Campinas: Editora Grande Área, 2016.

⁵⁷⁷ WILSON, Jonathan. Jeito de jogar futebol diz algo sobre cada país, afirma jornalista inglês. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/07/jeito-de-jogar-futebol-diz-algo-sobre-cada-pais-afirma-jornalista-ingles.shtml>. Acesso em: 18 jun. 2025.

⁵⁷⁸ WILSON, Jonathan. Angels With Dirty Faces: The Footballing History of Argentina. Orion Publishing, 2016.

⁵⁷⁹ WILSON, Jonathan. Behind the Curtain: Travels in Eastern European Football. Orion Publishing, 2006.

⁵⁸⁰ WILSON, Jonathan. Jeito de jogar futebol diz algo sobre cada país, afirma jornalista inglês. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/07/jeito-de-jogar-futebol-diz-algo-sobre-cada-pais-afirma-jornalista-ingles.shtml>. Acesso em: 18 jun. 2025.

⁵⁸¹ Ibid.

a relação entre estilo de jogo e caráter nacional se revela, sobretudo, nas metáforas empregadas por diversos agentes e agências a fim de designar aquela entidade que acreditam ser a síntese da essência do futebol brasileiro: o futebol-arte.



FIGURA 20: À esquerda, Ronaldinho Gaúcho, em partida com a camisa do Atlético-MG; à direita, Roberto Firmino, defendendo as cores do Liverpool, da Inglaterra. Segundo publicação da “TNT Sports Brasil”, ambos representam a “essência” do “futebol-arte” brasileiro.⁵⁸²

“O futebol arte está no sangue dos brasileiros!”, manifestou-se efusivamente a TNT Sports Brasil em postagem em sua conta no Facebook, em 24 de fevereiro de 2018, referindo-se a Ronaldinho Gaúcho e Roberto Firmino, craques de diferentes gerações que parecem confirmar a existência de uma fonte inesgotável da matéria-prima da qual se alimenta a fábrica de talentos do futebol brasileiro.⁵⁸³ Admirador confesso do jeito tipicamente brasileiro de praticar o esporte, o

⁵⁸² RONALDINHO Gaúcho em 2013. Roberto Firmino hoje. O futebol ARTE está no SANGUE dos brasileiros! Facebook, 24 fev. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/TNTSportsBR/posts/ronaldinho-ga%C3%Bacho-em-2013-roberto-firmino-hoje-o-futebol-arte-est%C3%A1-no-sangue-dos/10159079216623504/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

⁵⁸³ Ibid.

português José Boto, que recentemente assumiu o cargo de diretor de futebol do Flamengo, disse em sua primeira entrevista coletiva à frente do posto ter como principal missão “retomar o DNA do futebol brasileiro”.⁵⁸⁴ Na opinião dele, o mau momento que atravessa o futebol nacional tem a ver com as tentativas frustradas de replicar aqui modelos de jogo importados de civilizações europeias, afastando-nos cada vez mais de nossas raízes. Como Vanderlei Luxemburgo, Boto responsabiliza o trabalho realizado nas categorias de base dos clubes brasileiros pelas dificuldades enfrentadas nos últimos anos. De acordo com ele,

No futebol profissional, a chegada de técnicos estrangeiros deu mais rigor tático ao jogo, mas replicar na base é um erro tremendo. Vocês são os maiores produtores de jogadores de todos os tempos. Romário, Ronaldinho, Zico, não parava aqui. Parece que querem fazer jogadores como na Europa. Isso é um erro. Há que voltar um pouco atrás ao que foram os reis e fundamentos do futebol brasileiro, dar essa liberdade aos jovens atletas de errarem, experimentarem, de não estarem agarrados em sistemas táticos. Depois vão ter tempo para isso. Isso muda a forma que se forma jogadores no Brasil. Vocês estavam bem, foram copiar a Europa e neste momento estão mal. Não produzem tanto talento quanto há 10, 30 anos. Isso é algo que teremos que mudar aqui. Vamos ter que continuar como faziam antes.⁵⁸⁵

Sem muito esforço, é possível ouvir as vozes da antiga linhagem do pensamento social brasileiro ressoando nas falas de diversos atores e agentes envolvidos no dia a dia do futebol nacional, muitas vezes tido como a expressão mais ou menos bem acabada do único projeto de civilização possível de ser levado a cabo em um país mestiço de clima temperado. Os indícios são abundantes: da habilidade inata para o drible e a finta transmitida pela combinação de fatores biológicos e socioculturais típica do processo de miscigenação ao ritmo lento e cadenciado de jogo como resposta às temperaturas mais quentes características de algumas regiões abaixo da linha do Equador, o futebol brasileiro apresenta-se como um terreno fértil para toda sorte de especulações feitas por aqueles que orbitam ao redor da tradição culturalista da sociologia nacional. De fato, a partir dessa chave de leitura, o peso da herança racial e cultural das sociedades da África negra, somando-se ao legado incontornável da colonização ibérica e ao efeito determinístico do calor e da umidade do meio ambiente sobre a mentalidade dos habitantes e nativos dos trópicos compõem o quadro de referências por meio do qual intelectuais e acadêmicos brasileiros e estrangeiros analisaram e interpretaram o sucesso e o malogro de diferentes times e seleções nacionais ao longo do tempo.

⁵⁸⁴ LIMA, Thiago. Boto, do Flamengo, cita DNA e faz diagnóstico do futebol brasileiro: "Foram copiar Europa e estão mal". Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2024/12/30/boto-quer-retomar-dna-do-futebol-brasileiro-no-flamengo-estavam-bem-foram-copiar-a-europa-e-estao-mal.ghtml>. Acesso em: 20 abr. 2025.

⁵⁸⁵ Ibid.

No que tange ao futebol, pode-se traçar a genealogia dessa tradição de pensamento nas sementes lançadas por Gilberto Freyre em artigo publicado no “Diário de Pernambuco” em 1938, durante a realização da Copa do Mundo da França. Sob impacto das belíssimas atuações da Seleção Brasileira – liderada pelo craque Leônidas da Silva, apelidado de “Diamante Negro” –, Gilberto Freyre escreveu “Foot-ball mulato”, no qual procurou delinear os contornos que definem a identidade do futebol brasileiro. Fiel às ideias que animaram suas obras anteriores, notadamente “Casa Grande & Senzala” (1933) e “Sobrados & Mucambos” (1936), e contrapondo-se às teorias racistas que predominavam no início do século XX, Gilberto Freyre louvou a mestiçagem como principal contribuição do selecionado nacional para o concerto das nações em campo. Seguindo o exemplo extraído da filosofia do alemão Friedrich Nietzsche, o sociólogo pernambuco estabeleceu as bases da distinção entre o futebol brasileiro e o futebol europeu a partir da dicotomia apolíneo/dionisíaco. Quem explica isso melhor é o historiador e professor do Instituto Federal Fluminense (IFF) Denaldo Alchorne de Souza, que também é autor do livro intitulado “O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)” (Annablume, 2008).

[...] O “futebol mulato” era uma expressão da formação social brasileira, “rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização, de geometrização, de estandarização”; a totalitarismos que fizessem desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. O mulatismo brasileiro se fazia marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembrava passos de danças e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dionisíaca. Dança que permitia “o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica”. Para Freyre, “o mulato brasileiro deseuropeizou o futebol dando-lhe curvas arredondadas e graças de dança”. E “foi precisamente o que sentiu o cronista europeu que chamou aos jogadores brasileiros de ‘bailarinos da bola’”.⁵⁸⁶

Quase dez anos depois, em 1945, Gilberto Freyre retoma o fio da meada. No livro “Sociologia”, publicado naquele mesmo ano, ele vai mais fundo em suas investigações acerca do “mulatismo brasileiro”, procurando matizar a interpretação dessa noção com base nas contribuições da antropóloga norte-americana Ruth Benedict. Em “Padrões de cultura” (1938), Gilberto Freyre parece ter encontrado o caminho para desenvolver o conceito de brasilidade, cuja definição foi então estabelecida por meio do contraste com as matrizes culturais europeias. Para melhor entender essa história, vale a pena citar mais um trecho do artigo de Denaldo Alchorne de Souza para o site “Ludopédio”, reproduzido pelo “Nexo”.

Em 1945, no livro “Sociologia”, Freyre formulou com mais precisão a sua interpretação do mulatismo brasileiro. Na seção “Sociologia psicológica e as teorias Gestalt de ‘situações

⁵⁸⁶ SOUZA, Denaldo Alchorne de. Como o futebol explica o Brasil, segundo Gilberto Freyre. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/externo/2018/07/21/como-o-futebol-explica-o-brasil-segundo-gilberto-freyre>. Acesso em: 20 abr. 2025.

vitais”, procurou desenvolver uma associação dos conceitos apresentados no artigo de 1938 com a obra “Patterns of Culture” (1935), da antropóloga norte-americana Ruth Benedict. A brasilidade ficou definida a partir da contraposição entre um padrão de cultura “apolínea”, formal, racional e ponderada, que seria própria dos europeus; de outro padrão considerado “dionisíaco”, individualista, emocional, impulsivo, típico da índole mulata.⁵⁸⁷

É desse manancial que o jornalista, escritor e cronista Mário Leite Rodrigues Filho se nutre para escrever sua mais conhecida e reverenciada obra, “O Negro no Futebol Brasileiro”, editado pela primeira vez no ano de 1947. Com prefácio do próprio Gilberto Freyre, o livro do autor que empresta seu nome ao estádio do Maracanã segue de perto os passos do mestre de Apipucos, juntando-se a ele na defesa da ideia mestra segundo a qual a contribuição da cultura afro-brasileira teria sido a principal responsável pela deseuropeização do futebol, dando-lhe formas e contornos tipicamente brasileiros. Em poucas palavras, esse é o mito fundador do chamado “estilo mulato afro-brasileiro”. O futebol mulato é a cara do Brasil, argumenta Mário Filho, pois não há nada mais tipicamente brasileiro que a mistura de raças e culturas, resultado do encontro entre negros africanos e brancos europeus. Para ele, bem como para Gilberto Freyre, brasilidade é praticamente sinônimo de mestiçagem.⁵⁸⁸

Por outro lado, como salienta Nathan Pereira Barbosa, professor e doutor em história pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), a celebração da mestiçagem não deixa de ser um tipo de racismo, embora escondido sob o véu da ideologia da “democracia racial”. Referindo-se ao conceito de futebol mulato, ponto nodal das reflexões de Gilberto Freyre e Mário Filho sobre esporte e identidade nacional, Nathan Pereira Barbosa chama a atenção para os aspectos mais preocupantes dessa abordagem. Mas onde está o problema? De acordo com ele, o problema está no uso da noção a-histórica de raça como matriz explicativa. Com efeito, o racismo subjacente à ideia de futebol mulato é mais evidente na premissa de que se pode falar em “contribuição do branco e do negro para a cultura futebolística da nação” – premissa que depende, necessariamente, da aceitação do “branco” e do “negro” como categorias estanques e separadas, ao invés de histórica e dialeticamente interrelacionadas.

“Cabe lembrar o caráter racista da formulação que, ao ressaltar a contribuição do branco e do negro para a cultura futebolística da nação, concebe os brasileiros negros mais inclinados à improvisação (irracionalidade) e os brancos europeus ou brasileiros de pele branca como naturalmente mais aptos para o método e o raciocínio (racionalidade).⁵⁸⁹

⁵⁸⁷ Ibid.

⁵⁸⁸ FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

⁵⁸⁹ BARBOSA, Nathan Pereira. Ginga: Algumas considerações sobre o conceito. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/ginga-algumas-consideracoes-sobre-o-conceito/?srsltid=AfmBOooeM-ConAmBiGHODbXiL7IvBOZSvKOD6EYTUBLsDJJgQvCI9zrn>. Acesso em: 18 jun. 2025.

Todavia, apesar de todas as críticas recebidas, as formulações de Gilberto Freyre e Mário Filho continuam exercendo grande atração, não se restringindo aos círculos acadêmicos, mas espalhando-se por toda a sociedade. Sua força ideológica pode ser medida pela forma como são assimiladas e difundidas por representantes de vários setores da realidade brasileira, independentemente do espectro político – de técnicos e jogadores a jornalistas e influenciadores digitais, passando por poetas e romancistas, artistas plásticos e dramaturgos, compositores e cantores. Em 2024, poucas horas depois da final da Eurocopa entre Espanha e Inglaterra, a “Folha de São Paulo” publicou em seu site artigo assinado pelo jornalista e escritor Juca Kfourir, no qual ele defende a tese de que a trajetória de sucesso dos times que chegaram à final do certame deve ser atribuída à miscigenação com o elemento estrangeiro não-branco, mais precisamente negro e imigrante. “Como vemos já há anos nas melhores seleções europeias, a negritude faz milagres no futebol pelo mundo”,⁵⁹⁰ argumenta ele, que cita também a evolução da França como prova disso. Outrora apontado como eixo constitutivo da formação da singularidade do futebol brasileiro, o “mulatismo” deixou de ser exclusividade do Brasil. “O traço que distinguia os reis brasileiros do futebol está cada vez mais distribuído pelo mundo afora. Ótimo!”,⁵⁹¹ comemora Kfourir, que emenda em seguida: “Deixou de ser exclusividade dos inventores do jogo bonito, de Didi, o Príncipe Etíope, do indígena Mané Garrincha, dos Ronaldos, Romário, Rivaldo, de Marta, de Pelé”.⁵⁹² A miscigenação na Europa pôs fim ao monopólio brasileiro sobre o futebol-arte. “A fantasia, o drible, a ginga, a dança está democratizada”, conclui Kfourir.⁵⁹³

Sangue, DNA, ginga, cintura mole, cintura dura... A ressonância simbólica dessas expressões é evidente: como consequência de nossa própria natureza, estamos, de certo modo, “condenados” a jogar de determinada maneira. O futebol-arte é uma marca indelevelmente associada à biologia, à história e à cultura do povo brasileiro. Nesse sentido, qualquer tentativa de fugir a esse destino só pode terminar em fracasso, quando não em tragédia. Se o futebol-arte, que antes era exclusividade da escola brasileira de futebol, vem se democratizando com o avanço do multiculturalismo e da globalização, distanciar-se desse estilo de jogo pode significar, para nós, algo ainda pior do que a derrota: a perda da identidade. “Se você perde o estilo, quando é derrotado não

⁵⁹⁰ KFOURI, Juca. Viva o futebol multicultural! Disponível em:

https://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfourir/2024/07/viva-o-futebol-multicultural.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa#comentarios. Acesso em: 21 abr. 2025.

⁵⁹¹ Ibid.

⁵⁹² Ibid.

⁵⁹³ Ibid.

sobra nada”, disse Domènec Torrent, ex-auxiliar de Guardiola entre 2008 e 2018, em entrevista ao jornal espanhol “El País”.⁵⁹⁴

Diego Souza, ex-jogador com passagens por Flamengo, Vasco, Grêmio e Palmeiras, entre outros, também lamenta as mudanças que vem ocorrendo em razão da influência da cultura europeia no futebol brasileiro, cujo principal reflexo é a centralidade das preocupações com questões disciplinares e táticas. Para ele, o futebol brasileiro teria se distanciado de suas raízes ao procurar transplantar para outro solo ideais e conceitos estrangeiros. “A gente não joga mais futebol, a gente marca o tempo todo. Tem que fazer linhas de quatro, centroavante tem que correr mais que volante. Volante tem que jogar mais que meia. Atacante marca zagueiro. Zagueiro tem que jogar com a bola no pé”.⁵⁹⁵ E foi quando tudo começou a ir ladeira abaixo. De acordo com Diego Souza, jogar como os europeus teria nos trouxe mais problemas do que soluções. E, diferentemente da opinião de Juca Kfoury, para o ex-jogador revelado nas categorias de base do Fluminense os europeus jamais conseguirão jogar como os brasileiros, assim como os brasileiros nunca terão sucesso se insistirem em copiar os europeus. “A gente era o melhor futebol no mundo quando colocava a bola no chão e jogava pra cima dos gregos, botava eles na roda. Hoje, temos que seguir táticas e linhas de quatro com outra linha de cinco. A tática mudou muito, mas a cintura dura quem tem é eles. A gente sempre teve a cintura mole”.⁵⁹⁶

Da “Moneyballização” à “gamificação”

Um dos grandes problemas ainda não totalmente solucionados por desenvolvedores e programadores é como ensinar computadores a jogar como seres humanos. A questão central é justamente a capacidade de improvisar e fazer coisas inusitadas. Talvez por causa disso, o xadrez foi o jogo escolhido pelos primeiros desbravadores desse campo da inteligência artificial e da criatividade computacional, uma vez que este é considerado ideal justamente pelo fato de que todas as informações estão disponíveis desde o início. Em suma: não há segredos no xadrez, de modo que para vencer os enxadristas precisam apenas de inteligência e destreza. Ao contrário, em outros tipos de jogos como o pôquer, os jogadores não podem contar somente com seus conhecimentos e habilidades para vencer, tendo que lidar com informações incompletas e com o acaso, o que

⁵⁹⁴ TORRES, Diego. Domènec Torrent, novo treinador do Flamengo: “Se você perde o estilo, quando é derrotado não sobra nada”. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-08-03/domenec-torrent-novo-treinador-do-flamengo-se-voce-perde-o-estilo-quando-e-derrotado-nao-sobra-nada.html>. Acesso em: 27 mai. 2025.

⁵⁹⁵ DIEGO Souza faz forte desabafo sobre o futebol brasileiro: “Éramos os melhores”. Disponível em: <https://portaldogremista.com.br/diego-souza-desabafo-futebol-brasileiro/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

⁵⁹⁶ Ibid.

demanda algo mais além do cálculo, como a intuição, o improviso e até mesmo a capacidade de ludibriar o adversário.

Acontece que uma partida de futebol é muito mais parecida com uma rodada de *blackjack* do que aquilo que se desenrola em um tabuleiro quadriculado. Isso porque a sorte é um fator muito mais preponderante para o desfecho das disputas pelos gramados do mundo afora do que é para o milenar jogo inventado na Ásia. Lesões inesperadas, uma mão na bola do zagueiro dentro de sua própria área ou um dia ruim do melhor jogador do time podem custar não apenas a derrota em uma partida, mas até mesmo o título de um campeonato. No entanto, nos videogames a aleatoriedade não é mais do que uma questão de probabilidade estatística. Embora sejam controlados por seres humanos, o comportamento dos avatares dos jogadores reais no espaço virtual do jogo de videogame é determinado por dados. Assim, em um contexto marcado pela previsibilidade e pelo controle, onde as informações se traduzem sem equívoco em ações que se passam na tela, não é surpreendente que nos *games* de futebol o aspecto mais “cerebral” do jogo acaba sendo mais acentuado do que outros. Nesse cenário, o trabalho de *scouting*, decisões sobre a escalação de jogadores e escolhas sobre o melhor esquema tático e a estratégia de jogo adequada fazem mais diferença do que a habilidade para realizar uma jogada individual. O *general manager* é, então, alçado ao posto de verdadeiro craque do jogo.

Paralelamente a isso, a “Moneyball-ização” (“Moneyball-ization”, no original em inglês) do futebol também ganhou força fora do ambiente virtual dos jogos eletrônicos. O neologismo é uma referência ao título de um dos livros de maior sucesso de Michael Lewis, no qual o autor conta a história de Billy Beane, *general manager* cuja trajetória vitoriosa no comando do time de baseball Oakland Athletics contribuiu para mudar definitivamente a forma como as pessoas enxergam o esporte nos Estados Unidos e no mundo.⁵⁹⁷ Depois de assumir a gestão do time da Califórnia, Beane associou-se à Paul dePodesta, um economista formado em Harvard. Com dePodesta como seu braço direito, Beane introduziu uma abordagem para administração de uma equipe de baseball totalmente nova na época, onde as decisões seriam tomadas com base na análise e na interpretação de dados estatísticos. Apesar da resistência inicial de alguns, que não acreditavam ser possível submeter a tratamento estatístico certos aspectos do jogo, os resultados fantásticos de Beane à frente de uma franquia que contava então com um orçamento irrisório acabaram por lhe dar razão. Logo todos os outros estavam tentando emular os métodos de Beane. E o futebol, é claro, não ficou imune à influência das ideias de Beane.

⁵⁹⁷ LEWIS, Michael. Moneyball: o homem que mudou o jogo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

De uma perspectiva mais ampla, a entrada triunfal em cena de um personagem como Beane pode ser interpretada como um sinal de que os ventos de mudança estavam soprando também na direção dos esportes. Poucos anos antes, a revolução tecnológica provocada pela evolução e difusão dos computadores, somada à hegemonia quase absoluta do neoliberalismo, imprimiu um novo sentido à administração sob a égide do capitalismo tardio, onde a instituição mais incensada é a empresa privada. Como consequência disso, consolidou-se uma visão de mundo segundo a qual o sucesso tanto nos negócios quanto na vida é o resultado de uma boa gestão dos recursos disponíveis. Agora, mais do que nunca, informação é sinônimo de vantagem competitiva. O gestor é o novo herói em um mundo hoje dominado pela ideologia do empresariamento.⁵⁹⁸

Com efeito, a experiência proporcionada pelos *games* parece corroborar a percepção hoje dominante de que nenhuma dimensão do jogo é mais importante para conseguir alcançar bons resultados esportivos do que aquela que diz respeito à questão de como gerir e administrar clubes e times de futebol. Mais do que assumir o papel dos jogadores em campo, os jogos eletrônicos nos convidam a incorporar a função de *managers* e técnicos, de onde vem boa parte do poder de atração e engajamento desse subgênero dos *games* de esporte. A sensação de estar no controle das ações que se desenrolam no espaço virtual do jogo e de ser o principal responsável pelo sucesso (ou pelo fracasso) da equipe exerce um genuíno fascínio nos *gameplayers*, que investem boa parte do seu tempo ponderando e escolhendo entre opções que vão da escalação da equipe a esquemas táticos, passando pelo posicionamento dos avatares dos atletas dentro das quatro linhas. E embora os avatares sejam cópias tão fidedignas quanto possível (levando-se em consideração os limites da tecnologia disponível, bem como aqueles impostos pela própria realidade) da aparência física e das principais características dos jogadores reais, em última instância eles não passam de um mero conjunto de dados, cujo comportamento é baseado em padrões e predeterminado por uma série de instruções digitadas por *game designers*.

Além do mais, a “datatificação” é, se é que podemos dizer assim, a “alma” dos jogos eletrônicos de futebol; ela é a expressão da “visão objetiva do futebol”, compartilhada pela maioria dos profissionais do mercado de bens e produtos relacionados ao futebol. A aplicação da matemática à análise do futebol, somada à crença na “neutralidade” e na “objetividade” dos dados estatísticos, estão na origem da “virtualização” do esporte-espetáculo. Programas de computador desenhados por meio de linhas de código de programação, os jogos de futebol em ambientes virtuais apoiam-se de modo análogo numa base numérica de dados estatísticos, de onde também provém grande parcela do seu poder de sedução. Sabe-se que hoje a preferência da maioria dos consumidores desse gênero de jogos

⁵⁹⁸ HARVEY, David. O neoliberalismo: história e implicações. Edições Loyola, 2008.

eletrônicos por esta ou aquela publicação disponível no mercado está diretamente relacionada com seu “realismo”. Contudo, aquilo que esses consumidores experimentam como sendo o que chamamos de “realidade” tem pouco ou nada a ver com o que acontece dentro das quatro linhas do campo de jogo, mas com os signos e as narrativas provenientes dos meios de comunicação de massa. Não obstante, os jogos de futebol em ambientes virtuais são considerados mais ou menos “realistas” não somente quando se mostram capazes de simular ou emular com alguma precisão e riqueza de detalhes uma partida de futebol tal como esta é transmitida pela televisão, principal via de acesso de milhões de pessoas em todo mundo às experiências proporcionadas pelo futebol espetáculo, mas também quando são capazes de “traduzir” em números as minúcias e as sutilezas que estabelecem e marcam as diferenças entre jogadores, bem como entre times de futebol.

É possível traduzir a genialidade de Lionel Messi em números? Seus chutes precisos valem uma nota maior do que os tiramaços de Lukas Podolski? Qual o risco de somar atributos positivos de um jogador mediano e transformá-lo em um craque mentiroso? No mundo inteiro, centenas de pessoas trabalham (assalariados ou não) para avaliar os jogadores de futebol de carne e osso a fim de tornar o mais realista possível games de futebol [...] 599

“Football Manager”, uma série de jogos de simulação de gestão de futebol desenvolvidos pela “Sports Interactive” e publicados pela empresa japonesa “Sega”, é considerada uma das mais realistas do mundo quando se fala em futebol em ambientes virtuais. “Essa semelhança com a realidade é, inclusive, um dos motivos para o jogo fazer tanto sucesso”, acredita Bruno Bonsanti, repórter do portal “Trivela”. “O ingrediente mágico é uma base de dados gigantesca, com informações coletadas por 1.300 olheiros ao redor do mundo sobre mais de 80.000 jogadores”. 600

O Pro Evolution Soccer conta com uma empresa especializada que fornece os dados sobre jogadores brasileiros. Já o Fifa Soccer, assim como o Football Manager, também usa colaboradores, ainda que o foco seja um pouco mais voltado para a aparência dos jogadores e dos uniformes, a exemplo da escolha de munhequeiras, novas tatuagens, o uso de camisas de mangas compridas em dias de jogos no frio ou debaixo de chuva. O Football Manager, por outro lado, é tão preciso nos aspectos técnicos dos atletas que vem sendo usado em softwares de análise de atletas para times reais de futebol. São mais de 250 mil atletas na base de dados. Vários profissionais, de técnicos a cartolas, assumem usar o game para

599 A VIDA de quem avalia jogadores de futebol para os games. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2016/02/1736906-a-vida-de-quem-avalia-jogadores-de-futebol-para-os-games.shtml>.

Acesso em 2 abr. 2017.

600 O FUTEBOL inglês se rendeu ao FM e vai usar a base de dados do jogo para contratar. Disponível em:

<http://m.trivela.uol.com.br/o-futebol-ingles-se-rendeu-ao-fm-e-vai-usar-base-de-dados-jogo-para-contratar/>. Acesso em:

2 abr. 2017.

Assim, em busca desse “realismo”, produtores e desenvolvedores de jogos de futebol em ambientes virtuais procuram incorporar uma série cada vez maior de dados estatísticos que condensam informações sobre características e qualidades individuais de jogadores e equipes. Isso obviamente tornou mais fácil fazer comparações, desde que houvesse certo consenso em torno dos padrões e das medidas adotadas. “Acredito que todos os jogos usam mais ou menos os mesmos critérios de avaliação, já que todos procuram reproduzir a mesma coisa, embora alguns jogos possam ser mais ou menos conservadores na hora de decidir os atributos”, disse Paulo Freitas, pesquisador-chefe do “Football Manager” no Brasil. Pior para times nacionais e profissionais que jogam no Brasil, que na maioria das vezes se encontram em grande desvantagem quando comparados com aqueles que fazem parte de ligas e de campeonatos considerados mais fortes, como a “Premier League”, da Inglaterra, e a “Bundesliga”, da Alemanha. Isso pode ser facilmente percebido quando nos debruçamos sobre os critérios de avaliação que são utilizados para atribuir valores numéricos às características de clubes e jogadores, constituindo, assim, uma ampla base de dados para comparação entre os mesmos.

Curiosamente, chamam-se de “ratings” os valores atribuídos às qualidades de times e jogadores, termo tomado emprestado das finanças. “São as notas dadas pelos produtores do jogo às qualidades dos jogadores nos quesitos velocidade, chute, passe, drible, defesa e físico”, explica o jornalista Daniel Lisboa em matéria para o site “UOL Esportes”.⁶⁰² Os “ratings” influenciam diretamente no desempenho de jogadores e times em partidas e campeonatos disputados virtualmente. “Dependendo do desempenho do atleta ‘real’ dentro de campo”, diz Lisboa, as notas ou valores para cada atributo ou quesito “mudam para muitos deles a cada semana, o que faz do ‘rating’ algo importante”.⁶⁰³ Com efeito, os atributos técnicos são os grandes responsáveis por determinar a qualidade dos jogadores. Ao todo, são seis atributos técnicos dos jogadores, e cada um deles recebe uma nota ou avaliação correspondente no jogo “FIFA”. São eles: velocidade ou ritmo de jogo (PAC); drible (DRI); chute ou remate (SHO); passe ou assistência (PAS); defesa (DEF); força ou preparo físico (PHY).

601 A VIDA de quem avalia jogadores de futebol para os games. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2016/02/1736906-a-vida-de-quem-avalia-jogadores-de-futebol-para-os-games.shtml>. Acesso em 2 abr. 2017.

602 QUEM define os "ratings" do Fifa? Game tem 3000 "olheiros". Disponível em:

<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2015/07/28/quem-define-os-ratings-dos-jogadores-do-fifa-game-tem-3000-olheiros.htm#fotoNav=8>. Acesso em: 2 abr. 2017.

603 Ibid.



FIGURA 21: Riyad Mahrez, Jamie Vardy e N'Golo Kanté aparecem em evento promovido pela Eletronica Arts Sports, empresa responsável pelo desenvolvimento do jogo “FIFA”. Na ocasião, a EA Sports anunciou uma série de mudanças nos “ratings” do décimo sexto jogo da série “FIFA”, e os três jogadores do Leicester City comemoraram sua evolução no game em relação às edições anteriores.⁶⁰⁴



FIGURA 22: Comparação entre os “ratings” de Vardy nos jogos “FIFA 16” e “FIFA 17”.

Ademais, é muito importante que avaliações e notas atribuídas sejam plausíveis. “A questão da autenticidade pesa”, diz o produtor do jogo “FIFA 16”, Gilliard Lopes. Assim, muito provavelmente com a intenção de convencer jogadores de que os desenvolvedores do jogo responsáveis pela produção e atualização dos “ratings” procuram “ser o mais fiel possível ao mundo do futebol”, Gilliard Lopes revelou ao canal de notícias “UOL Esportes”

[...] que a EA Sports, que desenvolve a franquia do game, conta com cerca de 3000 olheiros espalhados pelo mundo. São eles os responsáveis por assistir as partidas de determinados times e repassar informações ao centro de coleta de dados da empresa em Colônia, na Alemanha.⁶⁰⁵

⁶⁰⁴ VARDY comemora evolução no Fifa do melhor jeito: com uma cabeçada no cartão antigo. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/vardy-comemora-evolucao-no-fifa-do-melhor-jeito-com-uma-cabecada-no-cartao-antigo/>. Acesso em: 2 abr. 2017.

⁶⁰⁵ QUEM define os "ratings" do Fifa? Game tem 3000 "olheiros". Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2015/07/28/quem-define-os-ratings-dos-jogadores-do-fifa-game-tem-3000-olheiros.htm#fotoNav=8>. Acesso em: 2 abr. 2017.

No entanto, como inevitavelmente acontece quando se trata de “quantificar” algo que não pode ser adequadamente traduzido em números, a contabilidade por trás dos “ratings” revela-se no fim das contas uma matemática difícil, como é forçado a reconhecer o próprio Gilliard.

Você precisa manjar tanto de futebol quanto do game. E isso é difícil", diz Gilliard. "Normalmente, começamos pedindo para a pessoa observar um ou dois jogadores por umas cinco partidas", explica o produtor. "Não é simples, porque, além dos atributos técnicos mais evidentes, o olheiro precisa estar atento a algumas qualidades que são mais difíceis de avaliar, por exemplo a visão de jogo do atleta", diz Gilliard. "Sem contar os atributos mentais, como o quão agressivo é o jogador, que também contam para nós".⁶⁰⁶

Assim, a despeito dos esforços de “olheiros”, desenvolvedores e demais colaboradores, em última análise pode-se concluir que existe inevitavelmente uma boa dose de juízos de valor ao longo de todo processo de construção dos “ratings”. De todo modo, em entrevista a IGN Brasil às vésperas do lançamento do jogo “FIFA 16”, Gilliard disse que os desenvolvedores não atribuem notas para as equipes de futebol, mas apenas para os jogadores.

Para deixar claro: nós não damos notas para os times, mas sim para os jogadores. Dito isso, acredito que a média dos jogadores brasileiros está por volta do rating 75, talvez um pouco mais. O nosso trabalho é ter uma simulação do futebol real, e o futebol brasileiro tem sim, hoje, alguns craques que rivalizam com atletas que jogam em outros países. São jogadores que você vai querer contratar para o seu time no modo Carreira. A média dos jogadores brasileiros é para o 70 e muito.⁶⁰⁷

No entanto, o próprio Gilliard parece admitir que o tamanho e o peso dos times e campeonatos de futebol têm influência determinante sobre as notas atribuídas aos jogadores. “O que eu sei dizer é que nenhum jogador dos times brasileiros entraria na lista dos 50 melhores jogadores do FIFA 16. O Campeonato Brasileiro está muito interessante de assistir, mas acho que nenhum jogador dele poderia entrar nesse top 50”.⁶⁰⁸ Outra evidência relevante de que os “ratings” são, afinal, uma construção que não foge ao peso do mercado mundial da bola, aos apelos de campanhas publicitárias e à influência de outros meios de comunicação e de entretenimento de massas é o fato de que é que Ronaldinho Gaúcho é o melhor jogador brasileiro do jogo “FIFA 16”. Vale lembrar que até a data da entrevista do produtor do jogo concedida ao IGN Brasil, publicada em 11 de setembro de 2015, Ronaldinho Gaúcho estava sem clube após reincidentir contrato com o Fluminense. Segundo

⁶⁰⁶ Ibid.

⁶⁰⁷ FIFA 16: Depois de atualização, times brasileiros não terão jogadores genéricos, diz produtor. Disponível em: <http://br.ign.com/fifa-16/7978/news/fifa-16-depois-de-atualizacao-times-brasileiros-na>. Acesso em: 3 abr. 2017.

⁶⁰⁸ Ibid.

informou o jornal “Lance!”, “dentro das quatro linhas [Ronaldinho Gaúcho] não chegou nem perto daquilo que já mostrou em outros clubes. E este foi o principal motivo para o jogador optar pelo fim desta curta passagem pelas Laranjeiras”.⁶⁰⁹ O jogador ficou nas Laranjeiras por pouco mais de dois meses, participou de apenas nove partidas (sete pelo Campeonato Brasileiro e duas pela Copa do Brasil) e não fez nenhum gol. Neste curto período de tempo, ele não conseguiu adquirir boa forma física, teve atuações abaixo das críticas, e chegou a ouvir vaias dos torcedores do Fluminense. Ele havia chegado ao clube das Laranjeiras, Rio de Janeiro, depois de desvincular-se do clube Atlético MG. No último ano defendendo a camisa alvinegra do clube de Belo Horizonte, em 2014, Ronaldinho Gaúcho jogou dezoito vezes, marcando apenas dois gols.⁶¹⁰

Monumento de cultura, documento de barbárie

Levando em consideração tudo o que foi dito até aqui, não é difícil chegar à conclusão de que a crescente influência dos jogos eletrônicos sobre a forma como o futebol-espetáculo é apreendida e vivenciada pelo público em geral joga água no moinho da europeização do futebol brasileiro. Ora, na medida em que o processo de gamificação do esporte-espetáculo caminha *pari pasu* com a “datatificação”, um dos seus efeitos colaterais é sedimentação do sentimento de que o controle e ao planejamento das ações que se desenrolam no campo de jogo são fatores mais importantes e determinantes do que outros – impressão esta que vai ao encontro dos valores e pressupostos fundamentais da escola europeia de futebol, onde a tática ocupa um lugar central. Já o “futebol-arte”, uma ficção simbólica construída em torno da valorização de características como a capacidade de encontrar soluções inesperadas, a imprevisibilidade, a criatividade individual, parece não se ajustar muito bem à instrumentalização da beleza, à austeridade das linhas retas, ao objetivismo cientificista e à racionalidade abstrata, universalista e impessoal. Assim, o “futebol-arte” pode ser entendido como mais uma expressiva manifestação cultural da profunda influência do barroco na sociedade brasileira, cujo sinal mais facilmente reconhecível talvez seja o drible que não tem uma função clara dentro do jogo, seja para criar uma oportunidade de ataque, defender, ou apenas para ganhar tempo; é o símbolo da vitória da curva sobre a linha reta.

Um dos expoentes mais significativos do esporte no velho continente, o ex-jogador e ex-treinador holandês Johan Cruyff tornou-se a principal referência de futebol bem jogado entre os

609 RONALDINHO Gaúcho propôs rescisão ao Fluminense. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/lance/ronaldinho-gauchos-propos-rescisao-ao-fluminense,2d4055b8fa0592e9995b17899ad898bai23kby4g.html>. Acesso em: 3 abr. 2017.

610 NÚMEROS da carreira de Ronaldinho Gaúcho. Disponível em: http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/atletico-mg/2014/07/28/noticia_atletico_mg,289638/numeros-da-carreira-de-ronaldinho-gauchos.shtml. Acesso em: 3 abr. 2017.

européus, tendo influenciado profissionais do calibre de Pep Guardiola e Arne Slot. Marcelo de Paulos, publicitário com experiência no negócio de esporte no Brasil, resume muito bem a abordagem de Cruyff: “Herdeiro de um povo que tem aversão ao não essencial e à ostentação, Cruyff defendeu um olhar bem holandês para a beleza no futebol, da qual foi sempre devoto: ‘A jogada mais simples é também a mais bela’”,⁶¹¹ escreveu ele em artigo para a edição da revista “Piauí” de abril de 2016, lançada menos de um mês depois da morte do craque, em 24 de março daquele ano, que acrescenta: “Mas defendia que a beleza não devia ser um fim em si mesmo. Afirmava nunca ter feito malabarismos com a bola em intervalos nos treinos. Segundo Cruyff, ‘qualidade sem resultados não tem sentido; resultados sem qualidade não têm graça’”.⁶¹² Nada poderia ser mais antibarroco do que isso.

Mas como bem disse Walter Benjamin: “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie toda grande arte traz a assinatura da barbárie”.⁶¹³ Nesse sentido, vale a pena recordar as declarações de Thierry Henry, ex-atacante do Arsenal e da seleção francesa. Às vésperas do confronto entre Brasil e França pelas quartas de final da Copa do Mundo de 2006, Henry foi perguntado em coletiva de imprensa sobre o desafio de enfrentar um adversário como a seleção verde-amarela, cinco vezes campeã do mundo, mas reconhecida sobretudo pelo bom futebol. Em um perfeito exemplo de comunicação bem-sucedida (de acordo com a definição de Jacques Lacan, uma comunicação bem-sucedida ocorre quando alguém recebe de volta sua própria mensagem de forma invertida),⁶¹⁴ o ex-atacante francês, que intencionava fazer elogios à equipe que encararia dali a poucos dias, acabou cometendo um ato falho.

"É um time com uma identidade, que joga bola o tempo todo. Se eles ganham de 3 a 0 sem jogar bem, é uma catástrofe para o país. Existe uma identidade, como na Argentina, que não existe entre nós. Eles jogam na praia, na rua, até na estrada eles param para jogar... Eles nascem jogando futebol. Quando eu era pequeno, ia à escola das 8h às 17h, e minha mãe não me deixava descer para jogar. Eles jogam das 8h às 18h! Então, a técnica acaba vindo por isso" [...].⁶¹⁵

Os comentários de Henry causaram mal-estar em alguns jogadores brasileiros. Juninho Pernambucano, que então jogava no Lyon, da França, parecia o mais incomodado. "Ele mexeu em questões políticas. A criança brasileira sofre muito. Em 70% ou 80% dos casos, a criança não tem

611 DE PAULOS, Marcelo. O craque do futebol total. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-craque-do-futebol-total/>. Acesso em: 27 mai. 2025.

612 Ibid.

613 XAVIER, Edson. Monumentos da barbárie. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2020/06/30/monumentos-da-barbarie/>. Acesso em: 27 mai. 2025.

614 ZIZEK, Slavoj. Um curto-circuito ideológico. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3110200408.htm>. Acesso em: 27 mai. 2025.

615 VICTOR, Fábio. "Eles jogam das 8h às 18h", diz Henry. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk3006200622.htm>. Acesso em: 27 mai. 2025.

condição de ir à escola",⁶¹⁶ disse o ex-meio de campo do Sport e do Vasco, que cresceu em uma família de classe média. Porém, outros companheiros de time de Juninho Pernambucano deram razão ao craque francês.

O capitão Cafu, que cresceu no Jardim Irene, bairro pobre de São Paulo, analisou de outra maneira a afirmação do francês. Disse que Henry está "certo". "Eu ouvi muito bem o que ele disse. Muitas crianças largam realmente a escola e ficam jogando futebol. Precisamos de uma atuação melhor dos governantes para que isso não aconteça", afirmou o capitão. O atacante Fred, companheiro de clube de Juninho, também avalizou as palavras do atacante do Arsenal. "Ele não falou nada demais, isso acontece de verdade. Desde pequeno você sempre tem um campo de várzea e a criançada jogando. E nem sempre dão a mesma atenção ao estudo", afirmou.⁶¹⁷

Como se sabe, de acordo com a teoria psicanalítica formulada por Sigmund Freud e revisitada por Jacques Lacan, os atos falhos são meios pelos quais são expressas nossas verdades mais profundas e inconscientes. Há também outras maneiras pelas quais uma verdade inconsciente pode se manifestar, tais como os sintomas, os sonhos, os chistes e as lembranças encobridoras.⁶¹⁸ Lacan aponta, ainda, a negação. "Negação também é uma forma de admitir alguma coisa", disse o psicanalista francês. É o que explica, em boa parte, as reações de contrariedade às declarações de Henry, especialmente as de Juninho Pernambucano.⁶¹⁹

De todo modo, a verdade é que o futebol barroco-mestiço tem em sua origem em uma história de violência. À luz desse fato, as declarações de Vanderlei Luxemburgo em defesa de um jeito de jogar futebol mais empírico e intuitivo – centrado no talento individual, na criatividade e na capacidade de improvisação dos jogadores brasileiros – contra a predominância da tática – característica principal do futebol europeu que, segundo ele, iria de encontro à nossa "essência" – desempenham um inegável papel de mistificação ideológica, uma vez que cumprem a função de naturalizar as mazelas sociais que perpetuam as barreiras que impedem que os brasileiros joguem com a cabeça, e não apenas com o coração.

Sem ceder à tentação de se valer de argumentos "essencialistas" na tentativa de livrar-se dos problemas ou de falsificá-los, o jornalista Lúcio de Castro, da "Agência Sportlight", aponta o que, para ele, é o principal entrave para o êxito de uma abordagem mais racional do futebol no Brasil (que, diga-se de passagem, não tem nada a ver com a nossa "essência"): "A gente tem um problema muito sério poque quando esses caras formulam novas ideias o que está em jogo ali é a

616 FRASE de Henry irrita a seleção. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0107200619.htm>. Acesso em: 27 mai. 2025.

617 Ibid.

618 D'AGORD, Marta. (2002). O inconsciente na sala de aula. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 5(1), 155–174. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982002000100011>.

619 FRASE de Henry irrita a seleção. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0107200619.htm>. Acesso em: 27 mai. 2025.

educação que esses caras tiveram, a formação escolar”, disse ele em entrevista ao podcast “boppismo”.⁶²⁰ Para Lúcio de Castro, portanto, a desigualdade de acesso à educação de qualidade é o grande gargalo: “Os nossos técnicos são, em geral, ex-jogadores de camadas mais baixas que são frutos dessa educação”.⁶²¹

O potencial crítico da “gamificação”

Se, atualmente, devido à influência dos europeus, predomina a visão de que o futebol é um jogo que se joga com o cérebro (para fazer referência, mais uma vez, à famosa frase de Cruyff),⁶²² tem-se, então, que é preciso de técnicos e jogadores razoavelmente bem instruídos e inteligentes para fazer com que as coisas funcionem. Em um cenário como esse, na condição de um dos mais importantes vetores da europeização do futebol, os jogos eletrônicos eventualmente colaboram para a promoção da “desaturatização” do futebol-arte, desnudando sua dimensão ideológica na medida em que escancaram o quanto de atraso existe por trás da “imagem habilidosa e alegre de nosso futebol”.⁶²³

A “geração Playstation” assume, então, uma posição de protagonismo diante das transformações que vem sofrendo o futebol brasileiro. Sob a influência dos jogos eletrônicos, gerações de jovens estão apreendendo a ver o jogo de uma outra maneira, mais racional e menos emocional e intuitiva. O jornalista esportivo Bruno Formiga, mencionando o papel dos videogames nas mudanças em curso, chama a atenção para o impacto dessas mídias nos debates sobre o futebol, onde as questões táticas ganham cada vez mais importância. “Não se engane: essas plataformas simulam o jogo muito melhor do que o que você imagina. E a Geração PlayStation acaba tendo um conhecimento tático maior que muito marmanjo”, escreveu ele em artigo para o site da “TNT Sports”.⁶²⁴ “O jogo virtual mostra os caminhos, as movimentações, as funções, as variações. Uma forma interativa e dinâmica de tratar o futebol. E sim. Isso vai gerando entendimento, percepções. Vai gerando conhecimento”, conclui.

620 BOPP, Lucca. Lúcio de Castro dá aula sobre a educação dos técnicos brasileiros. YouTube, 16 fev. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5AfBtcbf4yk>. Acesso em: 27 mai. 2025.

621 Ibid.

622 FILOSOFIA Cruyff: as frases do ídolo holandês sobre o mundo do futebol. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2016/03/filosofia-cruyff-frases-do-idolo-holandes-sobre-o-mundo-do-futebol.html>. Acesso em: 27 mai. 2025.

623 RAMOS, Nuno. Depois do 4 x 0. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/depois-do-4-x-0/>. Acesso em: 27 mai. 2025.

624 FORMIGA, Bruno. Como a 'Geração PlayStation' mudou o consumo de futebol no Brasil. Disponível em: <https://tntsports.com.br/blogs/Como-a-Geracao-PlayStation-mudou-o-consumo-de-futebol-no-Brasil-20200608-0033.html>. Acesso em: 28 mai. 2025.

No espelho do ciberespaço, o futebol é representado, sobretudo, como um jogo cerebral, reforçando a percepção que os europeus têm desse esporte. O futebol visto pelas lentes dos videogames é, portanto, mais europeu do que brasileiro. E, para a surpresa de alguns, ele não é apenas eficaz, mas igualmente bonito – não pelo excesso de curvas e pela profusão de floreios e ornamentações, características da arte barroca no Brasil, mas como um quadro do holandês Piet Mondrian, conterrâneo de Cruyff. Ou como uma pintura do artista francês Henri Matisse, cujo estilo já foi comparado com o de um dos maiores jogadores europeus de todos os tempos: Zinedine Zidane, campeão do mundo pela seleção francesa em 1998, quando bateu o Brasil por 3 x 0 na final. (Zidane, aliás, anotou dois gols nessa partida) Quem o fez foi o francês Jacques Drillon, musicólogo, escritor e jornalista. Para Drillon, o que faz a beleza do futebol de Zidane é justamente o fato de ele ser “econômico”, diferentemente do que fazem os “malabaristas” e “acrobatas” do futebol-arte.

Drillon interroga-se sobre o que faz a beleza do futebol de Zidane. Por que seus lances são belos? Uma das respostas cruciais é a seguinte: "Porque Zidane é econômico; porque trabalha numa superfície muito reduzida; porque seu gesto é raro. Como Matisse [1869-1954]? Sim, é aquele que desenha um traço perfeito.

Nunca exagera, fica no limite da negligência. Sua maneira de passar a bola com o exterior do pé: uma batidinha desenvolta.

Um passe, para ele, é um gesto pleno, a tal ponto que se torna um código, um signo, como as bocas de Matisse, precisamente, todas desenhadas da mesma maneira. Não é mais um passe, é o passe. Ele não nos oferece suas "pequenas firulas", como diz seu amigo Malek: alusão a seus truques hábeis, realizados com uma destreza miraculosa, mas sem interesse; na verdade, ele desenha traços sinuosos em torno da assinatura desse objeto esférico, mas elástico, chamado bola. (...) Ser Zidane, ou nada. Único dançarino em meio a malabaristas, acrobatas e brutos".⁶²⁵

Não por acaso, o escritor e jornalista esportivo Paulo Vinícios Coelho caiu nas graças dos primeiros membros da geração Playstation. PVC, como é popularmente conhecido, notabilizou-se pelo trabalho pioneiro que contribuiu para mudar significativamente “a forma de analisar o esporte”.⁶²⁶ Tanto para ele quanto para alguns dos seus admiradores, “os fatos valem mais do que a exaltação dos afetos”.⁶²⁷ Sobre essa maneira de interpretar o futebol, vale a pena citar outros trechos da reportagem sobre ele assinada por João Moreira Salles, publicada na revista “Piauí”.

PVC tem fê cega na informação. Talvez seja dos poucos comentaristas esportivos, se não o único, a nunca ter sido influenciado pelos grandes estilistas da crônica esportiva nacional. A elegância de Paulo Mendes Campos, o perfume da prosa de Armando Nogueira, a oralidade

⁶²⁵ COLE, Jorge. A cólera de Aquiles. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2307200602.htm>. Acesso em: 28 mai. 2025.

⁶²⁶ SALLES, João Moreira. A alegria são 61 telefonemas. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-alegria-sao-61-telefonemas/>. Acesso em: 28 mai. 2025.

⁶²⁷ Ibid.

de João Saldanha, o sopro épico de Nelson Rodrigues, nada disso deixou marca. Com a possível exceção de Saldanha, esses homens são mais escritores do que cães farejadores. “Eu gosto do ‘romance’ do futebol, mas não é informação. Nelson Rodrigues escreve sobre as 120 mil almas do Monumental de Nuñez no dia do Brasil x Argentina. É bonito, só que não havia 120 mil almas, porque no Monumental nunca houve espaço para 120 mil almas.” PVC sustenta que, com a televisão, a epopéia chegou ao fim. “Aquele grande jogador cujas jogadas geniais você só conhecia pelas descrições e não pelo olho, isso acabou.” Numa crônica para o *Lance*, escreveu: “Os ídolos eram exaltados em suas qualidades, porque os defeitos não estavam escancarados todos os dias. Não há deus que resista à superexposição da sua condição humana”. É como se os grandes jogadores do passado fossem essencialmente atores de teatro, e os novos, astros do cinema. Quem ia ao espetáculo teatral via algo fugaz, que desaparecia, e a beleza estava aí, pois permitia a fabulação. Com o ator de cinema, isso acaba. A jogada fica registrada para sempre e eventualmente não resistirá ao teste da realidade. O grande Rivaldo, com sua fala difícil, sua falta de carisma, morreu pelo cinema. “Na época do Nelson Rodrigues, ele seria um mito”, observa PVC.⁶²⁸

Eles são reveladores de uma tendência que, desde então, vem ganhando cada vez mais força, à testa do processo de racionalização e de desencantamento do mundo impulsionado, entre outras coisas, pelas tecnologias de informação e comunicação de massa (embora inegavelmente eles sejam responsáveis por outras formas de mistificação): a maior parte dos atores envolvidos com o futebol tem sido estimulada a se relacionar com o futebol de um jeito mais lógico e inteligente. Bruno Formiga concorda: “a tal Geração PlayStation exige mais e melhor das transmissões e dos programas esportivos”.⁶²⁹ Isso porque, segundo ele, “é fato que essa geração quer ouvir e falar do jogo de uma outra forma. Com mais profundidade, com mais números, mais análise”.⁶³⁰ Como prova a chegada da geração Playstation à roda de debates sobre o futebol, Steven Johnson tinha razão quando afirmou que os games e a televisão nos tornam mais inteligentes.

[...] na mídia, a cultura popular ficou mais complexa e intelectualmente estimulante ao longo dos últimos trinta anos. Enquanto a maior parte dos críticos vê emburrecimento e uma corrida para o fundo do poço – “uma sociedade cada vez mais infantilizada”, nas palavras de George Will –, eu vejo uma história de progresso: uma cultura de massa mais e mais sofisticada, que a cada ano exige maior empenho cognitivo. Pense nisso como uma espécie de lavagem cerebral positiva: de maneira constante, mas quase imperceptível, a mídia popular deixa nossas mentes mais afiadas, à medida que nos encharcamos de entretenimento geralmente considerado banalidade inculta.⁶³¹

O fascínio e a paixão pelos jogos eletrônicos de futebol alimentam-se da “geometrização da vida” e da “racionalização da experiência”, além da “privatização ou segmentação” da

628 Ibid.

629 FORMIGA, Bruno. Como a 'Geração PlayStation' mudou o consumo de futebol no Brasil. Disponível em: <https://tntsports.com.br/blogs/Como-a-Geracao-PlayStation-mudou-o-consumo-de-futebol-no-Brasil-20200608-0033.html>. Acesso em: 28 mai. 2025.

630 Ibid.

631 JOHNSON, Steven. Tudo que é ruim é bom para você: como os games e a TV nos tornam mais inteligentes. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 9.

realidade.⁶³² Nesse sentido, estão em sintonia com o espírito de nossa época (*Zeitgeist*). Ao mesmo tempo, no entanto, na proporção em que ajudam a promover o gosto por uma abordagem científica do futebol, baseada em informações e dados concretos e mensuráveis, acertam em cheio o núcleo ideológico do *ethos* barroco do “futebol-arte” brasileiro: o sentimentalismo ou irracionalismo que, em determinadas circunstâncias, funcionam como cortinas para esconder a barbárie.

⁶³² RODRIGUES, Ana Cabral. Cisões, silêncios e alguns ruídos: considerações acerca da subjetividade, cidade e modernidade. *Fractal: Revista De Psicologia*, 21(2), 237–252. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922009000200004>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

‘A ARTE existe porque a vida não basta’, diz Ferreira Gullar. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/flip/noticia/2010/08/arte-existe-porque-vida-nao-basta-diz-ferreira-gullar.html>. Acesso em: 27 nov. 2023.

A CERCA de Chesterton, o princípio que te obriga a pensar duas vezes antes de mudar algo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c902we095v5o>. Acesso em: 20 set. 2025.

A VIDA de quem avalia jogadores de futebol para os games. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2016/02/1736906-a-vida-de-quem-avalia-jogadores-de-futebol-para-os-games.shtml>. Acesso em 2 abr. 2017.

AARSETH, Espen J. Cybertext: Perspectives on Ergodic Literature. Johns Hopkins University Press, 1997.

AGUILLAR, Luís. Mourinho Rockstar: As diversas faces do técnico mais polêmico do mundo. Campinas: Editora Grande Área, 20215.

ALTHUSSER, Louis; RANCIÈRE, Jacques; MACHEREY, Pierre. Ler O Capital. Volume 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. Aparelhos ideológicos de Estado. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

ALVES, Murillo César. Neymar disputou 28 jogos desde Copa do Catar, soma cinco lesões e 634 dias fora dos gramados. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/neymar-disputou-28-jogos-desde-copa-do-catar-soma-cinco-lesoes-e-634-dias-fora-dos-gramados,3d1f68a13d1c63b4805dde49da11997b5jy9w1dx.html>. Acesso em: 18 jun. 2025.

ALVITO, Marcos. A Rainha de Chuteiras: um ano de futebol na Inglaterra. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014.

_____. Nada será como antes. Futebol e televisão. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/nada-sera-como-antes-futebol-e-televisao/>. Acesso em: 3 abr. 2017.

_____. O esporte que vendeu a sua alma. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-esporte-que-vendeu-a-sua-alma/>. Acesso em: 27 mar. 2025.

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDERSON, Nate. First and 10: the technology behind the Super Bowl broadcast. Disponível em: <https://arstechnica.com/gaming/2008/02/firstand10/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

ANDRADE, Caíque. Premier League tem grande crise de competitividade na parte de baixo da tabela; entenda problema. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol->

internacional/futebol-ingles/noticia/2025/05/16/premier-league-tem-grande-crise-de-competitividade-na-parte-de-baixo-da-tabela-entenda-problema.ghtml. Acesso em: 26 ago. 2025.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago e outros textos. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2017.

_____. Manifesto Antropófago. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/116769-manifesto-antropofago>. Acesso em: 20 set. 2025.

ARAÚJO, Inácio. Videotape controla com intensidade crescente a movimentação das pessoas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0606201011.htm>. Acesso em: 28 mar. 2025.

ATUANDO no Barcelona, Neymar afirma: 'Parece que estou no videogame'. Disponível em: <http://esporte.ig.com.br/futebol/2014-05-13/atuando-no-barcelona-neymar-afirma-parece-que-estou-no-videogame.html>. Acesso em: 2 abr. 2017.

AZEVEDO, Dodô. Amor e dor. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/blog/dodo-azevedo/post/amor-e-dor.html>. Acesso em: 29 set 2023.

AZEVEDO, Rafael Luis. Catarinense faz filme sobre time romeno. Disponível em: <https://www.verminososporfutebol.com.br/dica-cultural/catarinense-faz-filme-sobre-time-romeno/>. Acesso em: 26 set 2023.

_____. Descrição. Disponível em: <https://editoramultifoco.com.br/loja/product/fotbal-aventuras-tristezas-e-alegrias-romenas/>. Acesso em: 29 ago 2023.

BAHÚTE, Eder. Craque Neto define atacante medíocre no Brasil: “Não faz cinco gols”. Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2025/01/craque-neto-elege-atacante-mediocre-no-brasil- hoje>. Acesso em: 6 mai. 2025.

BARÃO de Coubertin: conheça a história do “pai” dos Jogos Olímpicos modernos. Disponível em: <https://gq.globo.com/GQ-no-podio/noticia/2016/07/barao-de-coubertin-conheca-historia-do-pai-dos-jogos-olimpicos-modernos.html>. Acesso em: 25 ago. 2025.

BARBOSA, Nathan Pereira. Ginga: Algumas considerações sobre o conceito. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/ginga-algumas-consideracoes-sobre-o-conceito/?srsltid=AfmBOooeM-ConAmBlGHObdXiL7IvBOZSvKOD6EYTUBLsDJJgQvC19zm>. Acesso em: 18 jun. 2025.

BARBOSA, Rosimeire de Oliveira. Um Enzo incomoda muita gente? Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2024-ago-03/um-enzo-incomoda-muita-gente/>. Acesso em: 7 mai. 2025.

BARBOZA FILHO, Rubens. As linguagens da democracia. *Revista Brasileira De Ciências Sociais*, 23(67), 15–37. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092008000200003>.

BARROS, Mauricio. Você é mesmo um torcedor ou apenas um "simpatizante"? Disponível em: https://www.espn.com.br/blogs/mauriciobarros/675157_voce-e-mesmo-um-torcedor-ou-apenas-um-simpatizante. Acesso em: 4 dez. 2023.

Bastos, Romero Jasku. *Geração PlayStation: Jogos de futebol em ambientes virtuais e jovens brasileiros que torcem por clubes estrangeiros*. 2017. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017.

BAUDRILLARD, Jean. *A ilusão vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BEDÊ, Francisco Julião Marins. *Imaginário, subjetividade e hegemonia no pensamento pós-marxista: contribuição para uma renovação teórica da análise política*. 2022 (140 páginas) f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERLUSCONI, do amor e títulos no Milan até os acessos no Monza. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/berlusconi-do-amor-e-titulos-no-milan-ate-os-acessos-no-monza,7f60bf23e5a1767e95ac41f9ec50484dene2wwvy.html>. Acesso em: 6 dez. 2023.

BILIONÁRIOS donos de clubes somam R\$ 1,78 trilhão; veja que está na lista. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2022/04/12/forbes-conheca-os-donos-de-times-esportivos-mais-ricos-do-mundo.htm>. Acesso em: 20 out. 2023.

BISSELL, Tom. *Extra Lives: Why Video Games Matter*. Pantheon, 2010.

BOPP, Lucca. Lúcio de Castro dá aula sobre a educação dos técnicos brasileiros. YouTube, 16 fev. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5AfBtcbf4yk>. Acesso em: 27 mai. 2025.

BORGES, Jorge Luis. *O livro dos seres imaginários*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

BORGES, Rodrigo. Um brasileiro de 20 anos fanático pelo futebol romeno: por que ele é a cara da Geração Playstation. Disponível em: <http://esportefinal.cartacapital.com.br/geracao-playstation-brasileiro-blog-futebol-romenia/>. Acesso em: 30 jan. 2016.

BRANDÃO, Marcelo. *Geração TikTok não aguenta ver 90 minutos de futebol*. Disponível em: <https://consumidormoderno.com.br/2022/06/30/geracao-tiktok-futebol/>. Acesso em: 28 out. 2023.

BRANDI, Andrea. A transformação do consumidor com as multtelas. Disponível em: <https://canaltech.com.br/colunas/a-transformacao-do-consumidor-com-as-multtelas/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

"BRASIL tem modelo de jogo cada vez mais europeu". Disponível em: https://expresso.pt/dossies/dossiest_desporto/dossie_mundial_2010/brasil-tem-modelo-de-jogo-cada-vez-mais-europeu=f589854. Acesso em: 1 abr. 2025.

BRASILEIRO é torcedor de time da Romênia. Disponível em: <https://www.verminososporfutebol.com.br/deu-a-louca/brasileiro-e-torcedor-de-time-da-romenia/>. Acesso em: 28 ago 2023.

BRÉVILLE, Benoît; RIMBERT, Pierre. Para somar pontos, leia este artigo. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/para-somar-pontos-leia-este-artigo/>. Acesso em: 7 abr. 2025.

BURKE, Peter. Sobre jogos e dribles. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2509200504.htm>. Acesso em: 9 set. 2025.

BURLÁ, Leo. Quando Jesus reinava. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/quando-jorge-jesus-reinava-no-flamengo/#cover>. Acesso em: 27 ago. 2025.

CABALLERO, Miguel. A renovação: experiência dos técnicos de times grandes cai à metade em cinco anos. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/a-renovacao-experiencia-dos-tecnicos-de-times-grandes-cai-metade-em-cinco-anos-20689416>. Acesso em: 27 ago. 2025.

CAETANO, Marcos. A maldição da Holanda. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/maldicao-da-holanda/>. Acesso em: 30 set. 2025.

CALAZANS, Fernando. Malandragem e violência no jogo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/malandragem-violencia-no-jogo-23080761>. Acesso em: 25 ago. 2025.

CALLIGARIS, Contado. Laços afetivos falam mais alto que as obrigações coletivas na nossa cultura. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2017/11/1939227-lacos-afetivos-falam-mais-alto-que-as-obrigacoes-coletivas-na-nossa-cultura.shtml>. Acesso em: 15 abr. 2025.

_____. O hedonismo em "Roma" e entre nós. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1204200726.htm>. Acesso em: 4 dez. 2023.

_____. Vida divertida ou vida interessante? Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1212200221.htm>. Acesso em: 28 out. 2023.

CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela. (org.) Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014.

CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2013.

CANETTE, Alcysio. Voláteis e mimados - A verdadeira Geração Playstation. Disponível em: <http://espnfc.espn.uol.com.br/arsenal/arsenalismos/4376-volateis-e-mimados-a-verdadeira-geracao-playstation>. Acesso em: 30 jan. 2016.

CAPELO, Rodrigo. Com venda de direitos para a Globo, LFU chega a R\$ 1,5 bilhão em receita com mídia do Brasileiro. Disponível em: <https://ge.globo.com/negocios-do-esporte/noticia/2025/01/31/com-venda-de-direitos-para-a-globo-lfu-chega-a-r-15-bilhao-em-receita-com-midia-do-brasileirao.ghhtml>. Acesso em: 8 abr. 2025.

CAPRETZ, Marcel. O problema do futebol brasileiro é não ter ideias de jogo. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/2019/05/09/o-problema-do-futebol-brasileiro-e-nao-ter-ideias-de-jogo/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

CARIELLO, Rafael. Brasil é país de perversos, diz Tales Ab'Sáber. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u59001.shtml>. Acesso em: 8 mai. 2025.

CARRERO, Raimundo. Ficção não é mentira. É ficção. Disponível em: <https://rascunho.com.br/colunistas/palavra-por-palavra/ficcao-nao-e-mentira-e-ficcao/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CASTRO, Ruy. Sem combinar com os russos. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2021/04/sem-combinar-com-os-russos.shtml>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CEO do Borussia Dortmund: “Nosso concorrente não é o Real Madrid. É a Netflix”. Disponível em: <https://trivela.com.br/alemanha/bundesliga/borussia-dortmund-ceo-carsten-cramer/>. Acesso em: 3 dez. 2023.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio; NEDER, Gizlane. Emoção e política: (a)ventura e imaginação sociológica para o século XXI. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 1997.

_____. A “Questão Social” no Brasil: crítica do discurso político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

_____. A ideologia do Favor & A Ignorância Simbólica da Lei. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1993.

_____. Análise Social da Ideologia. São Paulo: E. P. U., 1988.

_____. Édipo e excesso. Porto Alegre: Sérgio Fabris Editor, 2002.

_____. O Príncipe Perfeito: Uma Fantasia Sobre o Poder. Conferência de Abertura da XII Semana de Iniciação Científica PIBIC/CNPq In UECE, Anais do Encontro, Fortaleza, 2002.

CÉSAIRE, Aimé. Uma tempestade. São Paulo: Temporal Editora, 2024.

CHADE, Jamil. A esperança está na sociedade civil planetária, segundo Jean Ziegler. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/a-esperanca-esta-na-sociedade-civil-planetaria-segundo-jean-ziegler-23704511>. Acesso em: 20 set. 2025.

CHAGAS, Eduardo F. O pensamento de Marx sobre a subjetividade. Trans/Form/Ação [Internet]. 2013May;36(2):63–84. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732013000200005>. Acesso em: 20 ago. 2025.

CHIELLINI diz que "Guardiolismo" arruinou essência dos zagueiros italianos. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2017/11/09/chiellini-diz-que-guardiolismo-arruinou-essencia-dos-zagueiros-italianos.htm>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CHURCH, Ben. Magnus Carlsen e Pep Guardiola discutem semelhanças do futebol e do xadrez. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/magnus-carlsen-e-pep-guardiola-discutem-semelhancas-do-futebol-e-do-xadrez/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CICLO da Academia Brasileira de Letras debate o barroquismo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/ciclo-da-academia-brasileira-de-letras-debate-barroquismo-23200392>. Acesso em: 26 ago. 2025.

COCETRONE, Gabriel. Buscando manter competitividade, Premier League aprova teto salarial. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/lei-em-campo/2024/04/30/buscando-manter-competitividade-premier-league-aprova-teto-salarial.htm>. Acesso em: 26 ago. 2025.

COELHO, Paulo Vinícius. Escola brasileira de futebol. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

COLAGROSSI, José. Torcedor Misto, sim! Qual o problema? Disponível em: <https://www.iboperepucom.com/br/artigos/torcedor-misto-sim-qual-o-problema/>. Acesso em: 4 dez. 2023.

COLE, Jorge. A cólera de Aquiles. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2307200602.htm>. Acesso em: 28 mai. 2025.

COMO O BRASIL de 1982 inspirou o trabalho de Guardiola. Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%Adcias/como-o-brasil-de-1982-inspirou-o-trabalho-de-guardiola/9p4d0nvyxsm414g2k9kiw97m4>. Acesso em: 26 mar. 2025.

CONHEÇA a história de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/a-camara/programas-institucionais/experiencias-presenciais/parlamentojovem/noticias_para_voce/conheca-a-historia-de-antonio-francisco-lisboa-o-

[aleijadinho#:~:text=Mas%20em%201777%2C%20ele%20foi,o%20artista%20continuou%20a%20trabalhar](#). Acesso em: 16 abr. 2025.

CONHEÇA os times de Londres e da Inglaterra. Disponível em: <https://mapadelondres.org/times-de-londres-inglaterra-futebol/>. Acesso em: 3 out 2023.

CONSOLIN, Beatriz. Pep Guardiola desabafa após mais uma derrota: "Não sou bom o suficiente". Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/pep-guardiola-desabafa-apos-mais-uma-derrota-nao-sou-bom-o-suficiente/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

CONTRA o fair play, Bento recebe apoio no Cruzeiro: “Não dá para ser otário”. Disponível em: <https://www.lance.com.br/cruzeiro/contra-fair-play-bento-recebe-apoio-cruzeiro-nao-para-ser-otario.html>. Acesso em: 25 ago.2025.

COSTA, Pedro Gabriel Amaral. O mito do bom selvagem como elemento da identidade nacional brasileira. PARALAXE, 6(1), 53–69.

CRESCE desinteresse do brasileiro por futebol, aponta Datafolha. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/05/cresce-desinteresse-do-brasileiro-por-futebol-aponta-datafolha.shtml>. Acesso em: 03 abr. 2025.

"CRISTIANO Ronaldo é um jogador de videogame", diz Wendell Lira. Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%Adcias/cristiano-ronaldo-e-um-jogador-de-videogame-diz-wendell-lira/o227upjpy4wp11jyvbzdtq2oo>. Acesso em: 23 abr. 2025.

CRUZ JÚNIOR, Gilson. Burlando o círculo mágico: o esporte no bojo da gamificação. Movimento, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 941–963, 2014. DOI: 10.22456/1982-8918.40539. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/40539>. Acesso em: 4 maio. 2025.

CULTURA europeia está ameaçada, disse Lévi-Strauss à Folha em 1989. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/12/cultura-europeia-esta-ameacada-disse-levi-strauss-a-folha-em-1989.shtml>. Acesso em: 10 abr. 2025.

D'AGORD, Marta. (2002). O inconsciente na sala de aula. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 5(1), 155–174. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982002000100011>.

DA MATTA, Roberto. O que faz o brasil, Brasil. Rio de Janeiro, Rocco, 2002.

DALY, Glyn; ZIZEK, Slavoj. Arriscar o impossível: conversas com Zizek. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DAVENPORT, Thomas H.; BECK, John C. Economia da atenção. Elsevier, 2001.

DE ONDE vem o dinheiro? Veja as principais fontes de receitas dos clubes brasileiros. Disponível em: <https://www.lance.com.br/lancebiz/financas/de-onde-vem-o-dinheiro-veja-as-principais-fontes-de-receitas-dos-clubes-brasileiros.html>. Acesso em: 21 jan. 2025.

DE PAULOS, Marcelo. O craque do futebol total. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-craque-do-futebol-total/>. Acesso em: 27 mai. 2025.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

DECISÃO de Guardiola sobre o Manchester City levou esposa pedir divórcio, dizem jornalistas espanhóis: 'Gota d'água'. Disponível em: <https://revistamonet.globo.com/esportes/noticia/2025/01/decisao-de-guardiola-sobre-o-manchester-city-levou-esposa-pedir-divorcio-dizem-jornalistas-espanhois-gota-dagua.ghtml>. Acesso em: 18 jun. 2025.

DELEUZE, Gilles. A dobra: Leibniz e o barroco. São Paulo: Papirus Editora, 1991.

“DEUS não existe” e as outras respostas de Stephen Hawking. Disponível em: <https://shifter.pt/2019/02/stephen-hawking-livro/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

DI CESARE, Donatella. Bauman, crítico da modernidade, e as existências líquidas sempre em risco. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/585900-bauman-critico-da-modernidade-e-as-existencias-liquidas-sempre-em-risco-artigo-de-donatella-di-cesare>. Acesso em: 1 dez. 2023.

DIEGO Souza faz forte desabafo sobre o futebol brasileiro: “Éramos os melhores”. Disponível em: <https://portaldogremista.com.br/diego-souza-desabafo-futebol-brasileiro/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

DINIZ rejeita rótulo de moderno: ‘As pessoas são o coração do futebol, não a tática’. Disponível em: <https://www.lance.com.br/sao-paulo/diniz-rejeita-rotulo-moderno-pessoas-sao-coracao-futebol-nao-tatica.html>. Acesso em: 7 mai. 2025.

DOS ANJOS, Mávio. 'O tetra foi um ponto de inflexão no pessimismo brasileiro', diz autor de livro sobre a conquista. Disponível em: [https://oglobo.globo.com/esportes/o-tetra-foi-um-ponto-de-inflexao-no-pessimismo-brasileiro-diz-autor-de-livro-sobre-conquista-23814143#:~:text=Em%202014%2C%20o%20analista%20educacional,%22%20\(editora%20Via%20Escrita\).&text=%E2%80%94Em%20termos%20de%20conquista%2C%20a,acidente%20em%201o%20de%20maio](https://oglobo.globo.com/esportes/o-tetra-foi-um-ponto-de-inflexao-no-pessimismo-brasileiro-diz-autor-de-livro-sobre-conquista-23814143#:~:text=Em%202014%2C%20o%20analista%20educacional,%22%20(editora%20Via%20Escrita).&text=%E2%80%94Em%20termos%20de%20conquista%2C%20a,acidente%20em%201o%20de%20maio). Acesso em: 30 set. 2025.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Žižek: um pensador e suas sombras. In: DUNKER, Christian Ingo Lenz.; PRADO, José Luiz Aidar (org.). Žižek crítico: política e psicanálise na era do multiculturalismo. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

EAGLETON, Terry; BEAUMONT, Matthew. A tarefa do crítico: diálogos com Terry Eagleton. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

_____. Balzac encontra Beckham. Disponível em: Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0512200416.htm>. Acesso em: 4 set. 2025.

_____. Football: a dear friend to capitalism. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2010/jun/15/football-socialism-crack-cocaine-people>. Acesso em: 23 jun. 2025.

_____. Marxismo e crítica literária. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ECHARRI, Miquel. “Egoísta”, “exibicionista” ou “bom demais”: por que Neymar é um dos jogadores mais odiados do mundo? Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2021-05-05/egoista-exibicionista-ou-bom-demais-por-que-neymar-e-um-dos-jogadores-mais-odiados-do-mundo.html>. Acesso em: 16 abr. 2025.

ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados. São Paulo: Perspectiva, 2020.

ECONOMIA da atenção: como obter sucesso com o consumidor cada vez mais distraído e multitela? Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/patrocinado/oracle/economia-da-atencao-como-obter-sucesso-com-o-consumidor-cada-vez-mais-distraido-e-multitela>. Acesso em: 6 ago. 2024.

EFEITO TikTok: estudo mostra que nova geração não ouve músicas com mais de 3 minutos. Disponível em: <https://www.mundoconectado.com.br/audio-e-video/efeito-tiktok-estudo-mostra-que-nova-geracao-nao-ouve-musicas-com-mais-de-3-minutos/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

EISENBERG, José. A beleza em jogo. O Globo, Rio de Janeiro, 8 jan. 2011. Proza & Verso, p. 6.

ERIC HOBSBAWN fala de Beatles e futebol do Brasil. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0408200313.htm>. Acesso em: 1 set. 2025.

ESPERANÇA, Nivaldo. Gênio das pernas tortas, Garrincha encanta o mundo nas Copas de 58 e 62. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/genio-das-pernas-tortas-garrincha-encanta-mundo-nas-copas-de-58-62-22238206>. Acesso em: 15 abr. 2025.

ESTÁ na hora de trazer um técnico estrangeiro para a Seleção? Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/copa-2014/noticia/2014/07/Esta-na-hora-de-trazer-um-tecnico-estrangeiro-para-a-Selecao-4549721.html>. Acesso em: 27 ago. 2025.

“EUROPEIZAÇÃO” do futebol: os brasileiros que torcem para times estrangeiros menos badalados. Disponível em: <https://jornalismorio.espm.br/geral/europeizacao-do-futebol-os-brasileiros-que-torcem-para-times-estrangeiros-menos-badalados/>. Acesso em: 30 set 2023.

EX-JOGADOR da seleção inglesa é contra Neymar na Premier League: 'Seria um circo'. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/noticia/2023/08/09/ex-jogador-da-selecao-inglesa-e-contra-neymar-na-premier-league-seria-um-circo.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2025.

"FALTANDO cinco minutos, o jogo tem que acabar desse jeito. Fura a bola" - analisou o ex-jogador. Disponível em: <https://www.futebolinterior.com.br/ronaldo-critica-falta-de-malandragem/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

FENÔMENO da 'audição ansiosa' abole canções com mais de dois minutos e meio. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/11/15/interna_cultura,1322802/fenomeno-da-audicao-ansiosa-abole-cancoes-com-mais-de-dois-minutos-e-meio.shtml. Acesso em: 28 nov. 2023.

FERNANDO Diniz exalta necessidade de entender jogadores antes da parte tática: 'Futebol é um meio'. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/futebol/fluminense/noticia/2023/12/20/fernando-diniz-exalta-necessidade-de-entender-jogadores-antes-da-parte-tatica-futebol-e-um-meio.ghtml>. Acesso em: 8 mai. 2025.

FERREIRA, Emmanoel. Da arte de contar histórias: games, narrativa e interatividade. In: III SEMINÁRIO JOGOS ELETRÔNICOS, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, 2007, Campina Grande. Anais do III Seminário Jogos Eletrônicos, Comunicação e Educação: construindo novas trilhas, Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2007, p. 1-13.

FERREIRA, Wilson Roberto Vieira. Por que celebramos a velocidade? Disponível em: <http://cinegnose.blogspot.com/2014/03/por-que-celebramos-velocidade.html#more>. Acesso em: 24 out. 2023.

FIELDSSEND, Daniel. A Escola Europeia: Os Segredos do Futebol no Velho Continente. Editora Grande Área, 2018.

FIFA 16: Depois de atualização, times brasileiros não terão jogadores genéricos, diz produtor. Disponível em: <http://br.ign.com/fifa-16/7978/news/fifa-16-depois-de-atualizacao-times-brasileiros-na>. Acesso em: 3 abr. 2017.

FIFA, the Video Game: A Major Vehicle for Soccer's Popularization in the United States. Disponível em: http://www.huffingtonpost.com/andrei-markovits/fifa-the-video-game-a-maj_b_8085220.html. Acesso em: 23 nov. 2018.

FILHO, Edison. “Geração de Enzos está acabando com o futebol brasileiro”, diz jornalista. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/selecao-brasileira/geracao-de-enzos-esta-acabando-com-o-futebol-brasileiro-diz-jornalista/>. Acesso em: 6 mai. 2025.

_____. “Tomam espaço”: Galvão sugere limitar estrangeiros no futebol brasileiro. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/tomam-espaco-galvao-sugere-limitar-estrangeiros-no-futebol-brasileiro/>. Acesso em: 6 mai. 2025.

FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

FILOSOFIA Cruyff: as frases do ídolo holandês sobre o mundo do futebol. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2016/03/filosofia-cruyff-frases-do-idolo-holandes-sobre-o-mundo-do-futebol.html>. Acesso em: 27 mai. 2025.

FLEURY, Fernando. ESPN Sports Pool. Disponível em: http://www.espn.com.br/blogs/fernandofleury/106798_espn-sports-poll. Acesso em: 23 nov. 2018.

FORMIGA, Bruno. Como a 'Geração PlayStation' mudou o consumo de futebol no Brasil. Disponível em: <https://tntsports.com.br/blogs/Como-a-Geracao-PlayStation-mudou-o-consumo-de-futebol-no-Brasil-20200608-0033.html>. Acesso em: 28 mai. 2025.

FOUCAULT, Michel. (2013). De espaços outros. Estudos Avançados, 27(79), 113–122. disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142013000300008>. Acesso em: 8 ago. 2024.

FRASE de Henry irrita a seleção. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0107200619.htm>. Acesso em: 27 mai. 2025.

FURTADO, Tatiana; MACHADO, Thales. Pesquisa O GLOBO/Ipsos-Ipec: Flamengo tem mais da metade de sua torcida fora do Sudeste. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/futebol-2025/noticia/2025/08/06/pesquisa-o-globoipsos-ipec-flamengo-tem-mais-da-metade-de-sua-torcida-fora-do-sudeste.ghtml#:~:text=No%20caso%20rubro%2Dnegro%2C%20chama,de%20Janeiro%2C%20sed e%20do%20clube.&text=O%20Sudeste%20ainda%20concentra%20a,de%20perto%20por%20outra s%20regi%C3%B5es>. Acesso em: 6 out. 2025.

FUTEBOL de botão tenta sobreviver à ‘era do videogame’ e teme ficar sem nova geração. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2011/12/19/futebol-de-botao-tenta-sobreviver-a-era-do-videogame-e-teme-ficar-sem-nova-geracao.htm>. Acesso em: 3 dez. 2023.

FUTEBOL de hoje sintetiza globalização. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft3009200708.htm>. Acesso em: 17 jun. 2025.

GABLER, Neal. Vida, um filme. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1999.

GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1997.

GALERA, Daniel. Sem poesia, com afeto. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/sem-poesia-com-afeto/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

GALERA, Daniel. Sem poesia, com afeto. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/sem-poesia-com-afeto/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

GAMES são influencia para a literatura, diz pesquisador. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tec/81515-games-sao-influencia-para-literatura-diz-pesquisador.shtml>. Acesso em: 8 ago. 2024.

GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (org.). Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

_____. Esporte, Violência e Civilização: uma entrevista com Eric Dunning. Horizontes Antropológicos, v. 14, p. 223-231, 2008.

“GARRINCHA não disse isso”. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/ladoo/esportes/crusoe-garrincha-nao-disse-isso/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

GELLNER, Ernest André. Dos Nacionalismos. Edições 70, 2019.

‘GERAÇÃO PlayStation’ vibra com a final da Liga dos Campeões. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/geracao-playstation-vibra-com-a-final-da-liga-dos-campeoes-af3zvlnq8qgojn0qtq3o4rw4a/>. Acesso em: 4 dez. 2023.

GERAÇÃO Z acredita em um futebol mais engajado em pautas sociais. Disponível em: <https://fastcompanybrasil.com/news/geracao-z-acredita-em-um-futebol-mais-engajado-em-pautas-sociais/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

GHANI, Alan. Estudo prova o óbvio: boa gestão eleva probabilidade de o time ser campeão. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/colunistas/economia-e-politica-direto-ao-ponto/estudo-prova-o-obvio-boja-gestao-eleva-probabilidade-de-o-time-ser-campeao/>. Acesso em: 2 out 2023.

GIACOMIN, Rômulo. Ancelotti revela problema com apenas um brasileiro na carreira; saiba quem. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/noticias/ancelotti-revela-problema-com- apenas-um-brasileiro-na-carreira-saiba-quem/>. Acesso em: 6 out. 2025.

GIGLIO, Sérgio Settani; RUBIO, Kátia. (2013). Futebol profissional: o mercado e as práticas de liberdade. Revista Brasileira De Educação Física E Esporte, 27(3), 387–400. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013000300006>.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIORGETTI, Ugo. Dúvidas: Terão os clubes do interior descido a níveis alarmantes ou seria a força dos grandes que aumentou numa proporção surpreendente? Disponível em: <https://www.estadao.com.br/esportes/ugo-giorgetti/duvidas/>. Acesso em: 29 set 2023.

GLEISER, Marcelo. Criação imperfeita. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GOL de Lucas foi de mão? 'Transformamos futebol em videogame', diz Arnaldo. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/esporte/2023/08/17/gol-de-lucas-foi-de-mao-transformamos-futebol-em-videogame-diz-arnaldo.htm>. Acesso em: 20 ago. 2025.

GUARDIOLA quer treinar uma seleção e afirma que Brasil seria difícil. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/08/treinar-o-brasil-e-dificil-mas-quero-uma-selecao-diz-guardiola.shtml>. Acesso em: 26 mar. 2025.

GUEDES, Bruno. Filipe Luís reclama do futebol no Brasil e critica arbitragem. Disponível em: <https://www.mundobola.com/filipe-luis-reclama-do-futebol-no-brasil-e-critica-arbitragem/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

GUEDES, Simoni Lahud. O Brasil no campo de futebol: Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.

GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Estética versus futebol. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk240901.htm>. Acesso em: 28 out. 2023.

GUTIERREZ, Bruno. Por que o "indisciplinado" Soteldo gera problema tático para Pedro Caixinha no Santos. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2025/01/24/por-que-o-indisciplinado-soteldo-gera-problema-tatico-para-pedro-caixinha-no-santos.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2025.

HAIDT, Jonathan. A geração ansiosa: Como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

HAMZA, Agon; RUDA, Frank. Os cinquenta anos de “Ler o Capital”. Disponível em: <https://lavrpalavra.com/2015/12/17/os-cinquenta-anos-de-ler-o-capital/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

HARVEY, David. O neoliberalismo: história e implicações. Edições Loyola, 2008.

HAUSER, Arnold. História social da arte e da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HENDERSON, Hazel. Construindo Um Mundo Onde Todos Ganhem: A Vida Depois da Guerra da Economia Global. São Paulo: Cultrix, 1998.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. Paz e Terra, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

INFLUÊNCIAS e possibilidades: relembre algumas das declarações de Guardiola sobre a Seleção Brasileira. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/brasil/influencias-e-possibilidades-relembre-algumas-das-declaracoes-de-guardiola-sobre-a-selecao-brasileira,856bdf2aad9aea81ad5698e920e088e24sw3zhai.html>. Acesso em: 29 set. 2025.

INTERATIVIDADE dificulta uso político do game. Folha de São Paulo, São Paulo, 14 jul. 2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1407200211.htm>. Acesso em: 16 mai. 2016.

IRWING, William; CONARD, Mark; SKOBLE, Aeon. (org.). Os Simpsons e a filosofia. São Paulo: Madras, 2004.

IZIDRO, Marina. Brasileiro gosta de esporte ou de vencer? Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marina-izidro/2025/08/brasileiro-gosta-de-esporte-ou-de-vencer.shtml>. Acesso em: 25 ago. 2025.

JAMESON, Fredric. As marcas do visível. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

JOGO LIMPO. Do Futebol Arte à Crise: O Declínio do Futebol Brasileiro e o Caminho para a Reconquista Mundial. YouTube, 12 nov. 2024. 17min20s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LIELAEczXik>. Acesso em: 24 set. 2025.

JOHNSON, Steven. Tudo que é ruim é bom para você: como os games e a TV nos tornam mais inteligentes. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

JORGE Jesus diz que Neymar não gosta do futebol como Cristiano Ronaldo: 'Tem mais paixão pelas coisas que a vida privada oferece'. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/13098484/jorge-jesus-neymar-nao-gosta-futebol-como-cristiano-ronaldo-tem-mais-paixao-pelas-coisas-que-vida-privada-oferece. Acesso em: 17 abr. 2025.

JUNIOR, Almany. Narrativas Transmídia. Disponível em: <https://medium.com/@Almany/narrativas-transm%C3%ADdiaec74af3a2e04#.auqif6c1e>. Acesso em: 17 mai 2016.

KELLY, James. How video games shaped a generation of modern football fans. Disponível em: <https://thesefootballtimes.co/2018/10/29/how-video-games-shaped-a-generation-of-modern-football-fans/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

KFOURI, Juca. Mulheres no futebol. Disponível em: <https://blogdojuca.uol.com.br/2021/09/mulheres-no-futebol/>. Acesso em: 28 out. 2023.

_____. Ódio eterno ao futebol moderno é ótima palavra de ordem, mas tem um porém. Disponível em: <https://blogdojuca.uol.com.br/2021/08/odio-eterno-ao-futebol-moderno-e-otima-palavra-de-ordem-mas-tem-um-porem/>. Acesso em: 23 set. 2025.

_____. Viva o futebol multicultural! Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfour/2024/07/viva-o-futebol-multicultural.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa#comentarios. Acesso em: 21 abr. 2025.

KLEIN, Alicia. É melhor torcer pro Barcelona ou pro Botafogo? Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/alicia-klein/2021/03/18/e-melhor-torcer-pro-barcelona-ou-pro-botafogo.htm>. Acesso em: 3 out 2023.

KONDER, Leandro. Linguagem, humor e Hegel. Jornal do Brasil. Caderno B, 29 de maio de 2004, p. B2.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KOTHE, Flávio René. Benjamin & Adorno. São Paulo: Ática, 1978.

KRAUSE, Gustavo Bernardo. (2007). O bruxo contra o comunista ou: o incômodo ceticismo de Machado de Assis. *Kriterion: Revista De Filosofia*, 48(115), 235–247. <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2007000100014>.

KUPER, Simon; SZYMANSKI, Stefan. *Soccernomics: Por que a Inglaterra perde, a Alemanha e o Brasil ganham, e os Estados Unidos, o Japão, a Austrália, a Turquia – e até mesmo o Iraque – podem se tornar os reis do esporte mais popular do mundo*. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 4: A relação de objeto (1956-57)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACOMBE, Milly. Pep Guardiola: do futebol total ao futebol totalitário. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/milly-lacombe/2024/12/14/pep-guardiola-do-futebol-total-ao-futebol-totalitario.htm>. Acesso em: 7 out. 2025.

_____. Uma seleção sem alma. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/milly-lacombe/2022/12/02/uma-selecao-sem-alma.htm>. Acesso em: 27 mar. 2025.

LEFEBVRE, Henri. *Marxismo*. Porto Alegre: LP&M, 2009.

LEFEBVRE, Martin. Em busca de realismo, mas virtual. Disponível em: <http://diplomatie.org.br/em-busca-de-realismo-mas-virtual/>. Acesso em: 3 abr. 2017.

LEGENDRE, Pierre. *O amor do censor: ensaio sobre a ordem dogmática*. Rio de Janeiro:

LEGIA jest wszędzie! O kibicu z Kraju Kawy. Disponível em: <https://legia.com/pilka-nozna/legia-jest-wszedzie-o-kibicu-z-kraju-kawy/8761>. Acesso em: 26 set 2023.

LEMOS, André. Dataficação da vida. *Civitas: Revista De Ciências Sociais*, 21(2), 193–202. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39638>.

LEWIS, Michael. *Moneyball: o homem que mudou o jogo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

LIMA, Manoel Ricardo de. *Leminski, pensador selvagem*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2025.

LIMA, Thiago. Boto, do Flamengo, cita DNA e faz diagnóstico do futebol brasileiro: "Foram copiar Europa e estão mal". Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2024/12/30/boto-quer-retomar-dna-do-futebol-brasileiro-no-flamengo-estavam-bem-foram-copiar-a-europa-e-estao-mal.ghtml>. Acesso em: 20 abr. 2025.

LINCOLN, Ronald. Especialistas criticam frase de diretor da base do Flamengo sobre jogadores africanos; dirigente se desculpa. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2025/07/14/especialistas-criticam-frase-de->

[diretor-da-base-do-flamengo-sobre-jogadores-africanos-dirigente-se-desculpa.ghml](#). Acesso em: 6 out. 2025.

LISTA de Livros: Menos que nada (Parte I), de Slavoj Žižek. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/midia/blogs/blogs-ggn/lista-de-livros-menos-que-nada-parte-i-de-slavoj-zizek/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

LIVERPOOL conquista a Premier League; veja lista de campeões. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/2025/04/27/liverpool-conquista-a-premier-league-veja-lista-de-campeoes.ghml>. Acesso em: 26 ago. 2025.

LOPES, André. 74,5% do brasileiros jogam videogames com frequência — e classe C está mais incluída no consumo. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/745-do-brasileiros-jogam-videogames-com-frequencia-classe-c-esta-mais-incluida-no-consumo/>. Acesso em: 26 ago. 2025.

LOPES, Eduardo Simonini. A realidade do virtual. Psicol. rev. (Belo Horizonte), Belo Horizonte , v. 11, n. 17, p. 96-112, jun. 2005 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682005000100008&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 28 abr. 2024.

LÖWY, Michael. A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano. São Paulo: Boitempo, 2014. _____ . Ideologias e ciências sociais: elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 2010.

LOZETTI, Alexandre; HAZAN, Marcelo; PRADO, Marcelo. Rogério Ceni deu bronca em Rodrigo Caio por fair play; saiba o que aconteceu no vestiário do São Paulo. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/sao-paulo/noticia/rogerio-ceni-deu-bronca-em-rodrigo-caio-por-fair-play-saiba-o-que-aconteceu-no-vestiario-do-sao-paulo.ghml>. Acesso em: 23 abr. 2025.

LUGANO defende Dunga e chama Tite de "encantador de serpentes". Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2016/11/21/lugano-defende-dunga-e-chama-tite-de-encantador-de-serpentes.htm>. Acesso em: 17 jun. 2025.

LUXA, do Corinthians, afirma que excesso de técnicos europeus no Brasil é ruim: "Será que cabe?". Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2023/08/06/luxa-do-corinthians-afirma-que-excesso-de-tecnicos-europeus-no-brasil-e-ruim-sera-que-cabe.ghml>. Acesso em: 14 abr. 2025.

LUXEMBURGO critica seleção com "cintura dura" e ataca "futebol moderno". Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/09/05/luxemburgo-critica-selecao-com-cintura-dura-e-ataca-futebol-moderno.htm>. Acesso em: 1 abr. 2025.

LUXEMBURGO reprova crítica pública de Caixinha a Soteldo e pede 'resgate do futebol brasileiro': 'Não podemos ser atletas táticos'. Disponível em:

https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/14703405/luxemburgo-reprova-critica-de-pedro-caixinha-a-soteldo-e-pede-resgate-do-futebol-brasileiro. Acesso em: 13 abr. 2025.

MAGALHÃES, Mário. A obsessão de Guardiola. Disponível em: <https://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2017/03/06/a-obsessao-de-guardiola/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

MAGNOLI, Demétrio. ‘Essa coisa de sociedade não existe’ . Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/essa-coisa-de-sociedade-nao-existe-8080595>. Acesso em: 10 abr. 2025.

MAIA, Bruno. 'Quantos pontos fiz no Cartola?' Como as estatísticas viraram entretenimento no esporte. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/artigo-quantos-pontos-fiz-no-cartola-como-as-estatisticas-viraram-entretenimento-no-esporte-1-24590492>. Acesso em: 22 mai. 2025.

MAICON critica fair-play de Rodrigo Caio: “Prefiro a mãe do adversário chorando”. Disponível em: <https://jovempan.com.br/esportes/maicon-critica-fair-play-de-rodrigo-caio-prefiro-mae-do-adversario-chorando.html>. Acesso em: 23 abr. 2025.

MALDONADO, Jéssica. Paiva dedica vitória do Botafogo a Manga e valoriza atuação: "Aos poucos, vamos crescendo". Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2025/04/08/paiva-dedica-vitoria-do-botafogo-a-manga.ghhtml>. Acesso em: 13 abr. 2025.

MANO afirma que correu riscos e não se arrepende de testes. Disponível em: https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/mano-afirma-que-correu-riscos-e-nao-se-arrepende-de-testes/?srsltid=AfmBOopvVTMnHOHfp5soUe_mjunYbVF4qiD8aGR9JvX-QdIEjqbb6dVm. Acesso em: 28 ago. 2025.

MANSUR, Carlos Eduardo. Fernando Diniz e Pep Guardiola: Diferentes, sim. Opostos, não. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/carlos-eduardo-mansur/coluna/2023/11/fernando-diniz-e-pep-guardiola-diferentes-sim-opostos-nao.ghhtml>. Acesso em: 26 ago. 2025.

MARCAÇÃO (futebol de associação). In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Marking_\(association_football\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Marking_(association_football)). Acesso em: 18 jun. 2025.

MARINHO, Isabela. Bienal do Rio lembra os 'inimigos da bola' Graciliano e Lima Barreto. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/bienal-do-livro/2013/noticia/2013/09/bienal-do-rio-lembra-os-inimigos-da-bola-graciliano-e-lima-barreto.html>. Acesso em: 4 set. 2025.

MARINO, Lucas (@soltaram). 2024. “Milly Lacombe critica a ‘guardiolização’ do futebol moderno!”. Facebook, 16 abr. 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=769687145270013&id=100066862022466&set=a.375018091403589>. Acesso em: 18 jun. 2025.

MARQUES, João Henrique. Conheça a voz do Barça que apelida jogadores e chama Neymar de "Aladim". Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/liga-dos-campeoes/ultimas-noticias/2015/11/05/conheca-a-voz-do-barca-que-apelida-jogadores-e-chama-neymar-de-aladim.htm>. Acesso em: 18 jun. 2025.

MARTEL, Isabela. Há 100 anos, jogadores negros eram excluídos da Seleção. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-100-anos-jogadores-negros-eram-exclu%C3%Ados-da-sele%C3%A7%C3%A3o/a-56931231>. Acesso em: 9 set. 2025.

MARTINS, Fernando Barbalho. Atrelar criação de clubes-empresa no Brasil à volta do título no Mundial reflete resultadismo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/artigo-atrelar-criacao-de-clubes-empresa-no-brasil-volta-do-titulo-no-mundial-reflete-resultadismo-24878849>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MAURANO, Denise. Torções: a psicanálise, o Barroco e o Brasil. Curitiba, Editora CRV, 2011.

MÁXIMO, João. Copa de 1938: A descoberta do 'mulatismo' brasileiro. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/copa-de-1938-descoberta-do-mulatismo-brasileiro-12544751>. Acesso em: 9 set. 2025.

_____. Lima Barreto foi inimigo feroz do 'jogo dos pontapés na bola'. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/lima-barreto-foi-inimigo-feroz-do-jogo-dos-pontapes-na-bola-21619869>. Acesso em: 4 set. 2025.

MCGONIGAL, Jane. A realidade em jogo. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

MENDES, Moisés. Guardiola e os homens que não sabem perder. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/opinioao/2024/11/guardiola-e-os-homens-que-nao-sabem-perder/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

MESSI reage a torcedores do Estudantes, que o chamaram de não argentino. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/messi-reage-torcedores-do-estudantes-que-chamaram-de-nao-argentino-3174075>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MESSI vira robô em comercial e faz movimentos incríveis em 'pelada'. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/messi-vira-robo-em-comercial-faz-movimentos-incriveis-em-pelada-video-18881101>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MEYER, Robinson. TELEVISED Football Is Looking More Like a Video Game—in Subtle Ways. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2015/01/televised-football-is-looking-more-like-a-video-gamein-subtle-ways/385057/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

MILLENNIALS ou Gen Z? Estudo mostra qual geração passa mais tempo jogando videogames. Disponível em: <https://br.ign.com/games/108198/news/millennials-ou-gen-z-estudo-mostra-qual-geracao-passa-mais-tempo-jogando-videogames>. Acesso em: 27 nov. 2023.

MIRANDA, André. Roberto DaMatta analisa diferenças entre Brasil de 1950 e 2014: 'Não há ganhador para sempre'. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/roberto-damatta-analisa-diferencas-entre-brasil-de-1950-2014-nao-ha-ganhador-para-sempre-13188426>.

Acesso em: 4 set. 2025.

MIRANDA, Leonardo. Futebol se joga com a cabeça. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/painel-tatico/post/2020/09/01/futebol-se-joga-com-a-cabeca.ghml>.

Acesso em: 5 mai. 2025.

MONTAIGNE, Michel de. Dos Canibais. São Paulo: Alameda, 2009.

MOROZOV, Evgeny. Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MOTA, Urariano. Nelson Rodrigues e a Copa. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2014/06/10/nelson-rodrigues-e-a-copa/>. Acesso em: 17 abr. 2025.

MUNIZ, Diógenes. A overdose dos games. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il2703201107.htm>. Acesso em: 8 ago. 2024.

MURICY avisa: 'Se quiser espetáculo, vá ao teatro'. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/9518_muricy-avisa-se-quiser-espetaculo-va-ao-teatro. Acesso em: 28 out. 2023.

MURICY Ramalho: 'Espectáculo só no Municipal'. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/muricy-ramalho-espetaculo-so-no-municipal-3141875>. Acesso em: 26 mar. 2025.

NEDER, Gizlene; CERQUEIRA FILHO, Gisálio. Temas e metodologias para os estudos sobre as relações entre História e Direito. Confluências, vol. 13, n. 2 – Niterói: PGSD-UFF, novembro de 2012, páginas 1 a 15.

NETO, Carneiro. Semelhanças. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/colunistas/carneiro-neto/semelhancas-bz7fj3fbesoh5qujphnm14z0u/>. Acesso em: 26 ago. 2025.

NEVES, Marcello. Desinteresse de jovens por futebol faz Flamengo apostar no público infantil para aumentar sua torcida. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/desinteresse-de-jovens-por-futebol-faz-flamengo-apostar-no-publico-infantil-para-aumentar-sua-torcida-24836597>. Acesso em: 03 abr. 2025.

NEYMAR 'custou' R\$ 4,1 milhões por minuto ao Al Hilal; veja mais valores. Disponível em: https://www.terra.com.br/esportes/craques/neymar/neymar-custou-r-41-milhoes-por-minuto-ao-al-hilal-veja-mais-valores,6f0091ea9011446d39f6226ef068fc6bdyyeeiov.html?utm_source=clipboard. Acesso em: 17 abr. 2025.

NEYMAR abandonou o jogo da seleção após sétimo gol da Alemanha e foi jogar pôquer. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/copa-2014/neymar-abandonou-jogo-da-selecao-apos-setimo-gol-da-alemanha-foi-jogar-poquer-13206158>. Acesso em: 23 abr. 2025.

NEYMAR cita barroco mineiro como maior influência no seu futebol. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/herald/2011/07/13/neymar-cita-barroco-mineiro-como-maior-influencia-no-seu-futebol/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

NEYMAR idolatra Puyol: "será uma honra, jogava com ele no videogame". Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/mundialdeclubes/neymar-idolatra-puyol-sera-uma-honra-jogava-com-ele-no-videogame,f8d9fa79ac49a310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 3 set. 2023.

NEYMAR passou quase 14 minutos no chão nesta Copa do Mundo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/neymar-passou-quase-14-minutos-no-chao-nesta-copa-do-mundo-22852186>. Acesso em: 23 abr. 2025.

NEYMAR pede, e Santos faz proposta a Paredes, ex-PSG e atualmente na Roma. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/mercado-da-bola/artigo/_/id/14723257/neymar-pede-santos-faz-proposta-paredes-ex-psg-atualmente-roma. Acesso em: 17 abr. 2025.

NEYMAR revela papo com Guardiola que quase o levou para o Bayern: 'Se não fizer 60 gols, mudo meu nome'. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/mercado-da-bola/artigo/_/id/14852652/neymar-revela-papo-guardiola-quase-levou-para-bayern-se-nao-fizer-60-gols-mudo-meu-nome. Acesso em: 6 out. 2025.

NIDECKER, Fernanda. Copa de 82 marcou fim do 'jogo bonito' no Brasil, diz Zico. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/06/140606_copa_82_virada_zico_fl. Acesso em: 30 set. 2025.

NO BRASIL, quase metade da população passa em média sete horas jogando videogames. Disponível em: <https://lider.inc/noticias/no-brasil-quase-metade-da-populacao-passa-em-media-sete-horas-jogando-videogames->. Acesso em: 26 ago. 2025.

NOGUEIRA, Alberto; CORTECERTU, Jair dos Santos. Título de 1958 derrubou tese de preconceito racial na seleção brasileira. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/06/titulo-de-1958-derrubou-tese-de-preconceito-racial-na-selecao-brasileira.shtml>. Acesso em: 9 set. 2025.

NOGUEIRA, Penélope. Antonio Gramsci: biografia, ideias e frases do teórico comunista italiano. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/historia/2025/5/30/antonio-gramsci-biografia-ideias-frases-do-teorico-comunista-italiano-180376.html>. Acesso em: 6 out. 2025.

NORDARI, Alexandre; AMARAL, Maria Carolina de Almeida. A questão (indígena) do Manifesto Antropófago. Revista Direito E Práxis, 9(4), 2461–2502. <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2018/37974>

NORONHA, Felipe. 10 males que os videogames fizeram aos fãs de futebol no Brasil. Disponível em: <https://listagram.wordpress.com/2015/07/06/10-males-que-os-videogames-fizeram-aos-fas-de-futebol-no-brasil/>. Acesso em: 30 jan. 2016.

NÚMEROS da carreira de Ronaldinho Gaúcho. Disponível em: http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/atletico-mg/2014/07/28/noticia_atletico_mg,289638/numeros-da-carreira-de-ronaldinho-gauchos.shtml.

Acesso em: 3 abr. 2017.

O FUTEBOL inglês se rendeu ao FM e vai usar a base de dados do jogo para contratar. Disponível em: <http://m.trivela.uol.com.br/o-futebol-ingles-se-rendeu-ao-fm-e-vai-usar-base-de-dados-jogo-para-contratar/>. Acesso em: 2 abr. 2017.

“O IMPORTANTE não é vencer, mas competir”. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/o-importante-nao-e-vencer-mas-competir/>. Acesso em: 25 ago. 2025.

O Projeto Neymar deu certo? In: Podcast “Neymar”. YouTube, 22 de abril de 2025. 44min15s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_Nl_8IuGWqW. Acesso em: 23 abr. 2025.

O QUE deu a Richard Thaler o Nobel de economia em 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/10/09/O-que-deu-a-Richard-Thaler-o-Nobel-de-economia-em-2017>. Acesso em: 24 set. 2019.

O QUE você precisa saber sobre a Copa Intercontinental da FIFA™. Disponível em: <https://www.fifa.com/pt/tournaments/mens/intercontinentalcup/2024/articles/copa-intercontinental-fifa-informacoes-datas-regras>. Acesso em: 26 ago. 2025.

OCTAVIANO, Carolina. As características regionais e a identidade nacional brasileira. Disponível em: https://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000400006&lng=e. Acesso em: 9 set. 2025.

OLIVEIRA, Francisco de. Jeitinho e jeitão. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/jeitinho-e-jeitao/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

ORDINE, Nuccio. A utilidade do inútil: um manifesto. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

ORICCHIO, Luiz Zanin. Fome de Bola: Cinema e Futebol no Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

OS LAÇOS entre Guardiola e o futebol brasileiro: profunda admiração. Disponível em: <https://www.fifa.com/pt/tournaments/mens/fifa-club-world-cup/saudi-arabia->

[2023/articles/guardiola-futebol-brasileiro-relacao-mundial-clubes-fluminense](https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/08/para-driblar-impaciencia-do-publico-producoes-cortam-espetaculos-teatrais.shtml). Acesso em: 26 mar. 2025.

PALFREY, John; GASSER, Urs. Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Grupo A, 2011.

PARA DRIBLAR impaciência do público, produções cortam espetáculos teatrais. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/08/para-driblar-impaciencia-do-publico-producoes-cortam-espetaculos-teatrais.shtml>. Acesso em: 28 nov. 2023.

PARKER, Ian. A política – repetindo Marx. In: DUNKER, Christian; PRADO, José Luiz Aidar (org.). Zizek crítico: política e psicanálise na era do multiculturalismo. São Paulo: Hacker, 2005.

PELÉ deveria ter jogado na Europa? Veja histórico do Rei no Velho Continente. Disponível em: <https://ge.globo.com/pele/noticia/2023/01/03/pele-deveria-ter-jogado-na-europa-veja-historico-do-rei-no-velho-continente.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2025.

PERES, Marcos Flamínio. Entenda os conceitos-chave. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1103200707.htm>. Acesso em: 5 abr. 2017.

PESQUISA mostra que Real Madrid tem 13% da simpatia dos torcedores do Brasil. Disponível em: <https://ge.globo.com/mg/futebol/noticia/2023/04/11/pesquisa-aponta-que-club-europeu-tem-13percent-da-simpatia-dos-torcedores-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2023.

PIERUCCI, Antônio Flávio. A encruzilhada da fé. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1905200204.htm>. Acesso em: 1 dez. 2023.

PINHEIRO, Daniela. A COPA do Cabo ao Rio. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-copa-do-cabo-ao-rio/>. Acesso em: 6 dez. 2023.

PINSKY, Jaime. Identidade nacional e futebol. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz23069810.htm>. Acesso em: 4 set. 2025.

POMBO, Bernardo; RADEMAKER, Cauê; MARÁ, Márcio. Canhota sem filtro: basta no cigarro, paz com Pelé e ira com Lei de Gerson. Disponível em: <https://ge.globo.com/rj/futebol/noticia/2016/12/canhota-sem-filtro-basta-no-cigarro-paz-com-pele-e-ira-com-lei-de-gerson.html>. Acesso em: 24 ago. 2025.

POR QUE jogadores brasileiros tem dificuldade de adaptação ao futebol europeu? Disponível em: <https://www.futebolinterior.com.br/por-que-jogadores-brasileiros-tem-dificuldade-de-adaptacao-ao-futebol-europeu/>. Acesso em: 8 mai. 2025.

PORFIRIO, Anita. FRASE da semana: “Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades” – Stan Lee. Disponível em: <https://super.abril.com.br/coluna/superblog/frase-da-semana-8220-com-grandes-poderes-vem-grandes-responsabilidades-8221-8211-stan-lee/>. Acesso em: 17 abr. 2025.

POROGER, Felipe Arrojo. Qual é a função de peças e filmes se o público quer que acabem o quanto antes? Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/12/qual-e-a-funcao-de-pecas-e-filmes-se-o-publico-quer-que-acabem-o-quanto-antes.shtml>. Acesso em: 28 nov. 2023.

PREMIER League soma 12,25 bi de libras em acordos comerciais e de transmissão para ciclo 2025-2028. Disponível em: <https://exame.com/esporte/premier-league-soma-1225-bi-de-libras-em-acordos-comerciais-e-de-transmissao-para-ciclo-2025-2028/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

PROENÇA, Felipe. Guia do Campeonato Escocês 2023/24. Disponível em: <https://trivela.com.br/europa/guia-do-campeonato-escoces-2023-24/>. Acesso em: 27 set 2023.

PVC: Estêvão escolheu jogar com Palmer no Chelsea também pelo videogame. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2024/10/16/estevao-escolheu-jogar-no-chelsea-tambem-pelo-videogame-diz-pvc.htm>. Acesso em: 28 mar. 2025.

QUASE a metade dos jovens brasileiros também torce para um time do exterior. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/quase-a-metade-dos-jovens-brasileiros-tambem-torce-para-um-time-do-exterior/>. Acesso em: 2 out 2023.

QUEM define os "ratings" do Fifa? Game tem 3000 "olheiros". Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2015/07/28/quem-define-os-ratings-dos-jogadores-do-fifa-game-tem-3000-olheiros.htm#fotoNav=8>. Acesso em: 2 abr. 2017.

RAMOS, Graciliano. Linhas Tortas. 21ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2005.

RAMOS, Nuno. Depois do 4 x 0. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/depois-do-4-x-0/>. Acesso em: 27 mai. 2025.

_____. Depois do 7 x 1. disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/depois-do-7-x-1/>. 26 ago. 2025.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível. Ed. 34, 2005.

REDAÇÃO SporTV debate movimento por retorno do futebol: "Jogador vira quase foca de circo", diz Tim Vickery. Disponível em: <https://ge.globo.com/sportv/programas/redacao-sportv/noticia/redacao-sportv-debate-movimento-por-retorno-do-futebol-jogador-vira-cobaia-quase-foca-de-circo-diz-tim-vickery.ghtml>. Acesso em: 6 out. 2025.

REIS, Rafael. Torcedores: O Dortmund dos games virou a paixão de Leonardo. Disponível em: <https://blogdorafaelreis.blogosfera.uol.com.br/2016/01/17/torcedores-o-dortmund-do-videogame-virou-a-paixao-de-leonardo/>. Acesso em: 7 out. 2025.

RETAMAR, Roberto Fernández. Caliban e outros ensaios. São Paulo: Busca Vida, 1988.

RIAL, Carmen. Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa. Antropolítica, Niterói, UFF, n. 14, jan-jul 2003, p. 61-80.

RIBEIRO, Luiz (Org.). Futebol e globalização. Jundiaí: Fontoura, 2007.

RICÚPERO, Bernardo. O romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870). São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RISÉRIO, Antônio. Futebol: barroco mestiço. Brasília: Ministério da Cultura, 2003. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2003/06/02/futebol-barroco-mestico-por-antonio-riserio>. Acesso em: 16 mai. 2010.

ROBBEN: "Guardiola é um doente do futebol e pode te ligar às 3h da manhã". Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-alemao/noticia/2014/11/robben-guardiola-e-um-doente-do-futebol-e-pode-te-ligar-3h-da-manha.html>. Acesso em: 17 jun. 2025.

ROBERGE, João Vítor. Fotbal – aventuras, tristezas e alegrias romenas. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

ROBINSON, Joshua; CLEGG, Jonathan. A Liga: Como a Premier League se tornou o negócio mais rico e revolucionário do esporte mundial. Campinas: Versal Editores, 2023.

ROCHA, André. O ponto em comum entre Pep Guardiola e a seleção brasileira de 1982. Disponível em: <https://andrerocha.blogosfera.uol.com.br/2017/05/16/o-ponto-em-comum-entre-pep-guardiola-e-a-selecao-brasileira-de-1982/>. Acesso em: 29 set. 2025.

RODRIGUES, Ana Cabral. Cisões, silêncios e alguns ruídos: considerações acerca da subjetividade, cidade e modernidade. Fractal: Revista De Psicologia, 21(2), 237–252. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922009000200004>

RODRIGUES, Luciana Azevedo; FARIAS, Márcio Norberto. A desatenção como um eco da paixão pelo real. Educação Em Revista, 28(1), 441–458. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982012000100019>

RODRIGUES, Nelson. À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ROGER avalia duelo equilibrado do Inter com Palmeiras e frustração por derrota. Disponível em: <https://ge.globo.com/rs/futebol/times/internacional/noticia/2025/04/16/roger-avalia-duelo-equilibrado-do-inter-com-palmeiras-e-frustacao-com-derrota.ghhtml>. Acesso em: 17 jun. 2025.

RONALDINHO Gaúcho em 2013. Roberto Firmino hoje. O futebol ARTE está no SANGUE dos brasileiros! Facebook, 24 fev. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/TNTSportsBR/posts/ronaldinho-ga%C3%Bacho-em-2013-roberto-firmino-hoje-o-futebol-arte-est%C3%A1-no-sangue-dos/10159079216623504/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

RONALDINHO Gaúcho propôs rescisão ao Fluminense. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/lance/ronaldinho-gaucha-propos-rescisao-ao-fluminense,2d4055b8fa0592e9995b17899ad898bai23kby4g.html>. Acesso em: 3 abr. 2017.

RONALDO avalia eliminação da Seleção Brasileira como injusta e vê falta de "malandragem". Disponível em: [https://www.terra.com.br/esportes/brasil/ronaldo-avalia-eliminacao-da-selecao-brasileira-como-injusta-e-ve-falta-de-](https://www.terra.com.br/esportes/brasil/ronaldo-avalia-eliminacao-da-selecao-brasileira-como-injusta-e-ve-falta-de-malandragem,e33aef811ef728020df2f9402202a8bcwwh8r6va.html?utm_source=clipboard)

[malandragem,e33aef811ef728020df2f9402202a8bcwwh8r6va.html?utm_source=clipboard](https://www.terra.com.br/esportes/brasil/ronaldo-avalia-eliminacao-da-selecao-brasileira-como-injusta-e-ve-falta-de-malandragem,e33aef811ef728020df2f9402202a8bcwwh8r6va.html?utm_source=clipboard). Acesso em: 23 abr. 2025.

'RONALDO TV' é lançada e Fenômeno comenta projeto nascido na pandemia: 'Fui me interessando mais pelo universo virtual'. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/futebol/ronaldo-tv-lancada-fenomeno-comenta-projeto-nascido-na-pandemia-fui-me-interessando-mais-pelo-universo-virtual-25291151>. Acesso em: 23 abr.2025.

ROOS, Darius. "Messi é um jogador de 'Playstation'", diz técnico do Arsenal. Disponível em: <https://www.terra.com.br/gameon/messi-e-um-jogador-de-playstation-diz-tecnico-do-arsenal,3288c88fe4a7a310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ROTSTEIN, Gustavo. Saída de bola e controle: feliz por vitória, René vê progresso no Bota. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2015/05/saida-de-bola-e-controle-feliz-por-vitoria-rene-ve-progresso-no-bota.html>. Acesso em: 28 ago. 2025.

ROUANET, Sergio Paulo. O mito do bom selvagem. Disponível em: <https://artepensamento.ims.com.br/item/o-mito-do-bom-selvagem/>. Acesso em: 17 set. 2025.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. O contrato social. Porto Alegre: L&PM, 2007.

SAFATLE, Vladimir. A paixão pelo Real. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3011200304.htm>. Acesso em: 27 out. 2023.

SAIBA qual é a rede social mais usada no Brasil. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/tecnologia/noticia/2024/02/saiba-qual-e-a-rede-social-mais-usada-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 3 ago. 2024.

SALECL, Renata. Sobre a felicidade: ansiedade e consumo na era do hipercapitalismo. São Paulo: Alameda, 2005.

SALLES, João Moreira. A alegria são 61 telefonemas. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-alegria-sao-61-telefonemas/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

SALLES, João Moreira. A alegria são 61 telefonemas. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-alegria-sao-61-telefonemas/>. Acesso em: 28 mai. 2025.

SANTANA, Sérgio. Jogo de posição: conheça o estilo tático praticado por Renato Paiva, técnico do Botafogo. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2025/03/07/jogo-de-posicao-conheca-o-estilo-tatico-praticado-por-renato-paiva-tecnico-do-botafogo.ghtml>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SANTIAGO, José Renato; MALVA, Pamela. Lei de Gérson: Como uma campanha publicitária de cigarros herdou o sentido negativo do 'jeitinho brasileiro'. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/almanaque/lei-de-gerson-como-surgiu-lei-da-vantagem-atribuida-ao-jogador.phtml>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SANTOS, Irlan Simões. O Clube no século XXI e o fator “supporter”: estudos sobre o poder, negócio e comunidade no futebol espetáculo. 2022. 379 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – CEH, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Passa a bola, Philippe Coutinho! Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/passa-bola-philippe-coutinho-22839970>. Acesso em: 4 set. 2025.

SANTOS, Marcos. Diferencial do futebol brasileiro – a cultura futebolística. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/2021/05/14/diferencial-do-futebol-brasileiro-a-cultura-futebolistica/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SANTOS, Maria Tereza. O que é a Lei Bosman e como ela ajuda a explicar o abismo entre o futebol europeu e o resto do mundo. Disponível em: <https://peleja.com.br/politica/lei-bosman-o-que-e-futebol-europeu/#:~:text=A%20Lei%20Bosman%20determina%20que,novo%20clube%20que%20o%20co>
[ntratar](https://peleja.com.br/politica/lei-bosman-o-que-e-futebol-europeu/#:~:text=A%20Lei%20Bosman%20determina%20que,novo%20clube%20que%20o%20co). Acesso em: 20 ago. 2025.

SANTOS, Patrícia da Silva. (2012). Resenha. Trans/formação, 35(1), 227–230. <https://doi.org/10.1590/S0101-31732012000100015>

SCHWARTZ, Christian. Associar estilo de jogo e caráter nacional é ilusão, diz autor. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/07/associar-estilo-de-jogo-e-carater-nacional-e-ilusao-diz-autor.shtml>. Acesso em: 4 jun. 2025.

SCHWARZ, Lilia Katri Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro . São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos. (2021). Digitalização e dataficação da vida. Civitas - Revista De Ciências Sociais, 21(2), 186–192. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.40987>

SEM heróis por perto. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 mai. 2007. Esportes, p. 45-46.

SHAKESPEARE, William. A tempestade. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2022.

_____. Obra Completa. Vol. 1. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1989.

SHIELDS, Craig. Play on: how video games are changing the way we coach youth football. Disponível em: <https://www.theguardian.com/games/2018/jul/25/how-video-games-are-changing-youth-football-coaching-fifa>. Acesso em: 25 mar. 2025.

SMITH, Rory. How Video Games Are Changing the Way Soccer Is Played. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/10/14/sports/soccer/the-scouting-tools-of-the-pros-a-controller-and-a-video.html>. Acesso em: 25 mar. 2025.

SOARES E SILVA, Edmundo de Macedo. A Indústria Brasileira e a Auto-Suficiência. O Observador Econômico e Financeiro, Rio de Janeiro, p. 50-64, out. 1949.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. Como o futebol explica o Brasil, segundo Gilberto Freyre. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/externo/2018/07/21/como-o-futebol-explica-o-brasil-segundo-gilberto-freyre>. Acesso em: 20 abr. 2025.

SOUZA, Juliano de. A linhagem culturalista da sociologia do futebol brasileiro. *Lua Nova: Revista De Cultura E Política*, (103), 103–134. <https://doi.org/10.1590/0102-103134/103>.

STECCA, Kharen. “O papel da ciência é desvendar a ordem escondida no aparente caos”. Disponível em: <https://jornal.ufg.br/n/159721-o-papel-da-ciencia-e-desvendar-a-ordem-escondida-no-aparente-caos>. Acesso em: 17 jun. 2025.

STREECK, Wolfgang. O cidadão como consumidor. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-cidadao-como-consumidor/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

TALES, Gabriel. "Guardiola arruinou o futebol", diz ex-goleiro da Premier League. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/guardiola-arruinou-o-futebol-diz-ex-goleiro-da-premier-league/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

TERRA do Tartã (@terradotartan). 2019. Trazendo um pouco do que acontece no tradicional futebol escocês para o Brasil. Comandado por @felproenca. X, jun. 2019. Disponível em: https://twitter.com/terradotartan?t=wPr_2EjeuNExYggl-mwsZw&s=09. Acesso em: 27 set 2023.

THALER, Richard H. Misbehaving. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

TIAGO Nunes revela que jogador do Ceará se recusava a fazer falta para não perder ponto no 'Cartola'. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/ceara/tiago-nunes-revela-que-jogador-do-ceara-se-recusava-a-fazer-falta-para-nao-perder-ponto-no-cartola,32046cca7771f1110a1b474875ede33bww4sftuj.html>. Acesso em: 27 nov. 2023.

TORCEDOR quebrou controle após Götze virtual perder pênalti, e verdadeiro Götze lhe deu outro. Disponível em: <http://m.trivela.uol.com.br/torcedor-quebrou-controle-apos-gotze-virtual-perder-penalti-e-verdadeiro-gotze-o-reembolsou/>. Acesso em: 2 abr. 2017.

TORRES, Diego. Domènec Torrent, novo treinador do Flamengo: “Se você perde o estilo, quando é derrotado não sobra nada”. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-08-03/domenec-torrent-novo-treinador-do-flamengo-se-voce-perde-o-estilo-quando-e-derrotado-nao-sobra-nada.html>. Acesso em: 27 mai. 2025.

TOSTÃO. Dois craques. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/14258-dois-craques.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2025.

_____. Obrigação e retrocesso. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/obrigacao-eretrocesso/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

TRIVELA (@trivela). 2024. Interessante ponto de vista de Fernando Diniz. Facebook, 28 dez. 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/reel/1295226488565570>. Acesso em: 14 abr. 2025.

UM EM CADA três brasileiros torce para algum time europeu; Real Madrid lidera. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/um-em-cada-tres-brasileiros-torce-para-algum-time-europeu-real-madrid-lidera/>. Acesso em: 2 out 2023.

VANDERLEI Luxemburgo diz que Figo nem o cumprimenta. Disponível em: <https://www.record.pt/internacional/detalhe/vanderlei-luxemburgo-diz-que-figo-nem-o-cumprimenta>. Acesso em: 8 mai. 2025.

VARDY comemora evolução no Fifa do melhor jeito: com uma cabeçada no cartão antigo. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/vardy-comemora-evolucao-no-fifa-do-melhor-jeito-com-uma-cabecada-no-cartao-antigo/>. Acesso em: 2 abr. 2017.

VASCONCELLOS, Gilberto. Um antropólogo bom de ouvido. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1202200612.htm>. Acesso em: 9 set. 2025.

VELHO, G. (Org.). Fenômeno urbano. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979.

VICTOR, Fábio. "Eles jogam das 8h às 18h", diz Henry. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk3006200622.htm>. Acesso em: 27 mai. 2025.

VÍDEO: Romário rasga elogios a Ronaldinho. Disponível em: https://ge.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Selecao_Brasileira/0,,MUL151759-4482,00.html. Acesso em: 16 abr. 2025.

VITELLI, Celso. Adolescências e identidades estéticas no cotidiano. Educação Em Revista, 25(3), 43–74. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982009000300004>.

WARDRIP-FRUIIN, Noah; HARRIGAN, Pat. First Person. New Media as Story, Performance, and Game. Cambridge/Massachussetts, The MIT Press, 2006.

WILSON, Jonathan. Jeito de jogar futebol diz algo sobre cada país, afirma jornalista inglês. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/07/jeito-de-jogar-futebol-diz-algo-sobre-cada-pais-afirma-jornalista-ingles.shtml>. Acesso em: 18 jun. 2025.

_____. Jeito de jogar futebol diz algo sobre cada país, afirma jornalista inglês. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/07/jeito-de-jogar-futebol-diz-algo-sobre-cada-pais-afirma-jornalista-ingles.shtml>. Acesso em: 18 jun. 2025.

_____. A pirâmide invertida: a história da tática no futebol. Campinas: Editora Grande Área, 2016.

_____. Angels With Dirty Faces: The Footballing History of Argentina. Orion Publishing, 2016.

_____. Behind the Curtain: Travels in Eastern European Football. Orion Publishing, 2006.

XAVIER, Edson. Monumentos da barbárie. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2020/06/30/monumentos-da-barbarie/>. Acesso em: 27 mai. 2025.

ZARKO, Raphael. 50 anos do tri: finta de Havelange golpeou mais Uruguai do que cotovelo de Pelé: "Deixou de doer". Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/50-anos-do-tri-finta-de-havelange-golpeou-mais-uruguai-do-que-cotovelo-de-pele-deixou-de-doer.ghtml>. Acesso em: 17 abr. 2025.

ZIZEK, Slavoj. A fuga para o real. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0804200105.htm>. Acesso em: 4 jun. 2025.

_____. A paixão na era da crença descafeinada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1403200408.htm>. Acesso em: 5 dez. 2023.

_____. (org.) Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

_____. Choque de narrativas. Folha de São Paulo. Guia da Folha, 19 de dezembro de 2008, p. 34-36.

_____. Como ler Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. Contra os direitos humanos! Artigo de Slavoj Žižek. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2013/03/14/contra-os-direitos-humanos-artigo-de-slavoj-zizek/>. Acesso em: 13 mai. 2025.

_____. O espectro da ideologia. In: ZIZEK, Slavoj. (org.) Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

_____. O hedonismo envergonhado. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1910200303.htm>. Acesso em: 5 dez. 2023.

_____. Um curto-circuito ideológico. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3110200408.htm>. Acesso em: 27 mai. 2025.

ZUBOFF, Shoshana. A era do capitalismo de vigilância. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

Questionário de pesquisa

Este questionário é parte integrante de pesquisa realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGCS/UFRRJ), cujo principal objetivo é traçar o perfil dos brasileiros que torcem por times estrangeiros.

Com efeito, para que seja possível traçar um perfil desses torcedores, é indispensável que você responda às perguntas que se seguem.

Assim, portanto, se você torce para algum time estrangeiro, peço a gentileza de preencher este questionário.

Vale a pena ressaltar que todas as questões visam apenas à coleta de informações ou de opiniões.

As perguntas deste formulário têm dois objetivos principais: conhecer os dados socioeconômicos e profissionais seus e de sua família e conhecer alguns de seus hábitos e comportamentos de consumo em relação a lazer, cultura e entretenimento

Desde já agradecemos pela colaboração.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. E-mail *

2. Qual é o seu nome completo? *

3. Qual é a sua data de nascimento? *

Exemplo: 7 de janeiro de 2019

4. Qual é o seu sexo? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Masculino.

☐ Feminino.

5. Qual é a sua cor, raça ou etnia? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Branco(a).

☐ Preto(a).

☐ Pardo(a).

☐ Amarelo(a).

☐ Indígena.

6. Qual é a sua religião? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Católica.

☐ Protestante ou Evangélica.

☐ Espírita.

☐ Umbanda ou Candomblé.

☐ Ortodoxa.

☐ Muçulmana.

☐ Sem religião.

☐ Outra.

7. Qual é o seu estado civil? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Solteiro(a).
- ☐ Casado(a).
- ☐ União estável.
- ☐ Separado(a).
- ☐ Divorciado(a).
- ☐ Viúvo(a).

8. Onde você nasceu? (Cidade, Estado, país.) *

9. Onde você mora atualmente? (Cidade, Estado, país.) *

10. Onde e como você mora atualmente? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Em casa ou apartamento, com minha família.
- ☐ Em casa ou apartamento, sozinho(a).
- ☐ Em quarto ou cômodo alugado, sozinho(a).
- ☐ Em habitação coletiva: hotel, hospedaria, quartel, pensionato, república, etc.
- ☐ Outra situação.

11. Quantas pessoas moram em sua casa? (Contando com seus pais, irmãos ou outras pessoas que moram em uma mesma casa.) *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Duas pessoas.
- ☐ Três.
- ☐ Quatro.
- ☐ Cinco.
- ☐ Mais de seis.
- ☐ Moro sozinho(a).

12. Quem mora com você? (Marque quantas alternativas julgar necessário.) *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Moro sozinho(a).
- ☐ Pai / Padrasto
- ☐ Mãe / Madrasta.
- ☐ Esposa / Marido / Companheiro(a).
- ☐ Filhos.
- ☐ Irmãos.
- ☐ Avô(ó)
- ☐ Outros parentes.
- ☐ Amigos ou colegas.

13. Qual é o seu grau de escolaridade? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Ensino fundamental incompleto.
- ☐ Ensino fundamental completo.
- ☐ Ensino médio incompleto.
- ☐ Ensino médio completo.
- ☐ Ensino superior incompleto.
- ☐ Ensino superior completo.
- ☐ Especialização incompleta.
- ☐ Especialização completa.
- ☐ Mestrado incompleto.
- ☐ Mestrado completo.
- ☐ Doutorado incompleto.
- ☐ Doutorado completo.

14. Qual é o grau de escolaridade do seu pai? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário).
- ☐ Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio).
- ☐ Ensino médio (antigo 2º grau) incompleto.
- ☐ Ensino médio (antigo 2º grau) completo.
- ☐ Ensino superior incompleto.
- ☐ Ensino superior completo.
- ☐ Pós-graduação.
- ☐ Não estudou.
- ☐ Não sei.

15. Qual das seguintes alternativas melhor descreve a atual situação ocupacional de seu pai? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Está trabalhando com vínculo empregatício.
- ☐ Está trabalhando sem vínculo empregatício.
- ☐ Está desempregado.
- ☐ É aposentado.
- ☐ Vive de rendimentos financeiros (aluguéis, aplicações bancárias etc.)
- ☐ Outra.
- ☐ Não sei responder.
- ☐ É falecido.

16. Qual é o grau de escolaridade da sua mãe? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário).
- ☐ Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio).
- ☐ Ensino médio (antigo 2º grau) incompleto.
- ☐ Ensino médio (antigo 2º grau) completo.
- ☐ Ensino superior incompleto.
- ☐ Ensino superior completo.
- ☐ Pós-graduação.
- ☐ Não estudou.
- ☐ Não sei.

17. Qual das seguintes alternativas melhor descreve a atual situação ocupacional de sua mãe? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Está trabalhando com vínculo empregatício.
- ☐ Está trabalhando sem vínculo empregatício.
- ☐ Está desempregada.
- ☐ É aposentada.
- ☐ Vive de rendimentos financeiros (aluguéis, aplicações bancárias etc.)
- ☐ Outra.
- ☐ Não sei responder.
- ☐ É falecida.

18. Assinale a situação que melhor descreve seu caso: *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não trabalho e meus gastos são financiados pela família.
- ☐ Trabalho e recebo ajuda da família.
- ☐ Trabalho e me sustento.
- ☐ Trabalho e contribuo com o sustento da família.
- ☐ Trabalho e sou o principal responsável pelo sustento da família.

19. Se você está trabalhando atualmente, qual a sua renda ou seu salário mensal? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Até 1 salário mínimo.
- ☐ De 1 a 2 salários mínimos.
- ☐ De 2 a 5 salários mínimos.
- ☐ De 5 a 10 salários mínimos.
- ☐ De 10 a 30 salários mínimos.
- ☐ De 30 a 50 salários mínimos.
- ☐ Mais de 50 salários mínimos.
- ☐ Não estou trabalhando.

20. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar? (Considere a renda de todos que moram na sua casa.) *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Até 1 salário mínimo.
- ☐ De 1 a 2 salários mínimos.
- ☐ De 2 a 5 salários mínimos.
- ☐ De 5 a 10 salários mínimos.
- ☐ De 10 a 30 salários mínimos.
- ☐ De 30 a 50 salários mínimos.
- ☐ Mais de 50 salários mínimos.
- ☐ Nenhuma renda.

21. Você tem acesso à internet em casa? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim.
- ☐ Não.

22. Você tem TV por assinatura? (SKY TV, Claro TV, NET TV, Vivo TV etc.) *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim.

☐ Não.

23. Você tem alguma plataforma de streaming? (Netflix, Amazon Prime, HBO Max, Globoplay, Star +, Disney Plus etc.) *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim.

☐ Não.

24. Quais dos itens abaixo há na sua casa? (Marque quantas alternativas julgar necessário.) *

Marque todas que se aplicam.

☐ TV

☐ DVD

☐ Rádio.

☐ Microcomputador.

☐ Videogame.

☐ Telefone fixo.

☐ Telefone celular.

☐ Geladeira.

☐ Máquina de lavar roupa.

☐ Freezer.

☐ Automóvel.

☐ Motocicleta.

25. Você torce para algum time estrangeiro? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim.

☐ Não.

26. Para qual time do exterior você torce? *

27. O que o(a) levou a tomar a decisão de torcer por esse time do exterior? *
(Marque quantas alternativas julgar necessário.)

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Por influência da família.
- ☐ Por influência dos amigos.
- ☐ Pela torcida.
- ☐ Pelas cores do time.
- ☐ Pelo time estar em uma boa fase.
- ☐ Por causa de um grande jogador que vestia a camisa do time na época.
- ☐ Para me diferenciar de outros amigos e/ou familiares.
- ☐ Por influência dos jogos eletrônicos (Football Manager, FIFA, Winning Eleven/ PES/ EFootball, Elifoot etc.)
- ☐ Pela história do time.
- ☐ Por questões político-ideológicas.
- ☐ Pela facilidade de acompanhar as partidas pela internet e/ou televisão.
- ☐ Outro.

28. Como você acompanha as partidas do time estrangeiro para o qual torce? *
(Marque quantas alternativas julgar necessário.)

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Pela TV aberta. (Rede Globo, Band, Rede TV, SBT, Record etc.)
- ☐ Pela TV por assinatura. (TNT Sports, canais ESPN, canais SPORTV etc.)
- ☐ Por plataformas de streaming (YouTube, Amazon Prime, Netflix, HBO Max etc.)
- ☐ No estádio.
- ☐ Pela internet.
- ☐ Pelas redes sociais.
- ☐ Não acompanho.
- ☐ Outra.

29. Quais são os meios que você mais utiliza para se manter informado(a) sobre as notícias do time estrangeiro para o qual torce? (Marque quantas alternativas julgar necessário.) *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ WhatsApp.
- ☐ Facebook.
- ☐ Twitter.
- ☐ Instagram.
- ☐ Discord.
- ☐ Reddit.
- ☐ TikTok.
- ☐ YouTube.
- ☐ Canais de esporte da TV paga. (ESPN, Fox Sports, SPORTV, TNT Sports etc.)
- ☐ Mídia impressa (jornais, revistas etc.)
- ☐ Internet.
- ☐ Outro.

30. Você tem o costume de jogar jogos eletrônicos? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim.
- ☐ Não.

31. Com que frequência você costuma jogar jogos eletrônicos? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Muito frequentemente.
- ☐ Frequentemente.
- ☐ Às vezes.
- ☐ Raramente.
- ☐ Nunca.

32. Você costuma jogar online? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Muito frequentemente.
- ☐ Frequentemente.
- ☐ Às vezes.
- ☐ Raramente.
- ☐ Nunca.

33. Qual é o seu gênero de jogo favorito? (Marque quantas alternativas julgar necessário.) *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ Ação.
- ☐ Ação e aventura.
- ☐ RPG (Role-Playing Games)
- ☐ Simulação.
- ☐ Puzzle e Party Games.
- ☐ Esportes.
- ☐ Estratégia.
- ☐ Outro.
- ☐ Nenhum.

34. Quais são seus jogos eletrônicos favoritos? (Marque quantas alternativas julgar necessário.) *

Marque todas que se aplicam.

- ☐ League of Legends
- ☐ Fortnite
- ☐ FIFA
- ☐ Minecraft
- ☐ Call of Duty
- ☐ Counter-Strike
- ☐ Overwatch
- ☐ Gotham Knights
- ☐ NBA 2K
- ☐ Need for Speed
- ☐ Grand Theft Auto
- ☐ Free Fire
- ☐ WWE 2K
- ☐ Poker Online
- ☐ PES/ EFootball
- ☐ Outro.
- ☐ Nenhum.

35. Você deseja receber informações sobre o andamento da pesquisa? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim.
- ☐ Não.

36. Qual é o seu número de contato? (WhatsApp, Telegram.) *

37. Você autoriza a utilização das informações aqui obtidas para fins de pesquisa e divulgação científica? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim.

☐ Não.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários